

História da **IGREJA** **CRISTÃ**



Robert Hastings Nichols



História da **IGREJA CRISTÃ**



Robert Hastings Nichols

Título do original inglês:
The Growth of the Christian Church
Publicado com permissão

11ª edição revista - 2000 - 3.000 exemplares

N62	NICHOLS, Robert Hastings História da Igreja Cristã, 11ª edição São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 2000 336 p. Título original: <i>The Growth of the Christian Church</i> Adaptação de J. Mauricio Wanderley 1. Igreja Cristã - História. 2. Reforma - História. 3. Protestantismo - História. I. Título II. The Growth of the Christian Church III. adapt. Wanderley, J. Mauricio, CDU 26/28 CDD 270-289

REVISÃO
Claudete Água de Melo
Nilza Água

FORMATAÇÃO
Rissato

CAPA
Expressão Exata

Impressão e Acabamento
Assahi Gráfica e Editora.

Publicação aprovada pelo Conselho Editorial:

Cláudio Marra (*Presidente*)
Aproniano Wilson de Macedo
Augustus Nicodemus Lopes
Fernando Hamilton Costa
Sebastião Bueno Olinto



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 382/394 - Cambuci
01540-040 - São Paulo - SP - Brasil
C.Postal 15.136 - Cambuci - São Paulo - SP - 01599-970
Fone: (0**11) 270-7099 - Fax: (0**11) 279-1255
www.cep.org.br - cep@cep.org.br
Superintendente: Haverlaldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio A. B. Marra

ÍNDICE

Apresentação	13
CAPÍTULO I - PREPARAÇÃO PARA O CRISTIANISMO	15
I. A CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS	17
(a) Os Romanos	17
(b) Os Gregos	19
(c) Os Judeus	20
II. O MUNDO AO SURGIR O CRISTIANISMO	22
(a) As condições religiosas	22
(b) As condições intelectuais	24
(c) As condições morais	25
CAPÍTULO II - O 1º SÉCULO	27
I. JESUS E SUA IGREJA	29
(a) Jesus e seus discípulos	29
(b) Jesus funda a sua Igreja	29
II. A IGREJA APOSTÓLICA (até ao ano 100 d.C.)	30
(a) O começo	30
(b) A extensão da Igreja	31
(c) A vida na Igreja	32
(d) O culto da Igreja	33
(e) A crença da Igreja	34
(f) O governo da Igreja	35
CAPÍTULO III - A IGREJA ANTIGA - 1ª PARTE (100-313 d.C.)	37
I. O MUNDO EM QUE A IGREJA VIVIA	39
II. A IGREJA	40
(a) A extensão da Igreja	40
(b) A vida na Igreja	44
(c) O culto e os sacramentos da Igreja	45
(d) A crença da Igreja	46
(e) A organização da Igreja	46
1. Organização eclesiástica local	46
2. A Igreja Católica	47
3. Outro desenvolvimento na organização da Igreja	48
CAPÍTULO IV - A IGREJA ANTIGA - 2ª PARTE (315-590 d.C.)	51
I. O MUNDO EM QUE A IGREJA VIVIA	53

II. A IGREJA	54
(a) A extensão da Igreja	54
1. Nos territórios romanos	54
2. Fora dos territórios romanos	56
(b) A vida na Igreja	57
(c) A crença da Igreja	59
(d) O culto da Igreja	62
(e) A organização da Igreja	63
1. Como a Igreja se tornou Católica	63
2. Engrandecimento do bispo de Roma	64
3. As Igrejas que se separaram da Católica	65
 CAPÍTULO V - A IGREJA NO INÍCIO DA IDADE MÉDIA	
1ª PARTE (590-1073 d.C.)	67
I. O MUNDO EM QUE A IGREJA VIVIA	69
II. A IGREJA	71
(a) Sua extensão	71
(b) A organização da Igreja	75
1. Surgimento do papado	75
2. A separação entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente	78
 CAPÍTULO VI - A IGREJA NO INÍCIO DA IDADE MÉDIA	
2ª PARTE (590-1073 d.C.)	81
(c) O Cristianismo em luta com o paganismo interno	83
1. A vida na Igreja	84
2. O culto e a religião popular	86
(d) A alvorada após a Idade das Trevas	87
(e) A vida e o pensamento da Igreja oriental	90
 CAPÍTULO VII - A IGREJA NO APOGEU DA IDADE MÉDIA	
1ª PARTE (1073-1294 d.C.)	93
I. A IGREJA DO OCIDENTE	95
A. O papado medieval	95
1. Hildebrando	95
a) Livrar a Igreja do mundo	95
b) Tornar a Igreja senhora suprema do universo	99
2. Inocêncio III	101
B. A Igreja governa o mundo ocidental	102
1. A extensão da Igreja	102
2. A guerra da Igreja contra o Islamismo. As Cruzadas	103
 CAPÍTULO VIII - A IGREJA NO APOGEU DA IDADE MÉDIA	
2ª PARTE (1073-1294 d.C.)	109
I. A IGREJA DO OCIDENTE (continuação)	111

B. A Igreja governa o mundo ocidental	111
3. As riquezas da Igreja	111
4. A organização da Igreja	112
5. A disciplina e a lei da Igreja Romana	114
6. O culto da igreja	118
7. O lugar da Igreja na Religião	121
CAPÍTULO IX - A IGREJA NO APOGEU DA IDADE MÉDIA	
3ª PARTE (1073-1294 d.C.)	123
I. A IGREJA DO OCIDENTE (continuação)	125
B. A Igreja governa o mundo ocidental	125
8. A vida cristã sob o domínio da Igreja	125
9. O que a Igreja medieval fez pelo mundo	132
II. A IGREJA ORIENTAL	133
CAPÍTULO X - DECADÊNCIA E RENOVAÇÃO NA IGREJA	
OCIDENTAL (1294-1517 d.C.)	137
I. AS CONDIÇÕES POLÍTICAS	139
II. ONDE A IGREJA MEDIEVAL FALHOU	139
(a) A corrupção do clero	139
(b) A degradação da religião	141
(c) O povo abandonado	141
III. MOVIMENTOS DE PROTESTO	142
IV. A QUEDA DO PAPADO	143
(a) Bonifácio VIII	143
(b) O cativeiro babilônico	144
(c) O Grande Cisma	145
V. REVOLTA DENTRO DA IGREJA	145
1. A Aurora da Reforma	145
(a) João Wycliff	145
(b) João Huss	146
VI. TENTATIVAS DE REFORMA DENTRO DA IGREJA	147
(a) Anseio pela Reforma	147
(b) Os concílios reformistas	148
VII. A RENASCENÇA COMO UMA PREPARAÇÃO PARA A REFORMA	149
VIII. A INQUIETUDE SOCIAL COMO UMA PREPARAÇÃO PARA A REFORMA	151

CAPÍTULO XI - A ERA DA REFORMA: REVOLUÇÃO E RECONSTRUÇÃO - 1ª PARTE (1517-1648 d.C.)	153
I. A REFORMA LUTERANA	155
(a) A situação política	155
(b) Como Lutero se tornou Reformador	156
(c) Os primeiros anos da Reforma Luterana	162
(d) O imperador e a Reforma	164
(e) O que Lutero conseguiu na Alemanha	165
(f) A paz religiosa de Augsburg	166
(g) A obra de Lutero fora da Alemanha	166
CAPÍTULO XII - A ERA DA REFORMA: REVOLUÇÃO E RECONSTRUÇÃO - 2ª PARTE (1517-1648 d.C.)	169
II. O LADO REFORMADO DO PROTESTANTISMO	171
(a) A Reforma na Suíça - Zuínglio	171
(b) Calvino - líder da Reforma em Genebra	174
(c) A Reforma na França	178
(d) A Reforma nos Países Baixos	179
(e) A Reforma na Escócia	181
(f) A Igreja Reformada na Alemanha	183
(g) A Igreja Reformada na Hungria	183
(h) Características das Igrejas Reformadas	184
CAPÍTULO XIII - A ERA DA REFORMA: REVOLUÇÃO E RECONSTRUÇÃO - 3ª PARTE (1517-1648 d.C.)	187
III. A REFORMA NA INGLATERRA	189
(a) Henrique VIII	189
(b) Eduardo VI	190
(c) Maria	190
(d) Elizabete	191
(e) Os puritanos	191
IV. OS ANABATISTAS	193
V. A CONTRA-REFORMA	196
(a) Elementos desejosos de Reforma na Igreja Romana	196
(b) Possíveis métodos de Reforma	196
(c) O método escolhido: a Contra-Reforma	197
(d) Os elementos da Contra-Reforma	197
1. Os jesuítas	197
2. A obra do Concílio de Trento	199
3. Meios de Repressão: a Inquisição e o Índice	200
4. Reavivamento religioso na Igreja	200
(e) As conquistas da Contra-Reforma	200
VI. A GUERRA DOS TRINTA ANOS	201
VII. MISSÕES	202

CAPÍTULO XIV - O CRISTIANISMO NA EUROPA - DA PAZ DE WESTPHALIA AO SÉCULO 19 - 1ª PARTE (1648-1800 d.C.)	205
I. A FRANÇA E A IGREJA CATÓLICA ROMANA	207
(a) Galicanismo e Ultramontanismo	207
(b) Dissolução da Companhia	207
(c) Perseguição aos huguenotes	208
(d) A Igreja Católica Romana e a Revolução Francesa	210
II. O PROTESTANTISMO NA ALEMANHA	211
(a) Declínio religioso após a Reforma	211
(b) O Pietismo	212
(c) Os Moravianos	214
III. A ERA DA RAZÃO	215
IV. A IGREJA ORIENTAL	216
CAPÍTULO XV - O CRISTIANISMO NA EUROPA - DA PAZ DE WESTPHALIA AO SÉCULO 19 - 2ª PARTE (1648-1800 d.C.)	221
V. O PROTESTANTISMO NA INGLATERRA	223
(a) A regra puritana	223
(b) A restauração	225
(c) A Revolução	225
(d) Declínio religioso no começo do século 18	227
(e) O reavivamento do século 18	228
(f) Os resultados do reavivamento	230
VI. O PROTESTANTISMO NA ESCÓCIA E NA IRLANDA	232
(a) Os Pactuantes	232
(b) O século 18 na Escócia	233
(c) O Presbiterianismo na Irlanda	234
CAPÍTULO XVI - O SÉCULO 19 NA EUROPA	237
I. O CATOLICISMO ROMANO	239
(a) O papado e Napoleão	239
(b) A Igreja Romana. De 1814 ao Concílio do Vaticano	239
(c) O Concílio do Vaticano	240
(d) A perda do Poder Temporal	241
(e) A Igreja depois de 1870	241
II. O PROTESTANTISMO NO CONTINENTE	242
(a) A Alemanha	242
(b) A França	243
(c) Holanda, Suíça, Escandinávia, Hungria	244

III. O PROTESTANTISMO NA GRÃ-BRETANHA	244
(a) A Inglaterra	244
1. O movimento evangélico	244
2. O movimento liberal	245
3. O movimento anglo-católico	246
4. As Igrejas Livres	249
(b) A Escócia	250
1. O despertar religioso	250
2. Descontentamento - Rompimento	250
3. As Igrejas da Escócia após a cisão	251
IV. AS MISSÕES E O CRISTIANISMO EUROPEU	252
CAPÍTULO XVII - O SÉCULO XX NA EUROPA	255
I. HISTÓRIA POLÍTICA ATÉ 1935	257
II. HISTÓRIA RELIGIOSA	258
(a) Catolicismo Romano	258
1. O modernismo	258
2. Relações do papado com os Estados europeus	259
3. Restauração do poder temporal	260
4. História geral	261
(b) O Protestantismo no Continente	263
1. Alemanha	263
2. França	264
3. Holanda, Suíça, Escandinávia	264
4. Europa Central	265
5. Os países do Oriente	266
(c) O Protestantismo na Grã-Bretanha	266
1. Inglaterra	266
a) A Igreja da Inglaterra	266
b) As Igrejas Livres	268
2. A Escócia	268
(d) A Igreja Ortodoxa Oriental	268
1. A Rússia	268
2. Outros países orientais	269
(e) Missões Cristãs	270
(f) Unidade Cristã - o movimento ecumênico	271
CAPÍTULO XVIII - O CRISTIANISMO NA AMÉRICA	275
I. AS PRIMEIRAS TENTATIVAS	277
(a) Protestante	277
(b) Católica-Romana	277
1. Missões espanholas	277
2. Missões francesas	277

II. AS TREZE COLÔNIAS	278
(a) Da fundação ao grande reavivamento	278
1. Nova Inglaterra	278
2. As colônias do centro	281
3. As colônias do Sul	283
(b) Do grande reavivamento à Guerra da Independência (1728-1775 d.C.)	284
III. OS ESTADOS UNIDOS	286
(a) Reconstrução e reavivamento após a Guerra da Independência	286
(b) O século 19 até 1830	288
(c) 1830-1861	290
(d) 1861-1890	293
(e) 1890-1929	294
(f) 1929-1940	297
Bibliografia	301
Índice Remissivo	307

Apresentação

Quem está procurando uma descrição clara e compacta do desenvolvimento da história eclesiástica, sem dúvida vai querer um exemplar desta bem testada *História da Igreja Cristã*. Nesta edição, a Editora, felizmente, continuou com os tópicos na margem de cada página, o que ajuda grandemente numa revisão rápida do que foi lido. Mas o melhor desta edição foi que, finalmente, pôde ser incluído um índice dos capítulos e um índice remissivo, o que estávamos esperando há tempo, e o que agora a valoriza ainda mais.

Que o Senhor da Seara continue usando este livro na preparação das pessoas que procuram uma visão clara do passado, para poder servir melhor a Igreja do futuro, por entender mais a situação de hoje.

Que cada um de nós seja encontrado *pistós*, servindo fielmente aqui e agora, no lugar e no tempo em que o Senhor nos colocou (1Co 4.2).

Rev. FRANCISCO LEONARDO SCHALKWIJK

Doutor em História pela Universidade Mackenzie

CAPÍTULO UM

PREPARAÇÃO PARA O CRISTIANISMO

Uma das coisas que tornam o estudo da História da Igreja Cristã uma inspiração é que esse estudo nos convence de que Deus está, realmente, operando a salvação do gênero humano no mundo em que vivemos. Em parte alguma verificamos essa operação divina mais claramente do que na maneira extraordinária e maravilhosa como foi o mundo antigo preparado para a vinda de Jesus Cristo. Ele veio na **plenitude dos tempos**, quando todas as coisas tinham sido dispostas de tal modo, pela mão do Pai, que a vinda do Filho obteve pleno êxito. Podemos compreender melhor essa preparação do mundo para o advento do Cristianismo, ao considerar, primeiramente, a contribuição de três grandes povos. Cada um, no seu tempo, pela Providência divina, criou as condições da sociedade em que o Cristianismo apareceu realizando as suas primeiras conquistas.

I. A Contribuição dos Povos

(a) Os Romanos

Quando o Cristianismo surgiu, e durante os primeiros séculos de sua existência, os romanos eram os senhores do mundo. Assim os consideramos, não obstante o fato de que havia muitíssimas regiões fora do seu domínio, porque a parte que governaram foi aquela onde a civilização do mundo estava então realizando os seus notáveis progressos. Os habitantes desse império o consideravam como abrangendo o mundo, pois ignoravam o que existia além das suas fronteiras. Além disso, o mundo romano incluía todas as terras que seriam alcançadas pelo Cristianismo durante os três primeiros séculos da era cristã. Por volta do ano 50 d.C. o império romano abrangia a Europa ao sul do Reno e do Danúbio, a maior parte da Inglaterra, o Egito e toda a costa ao norte da África, como também grande parte da Ásia, desde o Mediterrâneo à Mesopotâmia. Não era somente pela força que os romanos dominavam todas essas regiões; eles as governavam efetiva e inteligentemente, pois onde quer que estendessem seu domínio levavam uma civilização incomparavelmente superior à anteriormente existente naquelas terras. O poder desse império foi mais acentuado e sua administração mais eficiente nas terras adjacentes ao Mediterrâneo, exatamente onde o Cristianismo foi primeiramente implantado.

Com o seu império, os romanos se tornaram os mais úteis instrumentos de Deus no preparo do mundo para o advento do Cristianismo.

**O DOMÍNIO
MUNDIAL DE
ROMA**

**OS POVOS
UNIFICADOS**

Esse império, que incluía grande parte do gênero humano, foi uma lição objetiva que provava ser a humanidade uma só. Por muitas eras, governos separados formaram grupamentos humanos que se sentiam diferentes e isolados de todos os outros grupos; mas, com o império romano, os povos se unificaram, no sentido em que todos os governos tinham sido derrubados e um poder único dominava em toda a parte. O Cristianismo é uma religião de caráter universal, não conhecendo distinções de raça, apelando para os homens simplesmente como homens, tornando todos UM em Cristo. Para tal religião, a preparação mais valiosa foi a unificação de todos os povos sob o poder político de Roma.

**PAZ UNIVERSAL
PAX ROMANA**

Além disso, o poder de Roma trouxe uma paz universal, a *Pax Romana*. As guerras entre as nações tornaram-se quase impossíveis sob a égide desse poderoso império. Essa paz entre os povos favoreceu extraordinariamente a disseminação, entre as nações, da religião que pretendia um domínio espiritual universal.

**INTERCÂMBIO
ENTRE OS
POVOS**

Finalmente, a administração romana, sábia, forte e vigilante, tornou fáceis e seguras as viagens e comunicações entre as diferentes partes do mundo. Os piratas, que estorvavam a navegação, foram varridos dos mares. Por terra, as esplêndidas estradas romanas davam acesso a todas as partes do império. Essas estradas notáveis realizaram naquela civilização o mesmo papel das nossas estradas de rodagem e estradas de ferro da atualidade. E tão policiadas eram essas vias de comunicação que os ladrões desistiram dos seus assaltos. De modo que as viagens e o intercâmbio comercial tiveram extraordinário incremento. É provável que durante os primeiros tempos do Cristianismo o povo se locomovesse de uma cidade para outra ou de um país para outro muito mais do que em qualquer outra época, exceto depois da Idade Média. Os que sabem como as atuais facilidades de transporte têm auxiliado o trabalho missionário podem compreender o que significou esse estado de coisas para a implantação do Cristianismo. Teria sido impossível ao apóstolo Paulo realizar sua carreira missionária sem essa liberdade e facilidade de trânsito possibilitadas pelo império romano. Contribuíram muitíssimo para o progresso do Cristianismo, nos seus primeiros anos, as portas abertas que encontrou através de todo o mundo civilizado, as quais facilitaram o livre intercâmbio entre os países onde as novas idéias deveriam ser pregadas e encorajaram os movimentos dos primeiros missionários.

(b) Os Gregos

Ao surgir o Cristianismo, os povos que habitavam as regiões do Mediterrâneo tinham sido profundamente influenciados pelo espírito do povo grego. Colônias gregas, algumas das quais com centenas de anos, foram amplamente disseminadas ao longo das costas de todo o Mediterrâneo. Com seu comércio, os gregos foram a todas as partes. A sua influência espalhou-se e foi mais acentuada nas cidades e países que se constituíam os mais importantes centros do mundo de então. Tão poderosa foi a influência dos gregos que denominamos greco-romano esse mundo antigo, porque Roma o governava politicamente mas a mentalidade dos povos desse império tinha sido moldada fundamentalmente pelos gregos.

**SUA GRANDE
INFLUÊNCIA**

Por muitos séculos antes da era cristã, os gregos eram detentores da vida intelectual mais vigorosa e mais desenvolvida no mundo. Problemas sobre os quais os homens sempre cogitaram: a origem e o significado do mundo, a existência de Deus e do homem, o bem e o mal, enfim, tudo quanto se relacionava com as pesquisas filosóficas foi objeto de meditação dos gregos como de nenhum outro povo. É verdade que os hebreus tinham recebido uma revelação de Deus e da sua vontade, que os gregos jamais possuíram, mas os judeus não eram dados às pesquisas, às indagações, nem se interessavam pela discussão dessas questões, como o fizeram os gregos. Do sexto ao terceiro século antes de Cristo, um grande movimento intelectual sobre assuntos filosóficos e teológicos ocorreu entre os gregos, movimento no qual pontificaram os mais profundos e influentes pensadores do mundo, ensinando muita coisa de valor que ainda hoje perdura. Como consequência disto, verificou-se um desenvolvimento maravilhoso da mentalidade do povo grego, que aprendeu a pensar muito e profundamente nas questões debatidas pelos seus filósofos. O raciocínio e a curiosidade dessa gente desenvolveram-se ao máximo. Como exemplo dessa influência, temos Sócrates aparecendo nas praças públicas de Atenas, a fazer perguntas e a debater assuntos e idéias que obrigavam os homens a meditar em problemas que jamais tinham entrado em suas cogitações. Isso resultou em que o grego típico tornou-se um homem vivaz, inquiridor, polemista, ansioso por falar em assuntos profundos e coisas que se relacionavam com o céu e a terra.

**FILÓSOFOS
GREGOS**

É fácil compreender o resultado do contato do grego com outros povos. A sua influência estendeu-se por toda parte, aprofundando o

**OS GREGOS
LEVAM OS
POVOS A
PENSAR**

pensamento dos homens nessas idéias e pesquisas que se relacionavam com os grandes problemas da vida. Esse tipo de curiosidade intelectual e essa prontidão de raciocínio prevaleciam nos centros principais do mundo greco-romano, lugares esses que depois foram alcançados pelos primeiros missionários com a pregação do Cristianismo. Assim, os povos desses lugares estavam mais dispostos a receber a nova religião do que estariam se não fosse a influência dos gregos.

LÍNGUA UNIVERSAL

Os gregos fizeram outra contribuição importante ao preparo do mundo para o advento do Cristianismo, disseminando a língua em que este seria pregado ao gênero humano pela primeira vez. Uma prova da extensão e da influência do grego vê-se no fato de que a língua mais falada nos países situados às margens do Mediterrâneo era o dialeto grego conhecido por KOINÊ ou dialeto “comum”. Era esta a língua universal do mundo greco-romano, usada para todos os fins no intercâmbio popular. Quem quer que o falasse seria entendido em toda a parte, especialmente nos grandes centros onde o Cristianismo foi primeiramente implantado. Os primeiros missionários, como por exemplo Paulo, fizeram quase todas as suas pregações nessa língua e nela foram escritos os livros que vieram a constituir o nosso Novo Testamento. De modo que a religião universal encontrou para sua propaganda e conhecimento, entre todos os homens, uma língua universal; e esse auxílio inestimável foi, por Deus, providenciado por intermédio do povo grego.

(c) Os Judeus

SUA MISSÃO

Os hebreus, ou judeus, constituíram o povo divinamente indicado para mordomos da verdadeira religião. A missão deles foi receber de Deus uma revelação especial a respeito do próprio Deus e da sua vontade, assenhorear-se desse ensino divino, à proporção que o iam recebendo numa revelação progressiva, preservar tais ensinamentos na sua pureza e integridade, de modo que, na “plenitude dos tempos”, eles, os judeus, se constituíssem uma bênção para todos os povos. Não podemos entender a grandeza da vida nacional desse povo, sem que reconheçamos a sua história como uma preparação divina, do mundo, para o aparecimento da religião pela qual Deus se propusera salvar o gênero humano.

SEU ALCANCE

Os judeus, como se tem dito com muito acerto, prepararam o “Berço do Cristianismo”, fizeram os preparativos para o seu nascimento e o alimentaram na sua primeira infância. Prepararam antecipa-

damente a vida religiosa em que foram instruídos o próprio Senhor Jesus e todos os cristãos primitivos, inclusive os apóstolos e os primeiros missionários. Em parte alguma do mundo, ao surgir o Cristianismo, havia uma vida religiosa tão pura e tão forte como a existente entre os melhores representantes da religião judaica, cujas características essenciais eram duas: a mais alta concepção de Deus conhecida entre os homens, como resultado do ensino do Antigo Testamento; e o mais alto ideal de vida moral que se conhecia resultante dessa sublime concepção de Deus. Humanamente falando, não podemos ver como a vida e os ensinamentos de Jesus pudessem ter procedido da vida religiosa de qualquer outro povo a não ser dos judeus. Não podemos ver como outro povo, a não ser o judeu, podia se dispor a receber, no seu início, a religião que Cristo trouxe, e estendê-la a toda a parte. Preparados naquela religião mais antiga (o Judaísmo), religião que era tão intimamente aparentada com o Cristianismo, os judeus foram necessários para entenderem e pregarem a nova religião. Para os que bem conhecem a vida dos gregos e dos romanos é fácil sentir a impossibilidade de arrebanhar, entre eles, homens que fossem para o Cristianismo o que vieram a ser os primeiros discípulos, um Paulo e os apóstolos.

Em segundo lugar, os judeus prepararam o caminho para o Cristianismo porque se constituíam numa raça que aguardava o que o Cristianismo oferecia: um Salvador divino. A esperança de um Messias era acariciada por todos os judeus como a mais preciosa das suas possessões. É verdade que muitos alimentaram tal esperança com uma concepção grosseira, materialista. Mas em todas as concepções havia um elemento essencial: a ardente expectativa de um enviado de Deus para redimir o seu povo. Jamais houve entre os demais povos uma esperança ou perspectiva do futuro comparável à esperança messiânica dos judeus. O que havia, realmente, no mundo grego e no mundo romano era uma forte dose de desespero, de cansaço, de desilusão. O Cristianismo encontrou todos os seus primeiros seguidores entre os judeus, e o elemento que os habilitou a receberem a nova religião foi a esperança de um Salvador divino.

**SUA
ESPERANÇA**

Em terceiro lugar, os livros sagrados dos judeus foram um auxílio inestimável. O nosso Antigo Testamento foi por eles entesourado como um relato da manifestação do próprio Deus na sua vida nacional. Assim, a nova religião foi suprida, no seu nascimento, por uma literatura religiosa que ultrapassou, infinitamente, qualquer outra desse gênero então existente, e que confirmou os ensinamentos cristãos, pre-

**SUA
CONTRIBUIÇÃO**

nunciando Cristo pelas profecias. O Cristianismo, antes de produzir seus próprios livros, encontrou, prontos para o seu uso, os antigos manuscritos que lhe foram do maior auxílio. Jesus fez uso constante do Antigo Testamento para nutrir a sua própria vida e basear os seus ensinamentos, e, consoante seu exemplo, as Escrituras judaicas eram lidas regularmente nas reuniões de culto dos primitivos cristãos. Todos os cristãos, judeus ou não, retiraram delas instrução e inspiração incalculáveis. Note-se também que o Antigo Testamento era conhecido de numerosos gentios que tinham sido atraídos para a religião judaica, como a mais pura que podiam encontrar, e, assim, essa religião se tornou um meio pelo qual muitos desses homens foram a Jesus.

IMPORTÂNCIA DA DIÁSPORA

Julgamos também ser necessário dizer algo sobre a importante contribuição que os elementos judaicos da Dispersão (Diáspora) fizeram à preparação para o Cristianismo. Trata-se dos judeus que foram espalhados em decorrência dos cativos que sofreram. Esses judeus podiam ser encontrados em quase todas as cidades do antigo mundo greco-romano. Em qualquer parte onde estivessem, conservavam a sua religião e mantinham as suas sinagogas. Em muitos lugares realizavam trabalho missionário ativo. Assim, ganharam entre os gentios numerosos prosélitos e tornaram conhecidos os ensinamentos da sua religião a muitos outros que, embora só em parte, os aceitaram. Essa missão judaica foi uma precursora muito útil das missões cristãs, porque espalhou, extensivamente, entre os gentios, certos elementos religiosos básicos que são essenciais tanto ao Cristianismo como ao judaísmo. Um desses elementos era a crença monoteísta, a crença num só Deus. Outro foi uma lei moral elevada que tanto o judaísmo como o Cristianismo ensinavam ser parte integrante da religião. Nisso ambas se diferenciavam das religiões pagãs que nada ensinavam sobre a conduta humana. Um terceiro elemento foi a esperança de um Salvador. Muitos gentios, pelo contato com os judeus, tinham sido inspirados por essa expectativa, preparando-se, desse modo, para a aceitação de Cristo como aquele Salvador que havia de vir.

II. O MUNDO AO SURGIR O CRISTIANISMO

(a) As Condições Religiosas

DECLÍNIO DA VELHA RELIGIÃO CLÁSSICA

A velha religião dos deuses e das deusas da Grécia e de Roma, que conhecemos através da história da mitologia clássica, tinha perdi-

do quase toda a sua vitalidade e influência ao tempo do advento do Cristianismo. Não obstante as formas do seu culto serem, então, de certo modo, ainda conservadas, os homens cultos geralmente não mostravam crença nessa religião; nem mesmo entre o povo comum exercia ela muita influência. O imperador Augusto, que reinava ao tempo em que Cristo nasceu, muito se preocupou com esse declínio da velha e tradicional religião, e envidou esforços extraordinários para reavivá-la, sendo quase tudo em vão.

Todavia, não se pode afirmar que essa época se caracterizava pela irreligiosidade. Augusto também estabeleceu a religião do Estado. Conforme o seu desenvolvimento posterior, veio ela a se constituir na veneração de imagens e estátuas dos imperadores que então reinavam e dos que os antecederam, como símbolos do poder de Roma. O Estado foi endeusado como nos modernos regimes totalitários. Tomaram vitalidade considerável certos cultos primitivos e a adoração de divindades associadas a certas localidades, ocupações ou profissões, aspectos da vida, etc.

**RELIGIÃO
ROMANA DO
ESTADO**

Os antigos mistérios helênicos exerciam grande atração sobre as massas. Esses mistérios eram cerimônias secretas e dramáticas que realçavam certas idéias concernentes à perpetuação da vida. O orfismo, antigo movimento grego da religião mística que ensinava doutrinas de salvação e vida depois da morte, era representado por muitas irmandades. Mais poderosas e mais influentes, porém, eram as religiões orientais que se espalharam pelas margens do Mediterrâneo, tendo conseguido muitos adeptos. Da Frígia, veio o culto da Mãe dos deuses e o culto de Attis. Do Egito, veio o culto de Ísis com Serápis ou Osíris. Essas religiões exerciam influência no começo da era cristã. Mais tarde, a mais popular das religiões orientais, a da deusa Mitras, veio do leste da Ásia Menor, e tornou-se a deusa mascote do exército romano por onde ele ia. Essas religiões misteriosas tinham uma semelhança superficial com o Cristianismo, por organizarem sociedades, agrupando indivíduos independentemente de raça ou posição social, os quais faziam refeições em comum, praticavam certas abluções que eram consideradas como purificações espirituais, e, em muitos casos, pelo culto de divindades que supostamente tinham sofrido morte e ressuscitado, comunicando, assim, vida imortal aos seus seguidores. Em aspectos mais profundos, essas religiões muito se distanciavam do Cristianismo.

**RELIGIÕES
ORIENTAIS**

**CURIOSIDADE
E ANSEIO
RELIGIOSOS**

Foi uma era de religiosidade aquela em que o Cristianismo alcançou as suas primeiras conquistas. Nesse tempo havia muito interesse no conhecimento das várias formas de religião e muita ansiedade por idéias e crenças que trouxessem mais satisfação à alma. O mundo estava cheio de curiosidade e anseios espirituais. É significativo que, em relação ao Cristianismo, houvesse três coisas preeminentes: uma crença progressiva num Deus universal; um sentimento de culpa, de pecado, muito generalizado e, em consequência, um anseio, um desejo intenso de purificação; e, por fim, um grande interesse nas questões da vida após a morte.

**JUDAÍSMO:
RELIGIÃO
NACIONAL**

Já dissemos que, antes do aparecimento do Cristianismo, a melhor religião existente era o judaísmo. Mas este não podia satisfazer plenamente as necessidades do mundo. Mesmo enquanto Jesus vivia, o judaísmo deu provas de que não era capaz de se constituir numa religião universal. Isso se verifica no caráter dos seus líderes, que eram sacerdotes, os saduceus e os mestres, os fariseus. Subestimamos o valor dos fariseus por causa da oposição deles a Jesus. Mas, apesar do seu vigor moral, entre os fariseus da Palestina desenvolvia-se um estreito preconceito racial com o objetivo de limitar a religião judaica exclusivamente ao povo judeu e, por isso, se opunham à obra missionária entre os gentios, obra que tinha sido iniciada durante o cativeiro.

(b) As Condições Intelectuais**PALATIVOS**

O grande movimento filosófico grego chegou ao seu fim, no que se relaciona com a pesquisa da verdade, muito tempo mesmo antes da era cristã. Quando surgiu o Cristianismo, o pensamento grego não fazia mais progresso. Duas filosofias gregas – o Epicurismo e o Estoicismo – tinham alcançado considerável crédito, ou melhor, estavam em voga no império romano durante os primeiros anos do Cristianismo. Mas nenhuma delas satisfazia a mente dos homens no que respeitava às questões fundamentais e urgentes, como as do pecado e da vida futura que, por assim dizer, os preocupavam. Ambas essas filosofias eram falhas como método de vida. O Epicurismo era muito superficial, interesseiro, egoísta. O Estoicismo, não obstante seus nobres ensinamentos de moral exercerem larga influência, era muito falho no que respeitava à simpatia humana. Entre os homens de raciocínio profundo havia um forte sentimento de insatisfação, um desejo ardente de encontrar solução para os problemas cruciais da vida. Por ocasião da

INSATISFAÇÃO

morte da filha, Plínio, o Moço, escreve a um amigo: “Dá-me algum alívio, algum conforto que seja grande e forte, tal que eu nunca tenha ouvido ou lido. Porque tudo o que tem chegado ao meu conhecimento, e de que me posso lembrar, não me ajuda, pois minha tristeza é por demais profunda para ser removida pelo que sei”.

DESESPERO

(c) As Condições Morais

Tem-se pintado, habitualmente, o estado moral do mundo civilizado durante os primeiros tempos do Cristianismo com as mais negras cores, como se não existisse qualquer coisa boa digna de menção. Os fatos que conhecemos não justificam, de todo, esse julgamento. Talvez essa idéia seja o resultado da leitura generalizada dos escritos satíricos daquela época que vergastavam os vícios da “sociedade”, e dos escândalos referidos pelos biógrafos da aristocracia. As classes mais altas, sem dúvida, estavam tremendamente corrompidas. Entre as classes média e baixa, todavia, muitos homens e mulheres levavam vida virtuosa, com alguns gestos de nobreza e de bondade. Quando, porém, reunidos os elementos favoráveis e os desfavoráveis, o resultado é realmente negro. A época era decadente. Os homens tinham seus espíritos perturbados e insatisfeitos. As religiões e filosofias então existentes exerciam pouca influência sobre a vida. Como resultado disso, o nível moral era baixo. Nada existia que pudesse melhorar a situação, até que o Cristianismo começou a exercer a sua influência. A tendência da sociedade era para um constante declínio moral. Em consequência de tudo isso, havia um sentimento de cansaço e de vácuo entre muitos homens, e especialmente entre os melhores e mais inteligentes deles. Foi a um mundo entenebrecido, sem esperança e muito corrompido, que os primeiros missionários cristãos levaram suas boas novas de salvação.

QUESTIONÁRIO

1. Qual a extensão do império romano quando apareceu o Cristianismo? Qual a natureza do seu governo?
2. Quais as três maneiras pelas quais o governo romano preparou o mundo para o advento do Cristianismo?
3. Qual a extensão da influência grega quando surgiu o Cristianismo? Que efeito teve tal influência sobre os povos?
4. Que fizeram os gregos, com sua língua, em favor do Cristianismo?
5. Qual foi a missão divina do povo judeu?
6. Quais as três maneiras pelas quais os judeus prepararam o mundo para o advento do Cristianismo?
7. Como os judeus da Dispersão contribuíram para a vinda do Cristianismo?
8. Qual a situação das velhas religiões da Grécia e de Roma quando o Cristianismo apareceu?
9. Qual a religião oficial romana e do quê consistia?
10. Quais as religiões mais influentes no mundo greco-romano quando apareceu o Cristianismo?
11. Qual o caráter geral da época do ponto de vista religioso?
12. Por que o judaísmo não podia ser a religião universal?
13. Qual a condição intelectual do mundo greco-romano quando apareceu o Cristianismo?
14. Qual a condição moral do mundo de então?

CAPÍTULO DOIS

O 1º SÉCULO

I. JESUS E SUA IGREJA

(a) Jesus e Seus Discípulos

Jesus teve “compaixão das multidões”, e lutou por alcançar, com o seu ministério, o maior número possível de pessoas. Mas, evidentemente, planejou fazer muito mais a favor do mundo, tendo ao seu lado alguns homens escolhidos, cheios do seu Espírito, para continuarem a sua obra, do que ele mesmo gastar todo o tempo em pregações públicas. Logo no início de seu ministério, Jesus convidou alguns homens para serem seus companheiros e participantes da sua missão. Depois, dentre os que creram nele, fez a escolha de doze, para que fossem seus companheiros mais íntimos. Numa ocasião, também escolheu setenta, aos quais preparou para o ministério especial da pregação. As relações de Jesus com os doze constituem uma das partes características mais importantes de sua obra. A esses ministrou ensinamentos que não deu aos demais de modo geral, e os preparou, de sorte que, após sua volta aos céus, esses apóstolos pudessem revelar um conhecimento perfeito do Mestre, do seu ensino, da Revelação de Deus e da Salvação que, pelo Filho, mandou ao mundo, e também a conduta de vida para a qual Cristo chamou todos os homens. Próximo ao fim do seu ministério, Jesus dedicou-se mais e mais a essa natureza de trabalho com seus discípulos. Após a ressurreição, apareceu somente aos discípulos. Suas últimas palavras foram uma ordem definida para que levassem o anúncio do Evangelho a “todas as nações” e uma promessa de assisti-los com poder, através de todos os tempos, enquanto estivessem realizando a sua missão por todo o mundo.

(b) Jesus Funda a Sua Igreja

Evidentemente, Jesus deixou clara a necessidade de haver uma sociedade constituída dos seus seguidores, a fim de oferecer ao mundo o Evangelho e ministrar, em espírito, os ensinamentos que lhes dera. O objetivo era propagar o Reino de Deus. Ele não modelou qualquer organização ou plano de governo para essa sociedade. Não indicou oficiais para exercerem autoridade sobre os membros de tal organização. Credo algum prescreveu para ela. Nenhum código de regras lhe foi imposto. Não prescreveu ordens ou formas de culto. Apenas deu aos seus seguidores os ritos religiosos mais simples: o batismo, com água, para significar a purificação espiritual e consagração ao seu discipulado, e

a Ceia do Senhor, na qual usou um pouco dos elementos mais comuns da alimentação, como uma comemoração ou lembrança dele próprio, especialmente da sua morte para a redenção dos homens. Conseqüentemente, em nada do que Jesus fez podemos descobrir a organização da Igreja. Ele fundou a Igreja, ou, melhor, ele mesmo a criou.

Jesus formou uma sociedade de seguidores, agrupando-os ao redor de si mesmo. Comunicou a esse grupo, até onde era possível, sua própria vida, seu espírito e propósito. Prometeu dar, através dos séculos, vitalidade a esta sociedade, sua Igreja. E sua grande dádiva a ela foi ele mesmo como um dom. Nele, a Igreja teria de encontrar os seus princípios, os seus objetivos, o seu poder. Deixou a Igreja livre para escolher as formas de organização e de culto, afirmações de crença, métodos de trabalho, etc. O propósito de Cristo era que a vida da sua Igreja, isto é, a vida do Salvador, latente em seus seguidores, se expressasse pelos modos que lhes parecessem mais apropriados para a consecução do grande objetivo em vista.

II. A IGREJA APOSTÓLICA (Até ao Ano 100 d.C.)

(a) O Começo

Num certo sentido, a Igreja Cristã teve seu nascimento quando Jesus chamou seus primeiros discípulos. Comumente, porém, se diz que a história da Igreja teve início no dia de Pentecoste que se seguiu à ressurreição, pois foi quando teve começo a vida ativa da Igreja. Após a ascensão de Jesus aos céus, os discípulos, não obstante terem recebido ordens de anunciar o Evangelho ao mundo, permaneceram, todavia, quietos, tranquilos em Jerusalém. Estavam aguardando, segundo a ordem do Mestre, o poder prometido que viria do alto. Dez dias depois, no *Pentecoste*, o Espírito Santo prometido por Jesus veio sobre eles, revestindo-os de poder. Tornaram-se, então, testemunhas intimoratas do Mestre, plenos de nobre atividade. Verifica-se tal mudança no próprio discurso de Pedro no Pentecoste. O que sucedeu a Pedro naquele dia expressa o espírito de todos os primeiros cristãos daquele dia em diante. E desde então, a Igreja Cristã, como uma comunidade destinada a dar testemunho de Cristo, vem proclamando o Evangelho, edificando o Reino de Deus na terra.

**PENTECOSTE
SEUS EFEITOS**

(b) A Extensão da Igreja

A primeira pregação do Evangelho, no Pentecoste, foi dirigida unicamente aos judeus. Por algum tempo, talvez dois ou três anos, as missões cristãs eram limitadas aos judeus, tendo começado em Jerusalém e daí estendendo-se a toda a Palestina. Os cristãos primitivos não perceberam logo a extensão do propósito divino, na salvação do mundo. Como hebreus, reconheciam que Jesus era o Messias esperado pelo seu povo. Portanto, o consideravam como Salvador somente ou principalmente dos judeus, apesar de Jesus, por palavras e atos, ter-lhes ensinado coisa diferente.

**PRIMEIRA
MISSÃO AOS
JUDEUS**

A perseguição foi o meio pelo qual a Igreja nascente chegou a uma compreensão mais segura do Evangelho que Jesus lhe dera a pregar, e por ela alcançou uma visão mais ampla da obra que Jesus lhe propusera. As autoridades religiosas judaicas que tinham tentado embaraçar a pregação evangélica levantaram-se por causa do audaz desafio que foi o discurso de Estêvão; então, empreenderam uma campanha selvagem, violenta e sistemática contra o Cristianismo. Com esse ataque, a comunidade cristã de Jerusalém, que já contava alguns milhares, foi dissolvida. Seus elementos procuraram segurança, espalhando-se por toda a Palestina. Não obstante fugirem para salvar a vida, por causa da sua fé levavam o Evangelho aonde quer que fossem. Alguns deles foram até à grande cidade de Antioquia, na Síria. Ali, os seguidores de Cristo foram, pela primeira vez, chamados “cristãos”, nome que, parece, lhes foi dado por zombaria. Nessa cidade, vivendo no meio de uma população grega, esses exilados tornaram Jesus conhecido tanto de gregos como de judeus.

**A
PERSEGUIÇÃO
LEVOU A
IGREJA A
AMPLIAR SUA
MISSÃO**

Desse modo, certos crentes obscuros e desconhecidos deram o grande passo para tornarem o Cristianismo uma religião universal. Um pouco mais tarde, essa Igreja de Antioquia enviou Barnabé e Paulo, os primeiros expressamente designados para pregarem Cristo aos gentios. Foi Paulo quem concluiu, sob a direção divina, a obra de libertar o Cristianismo. Paulo realizou o que sempre estivera no propósito divino: fazer do Cristianismo uma religião para todos. Daí em diante foi o Cristianismo pregado a todos os homens no mesmo pé de igualdade.

**CRISTIANISMO:
RELIGIÃO
UNIVERSAL**

Começando assim sua grande carreira missionária, o Cristianismo espalhou-se, de sorte que, por volta do ano 100 d.C., havia igrejas em inúmeras cidades da Ásia Menor e em muitos lugares da Palestina, Síria, Macedônia e Grécia, em Roma e Puteoli, na Itália, em Alexandria,

1º SÉCULO

e, provavelmente, na Espanha. Paulo foi naturalmente o missionário que mais contribuiu para esse resultado. O Novo Testamento refere os nomes de alguns outros, como Priscila e Áquila. O que a tradição relata sobre a pregação dos apóstolos nos leva a pensar que todos eles deram testemunho intemorato, levando às plagas mais longínquas as boas novas, não obstante conhecermos com maior segurança apenas o trabalho de Pedro e João. Todavia, muito da tarefa heróica de tão grande esforço evangelístico foi realizado por discípulos e missionários cujos nomes desconhecemos. Cada crente era um missionário ansioso por oferecer a alegria de que gozava em Cristo às pessoas que encontrava no trabalho, nas comunidades e em outros meios. Por causa do zelo que tinham em anunciar a Cristo, esses cristãos desconhecidos foram os mais eficazes missionários da sua religião.

(c) A Vida na Igreja

Naquele tempo uma Igreja cristã era comumente um pequeno grupo de crentes que viviam numa grande comunidade pagã. Quase todos eram pessoas pobres, alguns escravos, embora houvesse cristãos nas classes mais altas, especialmente na igreja de Roma. Em toda parte havia muita coisa que distinguia um cristão dos vizinhos pagãos. Eles se tratavam mutuamente por irmãos em Cristo, e realmente agiam como irmãos. Cuidavam desveladamente dos órfãos, dos doentes, das viúvas, dos desamparados. As coletas e a administração dos fundos de caridade constituíam uma das partes mais importantes da vida dessas igrejas primitivas. Dentro da Igreja todas as distinções foram abolidas. Escravos e senhores foram nivelados. As mulheres alcançaram uma posição de honra e de influência que jamais haviam conseguido na sociedade profana. Distinguiam-se também os cristãos por um fervor e pureza moral jamais conhecidos em qualquer parte. As Epístolas de Paulo aos Coríntios nos falam de um povo que estava longe de ser perfeito como era de se esperar daqueles recém-convertidos do paganismo e que viviam no meio de suas tentações. Não obstante, as vidas dos cristãos gentios demonstravam o poder que tem o Evangelho de conceder aos homens uma nova justiça. Além disso, a atitude dominante dos cristãos era de contentamento e confiança admiráveis. Regozijavam-se no amor de Deus, o Pai; na comunhão com Cristo redivivo; no perdão dos pecados; na certeza da imortalidade. Assim desconheciam a tristeza e o desespero que oprimiam a vida de muitos

**CARACTERÍSTICAS
DOS CRISTÃOS**
(1)
AMOR FRATERNAL

(2)
**ZELO E
PUREZA MORAL**

(3)
**PRAZER E
CONFIANÇA**

que os cercavam. Essas características dos cristãos primitivos constituíam uma poderosa recomendação para o Cristianismo, o que promovia o seu desenvolvimento.

Todas essas características derivavam parte do seu vigor da constante expectativa em que vivam esses discípulos quanto à iminente vinda do Senhor, em glória visível, para restabelecer seu Reino triunfante sobre a terra. A predominância dessa esperança na Igreja apostólica nunca deve ser esquecida quando consideramos esse período histórico da Igreja. É verdade que esses cristãos primitivos cometeram certos erros sobre a questão da volta do Senhor, mas a esperança de que se achavam imbuídos muito contribuiu para fortalecer e purificar suas vidas.

**ESPERANÇA
DA VINDA DO
SENHOR**

Os cristãos necessitavam de um auxílio especial, pois estavam constantemente expostos a sofrimentos por causa da sua fé. Muitas vezes foram assolados pelos judeus inimigos do Cristianismo. Os cristãos eram também odiados por muitos, pois suas vidas constituíam permanente condenação dos costumes e da conduta moral dos pagãos. A partir de Nero (54 a 68 d.C.), o governo romano começou a hostilizar o Cristianismo, tentando eliminá-lo cruel e vigorosamente. Essa perseguição variava de intensidade conforme quem estivesse no poder. Consideraremos as razões dessa hostilidade no próximo capítulo. Não devemos esquecer, porém, o fato de que durante a segunda metade do 1º século o Cristianismo enfrentou o poder oficial como seu inimigo rancoroso. Muitos cristãos, tanto famosos líderes, como Paulo, como heróis outros, desconhecidos, receberam a coroa de martírio.

PERSEGUIÇÕES

(d) O Culto na Igreja

A pobreza e a perseguição impossibilitaram a igreja primitiva de construir seus templos durante o 1º século, razão por que os cristãos se reuniam para o culto em casas particulares. Deduzimos das Epístolas de Paulo, especialmente as enviadas aos Coríntios, que havia dois tipos de reuniões de culto. Um era do tipo de culto de oração. O culto era dirigido conforme o Espírito os movia no momento. Faziam orações, davam testemunho, ministravam certos ensinamentos, cantavam Salmos. Aí apareceram também os primeiros hinos cristãos do 1º século. Eram lidas e explicadas as Escrituras do Antigo Testamento. Havia também leituras de citações, de memória, dos atos e ensinamentos de Jesus. Quando os apóstolos enviavam cartas às Igrejas, como as que encon-

**ADORAÇÃO
CRISTÃ**

**OS PRIMEIROS
HINOS CRISTÃOS**

tramos no Novo Testamento, essas cartas eram lidas para todos. Nessas reuniões, o entusiasmo do Cristianismo primitivo encontrava livre expressão. E esse entusiasmo às vezes era tão ardoroso que resultava em certa desordem. Eram admitidos estranhos a essas reuniões e nelas alguns deles se levantavam, confessavam seus pecados e declaravam que aceitavam a Jesus.

FESTA DO AMOR E SANTA CEIA

A outra era conhecida como a Festa do Amor ou Fraternidade. Era uma refeição comum, muito alegre e sagrada, símbolo do amor fraternal cristão. Dela somente os cristãos podiam participar. Cada um trazia a sua parte da refeição e esses elementos eram repartidos entre todos igualmente. Paulo repreende o egoísmo dos que comiam o que eles mesmos traziam e se recusavam a dividir o que tinham com os que não podiam trazer coisas boas. Durante as refeições o dirigente dava graças. Ao fim de tudo celebrava-se a Ceia do Senhor em que se usava uma parte do pão que tinha sido servido na Festa. Essa reunião era no Dia do Senhor, o primeiro dia da semana, que os cristãos guardavam como a Festa para comemorar a ressurreição de Cristo. Não obstante haver grande incerteza sobre esse assunto, é provável que, a princípio, a Festa do Amor fosse realizada à noite. Já no fim do 1º século, a Ceia do Senhor foi separada da Festa do Amor e celebrada numa reunião matinal. Sabemos que, no segundo século, a Ceia do Senhor ou Eucaristia era celebrada na manhã do dia de domingo, chamado Dia do Senhor.

O DOMINGO

(e) A Crença da Igreja

Na Igreja do 1º século não se compuseram credos ou declarações formais de fé. O Credo dos Apóstolos só apareceu no 2º século. Para conhecermos a crença dos cristãos primitivos, devemos recorrer ao Novo Testamento. Criam eles em Deus, o Pai; em Jesus, como o Filho de Deus e Salvador; criam no Espírito Santo, de cuja presença estavam côncios. Criam no perdão dos pecados. A base do seu ideal moral era o ensino de Jesus sobre o amor a todos os homens. Aguardavam a volta de Jesus para exercer o julgamento final e dar a vida eterna a todos os que criam nele. Suas idéias doutrinárias, se assim as podemos chamar, eram muito simples. Todos os seus pensamentos sobre a vida religiosa tinham como centro a pessoa de Cristo.

O Credo CRISTÃO

Duas influências levaram os crentes do 1º século a cair em alguns erros doutrinários, os quais, de certo modo, ameaçaram a pureza do

**INFLUÊNCIAS
DELETÉRIAS:
(1)
JUDAIZANTES**

**(2)
GNOSTICISMO**

Evangelho. Os “judaizantes” ensinavam que os cristãos deviam cumprir todas as cerimônias exigidas pela Lei judaica. Paulo condenou-os porque viu que, se o ensino deles prevalecesse, o Cristianismo não podia ser a religião de todas as raças. Encontramos no Novo Testamento advertências solenes contra os erros do chamado Gnosticismo. Esta seita surgiu no 1º século, e veio depois a se tornar muito poderosa. Consistia de uma estranha mistura de idéias cristãs, judaicas e pagãs. Era muito parecida com o Cristianismo, de modo a confundir alguns crentes. Dessa seita falaremos mais adiante.

(f) O Governo da Igreja

**INDEPENDÊNCIA
DAS IGREJAS**

As igrejas primitivas eram independentes, com governo próprio que decidia sobre todos os seus negócios e problemas. Os cristãos insistentemente afirmavam que pertenciam à Única Igreja Universal, pois todos eram um em Cristo, mas nenhuma organização de caráter geral exercia controle sobre as inúmeras Igrejas espalhadas por toda parte. Os primeiros apóstolos eram reverenciados, em virtude do contato que tiveram com Cristo, e exerciam certa autoridade, como se verifica da decisão tomada quanto aos cristãos gentios e à Lei judaica, como se vê no capítulo 15 de Atos. Paulo exercia autoridade em virtude de sua posição de apóstolo e de seu trabalho extraordinário. Mas a autoridade desses homens não derivava do seu ofício, nem se expressava numa organização formal.

**PREGAÇÃO E
ENSINO**

O Novo Testamento fala de oficiais que se ocupavam do ministério da pregação e do ensino. São conhecidos como apóstolos e profetas¹ e mestres. O nome de “apóstolo” não era restrito aos companheiros de Jesus, mas pertencia também a outros pioneiros do Evangelho que levavam as boas novas aos novos campos. Os profetas e mestres, ou doutores, esclareciam o significado do Evangelho às Igrejas. Todos esses exerciam seus ofícios não pela indicação de qualquer autoridade, mas porque revelavam estar habilitados para tais ofícios pelos dons do Espírito Santo. O ministério desses oficiais se estendia a toda a Igreja; não era restrito a congregações particulares. Vemos muitos dos apóstolos e profetas viajando por toda parte a serviço da Causa. No 1º século, a pregação e o ensino do Evangelho eram feitos principalmente por esses homens e por algumas mulheres, antes que por oficiais de igrejas locais.

¹ O autor omitiu a referência aos presbíteros docentes, ou mestres, e aos presbíteros regentes, que governavam com os docentes. (Nota do Tradutor)

O Novo Testamento fala de outra natureza de ministério que dizia respeito aos negócios das congregações. Sobre isso não sabemos muita coisa. Parece que não havia nenhum modelo de organização para todas as igrejas, mas estas agiam livre e independentemente, e seus métodos diferiam. Em algumas igrejas fundadas por Paulo havia dois grupos de oficiais: os anciãos ou presbíteros, também chamados bispos, que eram superintendentes; o outro grupo era de diáconos. Os anciãos ou bispos tinham o encargo do pastorado, da disciplina e dos negócios econômicos. Os diáconos prestavam um serviço especial – o da beneficência. Os presbíteros presidiam à Mesa do Senhor e pregavam quando não estava presente nenhum apóstolo, profeta ou mestre. Esses oficiais eram escolhidos pelo povo porque revelavam os dons e a vocação do Espírito Santo para esse trabalho. Tal forma de distribuição de encargos não admitia qualquer oficial como os pastores atuais. Parece que havia outras igrejas com diferentes formas de organização; em alguns casos a liderança estava com um indivíduo; noutros, o governo era congregacional.

QUESTIONÁRIO

1. Fale das relações de Jesus com os seus discípulos.
2. Qual o propósito de Jesus em relação à Igreja?
3. Em que sentido Jesus fundou a sua Igreja? O que foi que ele lhe deu e o que foi que ele não lhe deu?
4. Quando teve início a vida ativa da Igreja e a quem foi o Evangelho inicialmente anunciado?
5. Como a Igreja espalhou o Evangelho e que parte teve Paulo em tornar o Cristianismo uma religião universal?
6. Até onde o Cristianismo se estendeu no 1º século e quais foram seus missionários?
7. Que classes de pessoas constituíam as Igrejas primitivas e quais as características distintivas das suas vidas?
8. De onde procedeu a perseguição aos cristãos durante esse período?
9. Que tipos de reuniões de culto tinham esses cristãos primitivos?
10. Qual era a crença deles?
11. Quais as influências que deram origem às idéias religiosas errôneas entre eles?
12. Havia qualquer forma geral de governo nas igrejas do 1º século?
13. Qual era o ministério da pregação e do ensino? Qual era o ministério dos negócios da Igreja?

CAPÍTULO TRÊS

A IGREJA ANTIGA

**Primeira Parte
(100-313 d.C.)**

I. O MUNDO EM QUE A IGREJA VIVIA

Durante o período abrangido por este capítulo, o Império Romano alcançou a sua maior extensão. Na culminância do seu desenvolvimento, sob o governo de Trajano (98-117), o império compreendia todas as terras ao norte do Reno e do Danúbio, e se estendia para o Oriente até ao Golfo Pérsico e ao Mar Cáspio. Todavia, as fronteiras normais limitavam-se com o Reno e com o Danúbio, e, no Oriente, até ao rio Eufrates.

**IMPÉRIO
ROMANO**

Nesses dois séculos, o império começou a apresentar sinais de decadência. Possuindo um território muito extenso e uma população variadíssima, era difícil ser governado por uma única autoridade centralizada. Alguns imperadores foram fracos e maus. Os governos das províncias eram tão corruptos e opressores que findaram em ruína. A escravidão se espalhou não só na Itália, mas em toda parte, e seus inevitáveis efeitos desastrosos corromperam o caráter de todas as camadas sociais, aniquilando todas as fontes de riqueza. Uma política econômica mal-orientada enriqueceu uns poucos e empobreceu as classes média e baixa, provocando um decréscimo na população. O poder e prestígio dos romanos e dos habitantes de várias províncias foram corroídos pela decadência moral que atingiu não somente a aristocracia, mas também todas as classes, provocando a imoralidade e a desonestidade no comércio e nos governos, a sensualidade, o desprezo pelo casamento e a degradação das diversões populares.

**CAUSAS DO
DECLÍNIO
(1)
INTERNAS**

Enquanto o império desmoronava internamente, começou a receber também ataques externos por parte dos bárbaros que eram, principalmente, as tribos germânicas, cujas terras se estendiam pelos baixos cursos dos grandes rios que deságuam no Mar Báltico e nos Mares do Norte. Daí, impelidos pelo crescimento de suas populações, pela falta de recursos e ainda atraídos pela rica civilização do império, começaram a emigrar, tribo por tribo, em direção ao sul, sudoeste e sudeste. Esse movimento migratório não era realizado por meras incursões, mas por um movimento de fixação, de estabelecimento definitivo de novos lares. Tais movimentos, que duraram cerca de cinco séculos, modificaram a face da Europa, levando novas populações a muitas regiões. Somente os seus primórdios ocupam os dois séculos que estamos considerando. Antes mesmo da era cristã, houve choques entre os romanos e os germanos. No 1º século da nossa era, os romanos, reconhecendo o poder dos germanos, aceitaram a fronteira reno-

**(2)
EXTERNAS:
OS GERMANOS**

danubiana, exceto a Dácia (atual România). Mais tarde, no 2º século, os germanos forçaram uma redução das fronteiras do império, o bastante para reduzirem o poder romano ao mínimo. Daí em diante, os imperadores os aplacaram aceitando muitas tribos germânicas como aliadas, dando-lhes terras e colocando muitos dos seus chefes guerreiros no exército romano, que se tornou, por essa razão, predominantemente germânico.

GOVERNO DIVIDIDO

Enquanto o império estava relativamente forte, estadistas como Diocleciano (284-305), vendo que o território era muito extenso para ser governado por um poder central, idealizaram uma divisão e autoridade entre quatro governadores, tendo como capitais Roma e Nicomédia, na Ásia Menor. Esse “quarteto trabalhoso” durou poucos anos, até que as mãos poderosas de Constantino arrebataram todo o poder. Ele governava no Ocidente ao fim deste período, e, em 323, tornou-se o único imperador.

II. A IGREJA

(a) A Extensão da Igreja

EXPANSÃO DO CRISTIANISMO NO 2º E 3º SÉCULOS

Entre o ano 100 d.C. e o reinado de Constantino, o Cristianismo alcançou maravilhoso progresso. Em 313, era a religião dominante na Ásia Menor, região muito importante do mundo de então, como na Trácia e na longínqua Armênia. A Igreja se constituíra numa influência civilizadora muito poderosa na Antioquia, na Síria, nas costas da Grécia e Macedônia, nas ilhas gregas, no norte do Egito, na província da África, na Itália, no sul da Gália e na Espanha. Era menos forte em outras partes do império, inclusive a Britânia. Era fraca, naturalmente, nas regiões mais remotas, como a Gália Central e do norte. Em todas essas regiões a Igreja alcançou povos das mais variadas línguas, que não faziam parte da civilização greco-romana. “O Cristianismo já se mostrara mais inclusivo do que qualquer outra tradição cultural.” O Cristianismo não tinha alcançado somente os limites do império; mesmo o leste da Síria e a Mesopotâmia receberam influência poderosa.

EXPANSÃO NA SOCIEDADE

O Cristianismo introduziu-se em todas as classes sociais. Passara já o tempo de só se encontrarem cristãos entre as classes paupérrimas e iletradas. A Igreja contava também com não poucas pessoas das classes altas e ricas. Eram numerosos os cristãos na corte imperial e entre os elementos do governo. Não obstante haver na Igreja forte opinião de que o Cristianismo era incompatível com a profissão de soldado,

eram muitos os cristãos no exército durante o 2 século; e eram numerosíssimos os soldados cristãos ao tempo de Diocleciano. Muitos homens de alta cultura tinham-se tornado discípulos e usavam sua influência para desenvolver a causa cristã. A classe mais poderosa no Cristianismo era, porém, constituída de artesãos, pequenos negociantes, proprietários de pequenas terras, todos pessoas humildes.

Quem contribuiu para esse extraordinário crescimento do Cristianismo? No início desse período, como no 1º século, houve muitos missionários itinerantes que foram os pioneiros do Cristianismo. Pelo ano 200 d.C. eram, porém, poucos esses heróis.

Os apologistas ou defensores intelectuais do Cristianismo realizaram uma grande obra missionária. Um deles foi Justino, o Mártir (100-165). Era um grego natural da Palestina. Demonstrou sua origem grega ao percorrer as várias escolas filosóficas à procura da verdade. Numa dessas viagens, encontrou-se com um notável cristão que o fez compreender que o clímax da verdade que ele procurava encontra-se em Cristo. O resto da sua vida, até o seu martírio, Justino passou sua vida viajando como os filósofos de então, ensinando o Cristianismo como filosofia perfeita. Escreveu também muitos livros com o propósito de explicar a verdade cristã aos pesquisadores pagãos. Outro apologista notável foi Tertuliano (150-222), advogado cartaginês, já de meia-idade, convertido ao Cristianismo. Dotado de dons extraordinários, seu pensamento era agudo e sua linguagem vigorosa, elegante, vívida e satírica. Esses dons, aliados a um zelo profundo por Cristo e um severo senso de moralidade, deram-lhe notável e poderosa influência. Em muitos escritos refutou falsas acusações contra os cristãos e o Cristianismo, salientando o poder da verdade cristã.

Os homens que realizaram o trabalho de mestres nas igrejas foram de utilidade extraordinária no desenvolvimento do Cristianismo daqueles dias. Exemplo notável de mestre foi Orígenes de Alexandria (185-253). Nascido de pais crentes, recebeu a melhor educação que era possível obter naquela época. Na cultura e poder intelectual não houve quem o superasse no seu tempo. Ele e Tertuliano foram os dois maiores homens da Igreja dos séculos 2º e 3º. Com apenas 18 anos de idade, Orígenes tornou-se mestre de uma escola de catequese da igreja de Alexandria. Veio a ser ali uma fortaleza que tornou o Cristianismo conhecido dos cristãos e não-cristãos. Escreveu muitos livros que expunham as verdades evangélicas, inclusive bom número de comentários de alguns livros da Bíblia e que ainda são de valor para os estudio-

MEIOS DE
CRESCIMENTO:
(1)
MISSIONÁRIOS

(2)
APOLOGISTAS -
JUSTINO

TERTULIANO

(3)
OS MESTRES -
ORÍGENES

sos. Na perseguição movida pelo imperador Décio, foi vítima de grandes crueldades que apressaram sua morte.

(4)
O CRISTÃO
COMUM

Todavia, a maior parte da obra que contribuiu poderosa e decisivamente para espalhar a causa da cruz foi realizada pelos cristãos em geral. Por suas vidas, especialmente pelo seu grande amor fraternal e também pelo amor aos descrentes, pela fidelidade e coragem sob as perseguições e pelo testemunho oral da história do Evangelho, esses desconhecidos servos de Cristo levaram aos pés do Salvador a quase totalidade dos que foram ganhos para a Causa do Evangelho naquele tempo.

PERSEGUIÇÕES
SUAS CAUSAS

Nunca faremos uma apreciação segura das conquistas que a Igreja fez nesses séculos se esquecermos que elas foram alcançadas em meio à mais feroz perseguição. A partir de Nero (54-68), o governo romano hostilizou tenazmente o Cristianismo. Qual a causa dessa atitude? O governo permitia a livre prática de muitas religiões. Mas o Cristianismo era diferente das outras religiões. Os crentes prestavam obediência e lealdade supremas ao seu Salvador. E para os romanos, o Estado era a suprema força, e a religião era uma forma de patriotismo. Os deuses reconhecidos pelo Estado eram cultuados com o objetivo de beneficiar o governo e a nação. Qualquer adepto de outra religião estava disposto a prestar tributo aos deuses nacionais, ao mesmo tempo que realizava o seu próprio culto.² Mas o Cristianismo era exclusivista. Não condescendia em prestar culto a outra divindade. Os cristãos sustentavam a inutilidade dos deuses, exceto o que eles adoravam. De modo algum prestariam culto aos deuses romanos, por ordem do Estado. Jamais colocariam César acima de Cristo. Podemos entender por quê, aos olhos dos governos romanos, o Cristianismo parecia um ensino desleal e perigoso para o Estado e para a sociedade. Assim os cristãos foram acusados de anarquistas, sacrílegos, ateus e traidores. O governo, então, hostilizava o Cristianismo porque o considerava uma ameaça ao Estado Supremo. Usava de um meio muito conveniente para pôr à prova a lealdade dos cristãos. Estes eram levados a juízo e obrigados a participar das cerimônias da religião do Estado, na adoração das estátuas de Roma e dos imperadores. Quando os cristãos, naturalmente, se recusavam a prestar esse culto, as autoridades os consideravam traidores. Era bastante alguém confessar: “Sou cristão”, para tal testemunho constituir desobediência ao Estado.

² A Lei dispensava os judeus do culto aos deuses romanos.

**RAZÕES
ESPECIAIS**

Dois fatos contribuíram para aumentar a oposição oficial ao Cristianismo: primeiro, seu crescimento a despeito da repressão; segundo, suas principais reuniões, como a Ceia do Senhor, eram realizadas a portas fechadas. A Igreja parecia aos olhos do governo uma perigosa arma secreta que crescia assustadoramente.

**HOSTILIDADE
POPULAR**

Por muito tempo o governo fez as vezes do povo no ataque ao Cristianismo. Até o século 3º, quando os cristãos se tornaram mais bem conhecidos, o Cristianismo era odiado pelo povo. O repúdio dos cristãos ao culto do Estado, símbolo de patriotismo, tornava-os traidores aos olhos do povo. Era como se alguém se recusasse a prestar homenagem à bandeira da sua pátria. Os cristãos repudiaram todos os deuses antigos, cujo culto era considerado necessário para a felicidade social. A sociedade tinha muitas fases da sua vida ligadas a essas formas de culto. Os cristãos, por essa razão, eram tidos como a pior classe de revolucionários, destruidores dos fundamentos da civilização; não obstante serem, como afirmavam e o eram, sujeitos e obedientes às outras leis. Os cristãos consideravam-se um povo à parte, escolhidos peculiarmente por Deus, e, agindo como tais, não se conformavam com os costumes populares, naquilo em que a religião os impedia. Essa atitude criou ambiente hostil. Boatos de indecências praticadas pelos cristãos em suas reuniões de caráter privado aumentaram a hostilidade pública que se traduziu em ataques violentos da população, ataques de que os oficiais do governo, algumas vezes, os livraram.

**AÇÃO DO
GOVERNO**

Não houve uma perseguição contínua, de Nero a Constantino. O tratamento dado aos cristãos variava de acordo com as atitudes dos imperadores ou dos governos regionais. Houve muitas épocas de trégua em certas regiões ou no império todo. Mas durante todo o tempo o Cristianismo esteve fora da lei, e em qualquer ocasião os cristãos podiam ser presos e acusados diante de um magistrado. A recusa em participar no culto oficial significava tortura e, para os obstinados, a morte. Nenhum cristão, nesses séculos, pôde viver sem sofrer perseguição, de um modo ou de outro.

**ALTOS E
BAIXOS**

Até a primeira parte do século 3º, os ataques ao Cristianismo eram principalmente de caráter local. Depois de se experimentar a paz por uma geração, desencadeou-se a pior perseguição jamais sofrida, sob o governo de Décio e seus dois sucessores (250-260). Lançaram eles mão de todo o poder de que dispunham, numa tentativa sistemática e impiedosa de varrer o Cristianismo do império romano. Milhares foram martirizados e milhares abandonaram a fé. A Igreja estava seria-

mente ameaçada, enfraquecida e em perigo mortal quando a perseguição foi suspensa pelo imperador Galieno. Seguiu-se, então, a “Pax Longa” (260-303), durante a qual a Igreja muito conseguiu em número, poder e organização. Assim, ela ficou habilitada a suportar a última das perseguições, sob Diocleciano. Esta foi cuidadosamente organizada e ferocíssima, mas de pouca duração em algumas partes, prejudicando, relativamente pouco, a Igreja.

FIM DA PERSEGUIÇÃO

Em 311, apareceu um Édito de Tolerância, publicado por Galério, imperador no Oriente, no qual se reconhecia a insânia da perseguição aos cristãos. Dois anos mais tarde, o Édito de Milão, de Constantino e Licínio, imperadores do Ocidente e do Oriente, estabelecia a liberdade religiosa para todos. Tal Édito foi destinado a pôr fim à perseguição ao Cristianismo.

(b) A Vida na Igreja

EFEITOS NO CARÁTER

Essas grandes perseguições tiveram como resultado moldar em grande parte o caráter moral da Igreja. Só uma pessoa zelosa e fiel professaria a fé em Cristo quando tal ato constituía hostilidade ao governo. A vida cristã foi assim mantida num alto nível moral. Durante períodos de paz, muita gente entrava na Igreja. Muitos, porém, entravam sem a verdadeira conversão, o que resultava no rebaixamento do nível moral da Igreja. Voltando a perseguição, os fracos desistiam ante o terror e o sofrimento que tinham de enfrentar por amor a Cristo. Desse modo, a Igreja era expurgada dos membros nominais, e os fiéis se tornavam mais vigorosos no testemunho do Senhor.

ESTABILIDADE NO CARÁTER

Nos séculos 2º e 3º, o caráter geral dos cristãos permaneceu como desde o princípio, bastante elevado, o que os tornava distintos do resto do mundo. Não obstante haver algumas exceções, os cristãos, em geral, eram conhecidos por sua moralidade superior. A fraternidade cristã, a pureza, a honestidade, a bondade eram as suas principais características. O mundo ficou especialmente impressionado com a expressão de amor fraternal desses cristãos, qualidade esta que era estranha para o mundo. Era comum a necessidade entre eles, pois havia muitos pobres. As perseguições deixavam muitas viúvas e órfãos e provocavam confiscação de bens. O amor cristão supria essas necessidades. Mas esse amor não se limitava somente aos irmãos na fé. Em época de calamidade, como pestilências, etc., os cristãos cuidavam dos necessitados, sem distinção, numa era quando ninguém se atrevia a fazê-lo.

Nesses dois séculos, apareceram duas tendências que mais influenciaram poderosamente a vida dos cristãos. Uma delas foi o ascetismo, que vem a ser a disciplina do caráter alcançado pela abstenção voluntária de coisas que em si mesmas são lícitas. Havia pessoas que jejuavam e renunciavam à vida em sociedade por uma existência solitária. Pensavam que desse modo seria possível alcançar uma justiça especial.

ASCETISMO

A outra tendência foi o legalismo. Era uma interpretação do sentido moral da religião, como obediência a certas leis e regras definidas. Os legalistas oravam muito e jejuavam em certos dias da semana e davam esmolas regularmente. A liberdade da vida cristã ensinada por Paulo foi, de certo modo, substituída por um sistema de regras e práticas de certas obras.

LEGALISMO

Já fizemos referência ao fato de que, no intervalo das perseguições, gente não-convertida, por alguma razão, unia-se à Igreja, rebaixando, assim, o nível médio do caráter dos cristãos. Isso deixava insatisfeitos muitos cristãos sinceros, fiéis. Entristeciam-se eles com o padrão de vida que a Igreja estava permitindo existir no seu seio. Surgiu, desse modo, uma distinção que criou dois tipos de conduta cristã. As “exigências” do Evangelho eram para os cristãos em geral. Os “avisos” do Evangelho, para os que aspiravam uma vida espiritual mais perfeita. Havia, então, em processo, um duplo padrão de vida cristã: as “exigências” constituíam a simples guarda de certas regras e preceitos da Igreja; os “avisos” eram para os que desejavam uma vida ascética de voluntária abstenção com o fim de alcançar ainda maior santidade. Os elementos de realce dessa vida moral mais elevada eram: pobreza e celibato.

DUPLICIDADE

(c) O Culto e os Sacramentos da Igreja

Em meados do 2º século era já costume estabelecido ter-se, no Dia do Senhor (Domingo), uma reunião para a leitura da Escritura, oração, cântico de salmos e hinos e pregação, encerrando-se tudo com a Ceia do Senhor. Como esse fosse um dia comum de trabalho, as reuniões eram pela manhã muito cedo. A primeira parte dos serviços religiosos tinha caráter público, mas somente os crentes podiam estar presentes à ministração dos sacramentos. Nos séculos 2º e 3º começaram a aparecer certas fórmulas para oração, liturgias ou ordens expressas de culto.

CULTO

SACRAMENTOS

Já ao fim do 2º século, o batismo era ministrado com um ritual elaborado. Surgiu a crença de que o batismo lavava os pecados. A Ceia do Senhor ou Eucaristia começou a ser ministrada por meio de uma certa forma litúrgica. Especulações sobre o seu significado deram origem, no 3º século, a uma doutrina que tinha duplo aspecto. Primeiro, a Ceia era considerada um sacramento em que Cristo estava realmente presente, de sorte que o comungante tinha comunhão pessoal com ele. Segundo, era considerada também como um sacrifício que movia o sentimento de Deus a favor dos comungantes e daqueles por quem estes orassem.

(d) A Crença da Igreja**GNOSTICISMO**

Nesse período a Igreja começou a desenvolver e aprofundar seu pensamento sobre os elementos fundamentais da sua fé, pesquisas estas que deram origem aos credos do século 4º e do 5º. O primeiro impulso para isso procedeu do *Gnosticismo*. No 2º século, esse movimento espalhou-se no Oriente, especialmente na Ásia Menor. O Gnosticismo era uma teoria muito parecida com o Cristianismo, por isso mesmo muito perigosa. Ao mesmo tempo, distanciava-se da doutrina cristã, pois negava que Deus fosse o Criador do mundo e dos homens, como também negava que Cristo tivesse tido uma vida física real. Para que os catecúmenos ou candidatos ao batismo fossem devidamente instruídos, como também para defender o Cristianismo dos erros dos gnósticos, foram estabelecidas certas declarações breves sobre o que constituía objeto de fé para os cristãos. Certos credos, muito semelhantes ao Credo dos Apóstolos, apareceram em vários lugares durante o 2º século. É natural que muitos deles viessem a se constituir, substancialmente, regra de fé da Igreja, e, como tal, fossem geralmente aceitos.

Cristo era o supremo objeto do pensamento cristão, pois era o alicerce e a força do Cristianismo. As idéias que a seu respeito surgiram foram simplificadas nestes dois aspectos: sustentar a crença num único Deus e dar a Cristo o lugar que lhe era devido.

(e) A Organização da Igreja*1. Organização Eclesiástica Local*

Como vimos, no 1º século não havia um padrão uniforme de organização eclesiástica. Algumas Igrejas eram governadas por grupos

de presbíteros ou bispos, auxiliados pelos diáconos. Já em meados do 2º século havia uniformidade de organização. Praticamente, cada igreja tinha um bispo que dirigia, além do grupo de presbíteros e diáconos. A palavra “bispo”, aqui, não deve ser mal-entendida. Esses bispos não tinham seu governo, distritos ou zonas. Eram pastores, cada qual da sua igreja. É fácil de verificar como isso procedeu do sistema de governo exercido pelos dois grupos. Em certos casos, um só homem pode dirigir melhor do que vários.

2. A Igreja Católica

Vimos como no 1º século as igrejas eram independentes. Não havia governo que exercesse autoridade sobre mais de uma igreja. No segundo, ainda permaneceu a mesma situação. Mas no terceiro quartel do 2º século, começou a surgir uma organização que depois veio a ser conhecida como Igreja Católica. O termo “católica” quer dizer *universal*. Esta foi uma federação ou associação de igrejas que eram ligadas por um acordo formal, com três aspectos. No 1º século, as igrejas tinham uma unidade espiritual, pelo amor, unidade baseada na fé em Cristo. No 2º século, além da unidade espiritual havia também uma unidade exterior. As igrejas que faziam parte da associação chamada “católica” eram unidas, primeiro por terem uma só forma de governo, isto é, bispos, presbíteros, diáconos; segundo, pela adoção de um só credo, substancialmente o Credo dos Apóstolos; e terceiro, por todas reconhecerem e receberem uma só coleção de livros do Novo Testamento. Havia igrejas que não tinham a forma de governo acima descrita, nem concordavam todas com o mesmo credo, nem recebiam alguns dos livros aprovados. Essas igrejas eram reputadas pela Igreja Católica como heréticas.

A organização da Igreja Católica tornou-se necessária em face de um grande perigo. O Gnosticismo lançava confusão nas massas a respeito da verdade cristã. Outro movimento estava também produzindo dissensão: o *Montanismo*. Os montanistas desejavam uma igreja como a do 1º século, sob a direção do governo direto do Espírito Santo. Sustentavam que as autoridades da Igreja estorvavam a ação do Espírito, e se opunham ao poder sempre crescente que se desenvolvia no ministério. A crença deles a respeito da direção imediata do Espírito levou-os a uma estranha e fanática emissão de sons e palavras. Para preservar a religião cristã de se perder na confusão, foram necessários certos meios de unidade externa. O meio de que lançaram mão foi a organização da

ORIGEM

UM SÓ
GOVERNO

UM SÓ Credo

UMA SÓ BÍBLIA

MONTANISMO

Igreja Católica, uma instituição que pretendia possuir autoridade, excluindo do seu seio os que se recusassem a lhe obedecer. Esse fato teve posteriormente resultados funestos, mas foi necessário naquele tempo.

3. *Outro Desenvolvimento na Organização da Igreja*

PODER CLERICAL

Durante esses séculos verificaram-se várias mudanças na atitude do ministério. A distinção entre um clérigo e um leigo, desconhecida no 1º século,³ foi aparecendo gradualmente. Bispos, presbíteros e diáconos eram separados, distintos, na posição que ocupavam, dos demais membros das igrejas. O desenvolvimento da idéia de uma moral mais alta deu lugar à crença de que o clero deveria ser celibatário. Isso veio a se constituir lei na Igreja ocidental no 4º século. Nas igrejas maiores começaram a aparecer clérigos oficiais de graduação inferior, tais como subdiáconos e leitores. No ano 251, a Igreja de Roma, a maior das igrejas, tinha para mais de 150 clérigos de várias categorias.

SACERDÓCIO MINISTERIAL

A idéia de que o ministro cristão é um sacerdote, isto é, que ele permanece entre o homem e Deus, começou a prevalecer no 3º século. Tal idéia correu paralela com a crença de que a Ceia do Senhor é um sacrifício oferecido a Deus em favor do povo. Naturalmente, a idéia do sacerdócio ligava-se especialmente à pessoa do bispo. O ofício de bispo era então muito elevado. Atribuiu-se-lhe autoridade divina que o capacitava a ensinar a verdade cristã sem cometer erros. Atribuiu-se-lhe mais poder divino para declarar os pecados perdoados. Vimos que em algumas igrejas teve lugar uma centralização de poder pela qual um dirigente tornou-se o único cabeça da igreja local. A esse, seguiu-se outro passo na centralização. No 2º século o bispo era o pastor de uma igreja numa cidade. À proporção que crescia o número de crentes, outros grupos se formavam na mesma cidade e nas adjacências. Todos esses grupos ficavam sob o governo do bispo da igreja-mãe (matriz). Cada uma das outras igrejas era dirigida por um presbítero; e o bispo exercia superintendência sobre todo o distrito ou diocese.

BISPOS DIOCESANOS

³ O autor refere-se, naturalmente, à distinção antibíblica que, no decorrer dos séculos, se fez entre o clero e os leigos na Igreja, porque é incontestável que Jesus Cristo instituiu o princípio de autoridade, pelo qual um governante ou um corpo de governantes mande e outros sejam mandados, vindo daí a necessidade de os apóstolos instituírem presbíteros nas Igrejas, e Pedro poder dizer a esses presbíteros: "pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós". E "igualmente aos jovens: sede submissos aos que são mais velhos" (1 Pe 5.1-5). (Nota do Tradutor).

Não tinha ainda surgido no 2º século nenhum governo geral, organizado, da Igreja. Havia sínodos ou reuniões de bispos para tratarem das necessidades particulares. Nesse século, desenvolveram-se duas idéias de unidade da Igreja. Uma, foi que a unidade repousava na concordância com os pontos de vista da parte dos bispos. A outra, foi que a unidade consistia na aceitação da autoridade de um bispo, o bispo de Roma. Sendo a igreja da capital do império a maior e a mais rica de todas as igrejas, naturalmente cresceu em poder e influência. A partir do fim do 2º século, os bispos de Roma começaram a reivindicar a autoridade geral. Um século mais tarde essa liderança já tinha sido reconhecida no Ocidente, não, porém, no Oriente.

**UNIDADE DA
IGREJA**

QUESTIONÁRIO

1. Quais foram as causas internas do declínio do Império Romano?
2. Quais as relações dos germanos com o Império Romano, nessa época?
3. Descreva a expansão geográfica do Cristianismo de 110 a 313 d.C.
4. Descreva sua expansão na sociedade.
5. Por que meios conseguiu o Cristianismo esse crescimento?
6. Qual a causa principal da perseguição imperial ao Cristianismo?
7. Descreva a política geral do governo com relação aos cristãos.
8. Descreva as perseguições do 3º e 4º séculos.
9. Como terminou a perseguição?
10. Qual o caráter dos cristãos, geralmente falando, nessa época?
11. Explique o que foi o ascetismo e o legalismo.
12. Descreva o culto dominical nesse período.
13. Quando foi adotado o Credo dos Apóstolos e por quê?
14. Qual o padrão de governo eclesiástico local que prevaleceu no 2º século?
15. O que era a Igreja Católica do 2º século?
16. Qual a idéia do sacerdócio ministerial?
17. Descreva como apareceu o bispo diocesano.

CAPÍTULO QUATRO

A IGREJA ANTIGA

**Segunda Parte
(313-590 d.C.)**

I. O MUNDO EM QUE A IGREJA VIVIA

O 4º e o 5º séculos viram a continuação do declínio do império romano, e, finalmente, a sua queda no Ocidente. Constantino governou o império a partir de 323, com energia e sabedoria. Transferiu a capital para a sua nova e belíssima cidade de Constantinopla (Istambul). Depois dele, verificou-se novamente a divisão de autoridade até Teodósio, o qual, já governando no Oriente, obteve o poder total que manteve de 392 a 395. Foi ele o último a manter o domínio de todo o mundo romano. Depois dele, houve duas linhas de imperadores, os do Oriente e os do Ocidente, com as capitais em Constantinopla e Roma.

**GOVERNO
DO IMPÉRIO**

Durante todo esse tempo, o império vinha se esfacelando internamente à medida que se acentuavam os ataques externos dos bárbaros. Em 373, aconteceu em Adrianópolis uma das mais decisivas batalhas do mundo, em que os visigodos que habitavam o baixo Danúbio derrotaram os romanos sob o comando de Valêncio, e mataram esse imperador. Depois desses eventos, os visigodos, sob as ordens de Alarico, procederam ao saque de Roma, em 410. Seguiram-se várias outras conquistas por parte de várias tribos germânicas, que arrebataram uma boa parte do império. Os visigodos estabeleceram um reino na Espanha e outro no sudeste da França e oeste da Alemanha; os borgúndios se espalharam pelo sudeste da França; os francos dominaram o norte da França; os anglos e saxões se apossaram da Inglaterra. No oeste, somente a Itália permaneceu sob a autoridade imperial. Esta era apenas uma sombra, pois por muitos anos os verdadeiros governantes e dominadores tinham sido os líderes do exército germânico, os quais levantavam ou derrubavam os imperadores. Finalmente, em 476, o general germânico, Odoacro, destronou Rômulo Augusto, o último imperador romano do Ocidente, e ocupou o governo.

GERMANOS

**FIM DO
IMPÉRIO
OCIDENTAL**

Muito antes disso várias partes do império ocidental já se encontravam em anarquia, que se prolongou até muito depois do século sexto. As tribos germânicas que se apoderaram de partes do império começaram a guerrear entre si. Não surgiu nenhum governo forte semelhante ao de Roma, e o Ocidente europeu caiu na miséria e no caos.

No Oriente, os imperadores mantiveram seu poder em Constantinopla; não obstante, sofreram ataques externos e enfraquecimento interno. Muitos deles governaram efetivamente os seus domínios no Oriente europeu, Ocidente da Ásia e nordeste da África. Um deles, Justiniano (527-556), foi um dos maiores imperadores romanos. Reto-

**IMPÉRIO DO
ORIENTE**

mou muito do antigo território que o império controlava no Mediterrâneo, e no seu governo a civilização se desenvolveu substancialmente. Depois dele, embora o império ainda permanecesse, não foi, todavia, tão próspero. Não obstante haver por tanto tempo dois imperadores, o império não era considerado dividido; era-o somente o seu governo. Os povos o consideravam um único império romano e ambos os governos como imperadores romanos. Depois da queda do Ocidente, os monarcas de Constantinopla pretendiam ser os únicos governantes do império romano.

II. A IGREJA

(a) A Extensão da Igreja

1. Nos Territórios Romanos

CONSTANTINO E O CRISTIANISMO

Antes de Constantino, o Cristianismo vivia em conflito com o mundo; com ele, o Cristianismo passou a dominá-lo. Não são muitas as razões, nem claras, para essa mudança de situação. Sem dúvida, Constantino sentiu que o Cristianismo não podia ser destruído, pois se fortificava cada vez mais. Isso, talvez, o tenha convencido de que o Deus dos cristãos era bastante forte e o tenha feito desejar as orações dos cristãos a fim de alcançar bênçãos para o seu governo. Sem dúvida, percebeu também que, se o Cristianismo fosse ajudado e se tornasse bastante forte, seria um poderoso elemento para a unificação de todos os povos do império. Sem dúvida, teve simpatia pessoal pelo Cristianismo, mas nunca demonstrou em sua conduta qualquer influência da moral cristã.

ESTRATÉGIA DE CONSTANTINO

Constantino revolucionou a posição do Cristianismo em todos os aspectos. Primeiramente, como já foi dito, ele e Licínio, em 313, estabeleceram completa liberdade religiosa que proporcionou igualdade de direitos a todas as religiões. Depois mostrou-se favorável ao Cristianismo, fazendo ofertas valiosas para a construção de igrejas, manutenção do clero e isentando-o dos impostos. Juntou as águias dos seus estandartes ao lábaro, o símbolo de Cristo. Afinal, entrou ativamente nos assuntos da Igreja, tentando dirimir disputas doutrinárias. Por todo esse tempo não foi cristão professo, pois não recebeu batismo até pouco tempo antes de morrer. Ele não tornou o Cristianismo a religião oficial do império. A antiga religião do Estado foi mantida, e Constantino continuou como seu pontífice *maximus* ou sumo sacerdote. Mas

seu interesse e auxílio deram ao Cristianismo uma posição de indiscutível prestígio.

A nova situação da Igreja no mundo trouxe-lhe rápido desenvolvimento que, por um lado, foi um bem para ela, e, por outro, um grande mal. Livre de perseguição, disciplinada e purificada pelas provações por que passou, desenvolveu poderosamente a sua obra, tanto nos antigos como nos novos campos de trabalho. Dentro do império, muitos da antiga população não eram cristãos, e inúmeros pagãos bárbaros vieram se estabelecer no império. Muitos bispos cristãos pregavam aos descrentes em suas dioceses e encorajavam o trabalho missionário em toda parte.

Na França central, no 4º século, Martinho, bispo de Tours, homem dotado de grande eloquência e caridade extraordinária, fortaleceu grandemente o Cristianismo, por seu incansável labor, auxiliado por discípulos preparados nos mosteiros que ele mesmo fundara. Ao mesmo tempo, Ulfilas realizava uma extraordinária obra missionária entre os godos, nas regiões do Baixo Danúbio. Traduziu grande parte da Bíblia para a língua desses povos, tendo preparado antes um alfabeto apropriado. Principalmente por causa desse trabalho, os visigodos, quando capturaram Roma em 410, já eram cristãos. As obras de filantropia da Igreja, seus hospitais, hospícios para os estrangeiros, orfanatos, auxílio às viúvas e aos pobres, atraíram muita gente, embora muitos não fossem realmente convertidos. Naquela sociedade que se desintegrava, nos séculos 4º e 5º a Igreja era o único refúgio e esperança dos pobres. Em parte, por motivo desses esforços da Igreja, o Cristianismo espalhou-se rapidamente nesses séculos, nas partes do império onde a religião ainda não se tinha formado, especialmente na Grécia, alto Egito, norte da Itália, Espanha, França e nas terras ao longo do Reno e do Danúbio. Na Britânia, onde o Cristianismo já tinha penetrado desde antes do ano 300, surgiu, no 4º século, uma Igreja vigorosa.

Além dos esforços da Igreja, o poder oficial contribuiu para o número de cristãos se dilatar. Esse benefício foi, porém, duvidoso. Logo que Constantino se constituiu patrono do Cristianismo, este tornou-se uma religião eivada de heresias e de inovações. Os sucessores desse imperador seguiram seu exemplo, e com maior ênfase. Eles sustentavam o Cristianismo, interferiam e exerciam autoridade nos negócios da Igreja. Desse modo o Cristianismo, embora não o fosse de forma nominal, veio a ser praticamente a religião oficial do império. Isso

**ATIVIDADE DA
IGREJA**

**MARTINHO DE
TOURS**

ULFILAS

EXPANSÃO

FAVOR IMPERIAL

resultou na entrada de muita gente para a Igreja somente por ser a religião apoiada pelo governo. Essa posição do Cristianismo sofreu um colapso no governo de Juliano (361-363), que tentou, num esforço inútil, restaurar o paganismo. Diz a história que, ao aproximar-se da morte e vendo sua luta perdida, disse “Venceste, Galileu!”. Poucos anos depois (380), Teodósio, imperador cristão do Oriente, baixou um decreto pelo qual todos os súditos do império deveriam aceitar a fé cristã como estabelecida pelo Concílio de Nicéia. Continuou com essa política até que se tornou governador do mundo romano, em 392. Assim, o Cristianismo veio a ser uma parte da lei imperial. Esse ato deu, naturalmente, o golpe de morte no paganismo dentro do império. Muitos templos pagãos e ídolos foram destruídos e por volta do ano 400 o culto pagão havia desaparecido. Isso parecia uma vitória extraordinária, pois a religião que havia um século tinha sido perseguida tenazmente, tornava-se a religião oficial do império. Na realidade, tal situação não constituía uma vitória, pois o novo estado de coisas veio provar que nas igrejas havia multidões que nada conheciam do Cristianismo, nem o possuíam.

2. *Fora dos Territórios Romanos*

O Cristianismo estendeu-se extraordinariamente muito além das fronteiras do império romano. Na Mesopotâmia havia muitos cristãos do credo Nestoriano, de que trataremos mais adiante. Provavelmente, a própria Índia tenha sido alcançada pelas alturas do ano 500. Na Etiópia o Evangelho entrara antes de 350. No século seguinte alcançou a Irlanda, o limite mais ocidental do mundo de então. Ali o notável pioneiro foi Patrício, embora outros cristãos tivessem estado ali antes dele. Nascido na Bretanha, de pais cristãos, foi, na infância, capturado pelos piratas irlandeses e levado como escravo para a Irlanda. Conseguiu fugir para a França, tendo vivido certo tempo num mosteiro e voltado depois à Bretanha. Mas vivia dominado pelo desejo de evangelizar os irlandeses que tinham sede de Cristo. “Parecia ouvir a voz dos habitantes da floresta Fochlad, chamando-me a ir ter com eles”. Mais tarde, depois de alguns anos de estudo na França, foi para a Irlanda, em 433. Ali, por trinta anos, foi um missionário de singular devoção, de vida profundamente cristã, e pôde lançar naquela terra duradouros alicerces cristãos.

Enquanto isso, no sudeste da Escócia, Niniam, um notável missionário, fazia um grande trabalho. Os fundamentos desse trabalho, po-

**RELIGIÃO
IMPOSTA**

**CRISTÃOS
NOMINAIS**

**CRISTIANISMO
NO ORIENTE**

**IRLANDA
PATRÍCIO**

**ESCÓCIA
COLUMBA**

rém, foram lançados por Columba que, logo depois do ano 550, conduziu uma companhia de monges irlandeses para uma pequena ilha, Iona, na costa oriental da Escócia. Do mosteiro ali estabelecido, Columba e seus companheiros partiram para seu trabalho missionário que se espalhou largamente pela Inglaterra e Escócia, estendendo-se depois ao continente: França, sul da Alemanha e Suíça. Nenhuma narrativa da história cristã primitiva tem maior brilho do que a história do trabalho desses monges irlandeses e escoceses. Seu ensino tinha uma simplicidade apostólica raramente encontrada em outra parte, e suas vidas eram de uma pureza e consagração extraordinárias. Isso contrasta chocantemente com um trabalho missionário que encontramos no 5º século, trabalho de cristianização superficial de um povo. Clóvis, rei dos Francos, tinha uma esposa cristã que de há muito tentava convertê-lo. Achando-se ele em apertos numa batalha, fez o voto de tornar-se cristão, caso Cristo o auxiliasse a conseguir a vitória. Alcançando-a, declarou-se cristão e obrigou o seu povo a aceitar o Cristianismo. No Natal de 496, ele e três mil dos seus guerreiros foram batizados. Foi assim que as mais poderosas tribos germânicas tornaram-se nominalmente cristãs. A história posterior de Clóvis e dos francos prova que esse Cristianismo era realmente superficial.

FRANCOS

(b) A Vida na Igreja

A nova posição da Igreja, aliada ao século, de modo algum foi benéfica à sua vida. A entrada de multidões nas igrejas impediam-na de manter aquela vigilância e aquele escrúpulo necessário ao preparo e exame cuidadosos dos candidatos, como sempre o fizera. A maioria dos que entravam para a Igreja era realmente pagã, gente de vida reprovável. Era natural que aparecesse uma queda no nível moral do caráter cristão. Para enfrentar essa situação, a Igreja desenvolveu sua disciplina, isto é, seu método de tratar as ofensas contra a moral, etc. No entanto, as pessoas só eram instruídas quanto aos deveres da vida cristã depois de terem entrado para a Igreja, em vez de o serem antes. Para certos atos julgados imorais, havia penas severas; para ofensas menores, havia penitências, tais como: confissões públicas, jejuns e orações; para as faltas mais graves, havia a excomunhão.

DECLÍNIO
MORAL

DISCIPLINA

Por esse tempo, muitíssimos cristãos sinceros tornaram-se ansiosos por uma vida mais elevada, mais piedosa do que a que existia ao redor deles. Foi por isso que surgiu uma forma de vida que estava

MONAQUISMO

**MOTIVO:
SALVAÇÃO**

destinada a se tornar uma das mais poderosas forças na história da cristandade – o monaquismo. O que levou homens a se tornarem monges foi o desejo de salvação. Sob dois aspectos, a vida do claustro parecia um meio mais seguro de salvação do que a vida comum dos demais homens.

**(1)
SEPARAÇÃO
DO MUNDO**

Era uma vida separada do mundo, portanto, pensava-se, livre dos embaraços que a vida cristã encontrava na sociedade. Nos primeiros séculos, os cristãos viviam numa sociedade pagã cheia de tentações. Depois que a sociedade tornou-se nominalmente cristã, continuou por muito tempo praticamente pagã. Além disso, a Europa esteve por muitos séculos em guerras constantes. Na própria Igreja havia muita maldade. Os que desejavam fortemente uma vida cristã mais profunda começaram a pensar que o único meio para alcançá-la seria fugir da vida comum da sociedade.

**(2)
ABNEGAÇÃO**

Em segundo lugar, a vida monástica oferecia uma oportunidade de a santidade ser alcançada pela completa negação dos desejos. Tudo girava em torno do pensamento de que o mal estava na matéria, inclusive o próprio corpo. Portanto, acreditava-se que se podia obter a santidade libertando, até onde possível, o espírito do corpo. E isso era conseguido ao negar ao corpo o que este desejasse. Uma forma muito apreciada de negação pessoal era a da completa pobreza. Chegou-se, assim, a pensar que a verdadeira vida religiosa, tanto para homens como para mulheres, seria renunciar a todos os bens, viver em pobres alojamentos, vestir-se sem conforto, alimentar-se muito pouco, dormir pouco, flagelar-se em penitência, viver em celibato.

**NO ORIENTE E
NO OCIDENTE**

Desde o segundo século havia no Oriente, especialmente no Egito, milhares de monges ermitões, que moravam em lugares desertos e viviam em extrema pobreza. Eram considerados, pela maioria, como homens peculiarmente santos. No 4º século, a idéia monástica chegou ao Ocidente, porém a vida monástica tomou uma forma diferente da do Oriente. O monge típico do Oriente era um solitário; no Ocidente ele era membro de uma comunidade. Homens e mulheres abandonavam a vida da sociedade e entravam em comunidades favoráveis à vida cristã, governados por uma rígida disciplina. Na parte oriental da Igreja, a vida monástica era social, uma vida de irmandade, de fraternidade cristã em que todos os bens eram comuns e quase todas as coisas eram feitas em comum.

**A REGRA
BENEDITINA**

No 4º século, a famosa regra beneditina foi organizada por Bento de Nursia, na Itália. Em pouco tempo, em todo o Ocidente, ela tornou-

se praticamente a lei geral da vida monástica. Bento verificou que a vida dos monges precisava de direção e pureza, e tentou alcançar esses elementos por meio da sua regra ou sistema monástico. Nela, o voto feito pelo monge era por toda a vida, de modo que a pessoa morria para o mundo. Requeria-se o abandono de todas as propriedades. Eram prescritas as virtudes que deveriam cultivar: abstinência, obediência aos superiores, silêncio, humildade, etc. Os deveres eram também prescritos detalhadamente, dividindo-se o tempo entre o culto, os trabalhos manuais em casa, trabalhos nos campos e estudos. A reforma produzida pelas regras disciplinares deu grande popularidade à vida monástica, ensejando o aparecimento de muitos novos mosteiros que se enchiam, tão logo estivessem prontas as novas edificações. O monaquismo estava pronto para realizar a sua grande obra no início da Idade Média.

(c) A Crença da Igreja

O 4º e o 5º séculos foram o principal período da história da Igreja no que respeita à manifestação da sua crença. Foi nessa época que surgiram os credos ainda hoje aceitos pelos cristãos do todo o mundo. No período precedente, como vimos, Jesus Cristo era o assunto fundamental do pensamento da Igreja. A discussão quanto à natureza de Cristo crescia cada vez mais; especialmente no Oriente, onde a influência grega produziu um profundo interesse em questões de doutrina. No começo do 4º século, Ário, presbítero de Alexandria, ensinou que Cristo não era homem nem Deus, mas um ser intermediário entre a divindade e a humanidade. Tal ponto de vista espalhou-se rapidamente no Oriente. A disputa sobre esse assunto dividiu a Igreja e causou mesmo perturbações da ordem pública.

A fim de pacificar os ânimos, Constantino convocou o primeiro Concílio Geral da Igreja, em Nicéia, na Ásia Menor, em 325. Ali Atanásio teve uma grande vitória. Ele foi o principal oponente de Ário e seu partido. O Concílio afirmou a divindade de Cristo, pela qual lutou Atanásio, e foi declarado que Cristo “era da mesma substância do Pai”. Foi grande a influência do imperador na decisão. Ao mesmo tempo ela correspondia com o pensamento de quase todos os bispos. Durante a intensa disputa teológica no Concílio, verificou-se que a maioria dos bispos não era composta de teólogos, mas de pastores; e o que influenciou foi o apelo feito por Atanásio à fé, à convicção deles — o resultado da sua experiência cristã. Eles criam que o Cristo, a quem conheciam

**IDÉIAS
SOBRE CRISTO**

**CONCÍLIO
DE NICÉIA**

como Redentor, não podia ser senão Deus. O Credo aceito pelo Concílio constitui a maior parte do chamado Credo Niceno, o qual foi confirmado pelo de Calcedônia, no século seguinte. O ensino desse credo tem sido aceito desde então por toda a Igreja Cristã. A questão da divindade de Cristo, tendo sido vitoriosa, a discussão voltou-se para o assunto da relação entre sua natureza divina e humana. Foram tremendas as divergências de opinião que chegaram a provocar divisões na Igreja. O quarto Concílio Geral de Calcedônia, em 451, apresentou o pronunciamento final da Igreja sobre este assunto, declarando que em Cristo as duas naturezas – a divina e a humana – existiam em plena igualdade.

**CONTROVÉRSIA
CRISTOLÓGICA****ORTODOXIA**

As grandes verdades que são vitais à fé cristã, como as da Encarnação e da Trindade, foram examinadas e expressas pela Igreja nessa “Era dos Concílios”. Tais decisões têm sido aceitas desde então pela cristandade. Ao lado dessa vitória surgiu um prejuízo, em virtude da tendência de se pensar que a coisa mais importante no Cristianismo era defender e guardar as definições corretas da verdade cristã. A prova de fé cristã de uma pessoa não era tanto a sua lealdade a Cristo, em espírito e pelo comportamento moral, senão a sua aquiescência ao que a Igreja declarava ser a doutrina correta, isto é, a sua ortodoxia. Quem não fosse considerado ortodoxo era expulso como herege, mesmo que sua vida fosse um testemunho contínuo de lealdade a Cristo.

**INVERSÃO
DE VALORES****JERÔNIMO**

Dois grandes homens que influenciaram profundamente o pensamento de toda a vida da Igreja foram Jerônimo e Agostinho. Jerônimo nasceu em 340, na Panônia, nas proximidades da atual Viena. Converteu-se ao Cristianismo com mais ou menos 25 anos de idade, quando era estudante em Roma. Depois de viver algum tempo em companhia de alguns amigos, dedicou-se ao estudo das Escrituras e à prática monástica, indo passar vários anos, feito monge, num deserto perto de Antioquia. Ali passou muitas dificuldades, mas sempre estudando. Indo para Roma, continuou ali os seus estudos. Em razão do seu grande amor ao Cristianismo, poder intelectual e extraordinário raciocínio, exerceu grande influência na aristocracia romana, particularmente entre algumas mulheres da nobreza. Em 385, o entusiasmo pela vida monástica o levou a viver numa cela de certo mosteiro de Belém. Ali viveu até sua morte em 420, estudando e escrevendo. A principal de suas obras foi a tradução que fez da Bíblia. O Antigo Testamento foi pela primeira vez vertido para o latim, diretamente do hebraico, e a então existente tradução latina do Novo Testamento foi cuidadosamente

**TRADUÇÃO DA
BÍBLIA**

revista. Desse modo, Jerônimo deu ao mundo uma das versões das Escrituras mais largamente usadas, que ficou depois conhecida como a *Vulgata*, a Bíblia da Idade Média. Revista depois, ainda hoje é aceita pela Igreja Católica como o texto autorizado das Escrituras. Em adição a esse trabalho, Jerônimo escreveu comentários, tratados de teologia, livros em defesa da vida monástica e inúmeras cartas.

Agostinho descreveu sua vida de jovem no seu maravilhoso livro intitulado *Confissões*. Nasceu no norte da África em 345. Sua mãe foi uma mulher de vida cristã muito profunda. Ele, porém, não lhe seguiu o exemplo na mocidade. Aos 30 anos era um mestre brilhante de retórica e oratória em Cartago. Não obstante ter meditado bastante em assuntos religiosos, era, praticamente, irreligioso, e sua vida era inútil e vergonhosa, segundo os padrões morais então existentes. Da África foi a Roma para ensinar, e daí a Milão.

Nessa cidade, a pregação de Ambrósio, o nobre bispo, abalou-o profundamente. Começou a estudar o Cristianismo, e quase se tornou persuadido. Mas ainda não estava pronto para seguir inteiramente a Cristo. Um dia, seu amigo cristão falou-lhe sobre Antônio, o famoso monge egípcio, e como dois de seus amigos se tinham convertido pelo estudo da vida do mesmo. Noutra ocasião, estranhamente abalado, correu para o jardim de sua casa, ouvindo ali uma criança do vizinho dizer-lhe: “*Tolle, lege*” (toma e lê). Tomou um volume das Epístolas de Paulo, e, ao abri-lo, seus olhos encontraram Romanos 13.13,14. Isso o fez decidir-se por Cristo, e em 387 foi recebido na Igreja. Entre Paulo e Lutero, o Cristianismo teve em Agostinho o maior de seus mestres, cuja influência ainda permanece em ambas as partes da Cristandade: no Protestantismo e no Catolicismo.

Oito anos após a sua conversão, Agostinho tornou-se bispo de Hipona, uma das mais importantes cidades africanas. Ali passou 35 anos devotado ao seu povo e escrevendo livros sobre vários aspectos da verdade cristã. Teve sérias dificuldades com os donatistas, grande corpo de cristãos que estava separado da Igreja Católica, e que possuía igreja própria. A separação acontecera muitos anos antes, porque os donatistas pensavam que a Igreja fora excessivamente tolerante para com os que haviam negado a fé nos tempos de perseguição, e que, por isso, tinha perdido o caráter de verdadeira Igreja. Pela sua argumentação e influência pessoal, Agostinho ganhou muitos deles. Infelizmente, a insensatez e a violência de outros o levaram a sancionar o uso da força imperial para compelir os desviados a voltarem à Igreja. O pen-

**AGOSTINHO
JUVENTUDE**

**SUA
CONVERSÃO**

**SUA OBRA E
INFLUÊNCIA**

samento de Agostinho sobre os donatistas deu origem à sua influente doutrina sobre a Igreja, doutrina que foi fundamentalmente importante para a Igreja Católica, tanto na Idade Média como na atual.

(d) O Culto da Igreja

SEU DESENVOLVIMENTO

A liberdade que o Cristianismo desfrutava e o desenvolvimento de suas riquezas deram origem a importantes formas de culto que seguiram certas linhas já preestabelecidas. Surgiram muitas liturgias e formas de oração. O elemento musical do culto tornou-se mais notável. Foram introduzidos coros nas igrejas, cânticos e antífonas. Apareceram nesse tempo muitos hinos, entre os quais, no 4º século, o *Te Deum*. Os templos tornaram-se maiores e cheios de decorações. Desenvolveu-se a arquitetura, as paredes e as colunas das igrejas cobriram-se de pinturas, mosaicos e desenhos. Os cultos se tornaram mais solenes e impressionantes. Agostinho narra como ficou bem impressionado na magnífica igreja de Ambrósio, em Milão, com a música solene, com o ritual, com a reverência das multidões e com a notável pregação do bispo.

EUCARISTIA

A celebração da Eucaristia tornou-se uma cerimônia imponente, com formas fixas, com muita atenção dispensada aos detalhes, tornando enfática a idéia de que o sacramento era um sacrifício oferecido pelo sacerdote a favor do povo, sacrifício eficaz para a salvação. Não obstante esse fato tornar a pregação menos importante, colocando-a em plano secundário, houve nessa época grandes pregadores, entre os quais Ambrósio, que teve a coragem de proibir o imperador Teodósio de entrar na igreja até que se arrependesse do massacre dos tessalonicenses; e João de Constantinopla, cuja eloquência lhe granjeou o título de Crisóstomo ou “boca de ouro”.

PREGAÇÃO

OUSADIA

PAGANISMO NO CULTO

O paganismo afetou o culto cristão nesses séculos, porque a Igreja viveu no meio desse paganismo até 400 d.C., e também porque, depois de Constantino, muitíssimos pagãos entraram na Igreja, sem conversão. O culto dos santos é um exemplo frisante dessa tendência. Era natural que se tributasse veneração aos mártires e a outros homens e mulheres, famosos por sua santidade. Para essa gente que estava acostumada aos deuses das suas cidades e aos seus lugares sagrados, e que não estava bastante cristianizada, a veneração dos santos transformou-se rapidamente em adoração. Os santos passaram a ser considerados como pequenas divindades cuja intercessão era valiosa diante de Deus. Os lugares onde nasceram e viveram passaram a ser conside-

rados santos. Surgiram as peregrinações. Começaram a venerar relíquias, partes de corpos e objetos que pertenceram aos santos e a tributar a esses objetos poderes miraculosos. Tudo isso foi fácil para aqueles que ainda persistiam nas superstições do paganismo. A idéia do culto dos santos foi mais acentuada no caso da Virgem Maria. Ao fim desse período, já o culto à Virgem estava vitorioso.

MARIOLATRIA

(e) A Organização da Igreja

1. Como a Igreja se Tornou Católica

Nesse período apareceu um governo geral da Igreja Católica nos concílios gerais ou ecumênicos. A autoridade desses concílios era exercida pela publicação dos credos que decidiam quanto à doutrina aprovada pela Igreja Católica. Tais concílios eram, em teoria, compostos de todos os bispos, embora nem todos estivessem presentes aos concílios do 4º e do 5º séculos. O engrandecimento do ofício do bispo tinha ido tão longe que se considerava a Igreja constituída somente deles; a Igreja era o bispo e aqueles em comunhão com ele. Quando se reuniam todos os bispos, julgava-se que a Igreja toda estava reunida. Daí julgar-se que um concílio de bispos tinha a direção do Espírito Santo prometido à Igreja.

CONCÍLIOS
SERAISOFÍCIO DO
BISPO

Temos visto na Igreja Católica um processo de centralização de autoridade com o aparecimento do bispo com caráter monárquico, isto é, do bispo que a princípio é dirigente de uma igreja e depois aparece como governador de uma diocese. Por essa época, a idéia de diocese teve grande desenvolvimento, tornando cada vez maior o poder dos bispos. Mais adiante, os bispos das capitais das províncias romanas tornaram-se, naturalmente, mais importantes que os demais. Foram chamados os bispos metropolitanos, e cada um exercia superintendência sobre os demais bispos e suas dioceses. Com um passo mais adiante na centralização, cinco bispos se levantaram acima dos demais, e foram considerados patriarcas, e que eram: o bispo de Roma, o de Constantinopla, o de Alexandria, o de Antioquia e o de Jerusalém.

PODER DO
BISPO

Pelo ano 400 já se verifica o completo desenvolvimento da Igreja Católica, com sua organização hierárquica completa, o clero exercendo demasiado domínio espiritual sobre o povo, os concílios criando leis eclesiásticas, o culto impressionante e cheio de mistérios, seus dogmas autoritários e a condenação, como hereges, dos cristãos que não concordam ou não se conformam com eles. Além disso, foi aceita a doutrina de Agostinho a respeito da Igreja Católica. Ele cria que os

AUGE
DESSE
PODER

primeiros bispos da Igreja foram escolhidos pelos apóstolos. Estes receberam de Jesus os dons do Espírito Santo para cuidarem da Igreja e legaram esses dons aos seus sucessores, os primeiros bispos, que receberam seus encargos numa sucessão regular, possuindo, todos eles, desde o primeiro, a plenitude desses dons do Espírito. Por essa razão, somente eles preservaram a fé pura e original e que conduz à salvação. Mais ainda: unicamente eles foram os guardiães dos verdadeiros sacramentos, por meio dos quais os homens são levados à divina graça salvadora. Agostinho ensinava que a verdadeira igreja se caracterizava pelo fato de seus bispos possuírem a legítima sucessão apostólica. Somente na Igreja Católica, a Igreja desses bispos, havia salvação.

2. *Engrandecimento do Bispo de Roma*

PONTO DE PARTIDA

Ainda um novo passo foi dado para a centralização do governo da Igreja. Entre os cinco patriarcas, os dois mais importantes eram: o de Roma e o de Constantinopla, as duas principais cidades do império. Muitas foram as causas que contribuíram para o engrandecimento do bispo de Roma. A principal é que ele era o bispo da antiga capital do mundo. Por muitos séculos, Roma impôs sua autoridade sobre o mundo inteiro. Inevitavelmente, seu bispo dispunha de um poder que nenhum outro poderia conseguir. Outra causa foi o costume mais e mais acentuado de se apelar para o bispo de Roma nas disputas eclesiásticas. Tal hábito não deixava de ter seu apoio na influência e prestígio com que os imperadores cercavam esses bispos. A partir do 5º século, a conhecida pretensão petrina, ou papal, veio a ser geralmente aceita. Essa pretensão é baseada na suposta autoridade que Cristo deu a Pedro sobre os demais apóstolos, e que Pedro foi o primeiro bispo de Roma, legando seu primado aos seus sucessores naquela igreja, de modo que eles tinham direito divino da autoridade, da primazia sobre os demais bispos. A geral aceitação dessa doutrina criou condições tais no mundo, como se a mesma fosse verdadeira. Além de tudo, os bispos romanos prosseguiram numa política persistente de manter toda a autoridade que pudessem alcançar, aproveitando cada oportunidade para exercerem, em toda a plenitude, a autoridade e o poder de que dispunham. Um exemplo notável desse proceder foi o de Leão I (440-461), chamado por muitos “o primeiro papa”.⁴ Ele sustentou e defendeu a sua au-

PAPA

⁴ A palavra *papa* deriva-se da palavra latina *pappa*, que significa *pai*, a qual foi usada com frequência nos domínios ocidentais no 4º e no 5º séculos, e era o título de qualquer bispo. Mas, gradualmente, foi sendo reservada para o bispo de Roma.

toridade nos termos mais fortes, e exerceu o direito de impor as suas ordens aos bispos de toda parte. Não obstante suas pretensões serem posteriormente negadas pelos bispos de Constantinopla e encontrarem forte resistência no Ocidente, sua agressividade fez aumentar ainda mais o poder do ofício.

3. *As Igrejas que se Separaram da Católica*

Nesse período, algumas igrejas se separaram da Igreja Católica por causa de questões teológicas e outras causas políticas e raciais. No 5º século, Nestório, patriarca de Constantinopla, foi condenado pela Igreja e banido pelo imperador sob a acusação de heresias quanto à pessoa de Cristo. Suas idéias foram aceitas por muitos cristãos da cidade síria de Odessa. Os nestorianos eram, sem dúvida, crentes em Cristo. Diferiam da Igreja Católica unicamente por explicarem a divindade de Cristo de um modo que não era considerado ortodoxo. Banidos de Odessa e acusados de heresia pelo imperador, foram para a Pérsia. Ali fortaleceram grandemente o Cristianismo. Foi organizada uma igreja independente, chefiada por um arcebispo que, em 498, tomou o título de Patriarca do Oriente. Os nestorianos eram cheios de zelo missionário. Onde quer que fossem, quer a negócios, quer à procura de refúgio, levavam o Evangelho, razão por que a Igreja deles cresceu rapidamente na Ásia.

**IGREJA
NESTORIANA**

Por causa das discussões sobre a natureza de Cristo, surgiu outro partido que defendia opiniões não-ortodoxas sobre esse assunto. Foi o partido religioso dos monofisistas, cujos membros ensinavam que em Cristo só havia uma natureza, em vez de duas, a divina e a humana, como afirmara o credo da Calcedônia. Surgiram três igrejas desse partido: a Igreja da Armênia, que teve início no terceiro século, que se recusava a aceitar os credos de Calcedônia; separou-se e permanece assim até os tempos atuais. A *Igreja Jacobita*, que apareceu no 4º século, na Ásia Menor, Síria e Mesopotâmia. Nestes dois últimos lugares ainda existe, mas muito enfraquecida. A Igreja Copta, que compreendia quase todos os cristãos não-gregos do Egito. Esta foi condenada pela Igreja Católica como herética e permanece separada.

**IGREJAS
MONOFISISTAS**

QUESTIONÁRIO

1. Fale sobre a queda do império romano no Ocidente.
2. Qual a situação do império romano no Oriente?
3. Descreva a atitude de Constantino em relação à Igreja.
4. Descreva a atitude da Igreja na sua fase de liberdade.
5. Como o favor oficial afetou o crescimento da Igreja?
6. Que decretou Teodósio com relação ao Cristianismo?
7. Fale sobre o trabalho de Patrício e Columba.
8. Como o favor do governo afetou o caráter moral da Igreja?
9. Quais as causas do aparecimento da vida monástica?
10. Fale sobre a regra beneditina.
11. Qual a decisão doutrinária do Concílio de Nicéia, concernente a Cristo?
12. Qual a decisão doutrinária estabelecida na Calcedônia?
13. Descreva a vida e a obra de Jerônimo.
14. Fale sobre a obra e a influência de Agostinho.
15. Descreva a natureza do culto nesse período.
16. Como surgiu o culto aos santos?
17. Faça um esboço do desenvolvimento da Igreja Católica.
18. Qual a doutrina de Agostinho com relação à Igreja?
19. Como e por que o bispo de Roma engrandeceu o seu próprio poder?
20. Que igrejas se separaram da Católica?

CAPÍTULO CINCO

A IGREJA NO INÍCIO DA IDADE MÉDIA

**Primeira Parte
(590-1073 d.C.)**

I. O MUNDO EM QUE A IGREJA VIVIA

Guerras, confusão, trevas e barbarismo prevaleceram na Europa ocidental durante o período que vamos estudar. Uma das tribos germânicas mais rudes, os lombardos, apoderou-se do norte da Itália e dilatou-se para o centro do país. Os piratas escandinavos, os normandos e os dinamarqueses assaltavam as costas do Atlântico e do Mediterrâneo. Os normandos apoderaram-se de territórios na França e no sul da Itália e, em 1066, conquistaram a Inglaterra. Os francos aumentaram muito seus domínios no norte da França e no oeste da Alemanha.

Do Oriente veio uma nova raça de fortes conquistadores, os árabes, inspirados por sua nova religião, o maometismo, numa arrancada invencível. Maomé foi, sem dúvida, um chefe religioso sincero. A religião que ensinou, que tinha como objetivo principal o culto a um único Deus, era mais elevada que o politeísmo dantes existente na Arábia. Como líder da nova religião, adotou a guerra como meio de a propagar. Antes da sua morte (632), conquistou a Arábia, e sua religião dominou todas as demais terras conquistadas. Os árabes, guerreiros e invencíveis pelos ensinamentos de Maomé, conseguiram um vasto império na Ásia ocidental. Numa luta desesperada, os imperadores orientais os sustiveram na baía diante de Constantinopla. Mas os árabes conquistaram sem resistência o Egito, o norte da África e a Espanha. Sua corrida para o Ocidente não foi interceptada até que encontraram um dos poderosos povos germânicos. Em 732, perto de Tours, na França central, os francos, sob o comando de Carlos Martel, derrotaram os guerreiros do Islã, que tiveram de se retirar para a Espanha. Comparando-se, por meio de um mapa, a distância de Tours a Constantinopla, vê-se o pouco que restava, no Ocidente, para ser conquistado pelos árabes. Só assim tem-se a idéia do perigo que correu o Cristianismo. Sustados em sua marcha, os árabes ainda mantiveram a Espanha e o resto das suas conquistas, ficando o Mediterrâneo sujeito ao seu domínio.

Durante esse período, não surgiu na Europa ocidental nenhum poder capaz de impor a ordem e a paz e desenvolver a civilização. Desde a queda do poder ocidental no 5º século, nenhum governo o substituiu. Os pequenos reinos que as tribos germânicas estenderam nas terras que conquistaram nada fizeram para levantar estados fortes em caráter permanente. Os chefes desses reinos foram, na maioria, déspotas violentos, incapazes de manter um governo justo e ordeiro.

Depois de muitos anos de anarquia surgiu, afinal, um dos grandes construtores de civilização: Carlos, rei dos francos, mais conhecido

**EUROPA
OCIDENTAL**

**CONQUISTAS
MUÇULMANAS**

DERROTADO

ANARQUIA

**CARLOS
MAGNO**

por Carlos Magno, cujo esplêndido reinado durou de 768 a 814. Por suas conquistas militares, tornou-se chefe de um domínio que se estendia do rio Elba, na Alemanha, até ao Ebro, no norte da Espanha, tendo como limite ocidental as águas do Atlântico; e avançava na direção do Oriente, além de Viena, incluindo também grande parte do norte da Itália. Seu governo sobre todo esse território foi realmente sábio e forte. Acendeu ele novas luzes nas trevas que as migrações bárbaras haviam espalhado por toda a Europa, tomou homens cultos sob seu patrocínio, promoveu a criação de escolas e a construção de igrejas e mosteiros. Como cristão, pôs seu poder em benefício do Cristianismo.

EXPANSÃO

FRACASSO Mas alguma coisa do que fez nesse sentido, como as guerras contra os saxões a fim de convertê-los, resultou em grande mal.

Como chefe da Europa, Carlos não podia deixar de se relacionar com o papa, considerado o cabeça do Cristianismo no Ocidente. O caminho para essas relações foi aberto pelo pai de Carlos, Pepino, que em certa ocasião atendera a um apelo do papa a fim de expulsar inimigos que ameaçavam Roma. Carlos Magno prestou grande auxílio aos papas. Em retribuição, o papa Leão III, no dia de Natal do ano 800, na cidade de Roma, coroou-o imperador. Esse ato foi considerado como uma ressurreição do antigo império romano, e Carlos Magno, o sucessor dos imperadores romanos. Na mente dos homens da Europa ficara viva a impressão do antigo império romano. Como resultado do contato de Carlos com a cidade de Roma, ele a considerou uma das suas capitais. Ele e a maioria dos seus súditos, porém, eram germanos, de sorte que, embora chamado romano, seu império era realmente germânico. Os domínios de Carlos Magno foram divididos entre seus três netos, e depois da divisão o império desapareceu. Mas no século 10º, um grande rei germânico, Oto I, conquistou um domínio que incluía a Alemanha, a Suíça, o norte e o centro da Itália. Como prêmio por seus triunfos, foi coroado imperador pelo papa, em Roma, em 962. Dessa vez, o poder de Carlos Magno foi em grande parte restaurado. O império fundado por Oto foi chamado o Santo Império Romano, e se tornou o principal poder político da Idade Média. Na realidade, durou até 1806, embora tenha sido forte em alguns períodos depois do século 13. Como o de Carlos Magno, este foi igualmente chamado de romano, quando, na realidade, era germânico. Também foi chamado de santo por homens da época julgarem ter o império caráter religioso. Segundo a idéia geral da época, o Reino de Deus tinha dois representantes no mundo: o império, para reger os negócios temporais; e a igreja, chefiada

**COROADO
PELO PAPA**

**SANTO
IMPÉRIO ROMANO**

**IMPÉRIO E
IGREJA**

da pelo papa, para reger os negócios espirituais. Segundo essa teoria, tanto o império como a Igreja abrangiam todos os homens, mas esse império jamais conseguiu domínio sobre toda a Europa Ocidental. Como se pensava, a sociedade humana possuía dois métodos de governo divinamente indicados. É evidente que a idéia de uma divisão de autoridade entre dois governos iguais não era viável e que, ou a Igreja ou o império, deveria ser supremo. No próximo período veremos como isso se confirmou.

Durante todo esse tempo em que se verificaram tão profundas modificações no Ocidente, o império no Oriente manteve seu trono em Constantinopla. Seus imperadores pretendiam ser os sucessores dos imperadores romanos, e nunca reconheceram os governos germânicos imperadores no Ocidente. Esse império ficou bastante reduzido pelas conquistas árabes, e perdeu muito do seu território, tanto na Ásia como na África. Todavia, os imperadores do Oriente, por séculos, se opuseram à maré do maometismo, evitando que a Europa fosse por ele assolada. A esse império oriental o Cristianismo deve a defesa do seu campo de ação, por muitos anos, contra o Islamismo.

O IMPÉRIO
ORIENTAL

II. A IGREJA

(a) Sua extensão

Veremos, nesse período da vida da Igreja, muita coisa que nos entristece. Contudo, verifica-se que o espírito de Cristo ainda operava, em virtude do esplêndido trabalho dos seus missionários.

LUZ E
TREVAS

Quando a Inglaterra foi conquistada pelos pagãos anglos e saxões, estes expulsaram para as regiões mais ocidentais da ilha muitos dos seus primitivos habitantes, os bretões, e com eles o Cristianismo britânico que tinha sido ali implantado no 3º século. Mas esses mesmos conquistadores foram ganhos pelo Cristianismo que lhes veio de duas fontes.

CONQUISTADORES
CONQUISTADOS

De Roma, o papa Gregório I enviou cerca de quarenta monges chefiados por Agostinho, prior de um mosteiro romano, como missionários à Inglaterra. Em 597, aportaram na foz do Tâmsa. Naquele mesmo ano, Ethelberto, rei de Kent, foi batizado, e seu reino tornou-se quase todo cristão. Agostinho foi nomeado arcebispo da Inglaterra, com sede em Cantuária (Canterbury). Outros missionários romanos seguiram esse primeiro grupo. Outro importante centro missionário estabeleceu-se em York, no norte da Inglaterra.

(1)
MISSÃO
ROMANA

**(2)
MISSÃO
ESCOCESA**

Todavia, a maior parte da evangelização da Inglaterra foi realizada pelos monges escoceses, que procederam de Iona e da Irlanda, no início do século 7º. Em 635, estabeleceram um mosteiro que na realidade era um centro missionário, em Lindisfarne, ilha situada na costa de Yorkshire. Daí saíam os monges para toda a Inglaterra. Eram amados e reverenciados pelo povo. Quando um deles viajava, era recebido com alegria em qualquer lugar. Os que os encontravam pelas estradas suplicavam sua bênção e reuniam-se multidões nos lugares por eles visitados para ouvi-los, pois todos sabiam que nenhum outro motivo os impelia senão o interesse pelo bem espiritual do povo. Pregavam, batizavam e visitavam os enfermos. Realmente, foram esses monges escoceses que conquistaram o povo inglês para Cristo. Desse modo, havia na Inglaterra duas formas de Cristianismo, a romana e a escocesa. Elas diferiam apenas em alguns ritos religiosos. A principal diferença, todavia, era que os missionários romanos e seus conversos reconheciam e cumpriam as regras do papa; ao passo que os monges escoceses, cujo Cristianismo não fora originário de Roma, não seguiam suas regras. Depois de alguma controvérsia, foi decidido, num sínodo, em 664, especialmente por causa da influência do rei Oswin, que a Igreja inglesa obedecesse à autoridade romana. A Igreja foi completamente reorganizada por Teodoro de Tarso, arcebispo de Cantuária, ao fim do mesmo século. Por esse tempo, o Cristianismo já se tinha tornado a religião de quase toda a Inglaterra.

**DOMÍNIO
ROMANISTA****BONIFÁCIO
NA ALEMANHA**

Os ingleses enviaram a outros povos alguns dos seus mais nobres missionários. O maior deles, e de todos os missionários desse período, foi Bonifácio (680-755). Nasceu em Devonshire, de pais ricos. Tornou-se famoso por sua cultura, eloquência e piedade. Ainda moço, sentiu-se chamado para evangelizar os germanos, não obstante os amigos preverem para ele outra notável carreira em sua terra. De lá saiu e conseguiu permissão do papa para trabalhar como missionário na Turingia. Ali trabalhou de maneira assombrosa, pregando, batizando, fundando escolas e mosteiros, instituindo uma organização eclesiástica no sul da Alemanha, país que ele conquistou para o Cristianismo. Como a maioria dos missionários medievais, deu combate tremendo ao culto pagão, provando que seus deuses nada eram. Derrubou o carvalho sagrado de Odin, em Geismar, na presença de uma multidão aterrorizada de pagãos que lhe tinham dado permissão para fazê-lo, julgando que o veriam cair morto ao cometer o sacrilégio. Hábil, conseguiu auxiliares ingleses, de ambos os sexos. Além de seu pesado en-

cargo como arcebispo de Mainz e chefe da igreja germânica, o papa Zacarias o encarregou de reformar e organizar a igreja corrompida da França, objetivo que alcançou. Bonifácio coroou sua obra, despojando-se de todos os seus altos cargos, aos 74 anos, e, como simples pregador, foi evangelizar os frísios, povo selvagem que habitava a foz do Reno. Dois anos depois, um bando deles o assassinou. Foi ele quem tornou, em caráter duradouro, o sul da Alemanha uma terra cristianizada, e é difícil encontrar homem que tenha feito mais para Cristo.

Enquanto homens do norte assolavam as costas da Europa, a Igreja respondia enviando o Evangelho aos lares desses que eram o terror do mundo. O “Apóstolo do Norte” foi Ansgar (801-865), francês de família nobre, monge de Corbey. De há muito desejava ele pregar aos pagãos. A oportunidade apareceu-lhe com o desejo de Luiz, o Pio, filho de Carlos Magno, de enviar um missionário à Dinamarca. Depois de ali permanecer por vários anos, atravessou para a Suécia com alguns companheiros, e lá iniciou o trabalho evangélico. Foi depois sagrado Bispo de Hamburgo com autoridade missionária sobre todo o norte. Seus companheiros foram espalhados e sua diocese saqueada pelos piratas; mas, restaurando suas forças, viu, afinal, o Cristianismo estabelecido na Suécia, embora ele só se tornasse forte no século 11.

**ANSGAR
DINAMARCA
SUÉCIA**

A primeira das terras eslavas a ser evangelizada foi a Morávia, no século 9º, por dois grandes e notáveis irmãos, Constantino (Cirilo) e Metódio, gregos de Tessalônica. Considerando o que alcançaram entre outros povos eslavos, podem eles ser colocados na galeria dos mais nobres missionários cristãos. Pouco depois, o Cristianismo foi estabelecido entre os sérvios e os búlgaros, como também na Boêmia. Em vários países, o Cristianismo foi imposto pela força, pelos respectivos governos, e, às vezes, de modo bem cruel. Tal foi o caso da Noruega e da Polônia, não obstante haver no primeiro país trabalho missionário inglês. Na Rússia, em grande parte, o Cristianismo entrou pela força. Ao fim do século dez, Vladimir, chefe de um reino cuja capital era Kiev, por motivos políticos, introduziu o Cristianismo da Igreja oriental. A religião cristã já era de certo modo conhecida por meio do trabalho dos missionários do Oriente. Dessa vez, porém, Vladimir exigia que todos os seus súditos professassem o Cristianismo, sem embargo do que conhecessem a respeito. Apegado ao seu velho paganismo, o povo resistiu, sendo, afinal, compelido a submeter-se em quase toda parte. Muitos, especialmente os habitantes das aldeias do interior, permaneceram ocultando o seu paganismo. Muita coisa desse paga-

**OS ESLAVOS
CONSTANTINO
METÓDIO**

RÚSSIA

nismo, de mistura com idéias errôneas a respeito do Cristianismo, permaneceu até tempos modernos. A Igreja russa esteve, desde o princípio, sob a autoridade do patriarca de Constantinopla.

MONAQUISMO MISSÕES

A organização mais poderosa do Cristianismo, em sua propaganda nesse período, e também da cultura, foi o monaquismo. Na Europa ocidental, milhares de monges viviam nos mosteiros sob a disciplina beneditina. Os mosteiros tornaram-se lares coletivos de trabalho manual e intelectual, lugares onde se cultivavam a vida devocional e o desapego às coisas do mundo. Plantados no meio dos bárbaros, como estavam muitos desses mosteiros, eram eles verdadeiros centros de civilização. Ministravam lições práticas de agricultura, trabalhos manuais e a arte de construção. Preservaram e multiplicaram os livros, promovendo a leitura e a escrita. Muita coisa da educação, que tinha de ser ministrada, era preparada nas suas escolas. Eram também as únicas instituições de caridade da época, que cuidavam dos doentes e dos pobres. Muitos desses mosteiros eram verdadeiros centros missionários. Por vários séculos, as missões se irradiaram desses centros monásticos.

MÉTODOS MISSIONÁRIOS

Uma grande diferença, porém, entre as missões medievais e as que conhecemos, que até hoje ainda perdura, muito influiu na vida da igreja e no caráter dos seus membros. Nas modernas missões protestantes, geralmente ninguém é recebido à comunhão da igreja sem apresentar evidências da sua fé em Cristo. Mas o método das missões medievais era receber uma pessoa tão depressa ela concordasse em ser batizada, sem se inquirir sobre suas condições espirituais.⁵ Desse modo, grandes massas foram introduzidas na Igreja, apenas aceitavam seu ensino e disciplina. Depois, quando era possível, ministrava-se algum ensino superficial a essas massas. Tal método tornou possível uma rápida expansão da igreja que agrupava em seu seio multidões que apenas tinham vaga idéia do que fosse a vida cristã.

⁵ O que a Igreja Católica apresenta como conversão é coisa bem diferente da conversão evangélica, pelas seguintes razões: (1) Quando o missionário católico chega a um novo campo, ele fala em Igreja porque ele é a Igreja, visto representar a autoridade dela. O missionário protestante, ao contrário, só organizará uma Igreja quando houver uma comunidade que esteja em condições espirituais adequadas para formar uma Igreja evangélica. (2) O missionário católico, em vista do ensino de que o batismo salva, batiza os gregados, certo como está de que o sacramento os transformará. Jamais um missionário protestante agirá assim. (3) Instruindo os conversos, o protestante usa a palavra de Deus. Se os convertidos não sabem ler, o missionário estabelece uma escola para os ensinar, a fim de que o crente possa alimentar sua piedade na fonte do ensino cristão – a Bíblia. O missionário católico não se esforça por ensinar as Escrituras. Os resultados desses dois métodos diferentes também têm de ser diversos. E a História o prova. (Nota do Tradutor)

(b) A Organização da Igreja

Sobre esse assunto dois fatos são de capital importância nesse período; o ulterior aparecimento do grande poder da Igreja de Roma e do seu bispo; e a divisão da igreja Católica em dois ramos, o do Oriente e o do Ocidente.

1. Surgimento do Papado

No início desse período, aparece um dos maiores papas, Gregório I, chamado o Grande. O fato de sua eleição ao papado (590) ser a data do início de um dos três grandes períodos em que a história da igreja é dividida, prova sua importância. Gregório foi de caráter irrepreensível, muito honrado por sua bondade e modo de vida, de uma austeridade muito severa. Era dotado de grande coragem e energia, de extraordinária habilidade administrativa, e tinha a sabedoria de um verdadeiro estadista, sempre mostrando muita simpatia pelas necessidades humanas e cheio de visão e de ideal pelo Cristianismo. Foi grande escritor de assuntos religiosos. Seus livros, embora não tivessem cunho de originalidade e erudição, tiveram muita influência no seu tempo. Demonstrou extraordinário interesse pela música e pelos rituais eclesiásticos.

GREGÓRIO I

**(1)
SEU CARÁTER**

Valendo-se dos seus dons extraordinários, Gregório tirou o máximo partido de sua posição de bispo de Roma, constituindo-se patriarca do Ocidente. Defendeu e impôs constantemente a sua autoridade sobre essa grande parte da Igreja. Conseguiu que os mais fortes bispos metropolitanos reconhecessem a superioridade de Roma. Fez com que o culto seguisse o ritual romano. Enviou missionários a muitas partes, como Agostinho à Inglaterra, os quais ensinavam obediência ao bispo de Roma, ao mesmo tempo que propagavam o Cristianismo. Seria, porém, injustiça dizer-se que seu único objetivo foi aumentar o poder do seu próprio ofício. Ele muito trabalhou para purificar e fortalecer a Igreja, cuidando dos pobres e enviando o Cristianismo aos pagãos. Mas ele acreditava sinceramente que a “sé apostólica é a cabeça de todas as igrejas”, por isso, em todos os seus atos, trabalhou para enaltecer o poder do bispo de Roma. Não obstante recusar ser chamado bispo universal, conseguiu o reconhecimento da sua autoridade além das fronteiras do patriarcado ocidental, marchando, assim, para o domínio universal. Desse modo, Gregório fez mais do que qualquer outro, exceto Hildebrando, para tornar o papado o que veio a ser na Idade Média.

**(2)
SUA OBRA**

**CAUSAS
DO PAPADO****(1)
ÚNICO
GOVERNO
FORTE**

Apreciemos agora alguns dos fatores que nesse período contribuíram para o crescimento do poder do bispo de Roma. Não houve na Europa ocidental nenhum governo civil bastante forte entre o ano 400 e o tempo de Carlos Magno (768-814), e mesmo depois de Carlos Magno, até aparecer Oto I. Não houve por todo esse tempo qualquer governo que ministrasse a justiça e impusesse a ordem e a paz. Mas em Roma, a antiga sede do poder mundial, estava o bispo exercendo um ofício então julgado santo, visto crer-se ter sido primeiramente exercido por um apóstolo. Esse poder de Roma pretendia o domínio mundial da Igreja, e tentava alcançar todo o mundo ocidental com a sua soberania. E muitos dos bispos de Roma foram homens fortes e capazes de governar. Em toda a Europa ocidental, por muitos anos, o papa era o único representante do poder permanente. Nessa situação, o poder do papado inevitavelmente cresceu por todo o Ocidente, e, em menor grau, em outras partes da Igreja. Além disso, alguns papas foram reconhecidos não somente como representantes da autoridade, mas igualmente da justiça; isso numa época em que muitos governantes não conheciam outra lei, exceto os seus próprios caprichos. Durante o pontificado de Nicolau I (858-867), Lotário, rei de Lorena, repudiou a esposa, substituindo-a por outra mulher, e, não obstante, conseguiu a aprovação dos arcebispos subservientes do seu reino. Tal situação constituía, naturalmente, uma grave ameaça à moralidade. Mas o papa, depois de forte luta, compeliu o rei a receber a esposa e a despedir a rival. Nenhum outro governo no mundo teria realizado esse feito. Mas a autoridade do chefe da Igreja, baseada no temor da excomunhão que, como se cria, significava a morte eterna, contribuiu para alcançar essa vitória. O papa aparecia, assim, encarnando um poder acima do dos reis, pois representava a lei moral. Tais circunstâncias fortaleciam cada vez mais o papado, que tanto podia ser uma força para o bem como para o mal.

**(2)
EXERCÍCIO DA
JUSTIÇA****(3)
SEU PODER
TEMPORAL
CRESCER**

Outra coisa que muito fortaleceu o papado foi a situação de muitos papas como governadores civis de Roma. Esse governo civil é conhecido como o “poder temporal”. Durante a maior parte dos séculos 5º, 6º e 7º não houve, em Roma, governo civil digno do nome. Muitas vezes, em épocas de calamidade pública, como de pestilência ou fome, perigo de invasão, motins ou desordens gerais, os bispos tiveram de assumir o governo da cidade. Tal foi o caso de Gregório I. O povo de Roma o compeliu a aceitar o governo da cidade em decorrência do fato de a situação demandar um governo de mão forte, sábio e justo. O

povo estava convencido de que esse homem era Gregório. Desse modo, o governador espiritual da cidade tornou-se igualmente o seu governador civil. Durante esse período, Roma tornou-se praticamente independente, tendo os papas como seus soberanos. Além das cidades, os papas governavam extensos territórios da Itália, os quais lhes foram doados por Pepino, rei dos francos, pai de Carlos Magno.⁶ Assim, os papas recebiam rendas dessas terras e mantinham um exército como os demais governos civis. Esse poder temporal deu aos papas uma garantia e segurança de mando que jamais teriam conseguido por outro meio.

Outro fator de fortalecimento do poder papal foram as famosas ficções ou falsificações conhecidas como “As Falsas Decretais”. Elas (a mais engenhosa fraude jamais conhecida na História) constituíram uma coleção de decisões dos concílios eclesiásticos, decretos e cartas dos papas. Alguns desses documentos eram legítimos; a maioria, porém, era constituída de escritos falsos.⁷ Pretendeu-se provar que tais documentos continham o relato dos feitos de todos os bispos de Roma, desde os tempos primitivos do Cristianismo até ao século 8º. As Decretais apresentavam todos esses bispos como tendo exercido autoridade sobre toda a Igreja; e que essa autoridade teria sido sempre universalmente reconhecida. Esses falsos documentos foram provavelmente forjados na França, na primeira metade do século 9º. Parece terem sido escritos com o propósito de defender os bispos contra a interferência dos metropolitanos ou arcebispos, e também de certos governos civis. Tais documentos, pois, apresentavam os papas como tendo exercido o governo sobre os bispos de toda parte, o que revela a clara deliberação de engrandecer o papado. Foi assim que se manipulou o apoio histórico do poder papal.

Nicolau I foi o primeiro papa a fazer uso das famosas decretais para fortalecer o seu poder. Empregou-as para vencer os arcebispos que pretendiam tornar-se independentes do governo eclesiástico de Roma. Hoje as decretais são reconhecidas como falsas. Naqueles tempos difíceis e atrasados, quando surgiram, não havia homens cultos e

(4)
FALSAS
DECRETAIS

NICOLAU I

⁶ Esses territórios não pertenciam a Pepino, já que ele não tivera autoridade na Itália; não obstante, ele os doou. Os papas conservaram tais territórios que constituíram grande parte dos Estados Papais, sobre os quais os papas foram soberanos até 1870. O poder temporal reviveu sobre o pequeno território do Vaticano, em 1929, depois da Concordata com o governo de Mussolini.

⁷ O caráter espúrio desses documentos é agora universalmente reconhecido até por sábios católicos romanos e por outros.

corajosos para as examinarem e denunciarem a fraude. Depois de Nicolau fazer uso delas, foram as mesmas incorporadas às leis da Igreja Romana, e se tornaram elemento poderoso para o incremento da autoridade papal.

(5)
AS MISSÕES

As Missões também contribuíram, em parte, para o soerguimento do poder de Roma. Quando os papas enviavam missionários, encarregavam-nos de tornar as terras conquistadas obedientes aos papas. Assim, cada conquista para o Cristianismo significava uma conquista para o poder do papa. Vimos como a Igreja na Inglaterra caiu sob a autoridade dos papas, pela atuação dos missionários romanos. Muito fez Bonifácio para estender a influência e o domínio do papa na parte da Alemanha que conquistou ao paganismo, o que aconteceu também na Baviera e na França.

(6)
ISLAMISMO

Por estranho que pareça, o avanço do Islamismo foi outra contribuição para o aumento do poder de Roma. Quando a Ásia ocidental e a África do norte caíram sob a dominação árabe, a Igreja foi terrivelmente enfraquecida no Oriente. Três dos cinco patriarcados (Alexandria, Jerusalém e Antioquia) caíram sob o domínio de uma religião que era inimiga mortal do Cristianismo. Enquanto isso, a Igreja no Ocidente crescia vantajosamente por meio de suas missões. De modo que a parte da Igreja que reconhecia a soberania do papa cresceu em importância; enquanto a oriental, em que tal soberania não era reconhecida, tornou-se menor e mais enfraquecida.

2. A Separação entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente

AS CAUSAS

(1)
RACIAL

Os fatos que ocasionaram a divisão final da Igreja Católica nas Igrejas do Oriente e do Ocidente foram tão triviais que não são dignos de menção. Se quisermos descobrir as causas dessa divisão temos de examinar mais profundamente o assunto. Uma delas foi a *diferença de raça*. No Ocidente, a raça dominante era a latina, que se tornara fortalecida pela fusão com os germanos. No Oriente, dominavam os gregos, que haviam recebido grande efusão de sangue oriental. Essa foi uma diferença que facilmente se tornou a causa das incompreensões e antipatia, fortalecendo ainda mais os outros fatores de separação. Outra causa da divisão da Igreja foi o estabelecimento de *dois governos no império*, o do Oriente e o do Ocidente. O abismo existente entre as duas partes do império foi alargado quando desapareceu a linha dos imperadores ocidentais e ficaram somente os imperadores do Oriente. O oeste ficou sem qualquer governo. Os imperadores do

(2)
DOIS GOVERNOS

Oriente governaram a Igreja como qualquer outra coisa dos seus domínios. Mas a Igreja do Ocidente, chefiada pelo bispo de Roma, não podendo exercer seu domínio, rompeu, finalmente, com os imperadores do Oriente quando o papa coroou Carlos Magno imperador romano. Uma terceira causa de divisão foi a *pretensão*, sempre crescente, do *bispo de Roma*, a qual nunca foi reconhecida pelo patriarca de Constantinopla.

(3)
**PRETENSÃO
PAPAL**

O primeiro rompimento foi em 867, quando, por causa de uma desavença entre o papa e o patriarca de Constantinopla, um concílio no Oriente declarou o papa deposto do seu bispado. Isso foi feito por outro concílio dois anos mais tarde. Mas a contenda entre o Leste e o Oeste continuou em discussões amargas por causa de pequenas diferenças de doutrinas e ritos, até 1054. Então, depois de nova contenda entre o papa e o patriarca, o primeiro pronunciou um anátema contra o segundo e contra os que o apoiavam. Este foi o rompimento final. Desde então, as igrejas grega e romana vivem separadas, cada qual pretendendo ser a verdadeira igreja católica, e recusando à outra qualquer reconhecimento. A igreja grega ou do Oriente compreendia a Grécia, a maior parte da península balcânica e a Rússia, inclusive grande parte dos cristãos da Ásia Menor, Síria e Palestina. O resto da Europa ficou, portanto, prestando obediência ao papa.

SEPARAÇÃO

PRETENSÕES

Daqui por diante daremos maior atenção à Igreja Romana, ou do Ocidente, pois esta exerceu muito maior influência na história do mundo do que a Igreja Grega, ou do Oriente; e porque, com a primeira, a vida religiosa das Américas ainda hoje tem muito maior relação do que com a oriental. Não vamos, porém, julgar que a Igreja Romana era toda a Igreja cristã. Além dela, houve, ao lado da Igreja Grega, a Igreja Nestoriana e outras Igrejas separadas, tanto na Ásia como no Egito.

HEGEMONIA

QUESTIONÁRIO

1. Qual a condição geral da Europa ocidental na primeira parte desse período?
2. Até onde se estenderam as conquistas dos árabes?
3. Fale do império e do governo de Carlos Magno. Quais foram suas relações com o papa?
4. Quando se reviveu o império de Carlos Magno? Qual a idéia medieval da relação entre o império e a Igreja?
5. Descreva como foram evangelizados os ingleses.
6. Fale da obra de Bonifácio. Que parte da Europa ele uniu à Igreja?
7. Descreva a cristianização da Rússia.
8. Como os mosteiros realizaram a obra missionária?
9. Em que diferiam as missões medievais das modernas missões protestantes?
10. Que fez Gregório I a favor do papado?
11. Explique as causas do crescimento do poder do papa:
 - a) A situação política da Europa ocidental;
 - b) A atitude moral de alguns papas;
 - c) Os papas conseguem o poder temporal;
 - d) As Falsas Decretais;
 - e) As Missões.
12. Quais foram as causas da separação das Igrejas do Ocidente e do Oriente?
13. Descreva o rompimento final entre as duas Igrejas. Quais os territórios abrangidos por cada uma delas?

CAPÍTULO SEIS

A IGREJA NO INÍCIO DA IDADE MÉDIA

**Segunda Parte
(590-1073 d.C.)**

(c) O Cristianismo em Luta com o Paganismo Interno

Devemos ter sempre em mente que a Igreja, durante esse período que estamos considerando, tinha no seu seio muita gente sem a conversão cristã; eram cristãos-pagãos. Vejamos, resumidamente, as causas dessa situação alarmante. Uma delas foi a atitude dos imperadores romanos, que tornaram o Cristianismo a religião da moda, cujo patrono era o governo imperial e à qual aderiram grandes multidões. Outra causa foi o decreto do imperador Teodósio, que obrigava os súditos a professarem o Cristianismo na forma ortodoxa. Desse modo, surgiu a política imperial do uso do poder para reprimir a idolatria e forçar o povo a se filiar à Igreja. E também, os métodos missionários medievais tiveram como resultado a entrada para a Igreja de multidões de germanos e de outros povos que nunca experimentaram a conversão cristã. O mal agravou-se quando certos governos e conquistadores passaram a obrigar os seus povos a aceitar o Cristianismo. Prevalencia, assim, na Igreja, grande massa de pagãos, imbuídos das idéias pagãs a respeito da religião e da moral, gente que de cristã tinha apenas o nome.

A luta do Cristianismo contra o paganismo teve de ser sustentada dentro e fora da Igreja, cuja grande tarefa na Idade Média era a conquista dos bárbaros do norte e do Ocidente da Europa, os quais haveriam de ser os conquistadores do mundo, o que aconteceu depois que eles entraram para a Igreja. Essa luta contra o paganismo dentro da Igreja ocidental foi tão dura que o Cristianismo, por certo tempo, quase foi vencido na sua própria sede. A tarefa do Cristianismo tornou-se ainda mais difícil em decorrência das circunstâncias contrárias no mundo de então. Hoje vivemos numa civilização em que o Cristianismo vem agindo como fermento há séculos, modificando os sentimentos dos homens, mesmo daqueles que, pessoalmente, não se confessam cristãos. Esta é a razão por que há governos que lutam a favor da justiça e de certos princípios que o Cristianismo defende e procura estabelecer. Há, também, em muitos lugares uma opinião pública que, no que aprova e no que condena, de certo modo, concorda com os ensinamentos cristãos. Mas naqueles tempos tenebrosos nada disso existia na Europa Ocidental. Seus povos estavam emergindo da barbárie e do paganismo. Os governos, exceto poucos, como os de Carlos Magno e Oto I, eram exercidos por homens tiranos, indisciplinados e violentos e, em muitos casos, notoriamente perversos. O Cristianismo tinha tido tão pouco tempo para exercer a sua influência que não havia sido ain-

CAUSAS

**(1)
ATITUDE
IMPERIAL**

**(2)
DECRETO
IMPERIAL**

**(3)
MÉTODOS
MISSIONÁRIOS**

**PAGANISMO
INTERNO**

**TAREFA
DIFÍCIL**

DESAMPARO

da formada uma opinião pública cristã. “As tradições sociais eram oriundas, na sua totalidade, do paganismo.”

1. A Vida na Igreja

DECADÊNCIA MORAL

A batalha que o Cristianismo sustentou para sobreviver aparece no abismo em que a Igreja se precipitou, abismo da conduta e da moral. Mesmo dentro do clero, a condição moral era incrivelmente ruíno-
sa. Veja-se, por exemplo, o retrato da Igreja na França, no século 8º, antes de Bonifácio nela introduzir um pouco de decência. “A maioria dos sacerdotes era constituída de escravos foragidos ou criminosos que alcançaram a tonsura, sem qualquer ordenação. Seus bispados eram considerados como propriedades particulares e abertamente vendidos a quem desse mais... O arcebispo de Ruão não sabia ler; seu irmão, de Trèves, nunca fora ordenado... Embriaguez e adultério eram os menores vícios de um clero que tinha apodrecido até à medula.” Não é exagero afirmar que, por toda a Europa, sacerdotes escandalosos superavam, numericamente, os de vida honesta. Não somente a ignorância e o abandono dos deveres eram freqüentes, mas também a vida luxuriosa, a grossa imoralidade, o roubo e a simonia, isto é, a venda dos ofícios eclesiásticos. O alto clero não era melhor, talvez até mesmo pior. A simonia era a maneira regular e reconhecida de se obter um bispado; e para alguns deles havia preço fixo.

CLERO CORRUPTO

SIMONIA

DEGRADAÇÃO DO PAPADO

Nem o papado ficou isento. Seu estado por mais de 150 anos, a partir de 890, era vergonhoso, vil ao último grau. O ofício que tinha sido tão elevado por Gregório I e Nicolau passou por toda sorte de desgraças. Competições políticas se estenderam a vários pontificados. Alguns ocupantes da cadeira papal foram notoriamente culpados de toda sorte de crimes. Durante anos, uma família de mulheres infames dominou o papado, que elas entregavam a quem elas o desejassem dar. Foi quando o imperador Oto I, no propósito de salvar o pontificado dessa degradação, sujeitou-o a si próprio. Durante quarenta anos, os imperadores elevavam ou depunham os papas. E escolheram homens melhores do que os que haviam usado a tiara. Depois disso, o papado chegou às mãos de uma nobre família italiana, os condes Tusculum. Esse domínio terminou com Benedito IX, cuja depravação, roubos e assassinios finalmente provocaram uma revolta do povo romano, que o expulsou. O fato de o papado se restaurar de toda essa vergonha e alcançar maior prestígio e poder do que dantes mostra como era forte o seu domínio no espírito do povo da Europa.

Mesmo os que se supunham separados do mundo para se dedicarem a uma vida cristã mais consagrada, isto é, os monges e as freiras, foram envolvidos e arrastados pela degradação da época. De fato, alguns piores registros sobre a imoralidade da época dizem respeito aos mosteiros, cuja situação interna era o reflexo da podridão externa.

**CORRUPÇÃO
DOS MOSTEIROS**

Quando os chefes religiosos, mesmo os que se encontravam nos lugares mais eminentes, davam tais exemplos, é desnecessário falar sobre o caráter do povo da Igreja. Ao fim do século 10º, numa grande parte da Europa ocidental, praticamente todo o povo pertencia à Igreja e tinha título de cristão, mas só o era quanto às cerimônias religiosas. O ensino moral cristão quase não tinha efeito na vida humana. Embora houvesse alguns indivíduos cujas vidas apresentassem algum sentimento cristão, a sociedade, como um todo, quase nada demonstrava da obra transformadora do Cristianismo. O deão Church, ao dar a razão pela qual tantos homens e mulheres dessa época entraram para a vida monástica, disse: "Procure alguém lançar-se na sociedade daqueles dias e sentir-se-á num ambiente para o qual a religião verdadeira, a religião do autodomínio, do domínio das paixões, a religião do amor, era simplesmente uma coisa estranha e incompreensível e da qual ninguém queria cogitar. Aquela era uma sociedade esmagada sob o peso de atividades que transformavam a vida em pugnas amargas com que uns esmagavam os outros, impiedosamente, tripudiando por cima dos princípios e freios que a própria moralidade impõe." A maldade e miséria da massa humana daqueles dias eram simplesmente de estarrecer.

**MORAL DO
POVO**

Tal estado de coisas era devido unicamente ao paganismo que, tendo invadido a Igreja, tornara-se invencível. Essa sociedade corrupta era na realidade uma sociedade pagã, embora nominalmente cristã. Se quisermos ter uma idéia do que era viver no mundo de então, devemos lembrar que, além de a sociedade ser dominada, quase totalmente, pela imoralidade do paganismo, o mundo era varrido quase incessantemente por guerras de toda sorte. Guerras grandes e pequenas, entre reis e nobres, e incessantes ataques dos bárbaros, enchiam a Europa ocidental de selvageria e destruição. Além de tudo, era o mundo cheio da mais crassa ignorância. A antiga cultura greco-romana tinha sido quase afogada pelo dilúvio da invasão bárbara. Conhecimentos, mesmo os mais rudimentares, eram posse apenas de uns poucos. O que Carlos Magno fez para acender a cultura foi apenas um pontinho luminoso num estado de coisas que tornou aqueles tempos conhecidos como a "Idade das Trevas". Em um mundo assim, o Cristia-

IGREJA PAGÃ**IGNORÂNCIA**

nismo tinha a tarefa de fazer com que seus ensinamentos morais fossem aceitos e seguidos.

2. O Culto e a Religião Popular

RELIGIÃO POPULAR

No capítulo anterior, vimos o culto cristão, de certo modo, corrompido pelo paganismo. Nesse período, pelo fato de haver grande influência pagã na Igreja, seu culto refletia essa situação pagã em alto grau. E não somente no culto, mas igualmente todo o ritual religioso e os hábitos sociais viram testemunhada, de modo decisivo, a presença da religião pagã. O que o deão Milman chamou de “Mitologia Cristã”, desenvolveu-se e veio a se constituir no Cristianismo de muita gente. Seria mais certo dizer, da massa ou da totalidade do povo.

MARIOLATRIA CULTOS DOS SANTOS

O Deus revelado por Cristo não era o único objeto de culto. Grande número de outros seres foi alvo desse culto, e, na mente do povo, esses outros seres tinham um lugar maior do que o do próprio Deus. Parece que os santos e a Virgem demonstravam mais amor e simpatia para com o homem e estavam mais perto dele do que o próprio Deus. Entre os santos, quem ocupava, como ainda ocupa, o lugar de destaque era a Virgem Maria, cujo culto já estava muito desenvolvido. O ano eclesiástico se encheu de grandes festas em sua honra. Faziam-lhe orações contínuas por uma intercessão junto ao Pai. Invocava-se a proteção dos santos, cujo número já era grande, como também dos mártires, dos monges e de outros santos homens e mulheres. Certos indivíduos, lugares e sociedades tinham seus santos protetores. Os santos tinham seus dias especiais de culto; desse modo crescia o calendário da Igreja. A canonização, isto é, a elevação à santidade, era realizada por um processo regular e dependente das decisões papais. O costume de viagens ou peregrinações aos lugares ditos sagrados, sepulcros de santos, etc., desenvolveu-se extraordinariamente. Essas viagens, dizia-se, conferiam aos peregrinos as graças divinas. A mais meritória das peregrinações, naturalmente, era à Terra Santa. Essa viagem, como se cria, alcançava o perdão para todos os pecados.

PEREGRINAÇÕES

CULTO DAS RELÍQUIAS

As relíquias ocupavam um lugar de destaque na religião popular. Objetos, como ossos dos apóstolos e as cadeias com que Pedro foi algemado, por exemplo, eram tesouros para os possuidores; e cria-se que tinham o poder de operar milagres. Gregório I, que foi um líder intelectual, procurava relíquias com devoto entusiasmo e narrava, com verdadeira fé, histórias dos poderes miraculosos de tais relíquias.

MISSA CENTRO DO CULTO

A missa tornou-se o elemento central do culto. A Ceia do Senhor era agora conhecida pelo nome de missa. Esse sacramento era consi-

derado o sacrifício continuamente oferecido a Deus pelos pecados do mundo. Firmava-se cada vez mais a crença de que o pão era a verdadeira carne, e o vinho era o verdadeiro sangue do Senhor, embora isso não tivesse sido definido ou declarado pela Igreja.

A crença do povo era de medo, como nas religiões pagãs que o Cristianismo destronara. Pensava-se que o mundo era cheio de maus espíritos, de demônios, cuja obra era destruir as almas. Para anular a obra dos demônios apelava-se para a intercessão dos santos e para as virtudes mágicas das santas relíquias. Nesse período atribuía-se espantosa santidade aos templos, aos elementos da missa, às relíquias e às pessoas do clero, tudo no propósito de se infundir medo nas massas. Contavam-se histórias que eram cridas piedosamente a respeito de certos atos irreverentes praticados nas Igrejas, de desacato aos sacerdotes, atos esses que eram seguidos de calamidades ou morte instantânea. O poder do Cristianismo sobre o povo era o poder do medo, como no paganismo. À primeira vista parece incrível que o Cristianismo tenha chegado a tal ponto, apresentado tal caricatura das suas belas doutrinas e ficado tão longe daquela simplicidade, espiritualidade, alegria e confiança da religião de Jesus. Mas podemos entender como isso aconteceu, quando lembramos que a maioria esmagadora dos povos, entre os quais esse Cristianismo se desenvolveu, conservava idéias pagãs a respeito da religião.

**RELIGIÃO
DO MEDO**

**TREVAS
ESPIRITUAIS**

(d) A Alvorada Após a Idade das Trevas

Como nunca na história da Igreja, o Cristianismo parecia estar quase aniquilado, desfigurado pela imperfeição humana. Jesus Cristo, cabeça da Igreja, entretanto, mostrou mais uma vez o seu poder. No século 11 apareceu na Igreja do Ocidente um reavivamento religioso compatível com a natureza daqueles tempos.

DESPERTAMENTO

A partir do ano 1000, começa-se a notar uma mudança para melhor em toda a vida da Europa ocidental. Depois de séculos de guerra e anarquia, começaram a surgir vagarosamente a ordem e a paz. Os povos germânicos, desde muito, já se tinham estabelecido nas suas conquistas e se desenvolviam em civilização. O forte governo, então estabelecido na Alemanha por Oto I, tinha ampliado os seus territórios para o leste e repellido todos os invasores desse lado. Normandos e dinamarqueses, os últimos bárbaros a atacarem a Europa ocidental e do sul, tinham paralisado as suas investidas, e muitos normandos se

**EUROPA
NOVA VIDA**

RENASCIMENTO

tinham estabelecido no noroeste da França. Os árabes tinham cessado as suas agressões e se fixaram ao sul da Espanha. A Europa gozava de um pouco de tranqüilidade, e teve tempo para pensar. Um sopro de vida nova passava pelo mundo. Surgiu um despertar intelectual. Apareceram grandes mestres nos mosteiros e nas escolas. Homens de letras viajavam por toda parte pesquisando, indagando, desenvolvendo a cultura. Escreviam-se incontáveis livros. A arte reviveu, especialmente a arquitetura, que entrava então no seu maravilhoso desenvolvimento medieval. Esse geral fortalecimento para uma vida humana mais elevada deu ao Cristianismo oportunidade excepcional. Desde há muito, vivendo e lutando, a despeito de todos os obstáculos de um mundo em desordem, tinha agora o Cristianismo uma oportunidade de mostrar o seu poder, como de fato o fez.

**REFORMA
MORAL E
ESPIRITUAL**

Talvez o mais lamentável, nas condições gerais que vimos considerando, tenha sido o fato de a corrupção ter invadido os mosteiros ou conventos, antes considerados os lugares da mais sincera consagração. Um verdadeiro ressurgimento tinha de começar a sua obra nessas instituições, e foi o que aconteceu. O início desse movimento regenerador teve lugar no século 10º. Naquele tempo fundou-se no sudeste da França o mosteiro de Cluny. Nele observava-se a regra beneditina, com sua severidade primitiva, e os monges viviam realmente como deviam viver os que assumiam aqueles votos. De Cluny espalhou-se, pela França e Alemanha, a consciência do domínio do mal no mundo e o propósito de corrigir a vida, até que um grande número de conventos fosse purificado. Foram também organizados novos conventos que personificavam o espírito da reforma que se verificara em Cluny. Foi organizada, então, o que se chamou a congregação de Cluny, um grupo de conventos na França, sob o controle do abade de Cluny. Todos viviam segundo as rigorosas regras e o bom exemplo de Cluny.

**MOSTEIRO
DE CLUNY****PARTIDO
REFORMISTA**

No começo do século 11, surgiu um partido reformista com o propósito de levantar a Igreja da sua decadência. Era composto principalmente de homens que tinham sido treinados no zelo e na vida rigorosa de Cluny, ou nos mosteiros que estavam sob sua influência. A idéia geral da sua política reformadora era libertar a Igreja dos laços que a prendiam aos poderes e interesses mundanos. Um dos itens do seu programa era a abolição da simonia, isto é, a compra dos ofícios eclesiásticos. Esse mal era resultante da grande riqueza da Igreja. Bispos e mosteiros possuidores de enormes riquezas compravam gran-

**SEU PROGRAMA:
(1)
COMBATE À
SIMONIA**

des extensões de terras valiosas, sobre as quais os bispos e abades governavam, exatamente como os grandes senhores da nobreza feudal. Como os nobres, esses oficiais eclesiásticos eram subordinados aos reis dos vários países, por causa do controle que exerciam sobre as terras que ficavam nos domínios desses reis. De modo que os governadores civis tinham nas mãos o poder de indicar os bispos e abades; e sendo esses governadores, muitas vezes, homens irreligiosos, vendiam esses cargos a peso de dinheiro. Tal prática era, naturalmente, prejudicial à vida espiritual da Igreja. Homens que compravam cargos religiosos não podiam ser as pessoas indicadas para exercerem esses ofícios.

Outro aspecto do programa de reforma foi um ataque à violação geral do celibato clerical. Apesar do fato de que há muito fosse essa a lei da Igreja, era comumente desobedecida, e muitos bispos e sacerdotes eram casados. Esses reformadores se opunham ao casamento dos clérigos, porque parecia que os homens casados, em decorrência das preocupações familiares, não podiam dedicar-se plenamente aos interesses da Igreja. Se tudo isso fosse conseguido, e fosse abolida a simonia, criam eles, a Igreja muito cresceria moralmente e se livraria do domínio dos interesses seculares. Um terceiro ponto do programa era uma rigorosa purificação da vida do clero. Os reformadores de Cluny, sendo homens de vida austera, odiavam a imoralidade que então prevalecia, e juraram aniquilá-la. Como um meio de atingir esses objetivos, o partido reformista pretendia aumentar a autoridade do papa e assegurar-lhe um grande poder em benefício desses objetivos restauradores.

Esses reformadores conseguiram sua primeira oportunidade de realizar os seus objetivos em 1049, quando um deles se tornou papa, com o nome de Leão IX, por influência do grande imperador Henrique III, que interferiu para salvar o papado da degradação, quando o ignominioso papa Benedito IX vendeu seu ofício. Leão IX e alguns dos seus sucessores esforçaram-se por levar avante o plano do partido reformista, conseguindo melhorar muito a situação geral da Igreja. Esses papas eram controlados pelo homem que se tornou o líder dos reformadores e que veio a ser o maior de todos os papas – Hildebrando.

Hildebrando era italiano, de nascimento humilde. Apesar de não ter sido monge, era cheio do espírito dos monges de Cluny. Servindo numa pequena igreja, ele foi realmente o poder por trás do trono do papado, desde o tempo de Leão IX, até à sua própria eleição em 1073. Na realidade, foi ele quem escolheu os papas e moldou-lhes a política, elaborando vagarosamente um grande plano para a reforma da Igreja,

(2)
**COMPULSÃO
DO CELIBATO
CLERICAL**

(3)
**DISCIPLINA
MORAL DO
CLERO**

**PAPAS
REFORMADORES**

HILDEBRANDO

plano que estava claramente delineado em sua mente, e que, também, estava de acordo com o pensamento do seu partido, mas que foi tornado ainda maior pela grandeza do intelecto e do caráter de Hildebrando. Assim, ele esperou pacientemente, dando forma aos seus planos, de modo que em se tornando ele próprio papa, teve a maior e a mais completa oportunidade de realizar os seus propósitos. Em 1073, quando se celebravam as exéquias do papa Alexandre II, na Igreja de São Pedro, o povo repentinamente exclamou: “Hildebrando! O bem-aventurado Pedro escolhe Hildebrando!” Imediatamente os cardeais o escolheram, e ele veio a ser o papa Gregório VII. Quais foram os seus grandes planos e como os executou, veremos no próximo capítulo.

(e) A Vida e o Pensamento da Igreja Oriental

A separação final das Igrejas do Oriente e do Ocidente ocorreu somente poucos anos antes de se encerrar esse período. Mas, por dois séculos, como já vimos, as duas partes da Igreja estavam separadas. Anteriormente, ainda no 6º século, a parte oriental da Igreja começou a dirigir sua vida de modo próprio e distanciada da Igreja do Ocidente.

DISPUTAS TEOLÓGICAS

MONOTELISTAS

HONÓRIO I

EFEITOS DAS CONQUISTAS MUÇULMANAS

O grande interesse do pensamento grego pelas discussões teológicas revelou-se na continuação das disputas sobre a pessoa de Cristo, muito depois de a questão ter sido definida, como se supunha, pelo Concílio de Calcedônia. Já falamos dos monofisistas e das Igrejas separadas que eles organizaram. Depois deles, no 7º século, apareceram os *monotelistas*, que sustentavam que havia duas naturezas em Cristo, mas somente uma governava sua vida. Os ortodoxos contenderam com eles ferozmente. No sexto Concílio Geral, em 680, em Constantinopla, foram condenados os ensinamentos monotelistas. Apesar de a parte ocidental da Igreja ter pouco interesse nessas disputas, o papa Honório I interveio na controvérsia dos monotelistas e aprovou os pontos de vista destes. Daí o Concílio de Constantinopla ter pronunciado um anátema contra esse papa por sua heresia.

Enquanto a Cristandade no Oriente estava miseravelmente dividida em discussões vazias e inúteis, sobre minudências doutrinárias, caiu sobre ela um ataque tremendo dos muçulmanos. Nos séculos 6º e 7º, os conquistadores árabes haviam dominado a Síria, a Palestina, parte da Ásia Menor, a Mesopotâmia e o Egito. O império oriental sofreu, desse modo, uma perda irreparável. Nunca mais a Igreja do Oriente chegou a ser tão forte quanto fora no passado. Apenas o restante da

Ásia Menor, a península dos Balcãs e a Grécia foram mantidos pelo império, de modo que a Igreja ainda pôde se defender contra a maré do Islamismo.

Os governos árabes eram, em comparação, tolerantes para com os cristãos. Estes foram obrigados a pagar tributo e expostos à desonra de várias maneiras. Foram proibidos de construir novos templos, podendo apenas realizar o seu culto. Não obstante, a Igreja era muito fraca onde tinha de viver sob o poder muçulmano.

DECLÍNIO

Depois das conquistas árabes, a Igreja do Oriente começou a enfraquecer e a cair em estagnação. No 8º século ela teve o seu último pensador notável, João de Damasco, que escreveu uma declaração doutrinária segundo seus credos. Depois dele, a Igreja no Oriente sustentou com muita energia sua interpretação dessa expressão da fé cristã. Houve pequena modificação em decorrência do declínio da vida cristã dos seus membros. Em outras relações, essa Igreja manifestou seu conservantismo guardando zelosamente o que era antigo só porque era antigo, atitude que a tem caracterizado desde então. A Igreja foi, depois, ainda mais enfraquecida nos séculos 8º e 9º em virtude das controvérsias resultantes das tentativas de certos imperadores fortes, desejosos de abolir a veneração das imagens de Cristo e dos santos. Essas imagens eram gravuras ou pinturas, não estátuas. A veneração desses objetos de culto tinha se transformado em grosseira superstição. Mas os imperadores foram vencidos pelo povo, apoiado pelos monges. Mesmo alguns intelectuais defendiam o culto dessas gravuras ou efígies contra a opinião dos imperadores, alegando que o Estado queria dominar a Igreja, e que essas efígies ensinavam a vida real e humana de Cristo. Não obstante os imperadores estarem determinados a manter seu ponto de vista, usando até de perseguição, não conseguiram, todavia, forçar o povo a abandonar o culto à imagens. Em 869, um sínodo em Constantinopla declarou-se a favor delas, e, desde então, as imagens dominaram o culto da Igreja oriental, na religião do povo.

CONSERVANTISMO

Depois de concluída a separação nos meados do século 9º, teve lugar um reavivamento em ambas as Igrejas, nos respectivos impérios. Foi despertado em grande escala o espírito missionário da Igreja. Nessa época é que Constantino e Metódio foram à Morávia. Mais tarde foram enviados os missionários que espalharam o Cristianismo entre os sérvios e os búlgaros, e também na Rússia. Houve, igualmente, um soerguimento intelectual na Igreja, e apareceram muitos homens de notável ilustração. Não obstante, o caráter conservador do Cristianismo oriental permaneceu inalterável.

REAVIVAMENTO

Nesse período, a Igreja Nestoriana desenvolveu seu trabalho missionário na Ásia. Certamente houve cristãos na China ocidental e na Índia, no século 7º.

QUESTIONÁRIO

1. Como o paganismo se fortaleceu dentro da Igreja?
2. Quais os sinais do paganismo na vida da Igreja:
 - a) No clero?
 - b) No papado?
 - c) Na sociedade em geral?
3. Descreva os sinais do paganismo no culto e na religião popular:
 - a) Desenvolvimento da mariolatria;
 - b) Desenvolvimento do culto aos santos;
 - c) O fator medo na religião.
4. Que mudança ocorreu na vida da Europa, a partir do ano 1000?
5. Fale sobre o mosteiro de Cluny e a reforma por ele provocada na vida monástica.
6. Qual era o programa do partido reformista do século 11?
7. Quem foi o grande chefe dos reformadores? Descreva sua influência no papado antes e depois de se tornar também papa.
8. Qual o efeito das disputas teológicas na Igreja do Oriente?
9. Que prejuízos sofreu essa Igreja por causa das conquistas muçulmanas?
10. Qual a condição dos cristãos sob o domínio árabe?
11. Qual a característica fundamental da Igreja do Oriente?
12. Descreva a controvérsia em torno das imagens.

CAPÍTULO SETE

A IGREJA NO APOGEU DA IDADE MÉDIA

**Primeira Parte
(1073-1294 d.C.)**

I. A IGREJA DO OCIDENTE

A. O Papado Medieval

1. Hildebrando

Ao final do período precedente vimos surgir em cena, na cidade de Roma, o homem de quem disse um outro que lhe era semelhante na ambição imperial: “Se eu não fosse Napoleão, desejaria ser Hildebrando.” Hildebrando encontrou o papado enfraquecido e humilhado e o tornou o maior poder da Europa. Foi o maior de todos os papas, o principal construtor do papado na Idade Média. Antes dele, Gregório I muito trabalhara na estrutura desse sistema, e depois dele, Inocêncio III foi um pouco adiante, mas o planejador e extraordinário construtor foi Hildebrando. Em sua mente levantou-se um ideal pela grandeza da cadeira pontifícia e pela Igreja, que nos deslumbra por sua ousadia. O seu gênio planejou uma política cujo objetivo era a consumação do ideal, e a vontade de ferro tornou-a em grande parte um fato concreto.

**MAIOR DOS
PAPAS**

a) Livrar a Igreja do Mundo

A política de Hildebrando era constituída de duas grandes partes: a primeira, livrar a Igreja do controle do mundo exterior. Este era também o propósito do partido reformista do qual ele antes já se tornara líder. Hildebrando resolveu livrar a Igreja da escravidão dos governos civis e dos interesses seculares. Para isso, uma coisa se fazia necessária – a mudança do método da escolha do chefe da Igreja. Por muitos anos, os imperadores haviam decidido quanto à escolha dos papas. Durante o papado de Nicolau II (1058-1061), quando Hildebrando estava realmente à frente desses assuntos, tentou o estabelecimento do colégio dos cardeais com poder para escolher os papas. A influência imperial nesse assunto foi praticamente reduzida a nada. Desse modo, o chefe da Igreja era escolhido pela própria Igreja, por intermédio dos seus oficiais e não pela interferência de algum monarca poderoso.

Outra coisa necessária para a libertação da Igreja era acabar com a indicação dos bispos feita pelos reis. Tal prática era conhecida como a “Investidura Secular”, porque o bispo era investido de certos símbolos do seu ofício pelo governador, que era leigo. Em tudo isso vemos que a razão estava com Hildebrando. A Igreja não podia permitir que os seus mais eminentes oficiais, os homens que dirigiam a sua obra,

**ABOLIÇÃO DA
INVESTIDURA
SECULAR**

fossem indicados por autoridades civis dos países nos quais eles iam servir. A Igreja é que os deveria escolher. Os presbiterianos escoceses, em 1843, deixaram a Igreja da Escócia e organizaram a Igreja Livre, porque não queriam que seus ministros fossem escolhidos pelos senhores feudais ou os proprietários das paróquias, em vez de o serem pelas congregações. Com essa atitude estavam endossando o princípio de Hildebrando. O princípio é que a Igreja já não pode ser a verdadeira Igreja de Cristo se não escolhe seus próprios dirigentes ou mestres. Além do mais, Hildebrando via claramente que, enquanto os governos civis indicassem os bispados e outros cargos eclesiásticos sempre haveria simonia. O único meio de se livrar desse grande mal que estorvava a vida da Igreja era cortá-lo pela raiz, retirando das mãos dos reis qualquer controle sobre a Igreja.

LUTA COM GOVERNOS CIVIS

Logo após tornar-se papa, Hildebrando deu início a uma guerra sistemática contra a investidura secular. Mas os reis não estavam dispostos a abrir mão desse privilégio da indicação dos bispos. Muitos bispos tinham em seu poder grandes e valiosas terras. Naturalmente, os governadores insistiam na escolha desses que retinham tão grandes possessões, dentro dos seus domínios. Foi assim que Hildebrando entrou em conflito com os homens mais poderosos da Europa. Devido à sua índole, ele não se esquivou do conflito, antes o provocou, e deu início à luta com um dos mais poderosos oponentes, o chefe do Império Germânico ou Santo Império Romano. Então os dois grandes poderes da Europa, a Igreja e o Império, empenharam-se finalmente num conflito inevitável.

LUTA COM HENRIQUE IV

O imperador Henrique IV, homem obstinado e tirano, recusou-se a aceitar o pensamento do papa sobre esse assunto da indicação dos bispos, e ofereceu-lhe resistência de vários modos. Depois de conferências e ameaças, Hildebrando excomungou Henrique e o declarou deposto do trono. Pelo fato de Henrique contar com muitos inimigos entre os seus súditos, algumas partes do seu domínio entraram em revolta. A excomunhão papal fortaleceu a revolta, e Henrique viu-se na impossibilidade de a subjugar. Foi obrigado a sujeitar-se às condições mais humilhantes impostas pelos grandes nobres da Alemanha. Teve de se submeter totalmente ao papa para que obtivesse, depois de um ano, o livramento da excomunhão que o ameaçava de perder para sempre o trono. A decisão sobre se deveria permanecer ou não no trono veio ao fim de um ano, por meio da Dieta Alemã, presidida pelo papa. Enquanto isso, Henrique teve de viver em retiro, sem fazer uso da sua

autoridade imperial. Os nobres planejaram, nessa Dieta, escolher um substituto para Henrique, eliminando-o de vez.

Nessa conjuntura, Henrique viu apenas uma saída: tentar livrar-se da excomunhão imediatamente, em vez de esperar ainda um ano. Se conseguisse a paz com o papa, sua posição, com relação ao trono, se fortificaria. Resolveu então fazer a tentativa. Em companhia da rainha e do filho menor, partiu no meio do inverno, empenhando-se numa viagem tremenda para a Itália, atravessando os Alpes no meio de neves pesadas, lutando com grandes dificuldades. No Castelo de Canossa, na Lombardia, em janeiro de 1077, ele encontrou o papa. Hildebrando recusou-se a recebê-lo, e, por três dias, amigos de ambos discutiram os termos da reconciliação. O inexorável papa não aceitaria outra proposta que não fosse a resignação à coroa, e com isso Henrique não quis concordar. Finalmente, o rei decidiu-se a pedir o perdão, sujeitando-se a uma abjeta humilhação. Muito cedo, numa manhã invernosa, descalço, usando uma grosseira camisa de lã, o imperador bateu ao portão do Castelo. Permaneceu ali o dia todo batendo, mas em vão. Dois dias assim levou o Monarca do Santo Império Romano a implorar misericórdia. Afinal, Hildebrando aceitou discutir as condições do perdão. Levantava a excomunhão, mas sob a promessa de que o rei submeteria a sua coroa à decisão dos seus nobres, e que, no caso de permanecer com ela, teria de obedecer ao papa em todas as coisas concernentes à Igreja.

Teve assim o papa, em Canossa, a sua vitória sobre o imperador. Mas a vitória de Hildebrando não foi tão completa como pareceu nesse episódio. O papa excedera-se. Sua arrogância, crueldade e severidade para com o maior dos poderes seculares da terra, poderes que os homens consideram como autoridades indicadas por Deus, provocou em muitos lugares revoltas, indignação e hostilidade. Na Alemanha, os sentimentos gerais se voltaram a favor de Henrique. Este reuniu companheiros e lutou pela reconquista de seu trono. Zombando dos trovões de Hildebrando, que o excomungou e o destronou novamente, Henrique conduziu um exército contra a Itália e entrou em Roma. Em meio a grandes aflições e dificuldades, Hildebrando abandonou Roma para nunca mais voltar. Poucos anos depois, no leito de morte, exclamou: "Sempre amei a justiça e odiei a iniquidade, e, contudo, morro no exílio."

De qualquer modo, a cena de Canossa representou uma vitória para Hildebrando e para a Igreja, vitória que foi assegurada 45 anos

**HENRIQUE EM
CANOSSA**

**EXTREMA
HUMILHAÇÃO**

**TOTAL
SUJEIÇÃO**

**PREÇO DA
ARROGÂNCIA**

**HILDEBRANDO
FOGE**

mais tarde, por meio de um acordo entre o imperador e o papa daquele tempo. A luta prosseguira durante todos esses anos, mas em 1122 terminou por meio de um compromisso. Os bispos seriam eleitos pelo clero, e os papas os investiriam nos seus ofícios espirituais. O imperador investia-os nas suas propriedades, com a autoridade de chefes temporais. De sorte que o imperador exercia poder sobre os que possuíam terras nos seus próprios domínios, assunto sobre o qual sempre insistira e defendera. Mas a Igreja também teve a sua vitória no tocante à escolha dos seus próprios ministros.

ABOLIÇÃO DO CASAMENTO DO CLERO

O terceiro item do programa de Hildebrando, necessário à libertação da Igreja, era a proibição do casamento para os membros do clero. Nesse assunto ele estava de acordo com a opinião do partido reformista ao qual pertencera. Ele julgava que os sacerdotes casados não podiam colocar os interesses da Igreja em primeiro lugar, nas suas vidas, pois deveriam cuidar dos seus filhos e, presos por esses cuidados familiares, negligenciariam os interesses da religião. A verdade é que a experiência de muitas partes da Igreja cristã, onde se permitia ao ministro casar, provou que os temores de Hildebrando e do seu partido não tinham fundamento.

SUAS RAZÕES

Para entender realmente os pontos de vista de Hildebrando sobre esse assunto, precisamos nos lembrar de que muitas das posições ocupadas pelo clero estavam ligadas aos seus valiosos territórios. Isso era verdade especialmente com relação aos bispos, muitos dos quais governavam extensos territórios, como grandes nobres ou príncipes. Podemos entender como Hildebrando via as coisas. Esses homens tão bem situados, se tivessem família, seriam grandemente tentados a se dedicarem às mesmas mais do que aos interesses da Igreja. Temia Hildebrando que desse modo o ministério da Igreja se tornasse uma casta hereditária, que cuidasse principalmente das suas propriedades. Deve-se também lembrar que, conquanto o casamento do clero fosse comum, era estritamente proibido por lei eclesiástica, lei essa que, em muitos casos, serviu de capa à imoralidade. Além disso, é fácil explicar muita coisa da política de Hildebrando, pois ele estava extremamente convencido de que a vida monástica era a única vida verdadeiramente cristã. Não obstante não ser pessoalmente monge, foi o chefe de um partido reformado composto de monges, e trabalhou para imprimir na vida de todo o clero esse espírito e ideal monástico. E o meio mais fácil de conseguir esse objetivo era tornar todo o clero celibatário.

Contra o casamento do clero, Hildebrando lutou ferozmente com todas as armas que a legislação eclesiástica lhe outorgava, lançando mão da disciplina e até mesmo da agitação popular. Desfez muitos casamentos existentes por meio de perseguições cruéis. Os monges, seus companheiros de ideal, levantaram a opinião pública contra os sacerdotes casados. Embora não tenha conseguido a extinção completa do casamento para os membros do clero, reduziu grandemente o número dos casados e criou, afinal, um forte sentimento na Igreja contra o matrimônio. Desde então o sentimento geral da Igreja vem condenando o casamento dos sacerdotes.

**SUA LUTA
CONTINUA**

Já consideramos as coisas que Hildebrando julgava necessárias para livrar a Igreja da influência secular. Vimos, também que, para atingir seu objetivo, fortaleceu em muito o poder do papado. Para continuar sua política, era necessário que o papa fosse realmente chefe supremo da Igreja. A sua idéia era tornar a Igreja uma monarquia absoluta sob a autoridade do bispo de Roma. Todos os demais bispos, todo o clero, todos os monges tinham de sujeitar-se totalmente a ele. Valeu-se de três audaciosas declarações anteriores para impor sua supremacia como sucessor de São Pedro, e, por meio da arma da excomunhão, conseguiu relativo êxito na sua política. A partir de então a vontade do papa tornou-se lei para a Igreja muito mais do que havia sido antes de Hildebrando.

**O PAPA
MONARCA
ABSOLUTO DA
IGREJA**

b) Tornar a Igreja Senhora Suprema do Universo

Vimos até agora somente uma parte do grande sonho de Hildebrando. Ele planejou não apenas libertar a Igreja do domínio secular, mas, depois disso, torná-la senhora suprema do mundo. A ela todos os demais poderes deveriam sujeitar-se. Do papa, representante e cabeça da Igreja, todos os reis e governadores receberiam ordens e só poderiam exercer autoridade sob a supervisão do papa. Este teria o direito de depô-los e libertar os respectivos súditos da obediência que lhes deviam prestar, se os governos contrariassem a suprema e divina autoridade papal. O mundo seria uma espécie de confederação de Estados em que todos os reinos tinham de ser governados de acordo com a soberana vontade do chefe da Igreja.

**PODER
ABSOLUTO**

Esta foi a estupenda idéia de Hildebrando a respeito do papado: o papa deve encarnar o supremo governo da Igreja e, como o cabeça da Igreja, deve ser o supremo governador do mundo. Tal idéia espantosa

**GOVERNO
MUNDIAL E
SUPREMO**

dá-nos viva impressão da grandeza da mente de Hildebrando ao planejar tão audaciosa empresa. À luz da história do seu tempo até nós, descobrimos que tal idéia constituía um erro colossal. O papado, como ele concebia, seria a destruição da vida nacional, da liberdade e do próprio Cristianismo. Mas se quisermos entender Hildebrando, teremos de olhar as coisas como ele as via e com a luz de que ele dispunha, não do nosso ponto de vista moderno de liberdade.

**CONCEITO
MEDIEVAL DE
IGREJA**

Todos concordamos em que o Cristianismo deveria governar o mundo.⁸ Mas para os habitantes da Europa ocidental, na Idade Média, afirmar isso era o mesmo que dizer que a Igreja deveria governar o mundo; pois para eles o Cristianismo e a única Igreja em que viam o Cristianismo corporificado eram a mesma coisa, pois ambos estavam identificados. Não podiam pensar num Cristianismo à parte da Igreja, isto é, da Igreja que conheciam, a Igreja Romana. Ainda hoje há muita gente em situação idêntica. Havia alguns que discordavam desse ponto de vista e faziam distinção entre os dois – entre a Igreja e o Cristianismo. Mas, provavelmente Hildebrando, tendo vivido toda a sua vida nos limites eclesiásticos romanos dentro das fronteiras de sua Igreja, jamais ouvira ou pensara na idéia de um Cristianismo à parte da Igreja. E praticamente o mundo todo pensava dessa forma naquela época. Para um homem da época e da formação de Hildebrando, não havia outro meio mais prático de tornar o Cristianismo supremo no mundo a não ser tornando a Igreja a suprema autoridade na terra. Para ele, a supremacia da Igreja significava a supremacia do papado. Sem dúvida a maioria dos cristãos daquele tempo, na Europa ocidental, reconhecia o papa como o supremo chefe da Igreja, divinamente indicado. Consequentemente, todos concordariam em que, se a Igreja tinha de exercer autoridade sobre o mundo, essa autoridade só poderia ser exercida pelo soberano governo do papado. Temos de ter sempre presentes esses fatos acerca do modo de pensar do tempo de Hildebrando, se quisermos fazer-lhe justiça, bem como aos homens que compartilhavam das suas idéias.

⁸ Em todos os tempos sempre houve a tendência de reduzir o reino de Deus a formas temporais, sociais e políticas. Os judeus esperavam um reino assim. Jesus decepcionou-os. O romanismo ainda o identifica com a Igreja visível, sob o domínio do papa. Mas o reino é o governo de Deus nos corações realmente cristãos. É um reino espiritual, cujo governo, o Espírito de Deus, dirige pelo poder e influência que exerce nos corações livres que obedecem por amor ao grande Rei. Suas leis são celestiais e espirituais. É assim que a Igreja de Deus, coluna e firmeza da verdade, exerce seu domínio neste mundo. É o reino da graça na alma livre do homem salvo por Cristo.

2. Inocência III

A idéia de Hildebrando a respeito da supremacia do papado sobre o mundo não teve tão grande realização no seu pontificado, como no do grande Inocência III (1198-1216). Sob o seu pontificado, a Igreja Medieval alcançou as culminâncias do poder. Sua mente clara e poderosa percebeu, na plenitude, o sentido tremendo do ideal de Hildebrando, cujas pretensões inauditas procurou pôr em prática. “O papa”, disse ele, “fica entre o homem e Deus; é menos do que Deus, porém é mais do que o homem. O papa julga a todos e não é julgado por ninguém.” Destemido, astuto, inflexível, ele realmente alcançou em grande medida o poder com que Hildebrando sonhara.

**EXECUTA
PLANO DE
HILDEBRANDO**

Inocência fez e defez imperadores, afirmando que as coroas deles lhes haviam sido outorgadas pela vontade do papa. Obrigou o rei Filipe, da França, e o rei João, da Inglaterra, a prestar-lhe obediência. E a causa do conflito com Filipe foi o fato de este ter repudiado a esposa por outra mulher. E na Inglaterra a luta foi por causa do Arcebispado de Cantuária (Canterbury). A arma de que lançou mão contra esses reis foi o interdito, que consistia na suspensão de todos os serviços religiosos nesses países. As Igrejas ficavam fechadas. Os Sacramentos, considerados universalmente pelo povo como meios de salvação, não podiam ser ministrados. Os mortos ficavam insepultos. Levantou-se tal clamor público na França e na Inglaterra que os reis tiveram de se submeter ao papa. João teve mesmo de entregar ao papa os reinos da Inglaterra e da Irlanda, para recebê-los depois como simples feudos que tinha apenas de administrar. Isso significava que João os reconhecia como propriedade do papa, e que lhe era permitido ficar com essas terras e pagar tributos anuais ao papa, como reconhecimento da soberania do papado. Inocência assenhoreou-se do reino da Sicília, e o rei de Aragão recebeu dele a coroa. Em quase toda a Europa fez sentir a sua autoridade, e quase sempre obteve pleno êxito, exceto no caso da Inglaterra. Foi logo após João ter-se submetido ao papa que os barões, aborrecidos com o seu governo abominável e opressor, o compeliram a assinar a Carta Magna, a qual foi a pedra fundamental da liberdade inglesa. Inocência tomou o partido do rei, pois João se mostrara filho obediente da Igreja. O papa decretou uma bula que anulava a Magna Carta e obrigava os barões a se submeterem ao rei. Os barões ficaram surdos às ordens arrogantes do papa, que somente pela morte livrou-se de assistir à própria derrota.

**SUBJUGOU
GOVERNOS
EUROPEUS**

CARTA MAGNA

**O PAPADO
VENCE O
IMPÉRIO E
TORNA-SE
SUPREMO**

Sob o pontificado de Inocêncio III, o papado governou a Europa ocidental com um domínio indisputável. Melhor diríamos, a Igreja dominou o mundo pelo seu chefe, o papa. Através do século 13, a Igreja permaneceu no auge do seu fastígio e poder. Durante esse século, o papado, finalmente, venceu o grande rival, o Santo Império Romano. Entre os papas Gregório IX e Inocêncio IV e o imperador Frederico II houve uma guerra prolongada, tanto de palavras como de armas, guerra que terminou em 1248 com a derrota total de Frederico. Dois anos depois, após sua morte, seu filho mais jovem manteve uma sombra de poder por poucos anos, passando-se depois dezenove anos sem qualquer governo. Ficou, assim, o papado triunfante, governando sem competidores. Ao fim dos dezenove anos, o império reviveu, elegendo um imperador; mas nunca foi tão poderoso como antes da vitória do papa.

B. A Igreja Governa o Mundo Ocidental

**DOMÍNIO
SOBRE A VIDA
NO OCIDENTE**

Nos séculos 12 e 13 a Igreja dominou a vida humana, em todos os seus aspectos, na Europa ocidental. Era uma sociedade internacional, que estendia seus tentáculos nos reinos e sobre os reinos. O papa exercia uma autoridade muito maior do que qualquer autoridade civil. Pois o que a Igreja ligava e desligava na terra seria, certamente, como os homens criam, ligado e desligado no céu. E a Igreja estava muito difundida e bem-organizada, de maneira a alcançar todos os homens com o seu domínio absoluto. Em todos os domínios da vida humana mantinha ela seu poder indiscutível, sua mão dominadora. Nada podiam os homens fazer que ela não soubesse. Nenhuma organização na história da humanidade jamais exerceu um domínio, uma escravidão tão completa, sobre as coisas e sobre os homens e as suas consciências.

1. A Extensão da Igreja

**EUROPA
NOMINAL
CRISTÃ**

No ano 1200, apenas uma pequena parte da Europa estava fora da cristandade. No leste e sul da Rússia havia pagãos asiáticos. O sul da Espanha estava nas mãos dos mouros, e ali dominava o maometismo. Os habitantes das margens do sul e do leste do mar Báltico ainda eram pagãos. No século 13 foram obrigados a aceitar o Cristianismo à força de guerras longas e sangrentas. De modo que nos séculos 12 e 13 o Cristianismo era a religião de quase toda a Europa. Isso quer dizer que a Igreja, como organização, cobria a maior parte do continente; à maioria dos seus habitantes era possível algum conhecimento da doutrina cris-

tã. O Cristianismo romano era a religião oficial de todos os reinos, exceto dos mouros. Nesse continente nominalmente cristão, a Rússia, a Grécia e a península Balcânica pertenciam à Igreja oriental. O resto da Europa pertencia à Igreja ocidental ou Igreja Romana. Essa grande organização internacional incluía as nações que haveriam de exercer a maior influência no mundo inteiro e por muitos séculos.

2. *A Guerra da Igreja Contra o Islamismo. As Cruzadas*

Nesse período do seu maior poder, a Igreja ocidental desenvolveu continuado esforço com o propósito de ampliar cada vez mais seus territórios, tentando conquistar a Terra Santa que estava sob o poder dos maometanos. Esse esforço resultou numa série de guerras que tiveram o nome de Cruzadas, guerras que a cristandade ocidental moveu contra o Islamismo, no Oriente, durante dois séculos (1096-1291). Essa grande luta do Ocidente contra o Oriente foi de grande influência para a vida religiosa, política, comercial e intelectual dos povos. Sua história é repleta de cenas tocantes e personalidades notáveis que marcaram época. Nenhuma outra parte da História é mais repleta de romance e de heroísmo. É quase impossível resumir toda a verdade a respeito das Cruzadas, especialmente se afirmarmos que esse movimento foi uma grande tentativa da Igreja Romana para dilatar seus territórios, embora isso seja uma parte da verdade. Não se pode dizer também que a Igreja tenha provocado as Cruzadas. Como todos os grandes movimentos, as Cruzadas apareceram devido a várias causas que vinham operando há muitos anos. Uma dessas causas era o costume, de há muito existente, de peregrinações à Terra Santa ou Palestina. Milhares de pessoas tinham realizado essa penosa viagem para visitar e rezar nos lugares ligados à história da vida do Senhor Jesus, especialmente no Santo Sepulcro. De tudo o que o homem pudesse fazer – ensinava-se – para ganhar os favores divinos, inclusive o perdão dos pecados, a viagem à Terra Santa era considerada a mais eficaz. Os peregrinos, como eram conhecidos os visitantes que de lá regressavam, trazendo folhas de palmeiras, eram venerados como pessoas santificadas pelo resto da vida. Onde quer que andassem, eram reconhecidos pelas vestimentas especiais que os distinguiam, e eram convidados como hóspedes especiais de todos os cristãos. Às vezes os peregrinos iam sozinhos; outras vezes, em grupos; e outras, em grande número. Ricos e pobres, servos e nobres, sacerdotes e leigos visitavam a Terra Santa. Esse costume antigo e generalizado contribuiu, natural-

AS CAUSAS:
(1)
AS PEREGRINAÇÕES
À TERRA SANTA

mente, para as Cruzadas, as quais, sob certo aspecto, outra coisa não foram senão grandes peregrinações organizadas.

(2)
**AVANÇO DO
ISLAMISMO.
OS TURCOS**

O perigoso avanço do Islamismo foi outra causa das Cruzadas. Já vimos no capítulo V até onde os árabes estenderam as suas conquistas e impuseram a sua religião. Depois do século 18, seu espírito combativo arrefeceu, e eles, com sua religião, não realizaram qualquer movimento importante. Mas no século 11, os turcos seljucos, povo guerreiro e bárbaro da Ásia central, tomaram dos árabes o domínio do império maometano, imprimindo à sua doutrina nova agressividade. Conquistaram grande parte da Ásia Menor e ameaçaram Constantinopla. Enquanto os árabes se mostraram relativamente tolerantes para com os cristãos, os turcos os odiavam ferozmente, praticando crueldades contra os peregrinos à Terra Santa. O aparecimento e a atitude desse povo uniu a cristandade ocidental para derrubar esse grande inimigo do Cristianismo, e libertar, especialmente, o Santo Sepulcro das mãos dos infiéis.

(3)
**ESPÍRITO DE
CAVALARIA.
DESEJO DE
LUTAS**

Uma terceira causa foi o amor ao combate, às aventuras guerreiras e heróicas, espírito que era muito forte naquela época, particularmente nas classes mais altas da sociedade. A vida mais honrosa para os homens da época era a do legítimo cavaleiro, a vida de lutas em defesa do fraco, em defesa do direito e do Cristianismo. Embora muitos desses homens não fossem legítimos cavaleiros quanto ao caráter, todavia considerava-se o cavaleiro o homem ideal. É claro que as Cruzadas eram expedições contra os infiéis, pela posse da Terra Santa, e oferecia uma oportunidade especial para a satisfação do espírito de cavalaria. Eis uma oportunidade para lutar, e lutar pelo que se julgava a mais nobre de todas as causas. Provavelmente, o maior fator de aparecimento das Cruzadas foi o crescente entusiasmo religioso da época. Já observamos que houve um soerguimento da religião na Europa ocidental no século 11. Esse forte espírito religioso levou os homens a desejarem fazer alguma coisa para espalhar o Cristianismo. E nada mais convidativo, mais atraente que uma luta contra os infiéis. Pensavam que, agindo dessa maneira, mostravam também o interesse pela salvação pessoal. E o que mais contribuía para a salvação, pensavam eles, era uma viagem à Terra Santa, como destemidos soldados da Cruz. Não eram somente os humildes e os ignorantes os dominados por tais sentimentos, mas igualmente os nobres, os ricos e poderosos, os que tinham nas mãos a direção dos negócios do mundo.

Todas essas forças e causas vinham operando na vida da Europa ocidental no século 11, preparando o povo para a empresa das Cruza-

das. A convocação feita pela Igreja, por intermédio dos papas, deu o impulso final e mobilizou as forças da cristandade para o grande movimento. A primeira Cruzada foi proclamada em 1095, pelo papa Urbano II. O imperador do Oriente, Aleixo, fortemente premido pelos turcos, apelou para que o papa lhe enviasse auxílio. Num concílio eclesiástico em Clermont, na França, onde se comprimia uma grande multidão, Urbano, com um discurso inflamado, lançou o apelo para que a Europa libertasse o Santo Sepulcro do maldito jugo dos infiéis. A multidão vibrou de entusiasmo, e grande número de pessoas “tomou a Cruz”, isto é, pregavam sobre seus vestidos uma cruz de tecido escuro, como sinal do voto que assumiram de se juntarem à Cruzada. O apelo do papa foi levado através de toda a França e pelo vale do Reno por pregadores ambulantes, chefiados por Pedro, o Eremita. Onde quer que chegassem suas palavras inflamadas, levantavam-se multidões, como em Clermont, sob o grito de “Deus o quer!” (Deus vult!).

No ano seguinte partiram os cruzados. Muitos bandos enormes de gente pobre, verdadeiras multidões fanatizadas, partiram para a Terra Santa. Naturalmente, essas expedições nada conseguiram. Duas delas, uma sob o comando de Pedro, atravessaram Constantinopla até a Ásia Menor e foram destruídas pelos turcos em Nicéia. Mas três poderosos exércitos de cavaleiros, chefiados por grandes nobres, marcharam através da Ásia Menor, e depois de uma luta desesperadora tomaram Jerusalém. Aí estabeleceram o chamado “Reino Latino de Jerusalém”, cujo primeiro rei foi o Conde Balduíno de Flandres. Estava, assim, o Santo Sepulcro nas mãos dos cristãos, e a Palestina se tornava novamente parte da cristandade.

Depois dessa cruzada houve mais outras sete, provocadas pelas vitórias dos maometanos, e outra depois de 1178, pelo fato de Jerusalém cair novamente nas mãos dos infiéis. As primeiras foram convocadas pelos papas, por isso a Igreja as dirigia, unindo e conclamando para isso toda a Europa cristã. Mas depois a liderança desse movimento passou às mãos dos reis. Com o passar dos anos, o entusiasmo religioso, sem o qual as Cruzadas jamais se teriam organizado, foi arrefecendo. Surgiram outros motivos: os de conquista e de apreensão de riquezas. Mas foi no segundo século das Cruzadas que o sentimento religioso que as caracterizava encontrou, talvez, a sua mais alta e maravilhosa expressão. Foi na emocionante Cruzada Infantil (1212). A propaganda e pregação de dois rapazinhos inflamou milhares de meninos e meninas na França e no vale do Reno, para libertarem o Santo

**CONVOCAÇÃO
PREPARAÇÃO****PRIMEIRA
CRUZADA****FRACASSO****VITÓRIA****ÚLTIMAS
CRUZADAS****CRUZADA
INFANTIL**

Sepulcro. Abandonaram seus lares e partiram para a Palestina, crendo que, com o auxílio de Deus, seriam mais felizes que os homens que haviam falhado. Multidões deles tomaram os navios em Marselha, em direção à Terra Santa. Mas os proprietários dos navios eram traficantes de escravos, e esses meninos e meninas, mocinhas e rapazinhos, foram vergonhosamente vendidos como escravos. Por incrível que pareça essa história, ela nos mostra como o estado de excitação religiosa na Europa criou um fanatismo tal que levou à desgraça muitos milhões.

**TRÁFICO DE
ESCRAVOS**

RESULTADOS

As Cruzadas falharam no seu grande e imediato objetivo. Ao fim dos dois séculos de lutas, Jerusalém continuou sob o domínio dos maometanos, até 1919. A maior tentativa jamais realizada, para estender os domínios da cristandade pela força, tornou-se infrutífera. Todavia, as Cruzadas trouxeram alguns resultados, dentre os quais consideraremos somente os que se relacionam com o Cristianismo. Como resultado do sentimento religioso, elas o asseguraram e fortaleceram. O poder extraordinário que o sentimento religioso exerceu na Europa ocidental, no apogeu da Idade Média, veio em parte dessa expressão de entusiasmo religioso, em que se uniram todas as nações. As Cruzadas também fortaleceram o poder do papado, porque deram aos pontífices a oportunidade de realizar os mais fortes apelos às massas. Uma das razões pelas quais Inocêncio III conseguiu aproximar-se da realização do sonho de Hildebrando, a respeito do papado, foi que entre esses dois papas houve mais de um século de Cruzadas que aumentaram grandemente o poder papal. As Cruzadas também contribuíram para aumentar o espírito de intolerância. Lutando contra os infiéis de longe, os homens ficaram predispostos a usar da força contra os que, estando mais próximos, não se submetiam aos ensinamentos da Igreja. Depois de um século de Cruzadas, veio a terrível e ignominiosa guerra contra os albigenses, considerados hereges, os quais habitavam no sul da França. Esse espírito de intolerância deu lugar também ao estabelecimento e ao desenvolvimento do sistema inquisitorial.

**(1)
FORTALECERAM
SENTIMENTO
RELIGIOSO**

**(2)
PODER DO
PAPADO**

**(3)
ESPÍRITO DE
INTOLERÂNCIA**

ALBIGENSES

INQUISIÇÃO

QUESTIONÁRIO

1. Qual o lugar de Hildebrando na história do papado? Quais as linhas mestras da sua política?
2. Explique os elementos do seu plano para livrar a Igreja do poder secular:
 - a) Eleição dos papas pelos cardeais;
 - b) Abolição da investidura secular;
 - c) A proibição do casamento para os membros do clero.
3. Descreva sua luta com Henrique IV. Quais os resultados dessa luta?
4. Que fez Hildebrando a favor do poder do papa, na Igreja?
5. Que idéia tinha Hildebrando da posição que o papa deveria ocupar no mundo?
6. Que significa essa idéia quando interpretada à luz do pensamento daquela época?
7. Fale do poder do papado sob o pontificado de Inocêncio III.
8. Descreva o conflito final entre a Igreja e o Império.
9. Até onde se estendia o poder da Igreja na vida social da Europa ocidental?
10. Até onde se estendia o Cristianismo no ano 1200? Até onde se estendia a Igreja ocidental, ou de Roma, nesse tempo? Por que as nações nela incluídas eram especialmente importantes?
11. O que foram as Cruzadas? Explique as causas das Cruzadas:
 - a) As peregrinações à Palestina;
 - b) O avanço do Islamismo;
 - c) O espírito de cavalaria;
 - d) O reavivamento religioso do século 11.
12. Descreva a primeira Cruzada. Quais foram os resultados gerais das Cruzadas?

CAPÍTULO OITO

A IGREJA NO APOGEU DA IDADE MÉDIA

**Segunda Parte
(1073-1294 d.C.)**

I. A IGREJA DO OCIDENTE

B. A Igreja Governa o Mundo Ocidental

3. *As Riquezas da Igreja*

Para se compreender a força dominante e absoluta da Igreja na Idade Média, precisamos conhecer não somente a sua extensão territorial, mas, igualmente, a magnitude das suas riquezas e possesões. Sua riqueza consistia de terras, edifícios construídos para fins religiosos, com ricos mobiliários e ornamentos custosíssimos e construções dos mais variados tipos destinadas aos fins mais diversos. A maior parte das terras pertencentes à Igreja vinha às suas mãos por meio de doações feitas por pessoas devotas. Muita coisa também era conseguida por intermédio do direito feudário,⁹ por meio dos bispados e mosteiros. Havia também os Estados papais, uma grande região da Itália central sobre a qual o papa exercia o domínio de um soberano. De um modo ou de outro, a Igreja dominava uma grande parte das terras da Europa ocidental. Não seria exagero afirmar que na França, na Alemanha e na Inglaterra a Igreja dominava a quarta parte dos territórios. Na Itália e na Espanha ela possuía mais.

Uma renda incalculável de todas essas terras fluía continuamente para os cofres da Igreja, tanto as dízimas, que eram as taxas eclesiásticas pagas por toda gente, como os tributos que se cobravam pelos serviços religiosos, além das vendas de indulgências, que muito rendiam. O papa recebia para si próprio os impostos dos Estados papais e do óbulo de São Pedro, óbulo que todos pagavam. Também o papa cobrava um imposto do clero e outras contribuições dos bispados, por causa do ofício dos bispos, além de arrecadar muitas outras taxas de várias naturezas.

Foi assim que essa grande Igreja internacional se tornou o poder mais rico do mundo, ultrapassando, na Europa, qualquer governo, no tocante a recursos financeiros. Mesmo que os homens não acreditassem na sua autoridade divina, pelo menos temiam por sua tremenda influência, por suas enormes riquezas. Devemos lembrar, todavia, que a Igreja mantinha muitas instituições de caridade. Hoje, muitas obras dessa natureza são realizadas pelos governos, por organizações parti-

(1)
PROPRIEDADES

(2)
RENDAS

(3)
INSTITUIÇÕES
RIQUEZA

⁹ Esse direito feudatário consistia no seguinte: os reis doavam terras aos bispos e aos mosteiros, que as podiam governar e explorar, na condição de contribuírem com alguns produtos da terra e de suprirem o rei com um certo número de soldados, em caso de guerra.

culares e instituições seculares, além do trabalho das Igrejas nesse particular. Mas, na Idade Média, as condições eram outras. Praticamente, quase tudo era feito pela Igreja. Embora a maior parte das suas riquezas fosse gasta egoisticamente, em ostentações faustosas, justo é reconhecer que muito dinheiro era gasto também em benefício dos doentes e dos pobres.

4. *A Organização da Igreja*

PODERES PAPAI'S

O papa era o monarca absoluto da Igreja. Os bispos exerciam autoridade, mas eram todos submissos ao pontífice. Além disso, os papas exerciam uma autoridade contínua e imediata, passando por cima da autoridade dos bispos, dominando diretamente as dioceses. Conquanto os bispos fossem nominalmente eleitos desde o tempo de Inocêncio III, com o passar do tempo os papas foram assumindo o controle da escolha deles. Muitas centenas de milhares de monges estavam sob a imediata direção do papa, o que outorgava a este um poder imenso. Os decretos do papa eram aceitos como tendo a mesma autoridade das decisões dos concílios eclesiásticos. Com o papa estava o último recurso em todas as questões que se levantassem na Igreja. Até mesmo nas cortes judiciais civis apelava-se para o papa.

PODERES DEVERES DOS BISPOS

Logo abaixo do papa estavam os arcebispos, que governavam as “províncias” constituídas de várias dioceses. Vinham, a seguir, os bispos, sendo que cada qual governava a sua diocese com todos os encargos eclesiásticos que lhes eram peculiares. Exerciam a superintendência sobre o clero, cuidavam das instituições de caridade e supervisionavam as escolas. Presidiam os júris no julgamento de questões que se relacionassem com a Igreja. Somente o bispo ministrava a confirmação e a ordenação. Em virtude dos seus grandes territórios, muitos arcebispos e bispos exerciam o governo temporal ao lado do governo espiritual. As suas riquezas lhe permitiam viver principescamente, e muitos mantinham organizações militares nos seus territórios.

PODERES DEVERES DOS PARÓCOS

A pessoa mediante a qual o homem comum podia entrar em contato com a Igreja era, naturalmente, o pároco da sua freguesia. O padre da Idade Média dispunha de um poder quase absoluto sobre o povo, o que não é comum nos dias atuais. Com ele estavam os sacramentos julgados necessários à salvação, razão por que ele exercia tão espantosa autoridade. Por meio do confessorário, o padre conhecia e controlava a conduta do povo sob sua orientação e governo. O pároco ministrava aos meninos e meninas a instrução religiosa e o ensino primário.

Por serem raras as escolas, o que o clero ministrava era toda a educação que os pobres podiam receber. Fazia caridade com as esmolas das caixas da Igreja. O sacerdote era, ao mesmo tempo, ministro, mestre-escola, polícia, juiz em pendências menores, despenseiro dos pobres, etc. É verdade que nem todos os padres realizavam todos esses misteres, pois no meio deles havia muitíssimos preguiçosos que também eram ignorantes e imorais. A verdade é que o padre, em decorrência do seu ofício, dispunha de um poder extraordinário. Precisamos nos alongar sobre este ponto ou não compreenderemos o absoluto domínio da Igreja sobre a vida humana, na Idade Média.

Além dessa organização ordinária que já descrevemos, a Igreja papal tinha a seu serviço uma outra poderosa organização, as ordens monásticas. Na história do movimento reformista de Cluny, vimos quão grande foi a influência do monaquismo na vida da Igreja. Depois de certo tempo, esse movimento perdeu sua força e a vida monástica começou a negligenciar os seus ideais. A reforma que se fazia necessária aconteceu no final do século 11 e no século 12. Foram estabelecidas muitas ordens novas e muitos conventos foram construídos. A mais importante dessas ordens foi a dos Cistercienses, a que pertenciam muitos dos novos mosteiros famosos, alguns hoje em ruínas, como o da “Fontains d’Abbay” na Inglaterra. O líder dos Cistercienses e inspirador da maior parte do entusiasmo pela vida monástica foi Bernardo, abade de Claraval, um dos maiores homens da Idade Média. Em quarenta anos foram organizadas quinhentas abadias da sua ordem, onde viviam milhares de homens, muitos dos melhores daquela época. Nessas abadias, sob a influência da vida de piedade inspirada pelo abade Bernardo, apareceu a vida monacal mais uma vez reformada e digna dos seus mais altos ideais. O mesmo quase pode ser dito sobre as demais ordens.

A princípio, cada mosteiro reconhecia a autoridade do bispo da diocese em que estava situado. Mas os papas invadiram e usurpam a autoridade do bispo, tanto nesse como em outros assuntos, e avocaram a si o controle dos mosteiros. Finalmente, a maioria dos monges só reconhecia a autoridade do papa. O monaquismo e o papado, as duas instituições principais da era medieval, estavam, então, intimamente ligados. Por toda a Europa estavam espalhados milhares de mosteiros, muitos deles possuidores de grandes e riquíssimas propriedades e cheios de homens que não reconheciam outro senhor senão o papa. Nisso residia o baluarte do grande e indiscutível poder papal.

**ORDENS
MONÁSTICAS**

CISTERCIENSES

**BERNARDO
DE CLARAVAL**

**MONAQUISMO
E PAPADO**

**TRABALHO
DOS MONGES****(1)
LITERATURA****(2)
ESCOLAS****(3)
HOSPITAIS****CORRUPÇÃO
NOS MOSTEIROIS**

Nos séculos 12 e 13 a Europa ocidental estava muito mais civilizada e organizada do que nos primeiros tempos do monaquismo. Essa a razão por que havia menor necessidade de alguns tipos de serviço que os mosteiros prestavam em eras anteriores. Contudo, eles continuaram como instituições muito úteis ao mundo. Nunca seremos bastante gratos aos monges pela obra literária que realizaram, escrevendo e publicando inúmeros livros e conservando-os através dos tempos em suas preciosas bibliotecas. Esses mosteiros também prestaram um grande serviço ao povo. Suas escolas ministravam educação primária gratuita. Quando surgiram as universidades (por volta do ano 1200), a maioria das pessoas instruídas deixou os claustros e se alojou nessas novas instituições, mas as escolas dos mosteiros ainda ministravam o melhor ensino abaixo do nível universitário. Os seus hospitais cuidavam dos doentes e dos viajantes pobres. Eram generosos em seus auxílios. Em épocas de fome e de pestilência, coisa comum na Idade Média, os doentes e famintos encontravam maior auxílio nesses mosteiros do que noutra parte.

Sem dúvida houve muita corrupção na vida monacal da Idade Média, a despeito de todas as reformas. O testemunho dos próprios monges e freiras daquela época não deixa margem a qualquer dúvida. Todavia, como diz Workman: "É incontestável que até o final do século 14, a maioria dos monges, considerados como um todo, eram sempre melhores do que a época em que viviam." Nesse período que estamos considerando, a pior falta nas ordens monásticas não era propriamente a imoralidade pessoal, mas a ambição resultante do acúmulo de riquezas. Embora os reformadores desses tempos lutassem contra ela, muitos mosteiros tinham adquirido ricas e extensas propriedades que exploravam em benefício próprio. Muitas propriedades haviam sido conseguidas por doações; outras, pelo trabalho dos monges. Ricos, eles cuidavam mais das suas posses e do conforto pessoal do que do interesse dos outros ou do cultivo da vida espiritual. No próximo capítulo trataremos das grandes ordens dos Franciscanos e Dominicanos, as quais, embora consideradas monásticas, eram bem diferentes das ordens primitivas.

5. A Disciplina e a Lei da Igreja Romana

MÉTODO

O método principal usado pela Igreja para guiar moralmente o seu povo era a disciplina. Nas modernas Igrejas protestantes isso é feito por meio do ensino cristão das Escrituras, dos sermões, da Escola

Dominical, das admoestações particulares e pela influência pessoal. Mas a Igreja medieval governava e conduzia o seu povo por meio do seu sistema disciplinar. Como vimos no capítulo IV, esse sistema disciplinar foi introduzido e ministrado em larga escala quando uma grande massa de bárbaros foi introduzida na Igreja e teve de ser civilizada e instruída na vida cristã. Através da Idade Média, essa disciplina foi se desenvolvendo até se tornar um verdadeiro sistema definitivamente elaborado ao tempo que ora consideramos.

Todos eram obrigados a se confessar ao sacerdote, pelo menos uma vez por ano.¹⁰ Os que se confessavam tinham de fazer penitência de acordo com a gravidade das faltas. A penitência consistia em atos que envolviam sacrifícios como, por exemplo, jejuns, flagelações, peregrinações, etc., sacrifícios esses que, uma vez cumpridos, eram aceitos como prova de verdadeiro arrependimento. Os sacerdotes usavam livros que indicavam detalhadamente as penitências apropriadas às várias naturezas de pecado. A idéia desse sistema penitencial era que os homens deixariam de praticar o mal por saberem que o pecado lhes acarretaria pesados sacrifícios a fim de obterem a absolvição. Quando a penitência era realizada, o sacerdote pronunciava a absolvição. No início da Idade Média, tal pronunciamento era geralmente considerado como perdão divino, concedido ao pecador. Depois prevaleceu a idéia de que a Igreja, por seus sacerdotes, podia não somente declarar, mas, na realidade, conceder judicialmente o perdão. A Igreja, pensava-se, possuía o perdão divino e podia concedê-lo aos pecadores. De sorte que a absolvição do sacerdote era um livramento ou libertação real do pecado. Pela confissão, penitência e absolvição, ensinava-se, era removida a culpa do pecado e, juntamente com a culpa, era eliminado o castigo eterno. Mas ainda permanecia o que se chamava consequência temporal do pecado, cuja parte principal eram as penas do purgatório. Este era um estado de sofrimento purificador, pelo qual o pecador devia passar antes de entrar na bem-aventurança final. A Igreja ensinava que tinha o poder de diminuir essas penas do purgatório daquelas pessoas que, enquanto estivessem na terra, satisfizessem as suas exigências. Essa redução das penas do purgatório era chamada indulgência, e podia ser conseguida pela prática de certas penitências. Mais tarde, essas indulgências passaram a ser objeto de negócio, sendo vendidas a todo preço. Ensinava-se que a pessoa que as pudesse obter, além de beneficiar-se, ajudava também aos parentes e amigos já falecidos.

CONFISSÃO**PENITÊNCIA****ABSOLVIÇÃO****PURGATÓRIO****INDULGÊNCIAS**

¹⁰ O concílio Lateranense de 1215, no papado de Inocêncio III, tornou obrigatória a confissão anual àqueles que alcançavam a idade da discrição.

**CONFLITO COM
A BÍBLIA**

É difícil entendermos tal sistema de disciplina, pois é nossa mais firme convicção que o homem pode dirigir-se pessoalmente a Deus, confessar-lhe sinceramente as faltas e buscar o perdão, prescindindo de qualquer outro intermediário entre sua pessoa e Deus, exceto Cristo. Essa complicada e extravagante entrosagem deu lugar a grandes erros e males na vida espiritual de milhões. Precisamos nos lembrar de que esse era o único meio de que a Igreja lançava mão para disciplinar e corrigir a natureza humana e tratar com esses povos pagãos e semipagãos da Europa ocidental.

**EXCOMUNHÃO
PARA OS
OBSTINADOS**

A Igreja infligia punição aos que não se submetiam à sua disciplina. Havia penalidades menores, como suspensão dos privilégios eclesiásticos e multas. Para grandes faltas, a penalidade era a excomunhão, isto é, expulsão da igreja com privações dos seus ministérios. Para o povo daquela época, isso constituía uma punição aterradora. Os fiéis da igreja eram impedidos de qualquer aproximação com a pessoa excomungada, e desde que, praticamente, todos estavam na igreja, o contato com o excomungado era evitado por todo mundo. Em alguns países, o excomungado perdia os direitos legais e era julgado fora da lei. A excomunhão, portanto, representava virtualmente a expulsão da sociedade humana. E desde que faltar aos sacramentos da Igreja e morrer fora da sua comunhão importava na perda da salvação, alguém nessa situação era considerado como condenado ao castigo eterno. O medo da excomunhão concedia à Igreja terrível poder para tratar com os homens em todas as suas atividades. Até mesmo grandes reis e imperadores tremiam ante essa arma terrível.

**LEIS E
TRIBUNAIS DA
IGREJA**

O domínio da Igreja sobre a vida humana não era exercido somente por seu sistema disciplinar, mas também por suas leis aplicadas por seus próprios tribunais.¹¹ Na Idade Média, todas as pessoas estavam tanto debaixo da lei civil como da lei canônica ou eclesiástica dos países onde habitassem. Já dissemos que a Igreja era um grande governo internacional. Como todos os governos, ela possuía leis que consistiam nas decisões dos papas e dos concílios. Tinha seus próprios tribunais: o dos bispos, o dos arcebispos e o do papa. Certos casos, como os que envolviam testamentos, sempre iam aos tribunais eclesiásticos, como também os casos que envolvessem pessoas do clero, de sorte que este não era subordinado às leis dos países onde residiam. Além disso, casos de qualquer natureza podiam ser levados, de uma maneira

¹¹ Propriamente falando, o sistema de penitência fazia parte da estrutura da lei eclesiástica.

ou outra, às cortes eclesiásticas. O objetivo de tudo isso era tornar esses tribunais tão poderosos quanto os civis.

Uma parte importantíssima do mecanismo legal da Igreja e um dos principais meios de controle sobre a vida humana foi a Inquisição, uma organização eclesiástica destinada a procurar, descobrir e punir o que a Igreja considerava heresia ou discordância dos seus ensinamentos. No século 11, e mais ainda nos séculos 12 e 13, a oposição ou discordância de certos ensinamentos da igreja tornou-se muito generalizada. No século 12 houve dois grupos muito fortes de dissidentes – os Cataristas (ou Albigenses) e os Valdenses. Poucos homens, como Bernardo e Domingos, julgavam que a heresia devia ser combatida pelo ensino, pela persuasão, nunca pela força. Mas o pensamento da Igreja Romana a esse respeito é que não devia haver outro método exceto o da repressão. A heresia era rebelião, e como tal devia ser esmagada. Primeiramente, a guerra contra a heresia foi confiada aos bispos, mas os dissidentes continuaram a crescer em número. Veio, então, Inocêncio III, que odiava os hereges com todas as suas forças. Este espírito foi manifesto na sua atitude de instigar uma cruzada sanguinária contra os albigenses, hereges da Provença, cruzada que durou mais de vinte anos e causou a morte de muitos milhares. Inocêncio sentiu a necessidade de uma organização centralizada que abrangesse toda a Igreja, que fosse destinada à supressão da heresia. Sob sua orientação e a dos seus sucessores, na primeira metade do século 13, desenvolveu-se a Inquisição papal. Ao mesmo tempo, o poder civil criou as condições necessárias para fazer funcionar a Inquisição. Muitos governos civis criaram leis severas contra a heresia. Em 1224, o imperador Frederico II tornou-a passível de morte. A Inquisição era uma combinação de força policial e sistema judicial. Operava em toda parte, secreta, vigilante, paciente e desumanamente. Em seus tribunais, o acusado não tinha meios de defesa contra as acusações e nunca conseguia absolvição. Essa terrível instituição ordinariamente lançava mão das mais horripilantes torturas a fim de arrancar confissões. Tinha o auxílio do governo civil na caça aos hereges e aplicava sentenças de morte.

Nessa política de aniquilamento da heresia, a Igreja tinha o apoio da opinião pública. Para o homem medieval, a heresia era o pior dos crimes, pois ela quebrava a unidade da Igreja, e o herege, ao discordar da Igreja, ia de encontro à fé cristã. Na mente do povo, a fé cristã e a organização que a representava eram uma e a mesma coisa; de modo que rebelar-se contra uma era rebelar-se contra a outra. Além do mais,

INQUISIÇÃO**CATARISTAS
VALDENSES****AVANÇO CONTRA
"HERESIA"****VÍTIMA
INDEFESA****MÉTODOS****IDÉIA MEDIEVAL
E HERESIA**

desde que o Cristianismo era considerado o fundamento da sociedade civilizada, considerava-se o herege um desobediente à Igreja cristã. Eram julgados como o são hoje em dia os anarquistas. Os homens da Idade Média não tinham nenhuma idéia de liberdade de pensamento e de consciência. Esta idéia os cristãos aprenderam muito vagarosamente, e, diga-se de passagem, ainda não de todo.

6. O Culto da Igreja

No culto que a Igreja medieval ministrava ao seu povo, a administração dos sacramentos ocupava a maior parte da adoração, especialmente a missa. Os sacramentos eram sete: 1) Batismo, 2) Confirmação, 3) Eucaristia, 4) Penitência, 5) Extrema Unção, 6) Ordem, 7) Matrimônio. Pensava-se e ensinava-se que eles constituíam meios de salvação. Não eram meros símbolos que ensinavam verdades religiosas ou espirituais; ou, ainda, cerimônias que ensinassem meios de graça aos que tinham fé em Cristo – absolutamente não. Os simples atos dos sacramentos tinham em si mesmos poder salvador positivo. Eles realizavam sua obra salvadora independentemente da condição espiritual do pecador, da sua fé ou falta de fé. Receber o batismo significava ser regenerado; participar da comunhão era receber a vida de Cristo. Mas os sacramentos só eram meios de salvação quando ministrados por um sacerdote ordenado pela Igreja.

A Missa era o elemento central do culto, o maior dos sacramentos. Ela era celebrada, no caso da missa solene, com muito esplendor, com cerimônias, movimentos, vestimentas riquíssimas, música solene, em belíssimos templos; muita coisa só para ser vista e ouvida, tudo com o propósito de produzir uma poderosa impressão no espírito, por meio dos sentidos. No século 13, depois de se ter crido e ensinado, desde muito tempo, que o pão e o vinho usados no sacramento eram milagrosamente transformados na carne e no sangue de Cristo, a Igreja papal adotou a transubstanciação como um dos seus dogmas. De sorte que esse sacramento era a repetição real do sacrifício do Calvário. Cada vez que era celebrado, o corpo de Cristo era partido e seu sangue derramado pelos pecados dos homens. Receber esse sacramento era participar dos benefícios desse sacrifício, e participar alguém do sangue e da carne de Cristo era receber a vida eterna. (Aos leigos era dado somente o pão, pelo temor do desperdício do vinho; pois desde que o corpo (pão ou hóstia) *continha* o sangue, era bastante ao leigo participar do pão.)

SISTEMA
SACRAMENTAL

MEIO DE
SALVAÇÃO

A MISSA

TRANSUBSTANCIAÇÃO

Em virtude de os sacramentos serem colocados em tão grande destaque, a pregação passou para lugar secundário e de muito pouca importância. Raramente um pároco pregava, pois a maioria do clero era bastante ignorante para pregar. Quando surgiram os frades dominicanos e franciscanos, dedicaram-se muito a essa obra tão negligenciada por parte dos sacerdotes. O culto era celebrado estritamente de acordo com as ordens prescritas pela Igreja, tanto quanto às palavras, como quanto à forma. Em qualquer parte o rito era celebrado em latim; em consequência, poucas pessoas entendiam o que ouviam na igreja.

**PREGAÇÃO EM
SEGUNDO PLANO**

IGNORÂNCIA

Nos primeiros capítulos, vimos como os elementos da superstição pagã haviam invadido, em larga escala, o culto cristão. Essa situação continuou e piorou durante a Idade Média. O culto dos santos, em todas as formas descritas no capítulo VI, dominou inteiramente a religião popular. A intercessão dos incontáveis santos padroeiros era invocada continuamente visando às graças especiais. A Igreja patrocinou o culto de relíquias e a crença nos supostos poderes miraculosos. As inúmeras histórias sobre os milagres realizados pelas relíquias eram acreditadas sem qualquer contestação. Como, por exemplo, a do comerciante de Groningen que roubara um braço de uma imagem de João Batista, de um certo lugar, e o escondera na própria casa. Quando um grande incêndio destruiu a cidade, somente a sua casa foi poupada. Peregrinações a lugares santos e aos relicários constituíam grande devoção na vida religiosa da Idade Média. Multidões visitavam esses lugares penitencialmente ou para ganhar indulgências ou à procura de restabelecimento de males físicos. No famoso relicário de Tomas Becket, em Cantuária, e em muitos outros lugares, foram empilhadas verdadeiras fortunas em jóias e objetos caros que constituíam ofertas dos peregrinos, que despendiam grandes somas, conforme as posses de cada um.

**CULTO DOS
SANTOS**

RELÍQUIAS

PEREGRINAÇÕES

O culto da Virgem constituía parte muito importante da religião popular. No ensino da igreja papal nunca se atribuíra divindade à mãe de Jesus. Ela, porém, recebia tal consagração e louvor, tão grande culto da parte do povo, que pouco faltava para ultrapassar o do próprio Deus. Pensava-se que ela, sendo mulher e mãe, podia demonstrar maior compaixão e graça. E esses atributos o povo não encontrava em Deus Pai e Deus Filho, segundo o ensino dessa Igreja. Deus era apresentado ao povo principalmente como Criador e Dominador Supremo; Jesus era apresentado, particularmente, como Juiz muito severo. De sorte que as massas ignorantes do ensino bíblico convenciam-se de

**CULTO DA
VIRGEM**

que só podiam encontrar simpatia quando suas orações fossem dirigidas à Virgem Maria. Considerando-a intercessora e protetora, o povo construía grandes e custosos altares e magníficos templos em sua honra, e promovia grandiosas festas.

**GRANDES
TEMPLOS**

Quem quer que se refira à religião medieval, não pode deixar de mencionar os magníficos templos desse período. As catedrais e as abadias que os modernos turistas procuram visitar, como muitas outras igrejas paroquiais, apresentam uma expressão bem significativa do sentimento religioso do período medieval. Pelo número desses suntuosos templos, pelo tamanho, pela beleza arquitetônica, pelo custo ou magnificência, verifica-se a poderosa e grande influência que a religião e a Igreja exerceram na vida dos povos daqueles dias. Os principais edifícios da Idade Média não foram construídos para fins comerciais ou administrativos, mas para a religião. A importância desses templos reside no fato de serem as maiores expressões da arte principal da Idade Média. Desde que a arquitetura foi a arte dominante desse período, e porque a religião era o assunto predominante na mente humana, naturalmente as suas tendências artísticas foram grandemente orientadas e empregadas na construção dessas magníficas catedrais.

**CONCENTRAÇÃO
DO DOM
ARTÍSTICO
RELIGIOSO**

O despertar religioso do século 11 revelou-se principalmente na construção de igrejas. “A terra despertou da sua sonolência e se vestiu das vestes brancas das catedrais.” Tal movimento prolongou-se por quatro séculos, até que por toda a Europa ocidental havia centenas de suntuosos templos. Para isso contribuíram reis, nobres, bispos, monges e o povo das grandes cidades e dos povoados; todos participaram dessa obra em que o povo demonstrava bastante devoção. No século 11 e grande parte do 12, o estilo arquitetônico dominante foi o normando, assinalado pelo arco redondo, do qual a catedral de Durham é um famoso exemplo. Na última parte do século 12 surgiu o estilo gótico, assinalado pelo arco em ponta (ogiva), estilo que se universalizou pela Europa ocidental e o estilo característico da Idade Média. Nenhuma outra forma de arquitetura é tão apropriada, tão convincente ao culto. É impossível entrar-se num grande templo gótico sem se emocionar, sem ser conduzido a pensamentos graves, à reverência, e sem que se sinta que se trata de um monumento de uma época em que a religião exercia um grandioso poder sobre os homens.

ESTILO

7. O Lugar da Igreja na Religião

Do que se discutiu neste capítulo, fica-se convencido de que, na religião do povo na Idade Média, a Igreja papal era sumamente importante. Ensinava-se ao povo, e ele cria, que a sua Igreja permanecia entre o homem e Deus, como a única mediadora. Ela outorgava aos homens a salvação por meio dos sacramentos. Ela referia-lhes as ordens de Deus pela disciplina. Ela ministrava-lhes, por seu ensino, o conhecimento de Deus. Por meio da complicada maquinaria dos seus intercessores, a Igreja apresentava a Deus as necessidades dos homens. Quem quer que cumprisse os seus mandamentos, a Igreja conduzia-o a Deus e à salvação. Pelos sacramentos a Igreja unia Deus aos homens, pois ela era o único meio de Deus conceder a vida eterna à humanidade decaída. Era o que se ensinava.

**MEDIADORA
ENTRE DEUS
E OS HOMENS**

Essa Igreja mantinha tal posição e poder em virtude da autoridade que, cria-se, lhe fora divinamente concedida, autoridade que pertencia exclusivamente ao seu sacerdócio. Quando os protestantes falam de Igreja, referem-se à comunidade do povo cristão. Para eles, tanto os leigos como os pastores são simples membros da igreja. Os pastores têm um serviço especial a realizar na igreja, mas isso não lhes confere privilégios espirituais especiais ou poderes. Tanto os membros da igreja, como os clérigos, ficam diante de Deus no mesmo pé de igualdade. Mas quando o homem da Idade Média falava em Igreja, referia-se principalmente ao sacerdote. Os padres tinham poderes terríveis e misteriosos que recebiam de Cristo pela ordenação que os colocava entre os homens e Deus. Os dons divinos vinham aos homens, e estes só se aproximavam de Deus por intermédio dos sacerdotes, e somente por meio deles é que tinham nas mãos o poder de vida e morte, nos céus e no inferno. Estar fora da comunhão da Igreja era estar fora da comunhão divina e condenado ao castigo eterno. Para o povo da Europa ocidental, na Idade Média, o Cristianismo estava ligado à Igreja e a Igreja era o Cristianismo; e ela era a grande organização governada pelo papa supremo. Apenas alguns ousavam discordar dela; eram os raros dissidentes que tinham coragem de pensar em ser cristão fora da Igreja suprema. Para o povo, ser cristão era obedecer à Igreja.

**PODERES DO
SACERDÓCIO**

**CONCEITO
PROTESTANTE**

QUESTIONÁRIO

1. Fale sobre as propriedades da Igreja e das taxas e lucros que ela usufruía.
2. Como eram empregadas essas riquezas?
3. Quais eram os poderes dos papas? Descreva o ofício do bispo.
4. Descreva o pároco da era medieval.
5. Qual a relação dos monges para com o papa? Que serviço prestavam os monges nesse período?
6. Qual a condição moral dos mosteiros?
7. Explique os seguintes elementos da disciplina da Igreja:
 - a) Penitência;
 - b) Indulgência;
 - c) Excomunhão.
8. Fale sobre as leis e tribunais da Igreja.
9. O que foi a Inquisição? Qual o sentimento geral do povo quanto à heresia?
10. Descreva o culto na Idade Média. Quais eram os sete sacramentos? Qual a idéia a respeito dos poderes desses sacramentos?
11. O que era a doutrina da transubstanciação? Qual a crença a respeito da Missa?
12. Fale sobre o culto dos santos nesse período. Qual a razão do culto à Virgem Maria?
13. Qual o lugar da Igreja na religião do povo? O que foi que lhe concedeu poderes tão extraordinários?

CAPÍTULO NOVE

A IGREJA NO APOGEU DA IDADE MÉDIA

**Terceira Parte
(1073-1294 d.C.)**

I. A IGREJA DO OCIDENTE

B. A Igreja Governa o Mundo Ocidental

8. *A Vida Cristã Sob o Domínio da Igreja*

Vamos agora considerar o tipo de caráter e de conduta que esse grande sistema religioso produziu na sociedade. Devemos observar dois fatos importantes: primeiro, o Cristianismo, isto é, a poderosa influência cristã de muitos homens e mulheres de vidas santas e notáveis, aos quais a Igreja cristã honra. Segundo, o tipo de Cristianismo, ou melhor, de vida religiosa do povo em geral.

Como representantes do Cristianismo medieval, na sua mais alta expressão, temos como exemplo Bernardo de Claraval, Domingos e Francisco de Assis. Bernardo (1090-1153) procedeu de uma nobre família da Borgúndia. Seu pai era considerado um dos maiores expoentes daquele espírito de cavalaria da Idade Média. Homem valoroso, amigo dos pobres e desamparados. A mãe de Bernardo era uma mulher de caráter profundamente cristão. Na casa dessa nobre família havia um ambiente de fé e bondade. Todos os filhos foram criados nessa atmosfera em que Deus habitava. Bernardo tinha um físico muito fraco para a vida da cavalaria e em casa mostrava zelo religioso fora do comum. No seu tempo era natural que se tornasse monge, o que fez aos 22 anos de idade. Desde moço revelou as qualidades que tornaram sua vida memorável. Levou consigo para o mosteiro todos os irmãos e mais trinta companheiros. Para um homem da sua natureza e do seu entusiasmo, a vida monástica era um ideal irresistível. Provou a legitimidade da sua consagração ao entrar para o mosteiro de Citeaux, quando poderia ter entrado em qualquer outro de vida mais confortável. Em Citeaux as regras eram por demais severas: “Uma refeição por dia, sem carne, peixes ou ovos; poucas horas de sono, orações até a meia-noite e duros trabalhos nos campos.” Tudo isso ainda não satisfazia o entusiasmo de Bernardo. Impôs a si mesmo muitas outras penitências, o que prejudicou permanentemente a sua saúde. Dois anos mais tarde, chefiou um grupo de monges para fundar outro mosteiro num vale quase inacessível, ermo, no leste da França. Ali construíram um barracão do qual surgiu a famosa Abadia de Claraval. Atraídos pela presença de Bernardo, muitos homens foram para o mosteiro, alguns deles das famílias mais nobres. Seu mosteiro prosperou extraordinariamente. Muitas pessoas que não desejavam ser monges freqüentavam, por certo tempo, o mosteiro, somente para terem contato com Bernardo.

LÍDERES
RELIGIOSOS:
(1) BERNARDO DE
CLARAVAL

MONASTÉRIO DE
CITEAUX

MONASTÉRIO DE
CLARAVAL

**SUA
INFLUÊNCIA**

Tanto sobre os monges como sobre todas as pessoas que dele se aproximavam, Bernardo exercia uma influência maravilhosa, por sua personalidade e por causa das suas pregações diárias na capela do mosteiro. Pode-se dizer que o segredo dessa influência era o seu grande amor aos homens e, sobretudo, a Deus. Era dotado de excepcional simpatia pelas necessidades humanas, o que se verifica pela leitura das suas cartas, ainda hoje conservadas. Era dotado de uma ardente consagração a Deus e a Jesus Cristo, vendo no Filho de Deus a mais alta expressão do amor divino. Isso verificamos em muitos dos seus hinos ainda hoje entoados em muitas igrejas cristãs.

**SUA INFLUÊNCIA
NA EUROPA**

A influência desse homem transpôs as fronteiras de Claraval. Vimos no último capítulo seus grandes serviços prestados à vida monástica. Mas seu poder não se limitava às paredes do convento. Não é exagero afirmar que na primeira metade do século 12, esse monge semi-inválido, sem outro ofício que o de abade de Claraval, sem riquezas nem exércitos, foi o homem mais influente da Europa. Isso foi devido unicamente à pureza e à força do seu caráter. Toda sorte de gente procurava ouvir os seus conselhos a respeito dos mais variados assuntos e problemas, fossem grandes ou pequenos; e tais conselhos sempre resultavam eficazes. Por meio de cartas, francas e resolutas, chegou a reprovar papas e reis pela negligência dos deveres nos seus respectivos cargos. Quando a Europa estava em confusão por causa da disputa de dois homens que pretendiam ser o legítimo papa, sua opinião foi solicitada pelos reis e prelados da França, e sua decisão foi aceita por todos. Quando o papa Eugênio IV proclamou a segunda cruzada, pôs sobre os ombros de Bernardo a tarefa de convocar homens que assumissem a direção da grandiosa empresa. Na França e na Alemanha sua pregação despertou enorme entusiasmo para a guerra chamada santa. O imperador tinha decidido ficar no país, mas depois de ouvir a pregação de Bernardo, tomou a Cruz. Foi assim que Bernardo veio a ser o dirigente espiritual da cristandade. Não obstante, por toda a sua vida, permaneceu humilde e pobre, sem nada ambicionar para si próprio.¹²

**MENTOR
ESPIRITUAL****(2) DOMINGOS**

Não muito depois da morte de Bernardo nasceu um grande espanhol cujo nome era Domingos (1170-1221). Possuía ele grande cultu-

¹² É pena que homens tão notáveis como Bernardo e outros se tenham tornado instrumentos nas mãos dos papas e, imbuídos de espírito de intolerância, se dedicassem à propaganda do extermínio de dezenas de milhares de muçulmanos, em nome daquele que mandou Pedro embainhar a espada.

ra universitária quando se tornou sacerdote, mas sua vida verdadeiramente operosa manifestou-se mui vagarosamente. Já passando dos 30 anos, viajou pelo sudeste da França e ali viu o efeito da chamada heresia albigense, uma mistura de verdade e erro, que havia provocado uma deserção generalizada de muitos elementos da igreja. Viu também o começo da guerra terrível com a qual os papas tentaram esmagar a heresia. Tudo isso o impressionou profundamente e lhe mostrou que a época estava tremendamente necessitada da pregação da verdade cristã. Era assim que ele via o único meio de se acabar com a heresia.

Por fim concebeu o plano de organizar sua companhia de pregadores, que deveria viajar por toda parte ensinando o povo. Quando tinha 45 anos, conseguiu de Inocêncio III a aprovação do seu plano, e imediatamente organizou a ordem. Seu projeto encontrou grande simpatia e entusiasmo entre os moços do seu tempo, o que prova que ele conhecia a grande necessidade da época. A ordem cresceu aos saltos, de uma maneira extraordinária. Depois de quatro anos de trabalho ativo, cerca de vinte mosteiros de frades dominicanos estavam estabelecidos em vários países da Europa, e a obra desses frades (irmãos) espalhou-se por todos os recantos. Inflamado de zelo, Domingos viajava por toda parte pregando e alistando novos candidatos. Desde que seu plano exigia pregadores experimentados, procurou interessar particularmente os estudantes universitários, dos quais alcançou grande número. Desejou intensamente ir como missionário trabalhar entre os tártaros, pagãos que habitavam o sul da Rússia. Mas, esgotado por trabalhos excessivos, morreu apenas quatro anos após enviar os primeiros frades, deixando a ordem bastante crescida e solidamente organizada. Domingos não foi dotado do maravilhoso magnetismo do seu contemporâneo Francisco de Assis, contudo, por sua própria sabedoria, força de vontade, entusiasmo e seu gênio organizador, criou uma das melhores e mais poderosas organizações religiosas da Idade Média.

**ORGANIZA
A ORDEM
DOMINICANA**

**DESENVOLVIMENTO
DA ORDEM**

Dentre os líderes religiosos da Idade Média, Francisco de Assis é hoje o mais honrado e amado por toda a Igreja Cristã. Cristãos de todos os nomes sentem-se inspirados pela vida desse homem que tão fielmente seguiu a Jesus Cristo. Francisco (1182-1226) era filho de um comerciante de Assis, na Itália central. No meio de uma mocidade desregrada e indiferente foi atingido por séria moléstia, o que fez com que voltasse seus pensamentos para Deus. Seu despertar religioso manifestou-se imediatamente em serviços de amor ao próximo. Outrora extravagante nos seus prazeres, mostrava-se agora pródigo em

**(3) FRANCISCO
DE ASSIS**

suas dádivas aos necessitados. Dedicou-se especialmente à caridade entre as pessoas mais infelizes daquela época, os leprosos, dispensando-lhes cuidado pessoal e amizade. Restaurou também algumas igrejas que se encontravam em ruínas, expressando desse modo seu grande desejo de servir a Deus. Todavia, ainda não tinha feito o trabalho que Deus lhe reservara. O pai, zangado por causa das esmolas pródigas do filho, procurou interná-lo como louco, num hospício. Francisco, então, renunciou a qualquer pretensão à herança paterna e saiu pelo mundo como mendigo. Pouco depois, assistindo a um serviço religioso numa capela perto de Assis, ouviu a leitura, pelo sacerdote, de uma parte do capítulo 10 de Mateus, onde é descrita a cena em que Jesus envia os seus discípulos a pregar. Entendeu que aquilo era como uma chamada de Cristo, a que imediatamente obedeceu. Embora leigo, foi à cidade e começou a pregar. Desde então, e por toda a sua vida, ministrou com excelentes resultados o ensino mais simples e o Cristianismo mais prático, com o poder da sua consagração e da sua personalidade atraente e vigorosa.

Em pouco tempo, dois homens da cidade de Assis tornaram-se seus companheiros. Isso sugeriu-lhes a organização de uma fraternidade que vivesse como eles viviam, a serviço do próximo, no espírito de Cristo e em pobreza. Apareceram alguns outros discípulos, e a fraternidade foi organizada. No primeiro ano (1209-1210) Francisco e seus companheiros levaram a termo uma missão evangelística às regiões remotas da Úmbria. O grupo continuou a crescer, reunindo elementos de Assis e das vizinhanças. Eram diferentes dos dominicanos, porque esses primeiros franciscanos, na maioria, não eram bastante instruídos. Depois dessa primeira obra da fraternidade, Francisco foi a Roma com alguns dos seus companheiros e obteve de Inocêncio III parcial aprovação dos objetivos do seu grupo.

A capela onde Francisco sentiu sua chamada foi-lhe concedida para sede da fraternidade. Ao redor dela foram construídos rudes abrigos para os irmãos. Raras vezes, porém, ali permaneciam, pois levavam todo o tempo a viajar, servindo o povo, segundo a ordem expressa e o exemplo de Jesus. Pregavam nos campos enquanto os trabalhadores descansavam; nos mercados, feiras, vilas, cidades, onde quer que encontrassem uma oportunidade. Auxiliavam os necessitados de toda natureza, especialmente os leprosos. Não tinham dinheiro para dar, pois a pobreza era parte essencial das suas vidas; todavia, prestavam serviços especiais e cuidados pessoais. A missão deles não era somen-

DESERDADO**PREGADOR
HUMILDE****ORDEM DA
FRATERNIDADE****OBRA
FRANCISCANA**

te a de pregar, como a dos dominicanos, mas uma espécie de ministério múltiplo para atender a todas as necessidades humanas, inclusive com pregação e assistência espiritual. Mantinham-se com os trabalhos que faziam, e quando não podiam fazê-lo, recorriam às esmolas. Daí a razão por que, tanto eles como os dominicanos, que logo começaram a adotar os métodos dos primeiros, eram conhecidos como mendicantes ou Ordem dos Mendicantes.

MENDICANTES

Uma característica notável desses primeiros franciscanos foi a excepcional alegria, a satisfação de que se achavam possuídos, e que lhes fora inspirada por Francisco. Para ele e seus companheiros ungidos do mesmo ideal, uma vida de serviço ao próximo e de pobreza por amor a Cristo não constituía um sacrifício, mas um motivo de alegria. Tudo era feito num espírito de consagração e de obediência a Jesus, de amor para com os homens, alegria e desapego ao mundo. Nunca havia sido visto, até então, maior empenho em imitar a Cristo, ou maior revelação de fé nele e maior prontidão em cumprir suas ordens divinas, do que o revelado por Francisco de Assis e esses primeiros franciscanos.

**ALEGRIA EM
SERVIR**

A fraternidade se desenvolveu rapidamente para além das fronteiras do país. Quando se reuniu o segundo concílio geral, em 1217, havia irmãos franciscanos na Alemanha, Hungria e Espanha, e já haviam sido iniciadas as missões às terras pagãs. Uma ocasião, ao ser censurado pelo cardeal Ugolino por ter enviado alguns irmãos a lugares distantes e perigosos, Francisco respondeu: "Pensais que Deus levantou esses irmãos só por amor deste país? Na verdade vos digo, Deus os levantou para despertamento e salvação de todos os homens." Em 1218, ele próprio foi à Palestina, julgando, na simplicidade da sua fé, converter os muçulmanos em Damietta, no Egito, e pregou ali o Evangelho, mas sem qualquer êxito. Entre os exércitos dos cruzados, todavia, alcançou bom número de adeptos.

CRESCIMENTO**ZELO CRISTÃO**

Voltando à Itália depois de dois anos, descobriu que aqueles a quem fizera responsáveis pela direção da fraternidade haviam, de certo modo, se afastado dos seus ideais. Ele entendia que não somente os irmãos, individualmente, não deviam ter qualquer propriedade, mas a própria fraternidade não devia possuir quaisquer bens. A pobreza, para ele, significava um meio de libertação dos cuidados mundanos que interferem na carreira cristã. Mas, na sua ausência, essa regra fora modificada, de modo que a fraternidade adquirira propriedades. Isso, além de outras modificações que encontrou o perturbou bastante. É possível que se tenha convencido de que seu ideal de pobreza era im-

**ÚLTIMOS ANOS
DE FRANCISCO****DECEPÇÃO**

**AFASTAMENTO
DA ORDEM**

praticável para o grupo de homens que dirigia o trabalho em outros países, onde a fraternidade já estava operando. Talvez tivesse verificado que ele próprio era incapaz de dirigir uma organização tão vasta que se espalhara por toda parte. Certamente não possuía grande dose de capacidade administrativa. Seja como for, pediu ao papa que assumisse a direção da fraternidade e a protegesse, o que resultou transformá-la numa ordem, no mesmo plano e base das ordens monásticas. Demitiu-se, então, de seu lugar de chefe. Durante os anos que lhe restaram, sofreu algumas tristezas por verificar o afastamento dos ideais que imaginara para a sua ordem. Mas, antes de sua morte, voltou à sua antiga alegria, que expressou no seu famoso *Cântico do Sol*.

**MISSÕES
DOMINICANAS
FRANCISCANAS**

Apesar de modificados os ideais de Francisco, os franciscanos conservaram ainda por muitos anos muita coisa do espírito do fundador dessa organização. Onde havia gente desamparada e sofredora, os franciscanos apareciam para ajudar. Os dominicanos eram seus dignos êmulos na estrita devoção ao trabalho de cada um. Os irmãos de ambas as ordens pregavam por toda parte e serviam ao próximo de várias maneiras. Ambas as missões estenderam suas obras aos limites extremos do mundo então conhecido, com heroísmo e fidelidade. Um nobre franciscano, João de Monte Corvino, chegou a Pequim antes do fim do século 13 e trabalhou sozinho durante onze anos, até que chegou um companheiro. Alcançou grande resultado numa obra que durou 36 anos. Muitos líderes da igreja medieval procederam dessas ordens e, de modo particular, quase todos os maiores teólogos da era medieval.

FRUTOS**CONTRASTE
ENTRE IGREJA E
POVO**

Há grande e estranhável distância entre o que a Igreja medieval produziu em alguns poucos caracteres grandiosos, tais como Bernardo, Domingos, Francisco, Anselmo, Luís IX de França, Catarina de Sena, e a vida religiosa da grande massa sob o domínio dessa mesma Igreja. A diferença é certamente muitíssimo maior do que a existente entre os maiores líderes e a grande massa protestante na Europa e no protestantismo da América.

**RELIGIÃO DO
MEDO E DA
SUPERSTIÇÃO**

O Cristianismo de quase todo o povo da Idade Média era essencialmente a religião do medo. A Igreja mantinha seus filhos em submissão, conservando bem vivo, em todas as pessoas, o medo do seu poder sobre a vida aqui e no além-túmulo. O Deus, por ela apresentado, era um Deus de juízo inexorável, cuja ira contra o pecado só podia ser aplacada pela conformidade aos mandamentos dessa Igreja, à qual Deus dera, como se ensinava, plena e absoluta autoridade. Isso obrigava a

totalidade das massas a tomar parte nas observâncias religiosas e a obedecer aos preceitos morais da religião, não por amor a Deus e confiança nele, mas pelo terror inspirado pela idéia ou lembrança das conseqüências de outra atitude. O Cristianismo popular também consistia grandemente de crendices e práticas supersticiosas. Havia muito disso no culto da Igreja e no seu complicado e poderoso sistema sacramental. O povo, em decorrência da ignorância e da sobrevivência de certos hábitos mentais pagãos, recebia e entendia a parte exterior e supersticiosa da forma de Cristianismo que se lhe apresentava, mas não percebia o sentido espiritual do culto. O fundamento da religião, para eles, era essa parte exterior, de caráter impressionante, que viam no culto. Enquanto Francisco pregava na Itália, apareceu na Alemanha, escrito por César de Heisterbuch, um livro com o título: *Dialogus Miraculorum*, que retratava a religião do povo da Idade Média. Trata-se de uma coleção de histórias fantásticas que, tanto o autor como o povo em cujo meio viveu, aceitavam como absolutamente verdadeiras. O livro mostra que na crença do povo havia muita coisa que se pode qualificar como o mais grosseiro paganismo. Por exemplo, um falcão apanhou um papagaio e com ele voou para devorá-lo adiante. Durante o vôo, o papagaio exclamou: “Valha-me, S. Tomás de Cantuária”, e o falcão caiu fulminado. Doutra feita, uma mulher que criava abelhas viu-as adoecerem, e não sabendo o que fazer, tomou um pedaço de hóstia e o pôs no cortiço. As abelhas perceberam que o corpo de Cristo estava ali e construíram uma capelinha ao redor da hóstia, com torres, portas, janelas e altares.

CRENDICES

Desse modo, a religião do povo não passava de um Cristianismo bastante aviltado, totalmente paganizado. Nesse período, o povo em geral era grosseiramente ignorante e pobre, e vivia num estado de miséria e imundície dificilmente encontrado hoje em dia. Visto como a única força existente para elevá-lo desse estado de desgraça era uma religião desfigurada como essa, não admira que houvesse, dominando em toda parte, tanto sofrimento e maldade. A depravação e a miséria prevaleciam assustadoramente no meio das massas, especialmente nas grandes cidades.

CRISTIANISMO
PAGÃOTREVAS
ESPESAS

Em alguns lugares, particularmente na Alemanha, podia-se encontrar alguma piedade evangélica. Percebemos isso nas vidas de algumas famílias mais do que nas agências ou instituições da Igreja. Temos a prova da sua existência por causa de alguns hinos que eram cantados nos lares, como também por meio de certos relatos da vida

LUZ NO FIM
DO TÚNEL

familiar de muitas pessoas dessa era medieval. Frederico Mecum, luterano, disse da sua própria infância, antes da Reforma: “Meu querido pai ensinou-me, quando eu ainda estava na infância, os dez mandamentos, a oração dominical, o credo e sempre nos ensinava a orar. Pois, dizia ele, todas as coisas nos vêm de Deus, gratuitamente. É ele quem nos guia e nos ajuda, se o adorarmos e lhe formos fiéis”. Referindo-se a isso, o historiador Lindsay acrescenta: “Podemos encontrar, através da Idade Média, traços dessa religião evangélica familiar, muito simples, mas muito poderosa”.

9. O Que a Igreja Medieval Fez Pelo Mundo

**NEM TUDO
ESTÁ PERDIDO**

Olhando superficialmente, o protestante é tentado a deixar de ver algum bem na Igreja da Idade Média, ou a subestimar os benefícios que ela prestou. Essa Igreja era uma parte, a maior parte da Igreja cristã. Embora de mistura com muitos erros, ela guardou a fé cristã por vários séculos. Os reformadores expurgaram a maior parte desses erros e apresentaram à Europa a fé cristã muito mais pura, muito mais próxima da verdade do Novo Testamento. Mas a fé ali estava para ser desembaraçada de erros, pois ela tinha sido comunicada, de geração em geração, pela Igreja medieval. Essa Igreja, como vimos, produziu alguns homens e mulheres que, por suas vidas, muito se assemelharam ao caráter de Cristo. Uma árvore totalmente corrompida não produziria frutos dessa natureza.

Além de tudo, para se julgar retamente essa organização religiosa, devemos encará-la à luz do mundo em que ela estava situada. Quando ela se organizou, a Europa estava no caos produzido pela migração dos povos. O império Romano, que tinha mantido o mundo unificado por tanto tempo, desmoronou-se. Havia o perigo de que a população se dissolvesse toda em tribos bárbaras que guerreassem entre si indefinidamente. Isso significaria o desmoronamento do Cristianismo e da civilização sob o dilúvio da selvageria e do paganismo. A situação exigia uma organização poderosa que reunisse os homens em um corpo e que exercesse sobre ele um certo grau de domínio. A Igreja correspondeu a essa necessidade. Mais tarde, quando se desenvolveu o poder dos grandes nobres, surgiu um outro perigo. Era o perigo de a Europa se retalhar em muitos domínios governados pelos nobres, grandes e pequenos, em lutas constantes uns contra os outros. Contra essa tendência para a divisão e hostilidade, a Igreja, submetendo a si todos os homens, constituiu-se num grande poder que conservou na vida da

Europa ocidental forte elemento de unidade,¹³ dando oportunidade ao Cristianismo e à Civilização de se desenvolverem.

A Igreja medieval tomou os bárbaros que inundaram a Europa, instruiu-os, de certo modo, nas verdades cristãs e os preparou para uma vida civilizada. Não há dúvida de que essa obra foi realizada com muitíssimas imperfeições. Mas o fato é que foi realizada e em caráter permanente. Para sermos sinceros, forçoso é confessar de maneira melhor. Com todas as suas faltas, a Igreja ainda conseguiu muitos avanços no campo moral e realizou benefícios inestimáveis. Introduziu nas leis certos princípios da moral cristã. Amenizou a sorte dos escravos. Elevou a posição da mulher. Defendeu a instituição da família. Suas instituições de caridade ajudaram a muitos necessitados, e muito desse trabalho foi realizado no espírito cristão. Por séculos essa Igreja ministrou quase toda a educação que havia na Europa. Muitos homens cultos e grandes pensadores da Idade Média pertenciam ao clero. A ela também devemos a maior parte das obras mais preciosas da arte medieval. A despeito dos erros e da corrupção, a Igreja medieval foi, no seu tempo, um instrumento providencial para a preservação e a extensão do Cristianismo e da Civilização Cristã. Quando terminou a sua era, estava grandemente arruinada, mas apareceram outros instrumentos para melhorar as obras que ela vinha fazendo.

BENEFÍCIOS DA IGREJA MEDIEVAL

II. A IGREJA ORIENTAL

Pouco antes do início desse período (1054), houve a separação final entre o Oriente e o Ocidente. A Igreja Oriental ou Igreja Grega tornou-se, então, uma organização inteiramente à parte. Seu chefe era o patriarca de Constantinopla; nunca, porém, teve ele o poder que o papa desfrutou no Ocidente.

No culto e na religião do povo, a Igreja Grega tinha semelhanças com a Igreja do Ocidente e também muitas diferenças. Aceitava igualmente os sete sacramentos. O batismo era ministrado na infância e por imersão. Exigia-se, como no Ocidente, a penitência, mas não de modo tão sistemático. Não se concediam indulgências. Quando os sacerdotes pronunciavam a absolvição, diziam aos penitentes que eles, os sacerdotes, não podiam perdoar pecados, mas somente Deus. Todavia,

O CULTO

¹³ Agindo assim, a Igreja Medieval conjurava um grande mal no domínio político-social, mas realizava um mal ainda maior no domínio religioso, arvorando um bispo de bispos, contra a doutrina da igualdade apostólica.

prevaleceu a idéia da mediação da Igreja entre Deus e o homem, como no Ocidente.

A COMUNHÃO

O elemento central no culto era a comunhão, como o era a missa no Ocidente. A comunhão era uma cerimônia muito mais elaborada e mais cheia de movimentos do que a chamada missa solene na Igreja Romana. Essa cerimônia era cheia de atos simbólicos. Velas eram acesas e apagadas, portas eram abertas e fechadas, o clero passava várias vezes dentro do templo em procissão; todos dobravam os seus joelhos. Os sacerdotes prostravam-se, beijavam o altar e o livro do Evangelho, persignavam-se e mudavam os paramentos de várias cores. O objetivo de todo esse aparato era produzir temor e fé, bem como impressionar pelos sentidos.

RELIGIÃO EXTERIOR

RELIGIÃO DOS SENTIDOS

PREGAÇÃO LEITURA DA BÍBLIA

LÍNGUA DO POVO

Também como no Ocidente, não havia muita pregação, mas a leitura da Bíblia era mais generalizada do que na Igreja Romana. As Escrituras foram traduzidas nas línguas dos vários povos alcançados por essa Igreja. Geralmente, o rito era celebrado na língua comum ao povo. O culto de imagens dos santos e a veneração de relíquias eram mais difundidos do que no Ocidente, e a religião popular era mais cheia de superstição. Tal situação era mais acentuada entre os gregos e muito pior entre os russos.

SUPERSTIÇÃO

CASAMENTO DO CLERO

A Igreja oriental permitia que seus sacerdotes se casassem antes da ordenação. A maioria dos membros do clero era casada. Todavia os bispos tinham de ser solteiros, de modo que, usualmente, eram escolhidos dentre os monges. Havia muitos mosteiros e sempre cheios, mas os monges não eram tão dedicados à obra missionária e civilizadora como os do Ocidente.

MISSÕES

O governo muçulmano da Ásia ocidental impossibilitou a Igreja oriental de espalhar o Cristianismo nas regiões pagãs do sul da Rússia, nos séculos 11 e 12. No século 13, a invasão mongólica da Rússia paralisou a obra missionária ali.

CRESCIMENTO EMBARAÇADO

Essa Igreja foi muito embaraçada na sua obra por circunstâncias externas. Mas o maior embaraço foi sua própria falta de espírito progressista. Seu pensamento dominante era permanecer como sempre tinha sido, evitando qualquer modificação. Desde o século 8º tinha ela permanecido quase estagnada, tanto em doutrina quanto na forma de culto. Certos eventos políticos é que influíram na modificação do seu governo.

IGREJA NESTORIANA

Deve-se aqui dizer também alguma coisa sobre a Igreja Nestoriana. Ela continuou durante esse período a espalhar suas missões e cresceu

muito. No século 13, seu patriarca governava setenta paróquias, que incluíam multidões de cristãos, desde Odessa na Síria, até Pequim; e da Sibéria ao sul da Índia. Daí em diante, até o século 15, as invasões mongólicas provocaram perdas tremendas, das quais essa Igreja jamais se restaurou. Ela ainda existe na Pérsia e na Síria, porém fraca e corrompida.

QUESTIONÁRIO

1. Descreva o caráter e a obra de Bernardo de Claraval.
2. Fale sobre a obra de Domingos.
3. Descreva a experiência religiosa de Francisco de Assis. Como fundou ele a sua fraternidade? Descreva o seu ministério.
4. Que sabe sobre seus últimos anos?
5. Como cresceram estas duas ordens, a dos franciscanos e a dos dominicanos?
6. Qual o caráter da religião do povo na Idade Média?
7. Explique o trabalho realizado pela igreja medieval:
 - a) A preservação da Fé Cristã
 - b) A unidade da Europa
 - c) A cristianização e a civilização dos bárbaros
 - d) O levantamento da moral
 - e) O desenvolvimento da vida intelectual
8. Descreva o culto da Igreja oriental.
9. Quais as diferenças entre as Igrejas do Oriente e a do Ocidente quanto:
 - a) À leitura da Bíblia;
 - b) Ao uso da língua comum no culto;
 - c) Ao casamento do clero;
 - d) Ao caráter da religião do povo.
10. Como a Igreja oriental manifestou seu conservadorismo?

CAPÍTULO DEZ

DECADÊNCIA E RENOVAÇÃO NA IGREJA OCIDENTAL

(1294-1517 d.C.)

Neste capítulo discutiremos dois movimentos diversos. Um deles é a decadência da Igreja que por vários séculos representou o Cristianismo na Europa ocidental. O outro foi o ressurgimento de novas forças e organizações que representaram muito mais fielmente o Cristianismo.

I. AS CONDIÇÕES POLÍTICAS

Vimos como, pelos meados do século 13, o papado venceu seu grande rival, o Império Germânico, também conhecido como Santo Império Romano. Nunca mais esse império voltou a se tornar tão forte como havia sido. Mas na última parte da Idade Média a França e a Inglaterra desenvolveram-se grandemente. Cada um desses povos uniu-se internamente e fortificou-se cada vez mais, em decorrência de uma série de governos sábios e fortes que surgiram em ambas as nações. Cada uma delas tinha um alto senso de independência nacional e ressentia-se de qualquer interferência estrangeira nos seus negócios. E os povos germânicos, que embora só muito mais tarde conseguiriam seu governo nacional, começaram igualmente a desenvolver um forte espírito nacionalista. Quando chegarmos ao estudo da Reforma, verificaremos que esse movimento, em um de seus aspectos, foi uma revolta de algumas das grandes nações do oeste da Europa contra o domínio da Igreja exercido sobre essas nações por um estrangeiro – o papa. No período abrangido por este capítulo, desenvolveu-se esse forte espírito nacionalista que depois sacudiria o jugo da Igreja e a sua organização.

**DO ESPÍRITO
NACIONALISTA**

**REAÇÃO CONTRA
O DOMÍNIO
ESTRANGEIRO**

II. ONDE A IGREJA MEDIEVAL FALHOU

No capítulo nove consideramos alguns benefícios prestados pela Igreja medieval e vimos como, no seu tempo, ela foi de certo modo um instrumento indispensável do reino de Deus, apesar dos pesares. Examinaremos agora algumas das grandes falhas da Igreja papal que, tendo piorado ainda mais durante esse período, provou que já tinha chegado ao fim da sua utilidade, como se apresentava nessa época.

(a) A Corrupção do Clero

A Igreja falhou ruínosa e vergonhosamente na queda do caráter do clero. Podemos assinalar duas causas dessa queda. Aquilo que por certo tempo havia sido a grandeza dessa Igreja tornou-se motivo de fraqueza, isto é, a tremenda autoridade sacerdotal. Tais privilégios e

CAUSAS

**(1) EXCESSIVA
AUTORIDADE**

**(2) GRANDE
RIQUEZA**

poderes sobre os homens, exercidos pelo clero, especialmente pelo alto clero, não deixariam, afinal, de prejudicar o seu caráter, a vida espiritual desse clero. Igualmente prejudicial foi a enorme riqueza material pertencente à Igreja, que era usufruída pelo seu clero, particularmente pelos elementos da alta hierarquia.

**EGOÍSMO E
AVAREZA**

Por causa desses dois fatores – excesso de autoridade e acúmulo de bens materiais, o egoísmo dominou a vida da maioria dos membros do clero. Extremavam-se os clérigos no zelo e guarda dos seus privilégios legais e sociais. Fizeram do dinheiro o seu grande objetivo. Muitos deles eram “pluralistas”, isto é, exerciam dois ou mais ofícios eclesiásticos com a finalidade de aumentar suas rendas, muitas vezes empregando substitutos, aos quais pagavam mal, para fazerem os trabalhos que eles próprios não podiam fazer. Por meio da simonia, que crescera ainda mais, não obstante a luta de alguns reformadores desse tempo, eram obtidos lugares importantes e rendosos. Sinecuras, posições rendosas sem trabalho, eram objeto de especulação entre eles. A avareza era muito pior no alto clero. A cobiça, a extorsão e a violência dos bispos eram um escândalo notório.

SIMONIA**IMORALIDADE**

A imoralidade também estava generalizada. Não vale a pena “revolver cloacas”. É bastante dizer que, principalmente nesse período da Idade Média, a embriaguez, a glotonaria e a mais baixa impureza sexual eram extraordinariamente comuns dentro do clero. A literatura da época é cheia de ataques a todos os vícios do clero. Quanto a esses males, os exemplos dos bispos eram péssimos.

**EXCESSIVA
CORRUPÇÃO
DO CLERO**

Essa degradação do clero aprofundou-se ainda mais ao longo dos séculos 14 e 15, até que a Europa explodiu de indignação e ódio contra tais falsos representantes de Deus. O secretário do papa Benedito XIII disse desses clérigos: “Raramente encontra-se um, em mil, que faça honestamente o que a profissão exige”. As ordens monásticas resistiram a essa queda moral por algum tempo. Mas foram atingidas afinal; e vemos, com tristeza, monges e freiras objeto de escárnio público, por causa dos seus próprios vícios. Até mesmo as ordens dos mendicantes, as últimas a se organizarem, trabalhadas finalmente pela degeneração que prevalecia, caíram, embora mantivessem algumas missões heróicas. Em ambas as ordens havia partes corrompidas e partes que se mantinham fiéis aos primitivos ideais.

(b) A Degradação da Religião

**EVANGELHO
SUBSTITUÍDO**

Outro grande motivo de aviltamento da Igreja papal foi o ensino de uma forma adulterada de Cristianismo. Essa Igreja permitiu que o Evangelho fosse substituído por uma religião de ritos sacramentais que outorgavam uma salvação mágica; eram feitas orações aos espíritos bondosos da Virgem e dos santos; infundia um medo injustificado dos maus espíritos; as relíquias milagrosas; as vestimentas aparatosas; maldições e absolvição eram proferidas pelos sacerdotes. O protesto contra tudo isso apareceu nesse período, lançado pelos dissidentes que haviam surgido no século 11. A pregação, a princípio realizada pelos mendicantes, foi um esforço desses homens espirituais no sentido de proporcionar ao povo alguma coisa melhor do que eles comumente encontravam na sua Igreja. Mas esta, de modo geral, nada aprendeu. A Idade Média já estava chegando ao fim, não se verificava qualquer esforço por parte da Igreja no sentido de purificar seu culto.

(c) O Povo Abandonado

**NEGLIGÊNCIA
PASTORAL**

Uma terceira grande causa do fracasso da Igreja medieval foi o fato de ela ter-se descuidado do povo sob sua responsabilidade, já que o clero, cujo caráter já descrevemos, havia fugido quase inteiramente aos seus deveres. Raramente os bispos inspecionavam as igrejas sob seus cuidados. Os párocos davam-se por satisfeitos com o que prescrevia o ritual latino, o qual não era entendido pelo povo e muitas vezes nem mesmo pelos próprios padres. Raríssimos eram os que pregavam ou visitavam os seus paroquianos. O povo só raras vezes ouvia sermões dos frades franciscanos e dominicanos.

**CIDADES SEM
ASSISTÊNCIA**

Essa época é caracterizada pelo tremendo descaso da Igreja para com o povo. As cidades da Europa haviam crescido muito rapidamente no século 12, como muitas das atuais cidades das Américas. Dirigida por um clero negligente e egoísta, a Igreja papal falhou tristemente em atender às necessidades espirituais desses novos centros populosos. Não cuidaram de organizar novas igrejas e de preparar sacerdotes para as cidades. Em muitas delas, cheias de imundície e de ignorância, milhares de pessoas pobres viviam sem assistência cristã para o corpo e a alma. Dois fatos já mencionados devem ser fixados: o primeiro era o caráter e o exemplo do clero. Outro era o tipo ou natureza da religião que a Igreja ministrava. Ao povo necessitado do Evangelho ela oferecia um grande sistema de superstição, administrado por um clero mun-

**O QUE O POVO
RECEBIA**

dano e corrupto. Essa igreja não tinha outro remédio além desse, ao fim da Idade Média, para a ignorância e maldade, para a miséria física e espiritual que enchiam a vida da Europa.

III. MOVIMENTOS DE PROTESTO

REAÇÃO

Não pense que esse cortejo de miséria dentro da Igreja passou sem condenação. Logo no início do século 12 surgiram vários movimentos de oposição contra a atitude e o estado da Igreja, por parte de homens que conheciam o grande mal nela existente, e que abandonaram o seu culto e a sua comunhão. O mais importante desses movimentos teve lugar no sudeste da França, sob a chefia de Pedro de Bruys e Henrique de Lausanne. Eles e os seus seguidores opunham-se à superstição dominante na Igreja, a certas formas de culto e à imoralidade do clero. Esse movimento, chamado “Petrobrussiano”, desenvolveu-se por uma vasta região, e pessoas de todas as camadas sociais aderiram a ele, abandonando as igrejas e escarnecendo do clero.

PEDRO E HENRIQUE

OS CATARISTAS

SEU Credo HERESIA SINCRETISMO

Outra força relacionada com esse movimento foi o poderoso partido religioso dos Cataristas, que se desenvolveu grandemente no final do século 12 e durante o século 13. Na realidade foi uma igreja rival, pois ela possuía a sua própria organização, o seu ministério, o seu credo, culto e sacramentos. O credo era uma estranha mistura de Cristianismo e idéias religiosas orientais. Pensavam eles que a matéria fora criada por Satanás e que ela era a sede e a fonte de todo o mal. Daí não poderem eles acreditar que o Filho de Deus tivesse tido um corpo e vida humanas. Assim, julgavam que o caminho para a santidade era fugir do poder da carne, negar os seus desejos ou deles fugir pelo suicídio. Suas vidas abnegadas e de moral irrepreensível constituíam uma reprimenda ao clero que usava o nome de cristão. O culto e os sacramentos eram modelados pelos da Igreja, mas livre dos elementos supersticiosos e do formalismo. Embora não fossem cristãos completos, representavam o desejo generalizado de uma religião melhor do que a que a Igreja papal oferecia. Os cataristas se espalharam pela Itália, França, Espanha, Países Baixos e Alemanha. Foram mais fortes no sudeste da França, onde foram chamados albigenses (da cidade de Albi).

INQUISIÇÃO

Em toda parte os cataristas foram caçados pela Inquisição, que fora organizada principalmente por causa deles. Contra os albigenses ali, foi desencadeada, sob as ordens de Inocêncio III, uma terrível guerra de extermínio que durou vinte anos, tendo assolado a França e dizimado a sua população naquela parte considerada o seu jardim. As ordens

dos franciscanos e dominicanos foram organizadas após o aparecimento dos cataristas, como prova de que dentro da própria Igreja era reconhecida a sua negligência, especialmente no que se refere à pregação e à instrução religiosa. Mas, como já vimos, essas ordens perderam muito da sua vitalidade ao fim da Idade Média.

Outro movimento de protesto foi o dos valdenses. Ao fim do século 12, um negociante de Lião chamado Pedro Valdo, movido pelo ensino do capítulo 10 do Evangelho de Mateus, começou a repartir seu dinheiro com os pobres e tornou-se um pregador ambulante do Evangelho. Juntou-se a ele grande número de seguidores. As autoridades eclesiásticas logo os excomungaram. Expulsos e considerados inimigos, começaram a se organizar como Igreja à parte. Ao fim da Idade Média já encontramos os valdenses completamente organizados e espalhados por toda a Europa ocidental. Apesar de constantemente caçados pela Inquisição, eram intensamente ativos no ensino do Evangelho e na distribuição de partes manuscritas da Bíblia na língua do povo.

Muito semelhantes aos valdenses eram os dissidentes que a si mesmos chamavam de "Irmãos". Essas pessoas tinham uma fé cristã muito simples e eram conhecidas onde viviam por suas vidas cheias de bondade e pureza incomuns. Nada tinham com a Igreja ou seu clero, e realizavam o culto na língua comum do povo. Apreciavam a leitura da Bíblia e possuíam muitas cópias de manuscritos com a tradução da Bíblia ou de algumas das suas partes. As sociedades dos "Irmãos" se espalharam pela Europa, correspondendo-se e realizando trabalho em conjunto. Como os valdenses, mantinham trabalho missionário muito ativo, porém em segredo, por causa das perseguições. Eram numerosos entre os camponeses e operários das cidades, particularmente na Alemanha.

A Igreja, porém, nada aprendeu com essa generalizada onda de protestos. Sua única resposta foi a Inquisição. Tal atitude era uma profecia de sua própria condenação.

IV. A QUEDA DO PAPADO

(a) Bonifácio VIII

Vejamos agora os sinais evidentes do desastre que se aproximava dentro da corte do poder supremo da Igreja, ou seja, no papado. Em 1294, depois de o papado ter sofrido alguma perda de influência durante os fracos pontificados de alguns papas, Bonifácio VIII subiu ao

OS VALDENSES

PERSEGUIÇÃO

EVANGELISMO

"OS IRMÃOS"

CRESCIMENTO

SUAS AMBICÕES

trono. Possuía ele as idéias e o espírito de Hildebrando e Inocêncio III, e julgava mesmo poder ultrapassá-los. Seu propósito era ser o governo supremo da Europa, tanto temporal como espiritual, isto é, queria ser imperador e papa. Diz-se que, durante as festas do jubileu do ano 1300, fez questão de ser visto por milhares de peregrinos, sentado num trono, com a coroa e a espada de Constantino, exclamando: “Sou o César; sou o Imperador”. É assim que a História o apresenta. Quando, porém, tentou colocar as suas idéias em prática, defrontou-se com dois reis poderosos: Eduardo I, da Inglaterra, e Felipe, o Belo, da França. Fortes e garantidos pela unidade das suas respectivas nações, esses monarcas conseguiram afastar o papa dos negócios internos dos seus respectivos países. A disputa, que girava sobre o direito do rei, de cobrar impostos das propriedades da Igreja, modificou-se e assumiu outro caráter. Era a Igreja ou a nação que devia governar o território nacional? Bonifácio protestou, lutou, mas teve de ceder. Mais tarde envolveu-se em outra contenda com Filipe da França. Ao verdadeiro estilo de Hildebrando, ele defendeu a supremacia papal sobre todos os reis, excomungou a Filipe e ameaçou depô-lo do trono. A resposta de Filipe aos trovões do papa foi enviar uma força armada para prendê-lo. E, de fato, o papa foi preso em Anagni. Depois de três dias foi solto e voltou a Roma, morrendo pouco depois (1303), desgostoso ou louco por causa da sua repentina e vergonhosa queda. O papado medieval recebera um ferimento incurável. O poder que governara o mundo fora publicamente envergonhado, e ninguém sequer levantou a mão para defendê-lo. E o que havia lhe dado o golpe era a nova força política do nacionalismo. As nações estavam unidas e fortalecidas pelo sentimento nacionalista.

OPOSIÇÃO**O PAPA PRESO****SUA QUEDA****COMUNHÃO
NACIONALISTA**

(b) O Cativo Babilônico

O papado estava agora sob o poder do rei da França. Isso foi publicamente declarado em 1309, pois o papa havia estabelecido seu trono em Avinhão, no Reno, em território francês. Aqui, no seu “Cativo Babilônico”, o papado permaneceu por 68 anos. Durante esse tempo ele perdeu o prestígio no pensamento e na consciência da Europa. O simples fato de mudar-se de Roma constituiu uma queda irreparável de autoridade. Até mesmo os mais ignorantes sentiram isso. O domínio francês rebaixou o papado aos olhos de todos os povos. Grande parte da perda da sua influência moral resultou da notória imoralidade da corte papal em que alguns dos papas foram os primeiros a dar os

DECLÍNIO PAPAL

piores exemplos. Perda maior ainda resultou da avareza insaciável, da ambição desmedida desses papas de Avinhão. A Europa gemia debaixo das contínuas extorsões e explorações de toda sorte.

(c) O Grande Cisma

Como se o Cativoiro não fosse o bastante, surgiu o Grande Cisma no papado. Forçado pela exigência da opinião pública, provavelmente forçado ainda mais pela insistência daquela mulher extraordinária, Catarina de Sena, Gregório XI, em 1377, voltou a Roma. Pouco depois da eleição de seu sucessor em 1378, um papa rival foi escolhido pelos cardeais franceses e elevado à corte papal de Avinhão. Por mais de trinta anos houve dois papas, um, em Avinhão, e outro, em Roma. Algumas nações reconheciam o de Roma; outras, o de Avinhão. A contenda e a discórdia dominavam toda a Igreja. A situação era tão intolerável que os cardeais de ambos os papas convocaram um concílio geral para acabar com o Cisma. Esse concílio se reuniu em Pisa, em 1409, e escolheu um novo papa. Todavia, desde que os dois já existentes se recusaram a renunciar, ficaram três papas. Cinco anos depois convocou-se outro concílio geral em Constança, o qual depôs dois deles e persuadiu o terceiro a renunciar. O Cisma assim terminou com a eleição de Martinho V, que foi reconhecido por toda a Igreja. Martinho e vários dos sucessores foram políticos astutos e bons administradores, razão por que recobraram para o papado algum respeito e autoridade. Mas o papado jamais voltou a ser o que fora antes.

DOIS PAPAS

TRÊS PAPAS

V. REVOLTA DENTRO DA IGREJA

1. *A Aurora da Reforma*

As condições que acabamos de descrever deram origem a duas revoltas que a Igreja não pôde reprimir nos séculos 14 e 15.

(a) João Wycliff

O espírito de nacionalismo que vinha se desenvolvendo na Inglaterra preparou o caminho para a obra de Wycliff. Quando ele entrou em luta com o papado em 1375, já a Inglaterra, durante 75 anos, pelos seus reis, pelo seu parlamento e mesmo pelos bispos, resistira à interferência papal nos negócios da Igreja inglesa. Wycliff (nascido entre 1320 e 1330) já era famoso como o homem mais culto e mais destaca-

SUA ATITUDE
SEU ENSINO

do da Universidade de Oxford. Ele também era padre em Lutterworth quando alcançou a extrema simpatia das classes pobres. Sua primeira investidura foi contra o suposto direito do papa de cobrar impostos ou taxas na Inglaterra. O cismo papal muito contribuiu para espalhar os pontos de vista de Wycliff. Denunciou então o papado e toda a organização clerical, sustentando a tese de que não deveria haver distinção de classes dentro do clero. Indo além, chegou a negar que houvesse fundamento bíblico para a doutrina da religião medieval – a transubstanciação.

SEU APELO

Por causa desses ensinamentos, Wycliff foi condenado por um concílio eclesiástico. Diante disso fez o seu grande apelo ao povo inglês. Em muitos tratados, escritos em linguagem acessível ao povo comum, atacou todo o sistema da igreja medieval e declarou que a Bíblia é a única e verdadeira regra de fé e prática. Surgiu, então, o seu maior trabalho, a tradução da Bíblia, da Vulgata (versão latina) para o inglês. Foi assim que Wycliff e seus auxiliares, os homens mais cultos de Oxford, abriram a Bíblia ao povo da Inglaterra pela primeira vez. Para espalhar entre o povo a Bíblia e os seus ensinamentos, ele organizou a ordem dos “sacerdotes pobres”, conhecidos como os irmãos Lollardos, muitos dos quais eram estudantes de Oxford; a maioria, porém, era constituída de gente simples da sua paróquia. Usando roupas grosseiras, andando descalços e de cajado na mão, dependendo de esmolas para o seu sustento, percorriam toda a Inglaterra. Conduziam manuscritos dos tratados de Wycliff, sermões e trechos bíblicos, e pregavam por toda parte. Cresceram de modo extraordinário e se constituíram numa força poderosa na disseminação da religião evangélica. Embora miseravelmente perseguidos no século 15, continuaram sua obra até ao tempo da Reforma. Quando seus missionários já enchiam as estradas, chegou ao fim a vida de Wycliff. Tão forte era sua posição na Inglaterra que as autoridades eclesiásticas nada fizeram contra ele além de classificá-lo de herege. Foi assim que morreu em paz na sua paróquia.

**TRADUÇÃO
DA BÍBLIA****IRMÃOS
LOLLARDOS****MORTE DE
WYCLIFF**

(b) João Huss

LÍDER DA BOÊMIA

Os ensinamentos de Wycliff deram origem a outra revolta maior contra a Igreja papal chefiada por João Huss (1373-1415). Entre os boêmios chefiados por Huss encontramos outra causa de forte espírito nacionalista. Devido à sua origem, Huss era um homem muito respeitado pelo povo. Era muito culto e exercia poderosa influência na Universidade de Praga, além de ser sacerdote, pelo que foi escolhido para um lugar

de destaque. Era o grande pregador dessa cidade, onde se tornou o porta-voz nacional dos anseios políticos e religiosos do seu povo. Huss expressou, então, com muito vigor, a determinação que o povo tinha de manter seus direitos contra os alemães e o seu forte protesto no sentido de que o clero imoral e de atitude afrontosa à Boêmia fosse reformado. Conhecedor profundo da sua gente e por ela respeitado e estimado, em virtude da sua vida de pureza e caráter sincero, possuidor de uma eloquência incomum, tornou-se um poderoso líder nacional.

De posse dos livros de Wycliff, avidamente bebeu-lhe as idéias. Ensinando as doutrinas de um “herege”, entrou em conflito com os chefes da Igreja papal. Todavia, defendeu seu direito de pregar a verdade de Cristo como a sentia e entendia. Foi excomungado pelo seu desafio ao papa João XXIII, em 1412, diante de quem compareceu. No intervalo escreveu o seu livro mais importante, no qual ensinava que a “Lei de Cristo”, isto é, o Novo Testamento, era o guia suficiente para a Igreja, e que o papa só podia ser obedecido até onde suas ordens coincidissem com essa lei divina. O julgamento de Huss em Constança foi uma farsa e um escárnio. O Concílio também condenou Wycliff, morto havia trinta anos, como herege. Assim, o caso de João Huss foi logo decidido. Protestando sua fidelidade a Cristo e desprezando a liberdade que lhe ofereciam em troca do abandono dos seus princípios foi condenado à fogueira, em Constança, onde sofreu o martírio.

A ira e a revolta dos boêmios pelo assassinio do seu herói nacional não tiveram limites. Levantou-se um grande partido que iniciou a guerra pela independência. Derrotaram o imperador alemão, devastaram parte da Alemanha e perturbaram grandemente os negócios da Europa em geral. Depois dessa revolta de caráter político, apareceram os “Irmãos Boêmios”, uma poderosa organização religiosa que não pertencia à Igreja, cuja atividade empolgou toda a Boêmia e a Morávia, como também algumas regiões da Alemanha, com o Cristianismo Evangélico. Em outras partes da Europa, o martírio de Huss fortaleceu o espírito de revolta contra a Igreja papal.

**SEU CONFLITO
COM A IGREJA**

**MARTÍRIO
DOLOROSO**

**CONSEQUÊNCIAS
DE SEU
TESTEMUNHO**

**“IRMÃOS
BOÊMIOS”**

VI. TENTATIVAS DE REFORMA DENTRO DA IGREJA

(a) O Anseio Pela Reforma

À medida que examinamos essas condições calamitosas da Igreja, ocorre-nos, entre indignados e estupefatos, perguntar: Será que não havia nesses tempos homens de dentro da igreja que fossem suficien-

**CRESCENTE
INSATISFAÇÃO****REVOLTA
GENERALIZADA****GRITO POR
REFORMA**

temente preparados e cheios do verdadeiro espírito cristão, e não vissem esses grandes males e desejassem remediá-los? Sim, tais homens existiam, e não em pequeno número. Os séculos 14 e 15 viram surgir dentro da própria Igreja um forte espírito e um extraordinário desejo de reforma. A degradação do papado com o Cativo Babilônico e com o Cisma, as explorações e extorsões feitas pelos papas e sua intromissão em todos os negócios da Igreja em toda parte, os vícios, as ambições desmedidas, a incompetência e negligência do clero, a queda geral da disciplina, a administração entregue às mãos de bispos fracos e corruptos – todas essas coisas causavam tristeza e revolta generalizadas, bem como protestos e pedidos insistentes para que se banissem da Igreja tantos males e tanta vergonha. Assim falavam muitos homens da alta hierarquia clerical, inclusive vários bispos e cardeais. Estadistas e reis insistiam em que se fizesse alguma coisa. De todos os países, especialmente da Alemanha e da França, partia o grito por uma reforma. A maior escola teológica da Igreja medieval, a Universidade de Paris, que era quase toda dirigida por espíritos reformadores, forneceu muitos líderes para esse movimento.

(b) Os Concílios Reformistas

**CONCÍLIO DE
PISA****CONCÍLIO DE
CONSTANÇA****IMPOTÊNCIA
REFORMISTA**

O meio pelo qual propunham reformar a Igreja era um Concílio geral, que, segundo a velha teoria, era a suprema autoridade na Igreja. Perdidas as esperanças no papado, os reformadores reviveram essa teoria como um meio de alcançarem seus propósitos. Tentaram isso primeiramente no Concílio de Pisa, num vão esforço para curar o Cisma. Pouco tempo depois foi convocado o Concílio de Constança, que conseguiu restaurar a unidade da Igreja. Muitos participantes do Concílio, porém, pretendiam fazer muito mais do que isso. Queriam conseguir o que eles chamavam “A Reforma da Igreja, da Cabeça aos Pés”. O Concílio era constituído por um grupo de homens aos quais não faltavam habilidade, inteligência e interesse. Enfim, estavam ali os melhores homens que era possível reunir nessa época. Estavam também ali, muito bem representados, tanto a Igreja como os poderes civis, quer pessoalmente, quer por meio de embaixadores. Sem dúvida, a maioria dos seus membros estava firmemente determinada a conseguir as reformas tão necessárias. Eram poderosamente apoiados pela presença pessoal do imperador Sigismundo, que era ardoroso defensor da tese reformista. Não obstante haver muita discussão sobre a

reforma, o concílio, depois de três anos de procrastinação, nada havia conseguido. Os políticos representantes do papa fizeram um astuto jogo de oposição sistemática a qualquer modificação que se chocasse com seus altos interesses pessoais. Zelos nacionalistas dividiram os reformadores. Mas a causa real do fracasso é que não havia entre eles suficiente caráter, firmeza de propósitos e entusiasmo moral para atingirem seu objetivo.

Poucos anos depois, os interessados na reforma tiveram outra oportunidade no Concílio Geral de Basiléia. Todavia, ali, não obstante haver muita discussão sobre reforma, enquanto o Concílio se arrastava numa lentidão enervante (1431-1449), nada foi conseguido de substancial. O que verificamos de tudo isso, e que muitos homens ilustres de então já sabiam, é que não era possível surgir, de dentro da Igreja papal qualquer reforma cuja ação fosse iniciada por essa própria organização. A força do mal nela existente não podia ser destruída por ela mesma, a despeito de toda a indignação e protesto da opinião pública da Europa. A reforma só poderia vir por meio de uma revolução que desfizesse aquela organização.

**CONCÍLIO DE
BASILÉIA**

VII. A RENASCENÇA COMO UMA PREPARAÇÃO PARA A REFORMA

Já um grande movimento se processava na vida da Europa, movimento que produziu a energia necessária para a revolução religiosa. Os séculos 14, 15 e 16 foram uma Renascença, aquele despertar da natureza humana que se processou tão extensa e profundamente que foi necessária uma nova palavra para descrevê-la: Renascimento. Todas as faculdades da natureza humana foram maravilhosamente despertadas e todas as atividades humanas apresentaram extraordinário progresso. A mente humana fez novas e esplêndidas conquistas em todas as direções.

**O DESABROCHAR
DA NATUREZA
HUMANA**

Grandes descobertas geográficas, entre elas as de Colombo e de Cabral, aconteceram no Oriente e no Ocidente, de sorte que a forma e o tamanho exatos da terra foram determinados. Mais maravilhosa ainda foi a descoberta do Sistema Solar por Copérnico, que revolucionou as idéias humanas a respeito do universo em que viviam os homens. Grandes empreendimentos foram alcançados nas invenções mecânicas, entre as quais a mais influente foi a invenção da imprensa (1450). Por meio dela, as idéias e os conhecimentos eram espalhados com

**DESCOBERTAS E
INVENÇÕES**

SISTEMA SOLAR

IMPRENSA

maior rapidez do que antes. A mente humana foi assim ainda mais despertada e fortificada para futuros empreendimentos, o maior dos quais veio a ser a Reforma Protestante. A Reforma não teria ocorrido enquanto os livros tivessem de ser escritos à mão. A imprensa divulgou os livros que despertaram a mente humana e aprofundaram as pesquisas da verdade.

COMÉRCIO E POLÍTICA As descobertas geográficas provocaram a rápida expansão do comércio e da indústria e despertaram em todas as nações européias veemente desejo de colonização. Na esfera política, a nova fase manifestou-se num rápido desenvolvimento da vida nacional e do poder político, tanto na França como na Espanha e na Inglaterra.

CULTURA Uma das causas principais de todo esse despertar foi que ele pôs a mente da Europa em contato com a cultura e a civilização da Grécia e de Roma, elementos esses que a Idade Média desconheceu. Isso aconteceu principalmente em decorrência do novo conhecimento do grego que, por séculos, foi uma língua desconhecida na Europa. Assim, todo o maravilhoso mundo do pensamento clássico, da literatura e da arte, foi repentinamente descoberto. Diante dele os homens se deslumbraram e foram despertados para grandes empreendimentos. As obras da Renascença na Arte e na Literatura, inclusive alguns dos mais preciosos tesouros do mundo, algumas das suas maiores expressões, alcançaram desse modo inspiração para a sua realização.

REAVIVAMENTO DA CULTURA É nesse aspecto da Renascença, chamado renovação ou Renascimento da Cultura, que encontramos uma preparação direta para o advento da reforma na religião. A disseminação da língua grega contribuiu para que os homens lessem o Novo Testamento no original. Com jubiloso entusiasmo, que assinalou toda a pesquisa desses cultores das letras antigas, muitos dos humanistas, como eram conhecidos os estudiosos dessa renovação cultural, penetraram no estudo profundo do Novo Testamento. Ali viram eles, deslumbrados, face a face, o ideal divino para a Igreja cristã. E quando comparavam essa maravilha com o que contemplavam na Igreja ao redor de si, muitos desses humanistas tornaram-se reformadores destemidos. Isso se verificou especialmente na Alemanha e também na França e Inglaterra. João Colet, de Oxford, e o grande cultor do Novo Testamento, Erasmo, representam esse resultado religioso do Reavivamento da Cultura. Esses homens expuseram o Cristianismo segundo o revela o Novo Testamento e continuaram a derrotar os males da Igreja papal.

LÍNGUA GREGA

ESTUDO DO NOVO TESTAMENTO

JOÃO COLET

ERASMO

Esses humanistas interessados no problema religioso fortaleceram grandemente o espírito da reforma na Igreja. Eles também provocaram um grande interesse pelo estudo da Bíblia, preparando desse modo homens leitores e indagadores das Escrituras para uma forma de religião mais verdadeira. Finalmente, todo o movimento da Renascença, por sua influência no ressurgimento e elevação da mente humana, habilitou-se a lançar fora as velhas idéias e a ingressar nos novos caminhos. Ela foi uma poderosa precursora da renovação que se aproximava nas idéias religiosas. Sem a Renascença, a Reforma não teria ocorrido.

**A RENASCENÇA
E A REFORMA**

VIII. A INQUIETUDE SOCIAL COMO UMA PREPARAÇÃO PARA A REFORMA

Outra investida de novas forças que muito contribuíram para preparar o caminho para a Reforma foram as revoltas causadas pela inquietação social. Isso ocorreu principalmente na *Alemanha*. Por mais de cem anos, a partir de 1400, os camponeses do sul da Alemanha vinham em contínuas disputas e odiosos protestos contra a opressão de seus senhores, os nobres, cujas terras eles cultivavam. Frequentemente essas explosões de protestos resultavam em choques armados. Nesses movimentos, os camponeses tinham como aliados os pobres operários das cidades e toda sorte de pessoas que sofriam a expoliação dos seus direitos. Dois fatores religiosos estavam sempre presentes nesses distúrbios sociais. Um deles era o ódio feroz aos sacerdotes por causa das suas explorações (ou extorsões de dinheiro) e a indiferença e recusa dos padres em fazer alguma coisa para libertar as classes oprimidas. O outro era um apelo aos princípios cristãos de justiça social.

**INQUIETAÇÃO
SOCIAL**

**FATORES
RELIGIOSOS**

Próximo ao fim do século 15, a inquietação tornou-se mais aguda e as revoltas mais frequentes. Não obstante serem reprimidas com extrema crueldade, as revoltas continuaram a acontecer. Uma alta repentina de preços e contínuas colheitas escassas fizeram com que a situação piorasse. Assim, nos últimos anos que precederam a Reforma, a Alemanha, particularmente no sul, estava fervendo com o descontentamento amargo da pobreza que muitas vezes fez explodir o seu ódio em desesperadas rebeliões. Nesse descontentamento havia, como temos visto, elementos favoráveis a uma nova ordem na religião. E a situação geral fez com que muita gente ficasse com o espírito preparado para uma revolução religiosa como foi a Reforma.

QUESTIONÁRIO

1. Explique como a Igreja falhou nestes pontos:
 - a) A corrupção do clero;
 - b) A degradação do culto;
 - c) A negligência quanto às necessidades espirituais do povo.
2. Fale sobre os cataristas ou albigenses. Em que sentido foi o movimento deles um protesto contra as condições da Igreja?
3. Descreva os valdenses. Qual a atitude deles em relação à Igreja?
4. Fale sobre os “Irmãos”. Onde eram eles mais poderosos?
5. Fale sobre a queda de Bonifácio VIII.
6. O que foi o “Cativeiro Babilônico”? Como ele afetou o poder do papado?
7. O que foi o Grande Cisma? Como terminou?
8. Descreva o conflito de Wycliff com a Igreja. Quem eram os Lollardos?
9. Como procedeu a Igreja contra João Huss? Fale sobre sua morte. Qual foi o resultado da sua vida e da sua obra?
10. Havia muito desejo de reforma nesse período? Que esforços foram realizados para se alcançar uma reforma?
11. O que foi a Renascença? Qual a relação da imprensa com a Reforma?
12. O que foi o Ressurgimento da Cultura? Qual a sua relação com a Reforma?
13. Como a influência geral da Renascença contribuiu para o advento da Reforma?
14. Descreva a inquietação social da Alemanha no século 15. Como foi ela uma preparação para a Reforma?

CAPÍTULO ONZE

A ERA DA REFORMA: REVOLUÇÃO E RECONSTRUÇÃO

**Primeira Parte
(1517-1648 d.C.)**

I. A REFORMA LUTERANA

(a) A Situação Política

O monarca que mais se envolveu com a Reforma, na sua primeira fase, foi o imperador Carlos V. Descendente direto do rei da Espanha, então uma das mais poderosas nações da Europa, e também senhor dos Países Baixos, foi eleito para o trono da Alemanha em 1519. Dispunha, assim, esse monarca, de poderes extraordinários.

CARLOS V

É preciso, porém, considerar que o título de “imperador” não lhe dava autoridade absoluta sobre a Alemanha. Tivesse Carlos V tal autoridade, a Reforma teria sido esmagada no nascedouro. O Imperador não governava diretamente em qualquer parte da Alemanha, exceto em certas cidades chamadas “cidades livres”. Ao tempo da Reforma, a Alemanha, que compreendia as terras do Reino até às fronteiras da Hungria e da Polônia, excluindo a Suíça, ainda não se tinha constituído numa nação unificada e dirigida por um forte poder central, como no caso da Inglaterra, da França e da Espanha. O Império Alemão ou Santo Império Romano consistia de muitos territórios separados, tanto grandes como pequenos. Seus governantes, que usavam vários títulos, tais como Eleitor, Landgrave, Margrave, reconheciam na pessoa do imperador o senhor feudal de todos eles; porém, cada qual governava seu próprio território, quase com independência plena.

**CONDIÇÃO
POLÍTICA DA
ALEMANHA**

TÍTULOS FEUDAIS

Esses governantes chamados “príncipes” tiveram parte notável na história da Reforma. O Império tinha um tipo de autoridade central na Dieta, que era uma assembléia, que compreendia todos os príncipes e grandes nobres, os homens que mantinham as terras como vassalos do imperador. Adiante apreciaremos vários atos dessa Dieta Imperial.

DIETA IMPERIAL

Carlos V era, pelo sangue, alemão e espanhol, mas de natureza predominantemente espanhola; jamais conviveu com alemães e nunca os entendeu. Quanto à crença religiosa, era cem por cento homem da Idade Média. Desejava sinceramente uma reforma da Igreja e lutou com perseverança por conseguiu-la. Não foi subserviente ao papa, e sustentava o princípio de que o concílio geral era a mais alta autoridade da Igreja. Mas se opunha terminantemente a qualquer mudança de doutrina, e jamais pôde compreender como alguém desejasse uma tal mudança. Deve ser lembrado que depois de ele reinar por 36 anos e verificar que seus planos concernentes à religião no seu império se arruinaram, depôs a coroa e foi terminar seus dias num convento. Era frio, muito calmo, paciente, persistente; algumas vezes se revelou

**CARÁTER E
RELIGIÃO DE
CARLOS V**

**CONTRÁRIO À
REFORMA NA
ALEMANHA****SITUAÇÃO
POLÍTICA
EUROPÉIA**

cruel e de atitudes dúbias. Sempre foi contrário às novas idéias religiosas. Tal foi o primeiro e poderoso antagonista da Reforma na Alemanha. Carlos V tinha um rival, às vezes aliado, às vezes inimigo, na pessoa de Francisco I, o notável e ambicioso rei da França. Tinha um perigoso inimigo nos turcos que conquistaram Constantinopla em 1453, e por um século espalharam o terror pela Alemanha com seus ataques ferozes na fronteira oriental do império. Variou muito de atitude nas suas relações políticas para com os papas, sendo-lhes às vezes hostil e às vezes amigo, pois os papas de seu tempo foram tão políticos como os demais governos. Todas essas características da natureza do imperador afetaram grandemente o progresso da Reforma.

(b) Como Lutero se Tornou Reformador**SUA MOCIDADE**

Martinho Lutero (1483-1546) nasceu em Eisleben, na Saxônia, descendente de uma família de camponeses. O pai trabalhava numa mina de ferro e era homem de poucos recursos, durante a infância de Lutero; mas, progredindo depois, conseguiu dar ao filho uma educação aprimorada. O preparo religioso de Lutero teve como base aquela piedade simples da família alemã na Idade Média, de mistura com a superstição característica da era medieval. Na sua infância, como na idade adulta, foi profundamente religioso, mas sem exageros, revelando alegria de viver. Aos 18 anos ingressou na mais famosa universidade alemã, a de Erfurt, com o propósito, como era o desejo do pai, de estudar Direito. Levou quatro anos nos estudos preliminares da sua futura carreira profissional, aprofundando-se na filosofia medieval. Era muito estudioso, orador fluente e polemista, gostava de música e era muito sociável. Já estava para iniciar a sua vida profissional, quando, repentinamente, para grande desapontamento do pai e dos amigos, tornou-se monge, entrando para o Convento dos Agostinhos em Erfurt. Tornou-se ansioso por sua salvação; como ele próprio dizia, duvidava de si mesmo. Para um homem medieval, o caminho mais acertado para a salvação era o da vida monástica. Esse caminho Lutero seguiu, sacrificando, por causa da salvação da sua alma, tudo o que o mundo lhe podia oferecer.

**TORNA-SE
MONGE****BATALHA
INTERIOR**

No mosteiro, sustentou consigo mesmo uma tremenda batalha espiritual. Tinha entrado ali à procura da salvação, mas não encontrou a paz e a segurança de quem está no caminho de Deus. Excedeu-se em jejuns, vigílias, flagelações e procurava no seu confessor a absolvição

para os mais leves pecados, até que o aconselharam a moderar a sua austeridade e confessar-se menos vezes. Foi, em vários aspectos, um monge de vida modelar e se tornou famoso na Ordem, por sua piedade. Não obstante, a sua alma ardia com o sentimento do pecado e com o pensamento constante de estar debaixo da ira divina. Tentou seguir o caminho da salvação segundo o ensino da Igreja medieval, e sentiu que tal ensino era totalmente ineficaz para o que sua alma ansiava.

**FUSTIGADO
PELO PECADO**

Livrou-se dessa indescritível angústia, desse terror espiritual, pelo que lhe foi revelado a respeito da verdade central do Evangelho de Cristo. A isso foi levado por várias influências. O vigário geral da sua Ordem, Staupitz, ensinou-lhe que Deus era misericordioso. Para Lutero, Deus só fazia castigar o pecador por meio da sua Justiça. Além disso, Staupitz deu-lhe trabalho, coisa que lhe foi muito agradável: a cadeira de Filosofia na nova universidade de Wittenberg. Lutero também encontrou a verdade a respeito da graça divina para com os pecadores, na obra de Bernardo de Claraval. Ao lado de tudo isso, era ardente leitor da Bíblia, especialmente naquilo que se relacionava com o seu ensino de Teologia em Erfurt, pois então já tinha deixado Wittenberg.

**INFLUÊNCIAS
BENÉFICAS**

WITTENBERG

Antes de se revelar como reformador, Lutero teve uma vida muito agitada. Entrou no mosteiro em 1505, foi ordenado em 1507, em 1508 foi a Wittenberg, em 1509 a Erfurt, em 1511 foi convidado a ensinar na universidade de Wittenberg, cidade em que residiu daí em diante. No verão de 1511, a negócios da sua Ordem, fez uma visita a Roma, visita que tem sido muito mal entendida. Rezou em muitas igrejas e lugares sagrados de santos e de mártires. Viu muitas relíquias e ouviu muitas histórias dos seus poderes milagrosos. Para livrar seu pai do purgatório, subiu de joelhos a Scala Sancta, a escadaria que se diz ter sido trazida da casa de Pilatos, repetindo, em cada degrau, o Pai Nosso. Ao chegar ao topo, surgiu-lhe a pergunta: "Quem sabe se tudo isso é verdade?" Mas isso logo passou, apesar de escandalizado com muita coisa que vira em Roma. Não obstante, sua fé na Igreja não sofreu arrefecimento. Voltou ao mosteiro e ao seu ensino. Em 1512, tornou-se doutor em teologia em Wittenberg. Depois ele próprio confessou que, a esse tempo, era ainda ignorante do Evangelho.

**CARREIRA
INTELCTUAL**

VISITA A ROMA

DÚVIDA

**DOCTOR EM
TEOLOGIA**

Mas ao fim de 1512 e início de 1513, enquanto lia a Epístola aos Romanos, em sua cela, encontrou estas palavras: "Mas o justo viverá pela fé". Isso, então, como que lhe incendiou a mente; vislumbrou aquela verdade que vinha procurando havia tanto tempo: que a salvação lhe pertencia simplesmente pela confiança, pela fé em Deus por

**REVELAÇÃO
Romanos 1.17**

ESTUDO BÍBLICO**EXEMPLOS DE VIDAS****PAZ INTERIOR****ENSINANDO A BÍBLIA****PREGAÇÃO SINGELA****AS INDULGÊNCIAS TETZEL**

intermédio de Jesus Cristo, e não por qualquer obra que ele próprio realizasse. Ainda, então, não tinha entendido plenamente essa verdade. Prosseguindo no seu ensino, avançou mais através das leituras de Agostinho, de Anselmo e, especialmente, no estudo dos Salmos e das Epístolas de Paulo. Pelo estudo desses livros da Bíblia, nas suas preleções, ele afirmou com clareza sempre crescente e profunda certeza a sua mensagem: que Deus salva os pecadores mediante a fé no seu amor revelado em Cristo. Lindsay disse que uma grande verdade inspirou a quatro grandes cristãos: Paulo, Agostinho, Francisco de Assis e Lutero. E essa verdade é: “A confiança em Deus todo-misericordioso, que se revelou em Jesus Cristo, outorga aquela comunhão com Deus, aquele companheirismo, comparado com o qual, tudo o mais nada significa”. Essa é a verdade da justificação pela fé. Contra essa verdade e acima dela, pairava o ensino da Igreja medieval de que o homem pode alcançar a salvação pelas obras, pelos sacramentos que a igreja, que se dizia divinamente autorizada, prescrevia. Mas Lutero estava convicto de que sua mensagem era verdadeira, porque na sua grande luta e prolongado estudo havia se encontrado com Deus, por assim dizer, face a face por sua revelação. Dessa experiência, ele trouxe o novo impulso da vida religiosa, impulso necessário para reformar a Igreja cristã que tinha sido romanizada e paganizada.

Por mais de quatro anos, Lutero trabalhou em Wittenberg sem romper com a Igreja. Tornou-se líder da sua Ordem, muito ocupado com a administração dela. Suas lições e preleções na Universidade tinham uma nova orientação, consistindo de explicações das Escrituras em vez de repetições dos padres e doutores, e a aplicação da verdade bíblica à vida do seu tempo. Essas pregações atraíram estudantes à universidade e pessoas da cidade ao salão das suas preleções. Pregava muito, com notável simplicidade e com poder da nova verdade descoberta que não era verdade nova. Estava ele chegando a uma melhor compreensão do que essa verdade significava com relação à autoridade da Igreja. Afinal, alguma coisa o forçou a falar publicamente a respeito dessa grande verdade.

Numa localidade próxima a Wittenberg apareceu, em 1517, um homem chamado Tetzel, enviado pelo arcebispo da Mogúncia para vender indulgências emitidas pelo papa. De toda parte, muita gente vinha comprar essas indulgências. Elas ofereciam a diminuição das penas no purgatório. Essa gente, porém, pensava, por causa da forte propaganda de Tetzel sobre a verdade da sua mercadoria, que, com a

compra das indulgências, conseguiria o perdão dos pecados. O que chegou ao conhecimento de Lutero por meio do confessorário convenceu-o de que o tráfico de indulgências estava desviando o povo do ensino a respeito de Deus e do pecado e enfraquecendo seriamente a vida moral de todo o povo. Decidiu, então, enfrentar tão grande erro e abuso.

Nas universidades medievais era costume apor-se, em lugares públicos, a defesa ou ataque de certas opiniões. Esses escritos eram chamados “teses”, nas quais se debatiam as idéias e se convidavam todos os interessados para o debate.

AS 95 TESES

Em 31 de outubro de 1517, véspera do Dia de Todos os Santos, quando enorme multidão comparecia à Igreja do Castelo, na cidade de Wittenberg, Lutero colocou às portas dessa igreja as 95 teses que tratavam do caso das indulgências. Nelas declarava que a Igreja podia perdoar somente o que ela exigia, isto é, sentenças quanto a disciplina, e que as indulgências eram nulas para efeito de remover a culpa ou afetar a situação das almas no purgatório, e que o cristão arrependido tinha o seu perdão vindo diretamente de Deus, sem a intervenção de indulgências. Não obstante Lutero não perceber plenamente, as teses foram um golpe no coração do poder dessa Igreja, pois as teses negavam o pretenso poder da Igreja de ser mediadora entre o homem e Deus e de conferir perdão aos pecadores. Enquanto cópias dessas teses eram vendidas por toda a Alemanha, tão depressa fossem impressas, o papa Leão X começou a agir contra esse monge rebelde. Primeiro intimou Lutero a ir a Roma, o que significaria morte certa. Mas o Eleitor da Saxônia, interessado pelo famoso professor da sua universidade, protegeu-o, ordenando que seu caso fosse discutido e ouvido na Alemanha. Seguiram-se, então, as conferências com os legados do papa, que não conseguiram demover Lutero do seu ponto de vista. Pelo contrário, num debate em Leipzig, no qual fora desafiado por um defensor da Igreja, ele declarou, como resultado dos estudos que fizera, que o papa não tinha autoridade divina e que os concílios eclesiásticos não eram infalíveis. Essas afirmações significaram seu rompimento definitivo e irrevogável com a Igreja papal.

GOLPE RUDE

AÇÃO PAPAL

**ROMPIMENTO
COM ROMA**

**SEU APELO A
ALEMANHA**

Aberta, assim, a sua luta, prosseguiu sem temor, desenrolando-se com muita rapidez. Desenvolvendo uma atividade literária fora do comum, colocou o seu caso diante do povo alemão que demonstrara geral simpatia pelos debates em curso. Uma das suas publicações dessa época, e talvez a maior das suas obras, foi o apelo *A Nobreza Cristã*

SUAS NEGAÇÕES	<i>da Alemanha.</i> Era uma convocação a toda a Alemanha para unir-se contra Roma. Lutero negou que o papa e o clero tivessem sobrenaturais poderes sacerdotais, dando assim um golpe nas próprias raízes da autoridade que dominou a Europa tão duramente, por muitos e muitos séculos, com tremendo poder. Ele provou que todos os cristãos são sacerdotes, tendo acesso à presença de Deus mediante a fé em Cristo.
BASES DA FÉ	Negou que somente o papa pudesse interpretar as Escrituras. Estas, disse ele, podiam ser interpretadas por qualquer crente sincero. Exproibou e denunciou a corrupção do papado, especialmente a ambição e as extorsões dos papas e a ambição da corte papal que se deixava corromper em tudo quanto empreendia. Finalmente traçou um plano para organizar uma Igreja nacional alemã, independente e reformada. Quatro mil cópias desse livro foram vendidas em apenas uma semana. O
CONFIANÇA DO POVO	povo começou a ver que ali, afinal, estava o homem providencial para proceder a uma reforma desde há muito ansiosamente desejada. Todos viram também que qualquer pessoa podia ser verdadeiramente cristã sem ter necessidade de prestar obediência ao papa. Além de tudo, Lutero já se tornara conhecido e respeitado como um homem devoto e de caráter austero.
AMEAÇA DE EXCOMUNHÃO	Enquanto esse livro era impresso (agosto de 1520), publicava-se na Alemanha a bula papal de excomunhão que Lutero já esperava. A bula o obrigava, e aos seus simpatizantes e seguidores, a se retratarem de suas “heresias” no prazo de sessenta dias, e ainda determinava que, se eles não o fizessem, seriam tratados como hereges – isto é, seriam condenados à morte. A todos os fiéis foi ordenado queimar os livros de Lutero, o que fizeram os legados do papa. Mas essa história de queimar livros era um jogo que ambos os lados podiam fazer. A 10 de dezembro de 1520, em Wittenberg, foi anunciado um acontecimento
MELANCHTON	notável por Filipe Melanchton. Tinha vindo ele para ali, havia dois anos, como professor de grego, tendo, então, 21 anos. Punha-se ele, com todas as suas forças, ao lado da causa de Lutero. Nesse anúncio convidava-se os estudantes para assistirem, naquele dia, à queima dos
QUEIMA DOS LIVROS PAPAIS	“livros maus dos decretos papais e dos teólogos escolásticos”. Diante de grande multidão de estudantes, professores, cidadãos de todas as classes, Lutero atirou à fogueira os livros e a então última de todas as
DA BULA	bulas do papa. Essa cena, em que se misturavam bom humor e sublime coragem, era característica da personalidade de Lutero. Foi, de fato, sublime a sua coragem. Um pobre monge, sustentado unicamente por sua fé em Deus, enfrentou sorridente o tremendo poder que os homens
HOMEM CORAJOSO	

ulgavam autorizado e amparado por Deus para abrir e fechar as portas da vida eterna. Começou naquele dia uma nova era na história humana.

No mês seguinte, o papa publicou a terrível sentença final, excomungando Lutero e o condenando a todas as penalidades conseqüentes da heresia. Essa bula, para ter efeito, dependia do poder civil para levar Lutero à morte. Desse modo, o caso tinha de ir à Dieta Imperial que iria se reunir nesse mesmo ano (1521) em Worms. Era a primeira Dieta do governo do Imperador Carlos V. O papa estava exercendo forte pressão sobre ele para assegurar-se da condenação de Lutero. Além disso, as idéias religiosas pessoais do imperador convenceram-no de que devia apressar o caso. Citado a comparecer perante a Dieta, Lutero, certo de que marchava para a morte, foi destemidamente. As multidões que até dos telhados o aclamavam pelas cidades por onde passava na sua longa e penosa viagem, o convenceram de que seu ideal estava alcançando real progresso e de que ele não estava sozinho. Lutero ganhara rapidamente numerosos amigos e incontáveis seguidores de todas as classes do seu povo: nobres, cidadãos, homens de cultura, ricos e pobres. Era agora o líder de um forte movimento na Alemanha. Quando se apresentou na Dieta, não era mais aquele monge solitário, mas, sim, um campeão de um grande partido nacional que exigia uma Igreja alemã livre dos grilhões de Roma, uma Igreja reformada.

Chegado à Dieta, foi colocado diante de certos livros que escrevera e solicitado a se retratar do que escrevera. No dia seguinte apresentou sua notável defesa na presença dos mais poderosos homens do seu país. “Diante dele estavam o imperador e seu irmão Fernando, Arquiduque da Áustria... e ao lado deles, sentados, todos os Eleitores e grandes Príncipes do Império, leigos e clérigos, entre estes quatro cardeais. Ao redor dele ficaram os condes, os nobres livres, os Cavaleiros do Império e os delegados das grandes cidades, todos formando um só bloco. Embaixadores de quase todos os países da Europa ali estavam avultando a multidão – pronta para testemunhar o feito desse memorável dia. Lutero falou vagarosa, calma e confiantemente; e em alguns momentos, com tal poder, que emocionou todos os corações. Recusou modificar a sua posição.”

Ao fim da defesa, o imperador, por intermédio de um oficial, perguntou-lhe se estava disposto a se retratar das afirmações que fizera, negando autoridade a certas decisões de alguns concílios – uma questão que naturalmente envolvia toda a matéria que se relacionava com a

CONDENADO

SUA MARCHA

NÃO ESTAVA SOZINHO

EM WORMS

PÚBLICO ASSUSTADOR

SUA ATITUDE FINAL

**DECLARAÇÃO
VITAL**

autoridade da Igreja. A sua resposta foi: *“É impossível retratar-me, a não ser que me provem que estou laborando um erro, pelo testemunho das Escrituras ou por uma razão evidente; não posso confiar nas decisões dos concílios e dos papas, pois é evidente que eles não somente têm errado, mas se têm contradito uns aos outros. Minha consciência está alicerçada na Palavra de Deus, e não é seguro nem honesto agir-se contra a consciência de alguém. Assim Deus me ajude. Amém”*. A Dieta dissolveu-se em meio de grande confusão. Os espanhóis gritaram: “À fogueira com ele!” Mas os alemães dele se acercaram; e quando saíram do auditório, todos juntos e Lutero no meio deles, empunharam suas armas e levantaram as mãos acima da cabeça ao modo como costumava fazer um cavaleiro alemão quando derrubava seu antagônista num torneio.

DEFENDIDO**CONDENADO,
PORÉM
PROTEGIDO**

Ele havia sido, de fato, o vencedor. Depois de alguns dos seus mais fiéis defensores se terem retirado, a Dieta, sob pressão do imperador, proclamou o edito de Worms que punha Lutero fora da Lei e decretava a destruição dos seus simpatizantes. Mas a Alemanha zombou do edito e nenhuma tentativa séria jamais foi realizada para levar a efeito a sentença contra Lutero. Ele agora era o líder do movimento religioso nacional a que dera origem, por seu bravo testemunho a favor da verdade evangélica, como Deus lhe tinha revelado.

(c) Os Primeiros Anos do Reforma Luterana**AVANÇO DA
OBRA**

A partir de 1520, os ensinamentos reformadores dominaram rapidamente a Alemanha. A maioria dos monges deixou os claustros para pregarem as boas novas do Novo Testamento. Muitos dos sacerdotes das paróquias tornaram-se luteranos, e em muitíssimos casos seus paroquianos os seguiram. Um bom número de bispos tornou-se favorável às novas doutrinas. Quando não se encontravam clérigos para pregar, os leigos o faziam. Os livros de Lutero tiveram enorme divulgação e influência. Muitos humanistas empregaram sua cultura para defender esta nova e melhor forma de Cristianismo. Os ensinamentos reformados foram amplamente divulgados entre o povo por meio de um grande número de tratados. O povo das cidades livres, onde o trabalho tinha sido previamente preparado pelos “Irmãos” que haviam pregado a religião evangélica, disseminado a Bíblia e divulgado os ensinamentos de João Huss, deu especial e entusiástica recepção ao evangelho bíblico do reformador.

GRANDE APOIO

O movimento luterano espalhou-se como um forte reavivamento espiritual. De fato, esse movimento (como a Reforma Protestante em toda parte) foi, fundamentalmente, um reavivamento religioso. Lutero tinha em si próprio um tremendo poder de vida religiosa, e, por meio dos seus ensinamentos, que eram, contudo, tão antigos quanto o Cristianismo, produziu no seu povo uma nova vida religiosa.

Por sua grande doutrina bíblica do sacerdócio de todos os cristãos, Lutero libertou os homens do temor e, libertos do medo, foram igualmente libertos do poder da Igreja medieval e conduzidos a uma religião mais sincera e profunda. Cada indivíduo, ensinava ele, podia gozar de comunhão com Deus, pela fé, sem a intervenção do sacerdócio da igreja. O homem podia confessar seus pecados a Deus e dele receber o perdão. Para sua salvação, o homem não necessitava dos ritos dos sacerdotes e, portanto, não lhes devia obediência nem temor. Cada um podia andar corretamente com o seu Deus, podia ser justificado por meio da fé sem se submeter às exigências da Igreja papal. Cada homem podia entender as Escrituras pela iluminação da fé, e por elas conhecer a vontade de Deus independentemente dos ensinamentos dessa Igreja. Os alemães se congregaram em torno dessa religião cristã de portas abertas, de consciência aberta e de Escrituras abertas.

Enquanto assim avançava o luteranismo, o Papa não dormia. Os legados papais lutavam por organizar uma aliança dos príncipes que ainda estavam com a velha religião e isso no propósito de esmagar a Reforma. A guerra dos camponeses em 1525 auxiliou, inesperadamente, esses propósitos. Essa guerra foi o desfecho dos longos anos de descontentamento e revolta de que já falamos. Verificaram-se levantes em muitas localidades, e quase toda a Alemanha estava em confusão e desordem. Os pobres camponeses foram esmagados com mão de ferro, mas sua revolta surtiu bom efeito quanto à situação religiosa. O espírito da Reforma era bem forte entre os camponeses. Por isso alguns dos príncipes concluíram que as novas idéias religiosas traziam em seu bojo a revolução, e resolveram opor-se a essas idéias. Foi assim que aconteceu a divisão dos governantes da Alemanha em dois campos antagônicos.

O partido da Reforma incluía muita gente além dos luteranos. Um outro movimento de revolta contra a Igreja surgiu na Suíça alemã, sob a liderança de Zuínglio. Esse movimento espalhara-se pelo sul da Alemanha de modo que alguns príncipes das cidades livres estavam mais sob a influência de Zuínglio do que sob a de Lutero.

AÇÃO INTERIOR

**DOCTRINA
BÁSICA:**

**SACERDÓCIO
UNIVERSAL DOS
CRENTES**

**NOVA FÉ:
(1) PORTAS
ABERTAS**

**(2) MENTE
ABERTA**

**(3) BÍBLIA
ABERTA**

**REAÇÃO
INIMIGA**

**GUERRA
CAMPONESA**

**DIVISÃO
POLÍTICA**

SUÍÇA ALEMÃ

ZUÍNGLIO

DIETA DE 1526

Na Dieta de 1526, dominaram os luteranos e os zuínglios, e asseguraram uma decisão, pela qual cada governo podia decidir qual a religião dos seus domínios. Imediatamente alguns príncipes começaram a reorganizar as igrejas em seus territórios, com o culto e pregação segundo o ensino da Reforma. O imperador não se opôs a isso porque ele estava, então, em guerra contra o papa e contra Francisco I. De sorte que, enquanto os inimigos da Reforma brigavam, esta ganhava terreno.

**INIMIGOS
CONTRA SI
MESMOS****DIETA DE SPIRA**

Mas na Dieta de 1529, em Spira, os católicos romanos, como chamaremos daqui por diante, eram mais poderosos, em virtude das disputas políticas que enfraqueceram os luteranos. A decisão dessa Dieta impedia qualquer propaganda da Reforma nos seus dois ramos: o luterano e o zuínglio. Contra isso, os membros da Dieta, que eram do partido da Reforma, organizaram um protesto formal, razão por que, daí por diante, os seguidores do Cristianismo reformado são geralmente chamados de “Protestantes”.¹⁴

**PROTESTO
FORMAL****(d) O Imperador e a Reforma****CONFISSÃO DE
AUGSBURG**

Enquanto as coisas corriam assim pouco satisfatórias, o imperador foi à Alemanha, pela primeira vez depois da Dieta de Worms, determinando pôr um fim a essa dificuldade religiosa que estava convulsionando o império. Já tinha ele vencido seus inimigos, e estava com as mãos livres. Na grande Dieta de Augsburg, em 1530, foi a questão submetida a debate. Numa declaração de princípios, os luteranos apresentaram a famosa Confissão de Augsburg, que, ainda no presente, é

¹⁴ A Reforma do século 16 é, depois do advento do Cristianismo, o maior advento da História. Ela assinala o encerramento da Idade Média e o início dos tempos modernos. Partindo da religião, ela deu, direta ou indiretamente, um poderoso impulso a todo movimento progressivo, e tornou o Protestantismo a força propulsora na história da moderna civilização.

O Catolicismo e o Protestantismo representam dois tipos distintos de Cristianismo, tipos que brotaram da mesma raiz mas diferentes nos seus ramos. O Catolicismo é Cristianismo legalista que serviu às nações bárbaras da Idade Média como uma escola de disciplina necessária. O Protestantismo é Cristianismo evangélico que corresponde à era da independência do gênero humano. O Catolicismo é tradicional, hierárquico, ritualista, conservador. O Protestantismo é bíblico, espiritual, progressista. O Catolicismo é governado pelo princípio de autoridade; o Protestantismo, pelo princípio da legítima liberdade.

Há três princípios fundamentais da Reforma: (1) A supremacia das ESCRITURAS sobre a tradição; (2) A supremacia da FÉ sobre as obras; e (3) a supremacia do POVO CRISTÃO sobre um sacerdócio exclusivo. Eles se resumem no único princípio da liberdade evangélica, ou liberdade em Cristo. O objetivo último do Protestantismo evangélico é levar cada homem a uma responsabilidade pessoal e a uma união vital com Cristo, o único e suficiente Senhor e Salvador do pecador.

uma declaração doutrinária dos luteranos em toda parte. Melanchton, que se tornara um líder, apenas superado por Lutero, foi o principal autor dessa declaração. O imperador fez algumas tentativas para assegurar o acordo doutrinário entre os romanistas e os luteranos, com o propósito de levar os últimos à velha Igreja dos papas. Vista a impossibilidade, a maioria católica romana da Dieta decretou que, depois de abril de 1531, o Protestantismo seria exterminado pela guerra.

Todavia, demorou bastante antes que os protestantes, por sua fé, tivessem de lutar contra o imperador. Os turcos, que oportunamente atacaram o território austríaco do imperador e o seu posterior desacordo com o papa, que se recusava a introduzir na Igreja certas reformas que o imperador achava oportunas, ocuparam suas mãos antes que pudesse guerrear os protestantes. Enquanto isso, a Reforma avançava extensivamente, e parecia que quase toda a Alemanha ia tornar-se luterana. Afinal, Carlos V, vendo improficuos seus contínuos esforços para fazer retornar os protestantes, e incapaz, por sua carolice, de abrir uma brecha na Igreja, resolveu esmagar a causa protestante.

**GUERRA
CONTRA
PROTESTANTES**

(e) O Que Lutero Conseguiu na Alemanha

Antes que viesse a guerra, faleceu Lutero aos 63 anos. Por quase trinta anos fora ele o líder de um dos maiores movimentos religiosos da História. A esse notável movimento deu ele grande inspiração, seja por sua pregação constante, seja pelo preparo de novos pregadores, seja por seu grande número de livros escritos, ou pelo trabalho de correspondência e conselhos pessoais. Fez ainda mais, traduziu a Bíblia toda das línguas originais para a língua do seu povo. Esta é ainda a Bíblia da Alemanha, e foi a maior fonte de poder da Reforma. Nobre por natureza, ainda que de origem humilde, Lutero conseguiu reunir muitos homens poderosos, e fez que esse grande movimento prosseguisse sem desfalecimento. Lutero cometeu alguns erros, mas, sob a direção divina, realizou maravilhas. Nesses poucos anos ele viu “a maior parte do império alemão ganhar para a religião evangélica – um território mais ou menos da forma de um triângulo, cuja base eram as praias do mar Báltico, a partir dos Países Baixos no Ocidente, até os limites orientais da Prússia, e cujo vértice era a Suíça”. Dentro dessas linhas havia alguns pequenos territórios católico-romanos, mas também fora delas havia várias fortalezas protestantes. Nas Igrejas dessa vasta região, o Evangelho era pregado na língua comum do povo. Nos

**MORTE
DE LUTERO
63 ANOS**

**TRADUÇÃO DA
BÍBLIA**

**EXTENSÃO DA
REFORMA
LUTERANA**

PREGAÇÃO

BÍBLIA	púlpitos e nos bancos das Igrejas havia cópias da Bíblia traduzida por Lutero. Cantavam-se por toda a Alemanha hinos evangélicos e salmos, muitos dos quais escritos pelo próprio Lutero. Dentre eles se destacava a Marselhesa da Reforma – <i>Castelo Forte</i> , que sua alma heróica e inspirada escreveu, que era cantado pelo povo em toda parte. Onde houvesse uma igreja, eram organizadas escolas, pois um dos grandes interesses de Lutero era a educação dos filhos do seu povo. À frente das Igrejas estavam os ministros instruídos e fiéis. O governo da Igreja tinha sido reorganizado, cada príncipe superintendia a Igreja nos seus territórios. Dentro de trinta anos a Igreja cristã na Alemanha tinha sido reformada como ninguém jamais sonharia ser possível.
HNOS	
CASTELO FORTE	
ESCOLAS	
GOVERNO DA IGREJA	

(f) A Paz Religiosa de Augsburg

GUERRA	A guerra do imperador contra o protestantismo começou em 1546. A princípio ele foi vitorioso em toda parte. Pouco tempo depois, porém, Maurício da Saxônia expulsou-o da Alemanha. Entristecido por isso, e por outros fracassos, Carlos entregou a direção do Império às mãos do seu irmão Fernando. Sob o governo deste, foi feita a Paz de Augsburg na Dieta de 1555, a qual determinava que cada príncipe decidiria qual seria a religião do seu próprio território. Por esse instrumento de paz, reconhecia-se o protestantismo como movimento legal dentro do império alemão e asseguravam-se, por parte do povo alemão, os frutos da grande separação de Roma.
MALOGRO	
PAZ DE AUGSBURG	
REFORMA RECONHECIDA	

(g) A Obra de Lutero Fora da Alemanha

INFLUÊNCIA DE LUTERO NA ALEMANHA	A influência de Lutero foi sentida em muitos outros países além do seu. Desde a aposição das 95 teses, a história do seu rompimento com a igreja espalhou-se por toda parte. Seus escritos tinham larga aceitação, apesar dos esforços dos inquisidores. Foi assim que seu movimento se fortificou na Boêmia, na Hungria, na Polônia, na Inglaterra, na Escócia, na França, nos Países Baixos, na Escandinávia, e mesmo na Espanha e na Itália. Em alguns desses países, o movimento da reforma religiosa tinha tido início antes mesmo que Lutero surgisse como reformador. Com Lutero, ou sem ele, era inevitável tal movimento de reforma religiosa. Mas a inspiração que ele proporcionou fortaleceu todos os movimentos que o antecederam. Em muitos desses países a influência de Calvino foi mais preponderante na Reforma que

a de Lutero. A Reforma inglesa teve cunho todo particular. Mas nas terras escandinavas a Reforma foi exclusivamente um movimento luterano.

Na Dinamarca, os pregadores luteranos, a princípio, e depois os nativos, trabalhavam desde 1519. A Igreja nacional tornou-se protestante e luterana em 1536 por ato de Cristiano III, rei da Noruega e da Dinamarca, e também por meio de uma assembléia nacional. A Igreja da Noruega tornou-se luterana em 1539, em decorrência do assentimento do rei. Três suecos, que tinham estudado em Wittenberg, voltaram ao seu próprio país em 1520 e pregaram as idéias reformadas com resultados extraordinários. Sete anos depois, a Dieta Nacional decretou que a Igreja na Suécia fosse reformada.

**REFORMA NA
ESCANDINÁVIA**

Na Hungria, no século 16, desenvolveu-se uma forte Igreja luterana, não obstante já existir ali uma Igreja calvinista ainda mais forte.

HUNGRIA

QUESTIONÁRIO

1. Que poderes tinha Carlos V na Alemanha? Quais eram os seus pontos de vista religiosos?
2. Fale sobre Lutero antes de sua entrada para o convento. Por que ele se tornou monge?
3. Descreva a sua luta espiritual e o progresso que alcançou em sua revelação.
4. Explique o que é justificação pela fé. Qual a doutrina ou idéia oposta?
5. Fale sobre a visita de Lutero a Roma. Quanto era ele conhecido antes da Reforma?
6. Por que ele atacou a venda das indulgências de Tetzel? Qual a data em que a fixou as 95 teses? O que expunham essas teses?
7. Que apelo fez Lutero no livro *À Nobreza Cristã da Alemanha*? Qual o sentimento do povo alemão em relação a Lutero?
8. Como Lutero tratou a bula papal de excomunhão?
9. Por que Lutero compareceu diante da Dieta de Worms? Qual foi a sua atitude ali? Qual foi o resultado do seu comparecimento a essa Dieta?
10. Descreva como se desenvolveram as idéias reformadas.
11. Como a doutrina do sacerdócio de todos os crentes libertou o povo do medo e da escravidão da Igreja medieval?
12. Quais foram os primeiros “protestantes” e por que foram assim chamados?
13. Que atitude tomou Carlos V com relação à Reforma?
14. Até onde se espalhou, na Alemanha, o movimento reformador? Que modificações no culto e no governo da Igreja resultaram desse movimento?
15. Qual o resultado da guerra de Carlos V contra o Protestantismo? Quais foram os termos da Paz de Augsburg?
16. Descreva a influência de Lutero fora da Alemanha.

CAPÍTULO DOZE

A ERA DA REFORMA: REVOLUÇÃO E RECONSTRUÇÃO

**Segunda Parte
(1517- 1648 d.C.)**

II. O LADO REFORMADO DO PROTESTANTISMO

Além da Alemanha, as demais nações da Europa ocidental, inclusive a Espanha e a Itália, receberam a influência desse despertar religioso do século 6º, em vários graus de intensidade. Todas as nações estavam mais ou menos preparadas para a Reforma pelas mesmas forças que haviam preparado a Alemanha: a insatisfação, o protesto contra as condições da Igreja, o sentimento patriótico contra a interferência dos papas nos negócios políticos e religiosos nacionais e a nova concepção de vida que resultou da Renascença. Na Suíça, na França, nos Países Baixos, na Escócia e na Inglaterra explodiram revoluções religiosas e foram organizadas Igrejas Protestantes. Todas tinham em comum certos aspectos que as diferenciavam das Igrejas Luteranas. Todas, exceto a inglesa,¹⁵ são chamadas Igrejas Reformadas. Aqui encontramos duas grandes divisões do Protestantismo: as Igrejas Reformadas e as Luteranas. Adiante veremos em que consistem essas diferenças.

CAUSAS DA REFORMA
(1) INSATISFAÇÃO
(2) MORAL DA IGREJA
(3) INGERÊNCIA DO PAPA
(4) RENASCENÇA

(a) A Reforma na Suíça – Zúínglio

A Suíça do século 16 era uma confederação de treze pequenos Estados, chamados “cantões”. Seu povo tinha forte espírito de independência e de democracia.

Quando Martinho Lutero tinha apenas 1 ano de idade, Hulrico Zúínglio (1484-1531) nascia em Wildhaus, um povoado ao leste da Suíça. Em virtude do interesse que o tio, pároco da vila, tomou por ele, conseguiu Zúínglio uma educação secundária de alto nível, indo, em seguida, para as universidades de Viena e da Basileia. Recebeu educação principalmente dos mestres humanistas, que representavam a flor do pensamento revolucionário da Renascença; por isso sua vida intelectual foi moldada plena e definitivamente por essas influências. Assim ele desenvolveu sua poderosa mentalidade, que se abria para todas as idéias novas, largamente disseminadas, a respeito de todos os assuntos. Nesse ponto vemos a diferença entre ele e Lutero, que fora educado, principalmente, sob as influências medievais, e daí ser Lutero menos inclinado a modificações radicais. Outra diferença entre eles

SUA MOCIDADE

EDUCAÇÃO PRIMOROSA

HUMANISTA

DIFERENTE DE LUTERO

¹⁵ A Reforma na Inglaterra teve laços muito fortes com o lado reformado do Cristianismo, isto é, o Protestantismo, mas em outros aspectos importantes conservou características que lhe são próprias.

foi que Zuínglio não teve nenhuma experiência religiosa profunda na sua mocidade. Ele tornou-se sacerdote somente por haver na família outros clérigos.

**CHEGANDO-SE À
VERDADE**

Em Glarus, sua primeira paróquia, continuou a estudar a Bíblia e Teologia à luz do novo ensino. Quando o Novo Testamento grego de Erasmo veio à luz, em 1516, ele tomou emprestado um exemplar e copiou à mão as epístolas de Paulo e as lia constantemente. Residindo, como sacerdote, em Einsiedeln, lugar para onde iam muitos peregrinos, ficou profundamente entristecido com a insensatez das superstições que ali verificou, alimentadas pela própria Igreja Romana. Durante dez anos de leitura e estudo foi se inclinando gradualmente para as idéias evangélicas ou reformadas, pois as encontrava mais satisfatórias e lógicas à sua mente do que os ensinamentos da Igreja medieval. Durante esses mesmos anos, Lutero, no mosteiro de Erfurt, se dirigia ao mesmo alvo por outro caminho, isto é, fazendo a experiência prática dos ensinamentos mais antigos e verificando que os mesmos estavam vazios de poder para a salvação da alma.

CONFRONTOS

**EXPERIÊNCIA
ESPIRITUAL**

Em 1518, por causa de sua fama sempre crescente como pregador notável, foi Zuínglio chamado à importante cidade de Zurique. Nesse mesmo ano, experimentou a influência de Lutero, o que fortaleceu poderosamente as suas convicções.

**CONVICÇÃO
ACENTUADA**

**ROMPIMENTO
COM A IGREJA**

Uma grave doença aprofundou ainda mais a sua vida religiosa. Depois começou a pregar ousadamente as suas crenças evangélicas, e num livro, que foi publicado em 1522, anunciou abertamente seu afastamento do papado. Em virtude dos distúrbios provocados pelos inimigos de Zuínglio, o Concílio de Zurique manteve uma discussão pública com o propósito de acabar com a controvérsia religiosa. Por essa razão, Zuínglio escreveu uma declaração dos seus pontos de vista que continha o princípio fundamental da Reforma: o sacerdócio de todos os cristãos. Zuínglio declarou que os homens se salvam pela fé em Deus, por meio de Cristo, não pelas obras exigidas pela Igreja Romana. Exaltou a autoridade da Bíblia acima da autoridade da Igreja papal. Atacou o primado do papa, a missa e o celibato do clero. No debate sobre esses pontos, Zuínglio seguiu idéias próprias. O Concílio apresentou uma decisão que lhe era favorável e o encorajou a prosseguir. Por esse ato, o cantão de Zurique e o próprio Zuínglio romperam definitivamente com o papado.

ESCRITOS

**SACERDÓCIO
UNIVERSAL DOS
CRENTES**

**A BÍBLIA
MISSA
CELIBATO**

APOIO

**REFORMA EM
ZURIQUE**

Zuínglio, então, prosseguiu com a Reforma nesse cantão. Agia cuidadosamente, expunha pacientemente os planos ao povo, em ser-

mões, e conseguiu a aprovação do governo para as mudanças que se faziam necessárias. Gradualmente, o culto, os costumes religiosos e a pregação foram alterados para se adaptarem à concepção reformada do Cristianismo. O ponto culminante foi atingido em 1525, por uma decisão e por ordem do Concílio, para se adotar um serviço de comunhão, em lugar da missa, na grande Catedral. A Reforma tinha se concretizado em Zurique. Sob a liderança de Zuínglio, foram realizadas no culto modificações maiores e mais radicais do que com Lutero. Este, naturalmente conservador, não alterou mais do que as idéias evangélicas que a seu ver exigiam. Por exemplo, a cruz permaneceu na mesa de comunhão. Zuínglio, sendo homem da nova era, procurou remover tudo o que cheirasse à velha ordem religiosa e que não tivesse apoio bíblico.

**MUDANÇAS
RADICAIS**

De Zurique a Reforma se estendeu rapidamente pela maior parte da Suíça alemã. Muito realizou a influência de Zuínglio, mas em cada cantão surgiram os homens que assumiram a liderança do movimento. A esses líderes o povo apoiava plena e alegremente. Em cada um dos cantões, a Reforma foi realizada por ato de uma autoridade representante do povo, como em Zurique, e todas essas decisões aprovavam as idéias de Zuínglio. Sua influência também se estendeu, como já vimos, pelo sul da Alemanha. Foi assim que surgiram esses dois aspectos da Reforma, lado a lado, o de Zuínglio e o de Lutero.

**REFORMA NA
SUÍÇA ALEMÃ**

**ZUÍNGLIO E
LUTERO**

Depois do célebre e histórico protesto de Spira, em 1529, tornou-se evidente que os protestantes algum dia teriam de lutar em defesa da sua fé. Daí a razão dos esforços para a união dos príncipes luteranos e zuínglianos das cidades e dos cantões da Alemanha e da Suíça, numa Liga Defensiva. Apareceu um obstáculo com a objeção de Lutero a certas idéias de Zuínglio. Na esperança de alcançar uma solução harmoniosa, foi planejada uma conferência dos dois líderes e de alguns dos seus amigos.

**PRENÚNCIO DE
GUERRA**

**UNIÃO DE
FORÇAS**

DIVERGÊNCIAS

Eles concordaram em quatorze dos quinze artigos que definiam os assuntos básicos da fé cristã, mas diferiam na doutrina da Ceia do Senhor. Lutero tinha, naturalmente, rejeitado a idéia medieval de que o pão e o vinho se transformavam na carne e no sangue do Senhor Jesus, que era conhecida como transubstanciação. Mas ele ainda sustentava que o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo eram recebidos pelos comungantes... "ao lado do pão e do vinho". Zuínglio sustentava que o sacramento é um memorial da morte do Senhor e que sua presença é unicamente espiritual.

**UM PONTO
DISCORDANTE NA
CEIA**

CONSUBSTANCIAÇÃO

MEMORIAL

Lutero ofereceu tal oposição a essa interpretação que ele mesmo se convenceu de não poder aprovar a aliança entre luteranos e zuínglios.

CAMINHOS PARALELOS

Aqui teve início a primeira de muitas divisões do protestantismo nos ramos “Luterano” e “Reformado”. Mais tarde os luteranos e zuínglios da Alemanha se aliaram na guerra contra Carlos V. Porém, esses dois ramos da Reforma nunca se uniram, sempre correram paralelos. Embora depois surgissem outros motivos de separação entre os dois grupos, a doutrina da Ceia do Senhor foi suficiente como causa de separação definitiva.

GUERRA

A morte do nobre Zuínglio ocorreu dois anos após sua conferência com Lutero. Levantou-se uma guerra entre os quatro cantões suíços que haviam permanecido católicos romanos e os cantões protestantes. Na segunda de duas breves campanhas, Zuínglio, que, com seu ardor patriótico, tinha ido para o campo de batalha, caiu lutando (1531). Embora não fosse tão grande quanto Lutero, foi também um servo fiel e destemido do Evangelho e um líder nobre e sábio que deu inspiração ao seu povo. Realizou um trabalho permanente para a causa da Reforma do Cristianismo no seu país.

SUA MORTE

SEU VALOR

(b) Calvino – Líder da Reforma em Genebra

SEU NASCIMENTO

Não muito depois da morte de Zuínglio surgiu um líder ainda maior para tomar a direção do protestantismo na Suíça. João Calvino (1509-1564) nasceu 26 anos depois de Lutero, de modo que pertencia à segunda geração da Reforma. Era francês, pois nasceu em Noyon, na Picardia. Seu pai era um rico advogado ligado à nobreza e ao alto clero da sua terra. Calvino teve a sua educação elementar no seio de uma nobre família francesa, em igualdade de condições com os filhos da casa; e essa sua refinada educação social fê-lo “sempre reservado, polido e nobre cavalheiro francês”. Destinado ao sacerdócio, foi enviado a Paris quando tinha 14 anos de idade para realizar os estudos preparatórios para sua carreira eclesiástica. Cinco anos depois, o pai decidiu que o filho estudaria Direito, o que ele fez, em Orleans e em Bourges. Falecendo o pai em 1531, Calvino resolveu seguir sua própria vocação: enveredar pela cultura das letras. Isso resolvido, voltou a Paris para estudar sob a direção dos mais eminentes humanistas.

PAI

EDUCAÇÃO

UM NOBRE DESTINO

MUDANÇA DE IDEAL

HUMANISTA

SUA CONVERSÃO

Quando, onde e como Calvino se tornou protestante não se sabe ao certo. A mudança foi resultado das influências dos novos estudos e dos ensinamentos de Lutero, e surgiu repentinamente, acompanhada de uma

grande renovação de sua vida espiritual. Declarou-se protestante em 1533, e, ao fim desse ano, acompanhado de outros protestantes, teve de fugir de Paris por causa de uma inesperada e feroz perseguição. Apesar de sua vida inquieta, esteve três anos em Basiléia, e ali, aos 26 anos, publicou um livro que lhe permitiu ganhar a posição de um dos líderes do protestantismo. Esse livro foi o seu famoso *Institutas*. Em sua primeira edição o livro era pequeno, não era ainda o tratado de Teologia que veio a ser depois; era apenas uma declaração sistemática da verdade cristã sustentada e defendida pelos protestantes e destinado ao uso popular. Até então nenhum livro dessa natureza tinha sido publicado. O livro de Calvino foi muito útil aos protestantes como um instrumento da sua luta e dos seus esforços para alcançar novos conversos; e também como uma vindicação das suas crenças contra as falsas acusações que se lhe assacavam.

FUGA

INSTITUTAS

Em uma das suas viagens em 1536, Calvino passou a noite em Genebra, cidade de cerca de treze mil pessoas. Era socialmente próspera, mas de baixo nível moral. Fazia muito pouco tempo que ali triunfara a Reforma sob a liderança do garboso pregador Guilherme Farel. A cidade conquistara sua independência numa guerra contra seu bispo, que era também senhor feudal. Nesse tempo a cidade havia se declarado protestante. Mas Farel verificou que o que se tinha feito era apenas o início da luta, e que a cidade, tendo a vida desorganizada, necessitava urgentemente de uma obra poderosamente construtiva, tanto no terreno moral como no religioso. Reconheceu-se incapaz de levar avante semelhante tarefa. Perplexo sobre o que fazer, ouviu a notícia de que o notável reformador e culto francês estava na cidade, naquela noite. Os excelentes dons intelectuais de Calvino o assinalavam como o homem de quem a cidade necessitava. Mas seu grande desejo de continuar nas pesquisas intelectuais fê-lo recusar-se a ouvir os insistentes pedidos de Farel. E só por causa de uma oração na qual Farel afirmara que Deus amaldiçoaria Calvino, se este recusasse o convite da cidade, conseguiu Farel que ele se decidisse à grande obra que ali o esperava.

GENEBRA

GUILHERME
FAREL

CALVINO EM
GENEBRA

ORAÇÃO
PERSUAÇÃO

Iniciadas as suas atividades, em pouco tempo o trabalho de Calvino resultou em desastre. Muita gente não estava com o coração predisposto à Reforma e a oposição dessa gente resultou na expulsão dele e de Farel. Calvino passou então três anos em Estrasburgo, como pastor de uma igreja de protestantes franceses, exilados pelas perseguições. Aí identificou-se com muitos líderes da Reforma e foi reconhecido

FRACASSO

EXPULSO

PASTOR

**GENEUBRA
PIORA**

como um dos mais capazes entre eles. Em Genebra as coisas iam de mal a pior. Os seus habitantes que haviam reconhecido a capacidade e a dignidade de Calvino, quando da primeira tentativa, insistiram para que ele voltasse. Depois de muita relutância, aceitou, em 1541, um lugar entre os pregadores da cidade, o único ofício que jamais exerceu. Embora tivesse vindo sem muito desejo, a sua volta teve um propósito resoluto: tornar Genebra uma cidade cristã-modelo, uma comunidade cuja vida fosse realmente dirigida pelo Cristianismo. Isso não era somente e principalmente por amor a Genebra. Calvino queria que a cidade fosse de tal modo cristianizada que se tornasse uma fonte de inspiração e poder para o protestantismo em toda parte. Ele viu que a Igreja Romana tentaria uma tremenda luta para readquirir o que já, há muito tempo, havia perdido, e sentiu-se como um general à frente de grande campanha, com a responsabilidade pelo êxito da causa inteira.

**PROPÓSITO:
(1) ORGANIZAÇÃO
(2) LEIS BÍBLICAS
(3) EDUCAÇÃO**

Os meios pelos quais se propusera tornar Genebra uma comunidade cristã foram: uma Igreja totalmente reorganizada, leis que expressassem a moral bíblica e um sistema educacional de primeira ordem. Quanto à Igreja, devemos lembrar que a Igreja protestante de Genebra incluía toda a população. Antes da chegada de Calvino, a cidade toda tinha decidido aceitar o protestantismo. Assim a reorganização da Igreja afetaria toda a comunidade. Os planos de Calvino para a Igreja incluíam um ministério educado e cuidadosamente escolhido, fiel aos deveres claramente indicados para o mesmo. Assim Calvino criou o ofício do moderno ministro protestante. Cuidou também do exercício efetivo da disciplina na Igreja por meio do Consistório, que era composto dos presbíteros, cujo dever era vigiar a conduta do povo e dos ministros. Logo após, cuidou da administração da beneficência na cidade por intermédio dos diáconos.

**DISCIPLINA
GOVERNO
BENEFICÊNCIA****RELIGIÃO
EDUCAÇÃO
ASSOCIADAS**

Os planos de Calvino quanto à educação foram inspirados por sua convicção de que a verdadeira religião e a educação estão inseparavelmente associadas. A preservação e segurança da fé reformada, viu ele, requeriam um povo educado tanto quanto um ministério educado. Seus planos resultaram no estabelecimento de um sistema escolar livre e completo, culminando na Academia, instituição de grau universitário a que não faltavam os cursos de Teologia. Calvino foi incansável nos seus esforços em conseguir os melhores mestres para as escolas de Genebra, os quais, em pouco tempo, se tornaram famosos. Mui-tíssimos estrangeiros iam à Academia para estudar Teologia e voltavam como ministros protestantes.

**ACADEMIA
TEOLOGIA****MESTRES
CAPAZES**

Durante o ministério de Calvino, de 23 anos, ele viu que seu ideal para a cidade fora em grande parte realizado. Aquela cidade antes turbulenta e dissoluta tornou-se notável por sua ordem, por sua cultura, por seu Cristianismo ardoroso e pelas condições morais excelentes. Esses resultados não foram alcançados por Calvino e seus colaboradores sem dificuldades. Surgiu muita oposição por causa da estrita disciplina do Consistório. Houve mesmo um tempo em que a obra de Calvino pareceu arruinar-se, mas sua persistência e coragem férrea não falharam. Sua vitória final foi devida parcialmente a muitos protestantes refugiados de perseguições, vindos de outros países, que se tornaram cidadãos de Genebra. Nos últimos nove anos da sua vida, ele foi o governador da cidade.

**TRANSFORMAÇÃO
DE GENEBRA**

OPOSIÇÃO

SUA FIRMEZA

A parte de Calvino na execução de Serveto, médico espanhol, por motivo de heresia, tem contribuído para que muitas pessoas deixem de fazer justiça à grande obra desse reformador. Por negar a doutrina da Trindade, Serveto foi condenado à fogueira, sendo Calvino um dos juízes que o condenaram. Como quase todas as pessoas do seu tempo, Calvino herdou da Idade Média a crença de que a heresia deveria ser punida com a morte. Trairíamos a nossa consciência cristã se deixássemos de condenar com todas as forças o ato de Calvino nesse caso. Todavia, devemos nos lembrar de que naquele tempo sua atitude foi totalmente aprovada em Genebra e pelos protestantes de quase toda parte. A liberdade de consciência foi, em grande parte, resultado do espírito e do movimento reformador, mas essa liberdade surgiu muito lentamente. Dentre os grandes líderes protestantes do século de Calvino somente um, Guilherme de Orange, cria plenamente na liberdade religiosa.

**CALVINO E
SERVETO**

**DOIS LADOS DA
MESMA MOEDA**

Por sua obra em Genebra, Calvino alcançou três benefícios para o protestantismo em geral. A vida moral da cidade era um exemplo do que a fé reformada podia realizar, e daí o poder de sua propaganda. Genebra era a cidadela de refúgio para os perseguidos por causa da Reforma. Para essa cidade livre ia gente da França, da Holanda, da Alemanha, da Escócia e da Inglaterra. Os refugiados nela encontravam um lar apropriado. Foi também um lugar de preparo sólido para os líderes do protestantismo. Na sua Academia e no ambiente da cidade, foram preparados ministros devotados, instruídos e destemidos que se espalhavam, como missionários da Reforma, pelos países onde esta ainda não havia entrado. Muitos dos refugiados voltavam aos seus países de origem, fortalecidos por sua estada em Genebra e por seu contato com Calvino. Um deles foi João Knox.

**RESULTADOS
BENÉFICOS**

CIDADE REFÚGIO

**PREPARO
MISSIONÁRIO**

**CONTATO
PESSOAL**

Pelo que fez em Genebra e por outros aspectos da sua obra, Calvino inspirou o protestantismo em toda parte e exerceu poderosa influência no seu desenvolvimento. Um segundo aspecto do seu trabalho foi o do contato pessoal com os líderes protestantes de muitos lugares, mantido principalmente por meio da sua enorme correspondência. Ele era a cabeça dirigente da Reforma na França, embora lá não tivesse ido havia 27 anos. Realizou trabalho semelhante em outros países. A terceira faceta do seu trabalho foram os seus livros, especialmente o *Institutas*, que teve grande circulação. Foi assim que as idéias de Calvino predominaram nos movimentos da Reforma na França, na Holanda, na Escócia e em muitas partes da Alemanha, como também na Inglaterra. Quando pensamos em quanto o mundo deve aos protestantes desses países, somos levados a pensar também no que devemos a João Calvino.

LIVROS**GRATIDÃO****(c) A Reforma na França****PONTO DE
PARTIDA**

No início do século 16, algumas das idéias religiosas características da Reforma foram expressas por humanistas franceses que eram estudantes entusiastas das Escrituras. Mas quando os livros de Lutero começaram a circular na França, a perseguição caiu sobre toda e qualquer manifestação desses pontos de vista. Depois de certo tempo de vacilações, o rei Francisco I, em 1538, decidiu mover forte e incessante campanha contra o ensino reformado. Por esse mesmo tempo Calvino tornou-se o chefe do movimento protestante no seu país, dirigindo-o por meio de cartas e de pregadores jovens enviados de Genebra. Apesar da repressão feita, mesmo à custa de sangue, a Reforma espalhou-se por quase toda a França. Em 1559 foi organizada uma Igreja protestante nacional. Seu sistema de governo foi copiado no ano seguinte pelos reformadores escoceses e generalizou-se por todas as igrejas presbiterianas.

**SURGE O
INIMIGO****CALVINO,
UM CHEFE
PODEROSO****SISTEMA DE
GOVERNO**

Por esse tempo o movimento protestante estava um tanto modificado em seu caráter. Grande parte da alta aristocracia fora conquistada para a Reforma. Esses grandes nobres, alguns príncipes de sangue real, não se submetiam facilmente à perseguição, e começaram a falar de uma revolta armada. Sob a liderança deles o movimento protestante tornou-se não somente um esforço para espalhar a religião evangélica, mas igualmente uma luta contra o governo com o fim de alcançar a liberdade religiosa, a liberdade de pregar a fé reformada. Essa atitude

os fez ganhar o nome de “huguenotes”,¹⁶ daí em diante usado pelos protestantes franceses. A guerra rebentou em 1562, sendo os huguenotes dirigidos pelo almirante Coligny e o príncipe Condé; ambos lutavam contra a rainha regente, Catarina de Médicis. Essa guerra foi a primeira das oito “Guerras Religiosas” que duraram mais de trinta anos e quase arruinaram totalmente a França. O partido católico-romano estava decidido a lançar mão de todas as crueldades, como de fato o fez. Era dirigido pelos jesuítas e pelo rei Filipe II da Espanha.

HUGUENOTES

30 ANOS DE GUERRA

NOITE DE S. BARTOLOMEU

O espírito do partido católico-romano manifestou-se no horrível massacre de São Bartolomeu, em 1572. Num certo período de paz, muitos huguenotes dentre os nobres reuniram-se em Paris para assistir ao casamento de um dos seus chefes, Henrique de Navarra. Num ataque levado a efeito durante a noite, por ordem de Catarina de Médicis, dezenas de milhares de huguenotes, inclusive o almirante Coligny e muitíssimos outros líderes, foram mortos. Foram logo ordenados muitos outros massacres em outras partes da França, nos quais foram aniquilados cerca de setenta mil protestantes. O papa enviou congratulações a Catarina, e ambos se regozijaram pelo que haviam feito aos protestantes. Todavia, e apesar desse terrível golpe, os protestantes se reabilitaram e continuaram a luta até 1598, quando a guerra terminou com o célebre Édito de Nantes, que concedeu ao protestantismo um pouco mais de tolerância.

ALEGRIA ASSASSINA

O ÉDITO DE NANTES

(d) A Reforma nos Países Baixos

Os Países Baixos foram aqueles territórios herdados por Carlos V, de modo que ele teve grande oportunidade de manifestar, nessas terras, sua tremenda hostilidade à Reforma. Quando as idéias luteranas começaram a se difundir, Carlos V estabeleceu a Inquisição, que logo demonstrou a sua eficiência, condenando à fogueira dois protestantes em 1523, os primeiros mártires da fé reformada. Por mais de trinta anos Carlos V lutou contra o protestantismo, matando milhares e milhares dos seus súditos. Apesar de tudo o protestantismo sobreviveu. A influência de Calvino tornou-se dominante por meio da obra dos

CARLOS V PERSEGUIÇÃO

¹⁶ “Huguenotes” foi a princípio um apelido dado aos protestantes pelos católicos romanos. Sua origem foi a seguinte: os protestantes de Tours costumavam reunir-se à noite no portão do palácio do Rei Hugo. O povo do lugar cria que o espírito do Rei Hugo perambulava durante a noite. Um monge dissera num sermão que os protestantes deveriam ser chamados de huguenotes, que significa parentes de Hugo, porque se pareciam com ele por andarem somente à noite.

FILIPE II

missionários reformados, vindos da França e de Genebra. Aqui, como em outros lugares, o calvinismo demonstrou firmeza. Em 1555, Carlos V foi sucedido por seu filho Filipe II, na Espanha e nos Países Baixos. Filipe foi mais carola e cruel do que o pai. De tal sorte governou, que em poucos anos muitos povos das províncias estavam dispostos à revolta contra a tirania espanhola que estava esmagando as liberdades, levando todas as riquezas dessas províncias para o reino espanhol e matando o povo por causa da sua fé. Nem todos esses patriotas eram protestantes, mas o era a maioria. Foi assim que a causa protestante nos Países Baixos tornou-se bastante identificada com a causa da liberdade nacional.

REFORMA E NACIONALISMO**GUILHERME DE ORANGE**

O líder desse partido patriótico era Guilherme, o Taciturno, príncipe de Orange e alemão; não obstante, foi um dos mais nobres amigos dos Países Baixos. Ao descobrir que Filipe II estava convocando tropas para esmagar qualquer resistência ao governo, retirou-se para a guerra. Ele tinha sido católico romano, embora sem fanatismo, e de pouco interesse em questões religiosas. Nesse ínterim, conheceu a verdade evangélica e aceitou-a, dedicando-se muito ao estudo da Bíblia. Esse fato, e a lembrança dos martírios que vira nos Países Baixos, tornaram-no um homem profundamente religioso. Daí em diante, sua carreira foi dominada pela convicção de que ele próprio era um instrumento nas mãos de Deus para salvar seu povo adotivo da miserável e tirânica opressão espanhola. Sua nobreza – e ninguém foi mais nobre no seu século – repousava na fidelidade com que ele obedeceu a essa chamada divina, como também na sua grandeza de alma e de mentalidade. Único liberal entre todos os chefes religiosos dos seus dias, dedicou ele toda a sua vida para assegurar a liberdade religiosa a todos os homens e credos.

CONVERSÃO**VOCAÇÃO DIVINA****GUERRA CONTRA A ESPANHA**

Em 1567, a Armada Espanhola chegou aos Países Baixos dirigida por aquele monstro de crueldade que foi o duque de Alba. A carnificina que este promoveu enfraqueceu irreparavelmente a causa da Reforma no sul e no leste do país. No ano seguinte, Guilherme, o Taciturno, começou a guerra de libertação cuja descrição, de indômito valor e de sacrifícios inenarráveis, é um dos mais nobres capítulos de toda a História. No início da guerra, ele compreendeu que sua causa não triunfaria no sul dos Países Baixos, onde a espinha dorsal da resistência contra a Espanha tinha sido rebentada pelo aniquilamento da população protestante. Essas províncias do sul vieram a se constituir na moderna Bélgica, país católico-romano.

Mas os protestantes do norte não lhes deram descanso, e com eles Guilherme alcançou seu objetivo. O momento decisivo da guerra foi quando o terrível cerco de Leyden foi quebrado pelo rompimento dos diques, o que permitiu a invasão do mar e dos navios de batalha dos marinheiros holandeses que atacaram as muralhas e as defesas inimigas. Mesmo depois disto, houve encontros desesperados, mas Guilherme mostrou-se invencível no desejo de edificar uma nação livre. Embora tombasse em 1548 pelas mãos de um assassino, seu exemplo inspirou a seu povo “a sustentar a boa causa com o auxílio de Deus, sem poupança de ouro ou de sangue”. Essa nobre causa teve sua vitória final em 1609. Assim surgiu a poderosa nação protestante da Holanda. Sua igreja nacional foi organizada, mesmo durante a guerra, com uma Confissão de Fé e uma forma de governo que seguiu o ensino de Calvino. Dessa Igreja procedeu a Igreja Reformada da América, às vezes conhecida como Igreja Reformada da Holanda.

**VITÓRIA DA
HOLANDA**

**CONFISSÃO DE
FÉ DA HOLANDA**

Ainda no século 17 surgiu uma profunda diferença teológica entre os protestantes da Holanda. Alguns teólogos holandeses sublinharam, nos termos mais extremados, a idéia calvinista de que Deus predestina alguns para a salvação e outros para a perdição, dando maior ênfase a isso do que o próprio Calvino. Surgiu um partido que rejeitou essa idéia e afirmava que Cristo morreu por todos, e que o propósito de Deus, desde o princípio, foi salvar a todos os que crêem em Cristo. Esse partido foi chamado arminiano por causa de Armínio, um dos seus líderes. Para resolver essa disputa, convocou-se, em 1618, o Sínodo de Dort, cuja decisão contrariou os arminianos. Mas o ensino destes foi vitorioso na Holanda e se espalhou por toda a Inglaterra e, depois, na América.

**CALVINISMO
EXTREMADO
ARMINIANISMO**

**ARMÍNIO
SÍNODO DE DORT**

(e) A Reforma na Escócia

A Escócia no século 16 era um reino independente, muito mais amigo da França do que da Inglaterra. Seu clero católico tinha sido peculiarmente indigno e incompetente. Por isso não surpreende que os ensinamentos da Reforma fossem ali avidamente aceitos a despeito da oposição da Igreja Romana e do governo e, apesar, ainda, do fato de alguns pregadores protestantes terem sido queimados.

O grande reformador da Escócia, João Knox, apareceu em cena em 1546. Da sua vida passada apenas sabemos que nasceu em 1515. Tornou-se sacerdote, foi tutor dos filhos de algumas famílias nobres,

**VIDA DE
JOÃO KNOX**

e, depois, companheiro de George Wishart, um dos mártires protestantes. De sua ousadia em pregar o Cristianismo Reformado resultou, em 1546, ser preso por uma força francesa que fora enviada para auxiliar o governo escocês. Por dezenove meses suportou a “vida de morte” numa das galés de escravos, na França. Passou depois vários anos na Inglaterra, enquanto a Reforma progredia sob o governo de Eduardo VI, tendo se destacado como notável pregador. Ao irromper a perseguição no reinado da rainha Maria, fugiu para o continente. Passou algum tempo em Genebra, onde se ligou intimamente a Calvino. Viajando sempre, entrou em contato com muitos líderes protestantes do continente e seus respectivos campos de trabalho.

KNOX E CALVINO

Enquanto isso, a Reforma prosseguia de algum modo na Escócia sob a liderança de certos nobres conhecidos como os “Lordes da Congregação”. Quando Knox regressou, em 1559, para assumir a direção do movimento, encontrou-os prontos para lutar pela liberdade da fé, contra a rainha regente. Dispondo de tropas francesas para a luta, ela teria alcançado a vitória caso Knox não solicitasse auxílio de Cecil, secretário de Estado da rainha Elizabete que via o quanto era necessário ter uma Escócia protestante ao lado de uma Inglaterra protestante. Em 1560, uma armada e um exército ingleses expulsaram os franceses em meio ao maior regozijo do povo escocês.

VOLTA DE KNOX**VITÓRIA**

O campo estava livre para João Knox e seus companheiros de ideal. João Knox pregava constantemente com extraordinária eloquência, fortalecendo a causa reformada com seus argumentos poderosos. Organizou-se, então, com grande rapidez, uma Igreja Reformada Escocesa sob sua direção. Ele, auxiliado por outros ministros, escreveu a nobre “Confissão Escocesa”. O Parlamento adotou-a como o credo da Igreja Nacional, rejeitando ao mesmo tempo a autoridade do papa e proibindo a missa. Knox também foi o principal autor do *Livro de Disciplina*, que traçava uma forma presbiteriana de governo para a Igreja, seguindo o mesmo plano da Igreja Protestante Francesa. Em decorrência dessas medidas, reuniu-se neste mesmo ano, 1560, a primeira Assembléia Geral da Igreja da Escócia. A nação, por todas as suas classes, deu boas-vindas à nova ordem, e a Reforma foi concluída e solidificada, embora não ainda com plena legalidade.

**REFORMA
VITORIOSA****KNOX E A
RAINHA MARIA**

Mas as conquistas alcançadas tinham de ser defendidas. Em 1561, Maria, rainha da Escócia, veio da França para reinar na sua própria terra, decididamente resolvida a restabelecer o catolicismo romano. E quase alcançou seu objetivo. Fracassou devido, parcialmente, à sua própria perversidade e aos seus desatinos, o que despertou geral indig-

nação contra ela, e por outra parte, por causa da atitude decidida de João Knox. Contra a rainha e os nobres que com ela estavam, Knox sustentou a bandeira da causa protestante, com o auxílio sempre crescente da parte do povo. Em 1567, após a abdicação da rainha, a Reforma foi reconhecida e confirmada pelo rei.

**VITÓRIA
PROTESTANTE**

Depois de alcançada a vitória do protestantismo, surgiu a luta pelo presbiterianismo. O filho da rainha Maria, Tiago VI, que veio a ser depois Tiago I da Inglaterra, tentou introduzir bispos na Igreja escocesa. Ele viu que um governo eclesiástico presbiteriano nutriria e desenvolveria o espírito de liberdade entre o povo. Igualmente, alguns nobres que se aliaram ao rei julgavam que a introdução de bispos na Igreja lhes daria uma oportunidade de ficarem com as terras que tinham pertencido aos bispos medievais. André Melville foi o ousado líder presbiteriano dos escoceses nessa luta contra o rei. Por causa dos seus esforços, a Igreja Escocesa alcançou uma forma de governo presbiteriana completa, o que ainda não tinha sido plenamente alcançado desde que surgira a Reforma. Mas depois da vitória do rei, a Igreja da Escócia teve bispos, a partir de 1610, até aos dias do Concerto (*Covenant*).

**LUTA PELO
PRESBITERIANISMO
MELVILLE**

**VITÓRIA
ROMANA**

(f) A Igreja Reformada na Alemanha

Já consideramos o grande número de protestantes zuinglianos na Alemanha, especialmente no sul, grupo este que iniciou a Igreja Reformada da Alemanha. Quando a influência e as idéias de Calvino se irradiaram de Genebra, os luteranos, em algumas regiões, preferiram segui-las em vez de conservarem os pontos de vista de Lutero. Isso aconteceu principalmente no Palatinado (vale do Reno), cujo governador, o Eleitor Frederico III, era homem profundamente religioso e forte calvinista. Foi assim que o número de reformados cresceu extraordinariamente. O credo principal deles era o famoso catecismo de Heidelberg, catecismo publicado em 1563, pelo Eleitor, como o Credo do seu país. Dessa Igreja Reformada Alemã procedeu a Igreja Reformada dos Estados Unidos, às vezes conhecida como Igreja Reformada Alemã.

**CATECISMO DE
HEIDELBERG**

(g) A Igreja Reformada na Hungria

Os ensinamentos protestantes se espalharam largamente pela Hungria durante o século 16. Houve ali muitos luteranos e calvinistas, sendo que estes últimos eram mais numerosos. Apesar dos obstáculos resultantes das desordens políticas, desenvolveu-se ali uma forte Igreja Reformada.

(h) Características das Igrejas Reformadas

Além dos movimentos descritos neste capítulo, o Protestantismo Reformado inclui, numa grande extensão, a Reforma na Inglaterra, onde as influências e as idéias da Reforma, vindas do continente, eram muito fortes. O Puritanismo, em particular, pertence ao protestantismo reformado ou calvinista.

PURITANISMO

PRINCÍPIO CENTRAL COMUM

O protestantismo luterano e o reformado concordaram no princípio central da Reforma: o sacerdócio de todos os crentes, a possibilidade de o pecador dirigir-se a Deus, pessoalmente, sem intermediários exceto Jesus Cristo. Mas havia diferenças. O protestantismo reformado desenvolveu-se naquelas partes da Europa onde havia maior progresso intelectual resultante do desenvolvimento do humanismo e onde havia maior liberdade política. Daí ter sido ele tão eficiente e decidido na sua separação da igreja medieval, ou seja, da Igreja Romana. A essa reforma mais radical deu-se o nome de Protestantismo Reformado. O princípio básico do protestantismo reformado era o de que a vontade de Deus, revelada na Bíblia, devia ser realizada. O principal objetivo do cristão, ensinava-se, era alcançar o cumprimento do propósito de Deus na sua vida. Mas o luteranismo ensinava que o principal objetivo do cristão era manter sua fé, sua confiança em Deus; a tendência do luteranismo era para o quietismo, e a do Cristianismo reformado, para a atividade, para a vivacidade. A função principal da Igreja, segundo o luteranismo, era oferecer o Evangelho e ministrar os sacramentos. Segundo o ensino reformado, tal função era pôr em execução a vontade de Deus nos indivíduos e na sociedade. Isso explica por que as Igrejas reformadas exerceram uma influência mais poderosa na vida social e política dos povos do que as luteranas.

SOBERANIA DE DEUS

PROPÓSITO DIVINO

REVELAR A VONTADE DE DEUS

QUESTIONÁRIO

1. O que eram as Igrejas Reformadas?
2. Como Zuínglio veio a adotar as idéias reformadas?
3. Descreva a Reforma em Zurique. Até onde se estendeu o movimento zuíngliano?
4. O que motivou a separação dos luteranos e dos zuínglianos?
5. Fale da primeira parte da vida de Calvino e da reforma que levou a termo na sociedade de Genebra.
6. Quais as três realizações de Calvino a favor do protestantismo em geral, por sua obra em Genebra?
7. Em que outros aspectos serviu ele à causa protestante?
8. Quem eram os huguenotes? Como terminaram as guerras religiosas na França?
9. Fale sobre Guilherme de Orange.
10. Descreva a guerra dos Países Baixos contra a Espanha e fale sobre os seus resultados.
11. Qual a parte de João Knox na Reforma da Escócia?
12. Fale sobre a organização da Igreja Reformada da Escócia.
13. Como a influência de Calvino afetou a organização das Igrejas Reformadas na França e na Holanda?
14. Qual a origem da Igreja Reformada Alemã?
15. Mencione características distintas do Protestantismo Reformado.

CAPÍTULO TREZE

A ERA DA REFORMA: REVOLUÇÃO E RECONSTRUÇÃO

**Terceira Parte
(1517-1648 d.C.)**

III. A REFORMA NA INGLATERRA

Muito antes do rompimento de Henrique VIII com o papa, várias forças haviam contribuído para preparar o povo inglês para que recebesse a Reforma. A maior delas foi a organização dos “Irmãos Lollardos” que havia conservado vivos os ensinamentos de Wycliff. Além disso, havia a propaganda das idéias de reforma na Igreja feita pelos humanistas, tais como Colet, a disseminação dos livros e ensinamentos de Lutero em alguns lugares e a circulação extensiva, embora proibida, do Novo Testamento de Tyndale, publicado em 1525.

**INFLUÊNCIAS
QUE
CONTRIBUÍRAM:**

(1) LOLLARDOS

(2) HUMANISTAS
(3) ENSINOS
LUTERANOS
(4) NOVO
TESTAMENTO

(a) Henrique VIII

Não é justo afirmar, como muitos o fazem, que Henrique VIII tenha se revoltado contra o papa porque desejava uma nova esposa. Nesse episódio estiveram envolvidas graves questões de caráter nacional. Os estadistas ingleses se preocupavam muito com o fato de não haver herdeiro do sexo masculino para a sucessão da coroa do país que nunca havia conhecido o governo de uma rainha. Havia também certa dúvida quanto à legalidade do casamento de Henrique com a rainha Catarina, segundo as leis eclesiásticas. Desse modo houve alguma justificativa para o seu pedido ao papa, de que seu casamento fosse anulado. Antes, porém, de fazer o pedido, Henrique colocou-se numa situação vulnerável por sua paixão súbita e ostensiva por Ana Bolena, que era indigna de ser rainha do povo inglês.

SEU CASAMENTO

**QUESTÕES
POLÍTICAS**

**QUESTÕES
PASSIONAIS**

ORGULHO

FRAUDE

**OPOSIÇÃO AO
DOMÍNIO
ROMANO**

Quando o papa, por motivos políticos, não atendeu ao pedido, Henrique, que jamais permitiria que alguém lhe dobrasse a vontade, resolveu livrar a Inglaterra do domínio papal. Conseguiu do arcebispo de Cantuária uma declaração de ilegalidade do seu casamento com Catarina e da legalidade do seu novo consórcio com Ana Bolena. Tal desafio acarretou-lhe a ameaça de excomunhão por parte do papa. A resposta de Henrique foi dada por meio de um ato do Parlamento em 1534, pelo qual se declarava “Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra”, e por uma proclamação do clero que a ele se submetera, de que o papa não mais teria supremacia na Inglaterra.

RESULTADOS

**AUSÊNCIA DE
REFORMA**

Não obstante, nada tinha sido feito até então no sentido de uma reforma real no terreno religioso. Durante o reinado de Henrique VIII, nenhum grande movimento reformador apareceu. Quando ele morreu, em 1547, a Igreja da Inglaterra ainda conservava no seu credo as principais doutrinas romanistas. De um modo geral, a situação da Igreja

**LEITURA DA
BÍBLIA EM
INGLÊS**

coincidia com os pontos de vista dos ingleses. Jamais obedeceriam a um bispo italiano, no que se referisse aos negócios eclesiásticos da Inglaterra; todavia, não obstante o considerável desenvolvimento dos ensinamentos da Reforma, muita gente ainda conservava as antigas idéias religiosas. A força dessas idéias, porém, tinha sido enfraquecida por dois acontecimentos ocorridos no reinado de Henrique. Um deles foi a ordem real para que cada Igreja tivesse “uma Bíblia completa, de grande formato, na língua inglesa” e fosse colocada onde o povo pudesse ler com facilidade. A Bíblia usada pelo povo era principalmente de tradução feita por Tyndale, diretamente dos originais. Desde então essa tradução tem sido a base de todas as Bíblias de língua inglesa que apareceram posteriormente, e grande parte do seu conteúdo ainda permanece nas versões recentes.

**FECHAMENTO DE
MOSTEIROS**

Outro ato hostil contra a religião medieval foi o fechamento dos mosteiros e o confisco das suas vastas propriedades.

(b) Eduardo VI**LIVRO COMUM DE
ORAÇÕES**

O reinado seguinte viu a Igreja da Inglaterra tornar-se rapidamente protestante pela influência dos nobres que governaram no período da minoridade do rei Eduardo VI. Dentro de cinco anos foram publicados um Primeiro e um Segundo *Livro Comum de Orações*, que modificava o culto da Igreja de acordo com as idéias da Reforma. O Parlamento decretou leis que exigiam que todas as pessoas assistissem ao culto reformado. Enquanto isso, os ensinamentos da Reforma eram divulgados entre o povo, mas não tão rapidamente que impedissem as modificações feitas pelo governo.

(c) Maria**REGRESSO AO
ROMANISMO****A FOGO****MÁRTIRES**

Surgiu, então, a reação tremenda chefiada pela Rainha Maria. Seu único objetivo era fazer a Inglaterra voltar ao que tinha sido antes de Henrique VIII, isto é, fazer o país voltar ao domínio da Igreja Romana. Com esse propósito, anulou todos os atos dos reis seus predecessores. Atacou cruel e miseravelmente o protestantismo, especialmente nas pessoas dos seus líderes. O povo inglês, que não estava habituado a essas perseguições, como o estavam alguns povos do continente, viu muitos dos seus melhores e mais eminentes homens experimentarem a morte por causa da fé que professavam. Entre as vítimas destacam-se o arcebispo Cramer e os bispos Ridley e Latimer. Essa perseguição

realizou o que as leis e os livros de oração não conseguiram: fortaleceu substancialmente o protestantismo na Inglaterra. “Coragem, Mestre Ridley”, dizia Latimer, enquanto as chamas subiam ao redor deles, em Oxford, “acenderemos neste dia uma luz tão grande na Inglaterra, pela graça de Deus, que ninguém jamais poderá apagar”. E isso foi realmente uma profecia. A maioria dos ingleses rejeitou essa forma de religião que oferecia semelhantes espetáculos de selvageria em nome de Cristo. A Inglaterra tornou-se consideravelmente muito mais protestante após a morte da rainha Maria, por causa da sua cruel batalha para fazer com que o país se tornasse católico romano.

**SEMENTE DA
REFORMA
INGLESA**

REVOLTA

(d) Elizabete

A sucessora da rainha Maria, a Grande Elizabete, demonstrou seu propósito de seguir o protestantismo, logo sendo organizada uma Igreja nacional protestante. Foi organizado também um *Livro Comum de Orações*, ainda hoje adotado sem modificações substanciais. Adotou-se em seguida um Credo Protestante. Os 39 Artigos, que mais se inclinavam para o calvinismo do que para o luteranismo. Não se modificou o governo da Igreja; a organização episcopal, que vinha desde o tempo da Igreja medieval, continuou. A Igreja da Inglaterra era, naturalmente, uma Igreja oficial, uma Igreja do Estado. Todas as modificações até então introduzidas foram sancionadas pelo Parlamento, e a rainha tornou-se chefe da Igreja. Com sua Igreja protestante e seu rápido desenvolvimento político e econômico, a Inglaterra tornou-se um dos principais baluartes da causa protestante na Europa, e, depois, no mundo.

**PROTESTANTISMO
ESTABELECIDO**

39 ARTIGOS

SEMI-REFORMA

**LIBERDADE
TRIUNFANTE**

(e) Os Puritanos

Na organização da Igreja da Inglaterra, a idéia predominante era não introduzir outras modificações além das requeridas pelas idéias fundamentais do protestantismo. Isso foi devido à atitude da rainha Elizabete que, interferindo em tudo quanto se fazia, procurava manter uma situação intermediária entre os extremos, a fim de agradar o maior número de pessoas. A Reforma Inglesa foi, desse modo, conservadora, guardando o velho sistema de governo da Igreja e muitas das antigas formas de culto.

Mas havia um partido muito forte na Inglaterra, profundamente desejoso de alcançar mudanças mais radicais. Muitos dos seus membros haviam fugido durante as perseguições da rainha Maria, para

**REAÇÃO
PURITANA**

**PUREZA DE
COSTUMES**

Genebra e outros lugares do continente, e, ali, experimentaram a influência de movimentos protestantes que tinham se afastado mais das doutrinas tradicionais do que o movimento da Inglaterra. Esses homens foram apelidados de “Puritanos”. Insistiam em que o culto da Igreja inglesa se libertasse de muitas coisas que os desagradavam, como as vestimentas e os aparatos cerimoniais que eram considerados como pertencentes à velha ordem medieval. Opunham-se ao governo da Igreja pelos bispos. Muitos deles pugnavam pela forma de governo presbiteriana. Alguns queriam que cada congregação de cristãos fosse independente, sem estar sujeita a qualquer governo geral, pelo que foram chamados de independentes e, depois, de congregacionalistas. Os puritanos também pretendiam que se introduzisse uma estrita disciplina na Igreja da Inglaterra para libertá-la de clérigos e leigos indignos. Eles próprios eram homens de moral severa, muito firmes em suas convicções e grandes estudiosos da Bíblia. Na teologia, seguiam a Calvino.

**DÚVIDAS QUANTO
AO GOVERNO****DISCIPLINA****SUA FÉ ERA
CALVINISTA****OS PURITANOS
NOS REINADOS
DE ISRAEL,
TIAGO I E
CARLOS I**

Os puritanos não pretendiam abandonar a Igreja do seu país e, de fato, não podiam fazê-lo, visto como a lei exigia que todas as pessoas assistissem ao culto da Igreja nacional. O que eles desejavam era remodelar a Igreja segundo as suas idéias. Durante o reinado de Elizabete propagaram vigorosamente seus pontos de vista e se fortaleceram bastante. Tinham muita esperança no próximo reinado de Tiago I. Dele, porém, só conseguiram a ordem para uma revisão da Bíblia, da qual resultou a maravilhosa “Versão do Rei Tiago” (*King James Version*), de 1611. Durante os últimos anos do reinado de Tiago, e durante o de seu filho, Carlos I, a política do governo nos assuntos da Igreja era ditada pelo arcebispo Laud. Este cria que o governo da Igreja por intermédio dos bispos era divinamente autorizado. Insistia no estabelecimento, em todo o país, de uma forma de culto que conservasse muitos dos elementos medievais que eram odiosos aos puritanos. O arcebispo era um homem intolerante e tirano, e tudo fez para suprimir o puritanismo, não hesitando mesmo em lançar mão de torturas e de prisão. Muitos puritanos, perdendo a esperança de ver uma Igreja nacional, como aspiravam, emigraram para a América à procura de liberdade religiosa.

PERSEGUIÇÃO**CRESCIMENTO
PURITANO**

Mas os puritanos avançavam resolutos. Uma das causas desse avanço foi a leitura generalizada da Bíblia, movimento que, tendo se iniciado em 1580, cresceu ininterruptamente por mais de cinquenta anos. “A Inglaterra tornou-se o povo de um livro, e este livro era a Bíblia.” Naquela era, quando não havia jornais nem revistas e os livros

eram muito poucos, a Bíblia tornou-se, para o povo, um livro-texto para leitura e estudos. Em decorrência disso, desenvolveu-se na vida dos ingleses um sentimento religioso profundo e sincero. O espírito nacional, o caráter do povo, cada vez mais se aproximava do ideal dos puritanos. Outra razão do crescimento do ideal puritanista foi a grande luta do povo contra a tirania de Tiago I e Carlos I, no sentido de que fosse estabelecido um governo constitucional representativo.

**LEITURA DA
BÍBLIA**

ANSEIO DO POVO

A sucessão dos eventos que levaram o puritanismo ao controle da Inglaterra começou na Escócia. Carlos I governava ambos os países como fizera Tiago I. Por causa da influência de Laud, o rei tentou forçar na Igreja da Escócia o uso de um livro de orações, como o da igreja da Inglaterra, que continha muitas coisas que os escoceses odiavam e consideravam como “papismos”. Por isso a Escócia uniu-se para resistir-lhe. Foi então redigido o famoso Acordo ou Concerto, em que todos os signatários pediam que se mantivesse a Igreja nacional como fora estabelecida na Reforma. O Acordo foi assinado em 1638, numa grande assembléia em Edimburg, no meio de grande entusiasmo, e enviado depois por todo o país para angariar mais assinaturas. Em consequência disso, a Assembléia Geral da Igreja da Escócia depôs, naquele ano, os bispos que Tiago I impusera à igreja, e foi assim restaurado o puro presbiterianismo. Organizou-se então um exército escocês que atravessou as fronteiras em direção à Inglaterra, em rebelião aberta. Assim agindo, conseguiram os escoceses a grande vitória para a liberdade inglesa, pois o rei Carlos, não dispondo de dinheiro para guerrear os rebeldes, foi forçado, depois de ter governado ilegalmente por muitos anos sem parlamento, a convocar uma assembléia.

**REVOLTA DA
ESCÓCIA**

**VITÓRIA DO
ESPÍRITO
REFORMADO**

O “Grande Parlamento”, que se reuniu em 1640, representou a Inglaterra daquela época, com uma maioria decididamente puritana. Desse modo, tiveram eles, afinal, a oportunidade de remodelar a Igreja inglesa como desejavam. Adiante veremos como os puritanos usavam do poder para alcançar o seu objetivo.

**VITÓRIA DOS
PURITANOS**

IV. OS ANABATISTAS

Além dos luteranos e dos reformados, surgiu um terceiro movimento reformador conhecido como Anabatista. A revolução religiosa, naturalmente, estimulou muitos modos de vida e de pensamento religioso. Conseqüentemente, no começo da Reforma apareceram na Europa central vários grupos de cristãos zelosos que, embora rejeitassem

SUA ORIGEM

**SUAS
SOCIEDADES****SEUS IDEAIS**

os ensinamentos da igreja medieval e defendessem fundamentalmente a interpretação reformada do Cristianismo, não seguiam os luteranos nem os zuinglianos, nem também se juntaram às chamadas Igrejas do Estado, ou oficiais. O ideal deles era organizar sociedades de cristãos verdadeiramente convertidos, em bases voluntárias. Essas sociedades seriam santos agrupamentos que seguiriam os ensinamentos do Novo Testamento e particularmente o Sermão do Monte. Nelas seria reproduzido o modo de viver dos cristãos primitivos. Todos os seus membros deveriam viver segundo o Evangelho. Não lançariam mão da força; portanto, não iriam à guerra. Não exerceriam cargos civis. Não ofereceriam resistência ao mal, e suportariam com forte ânimo tudo o que lhes sobreviesse por causa das suas convicções. Tinham de cultivar um espírito companheirismo entre si e dispensar muito cuidado às necessidades do próximo. Tais sociedades exerceriam e obedeceriam a uma estrita disciplina a fim de cultivar uma comunidade de cristãos genuínos.

**SUA
CONCEPÇÃO
DOCTRINAL DE
IGREJA****ANABATISTA
(QUE BATIZA
DE NOVO)**

Pode-se dizer que a doutrina fundamental dos anabatistas era uma concepção particular a respeito de Igreja. Esta, sustentavam eles, é uma comunidade de pessoas regeneradas, isto é, convertidas. Ninguém mais tinha a ver com a mesma. Decorria daí a crença deles de que o batismo, o rito de admissão à Igreja, só deveria ser ministrado aos adultos, desde que somente estes podiam experimentar a conversão. Os que se filiavam a essas sociedades eram batizados, pois o batismo que já tivessem recebido na infância era destituído de significação. Por causa dessa atitude, foram chamados de anabatistas, isto é, os que batizavam novamente. Por causa da idéia que tinham sobre a Igreja, não admitiam a existência de uma Igreja oficial, reconhecida pelo Estado. Uma Igreja sob o controle do poder civil, que podia ser ou deixar de ser cristão, diziam eles, não podia ser a verdadeira Igreja. Por essa razão se separavam e não queriam qualquer aproximação com as Igrejas reformadas, pois todas elas eram Igrejas reconhecidas pelo Estado.

**SUA
RELAÇÃO COM A
SOCIEDADE**

Os anabatistas surgiram especialmente nas regiões da Europa onde o descontentamento social vinha há muito dominando. Procediam principalmente dos camponeses e artesãos que eram vítimas de injustiças; não obstante, entre eles havia alguns líderes cultos. Eles estiveram, até certo ponto, envolvidos na Guerra dos Camponeses em 1525, que foi a culminação das revoltas das populações oprimidas. Nos primeiros anos do seu desenvolvimento, havia entre os anabatistas, a esboçar-se, uma veleidade de transtornar a ordem então existente, para que fosse estabelecida em seu lugar uma sociedade fundamentada no amor cris-

tão. Mas esse radicalismo social logo passou, em parte por causa da perseguição, e mesmo porque esse propósito não era característico da maioria dos anabatistas. Em geral, eles eram calmos, devotados, trabalhadores, ocupados principalmente com suas sociedades, tal como já descrevemos, isolados do mundo e das lutas políticas; sofriam pacientemente inimizades e perseguições.

**IDEAL
FRUSTRADO**

Antes de 1524, existiam numerosas sociedades de anabatistas na Suíça e no sul e oeste da Alemanha. A partir dessa época, eles cresceram em número muito rapidamente nessas regiões, como nos Países Baixos e na Áustria. A Igreja Romana, naturalmente, perseguiu-os de um modo terrível. Até mesmo os luteranos e zuínglios os perseguiram por sua rejeição ao batismo infantil e oposição às Igrejas oficiais. Na Dieta de Spira, em 1529, enquanto os luteranos e zuínglios protestavam contra a perseguição que se lhes movia, concordaram em que se perseguissem os anabatistas, alguns dos quais sofreram a morte pelas mãos de vários protestantes. Um dos mais ferozes assaltos romanistas caiu sobre eles, especialmente nos Países Baixos, onde os seus sofrimentos ultrapassaram qualquer descrição. Mas em face dessa perseguição, a mais severa de toda a história da Reforma, eles demonstraram a maior resignação e vitalidade.

**SEU
CRESCIMENTO**

SEU SOFRIMENTO

SUA RESIGNAÇÃO

O mais célebre líder dos anabatistas foi Meno Simons (1492-1559). Durante 25 anos ele pastoreou as sociedades espalhadas pela Alemanha e nos Países Baixos. Purificou-as das tendências para o fanatismo, que eram resultado, naturalmente, dos seus sofrimentos; encorajou-as nos períodos de perseguição, conseguiu novos conversos pela pregação e as unificou numa grande irmandade que tomou o seu nome — Os Menonitas.

SEU LÍDER

SEU NOME

Em 1608, vários puritanos fugidos da Inglaterra por causa das perseguições chegaram à Holanda. Alguns deles foram, depois, os Peregrinos de Plymouth. Outros que haviam ido por causa da influência dos menonitas aceitaram os pontos de vista destes. Mais ou menos em 1611, alguns desses últimos conversos fundaram em Londres a primeira Igreja Batista ou Anabatista da Inglaterra. Já antes disso, alguns batistas ingleses estavam associados aos menonitas holandeses. Desses primeiros batistas ingleses procederam os demais batistas que fundaram as Igrejas do mundo de língua inglesa. A designação Menonita ainda hoje é adotada por algumas Igrejas na Alemanha e por igrejas de origem germânica, tanto na Rússia como na América.

MENONITAS

**ANABATISTAS
BATISTAS**

V. A CONTRA-REFORMA

(a) Elementos Desejosos de Reforma na Igreja Romana

ANSEIO GERAL
POR REFORMA
INTERIOR NA
IGREJA DE ROMA

A Igreja medieval não podia atravessar as tempestades da Reforma e ainda continuar a mesma como tinha sido até então. Várias forças que operavam dentro e fora dela não permitiriam. Dentro dessa Igreja havia um incessante apelo por uma reforma de caráter moral. Os grupos satisfeitos com as condições então existentes eram os da Cúria, a Corte Papal, o círculo político-eclesiástico, que se encontravam mais próximos do papa. Fora daí, homens de todos os países e classes insistiam em que a Igreja Romana fosse purificada dos seus males grosseiros. Havia também muitos elementos do clero — sacerdotes, monges, bispos e até cardeais —, que juntavam seu protesto ao dos demais. Além disso, alguns homens que haviam recebido a influência do Reavivamento da Cultura ou Renascimento compreendiam que o ensino da Igreja precisava ser reformado segundo a luz da nova verdade que se espalhara por toda parte. Assim, dentro da própria Igreja Romana havia muitos homens honestos, profundamente cultos e extremamente desejosos de ver assegurada uma reforma.

O EFEITO DA
REFORMA

Era inevitável que alguma coisa acontecesse quando, além dessa força que atuava externamente, produzindo tremendos golpes, como a Reforma, que ia conquistando, uma após outra, grandes partes da Igreja Romana, outras forças operavam internamente para o mesmo fim. Até mesmo indivíduos que, pessoalmente, não tinham particular interesse na reforma, interessavam-se pelas lendas em paredes e muros, e podiam sentir que a Igreja Romana deveria modificar-se se quisesse sobreviver.

(b) Possíveis Métodos de Reforma

(1) REFORMA
MORAL

Havia dois métodos possíveis de reforma, cada um deles defendido por um partido bem considerável. Um desejava uma reforma puramente moral. A Igreja devia pôr um fim às práticas errôneas e livrar-se dos sacerdotes e prelados corruptos. Devia remover os abusos e desordens do seu governo e melhorar sua organização, para torná-la mais eficiente em seu trabalho. Devia readquirir novo espírito de fidelidade e zelo. Ao lado de tudo isso, a doutrina e o culto deviam ser conservados na sua essência como tinham sido durante a Idade Média.

A outra reforma possível consistia na mudança de doutrinas, tanto quanto no campo moral. Seus defensores criam que o movimento

protestante trouxera preciosas verdades. Esperavam que se essas modificações fossem introduzidas, os protestantes voltariam e a grande brecha seria consertada. Mas era vã a esperança desse partido bem-intencionado. Entre os que criam, como esses homens, que os sacerdotes da Igreja tinham a autoridade divina de levar o homem a Deus, e os protestantes, que defendiam a verdadeira doutrina do sacerdócio de todos os crentes, não era possível acordo fundamental. Isso, finalmente, ficou demonstrado depois de uma conferência que reuniu os principais teólogos de ambos os lados, em 1541.

(2) REFORMA
DOCTRINAL

(c) O Método Escolhido: A Contra-Reforma

A idéia de uma reforma, em decorrência da qual os protestantes pudessem voltar, e assim restaurar-se a unidade da Igreja Romana, foi abandonada. A Igreja Romana, como a chamamos hoje, começou a preparar-se para uma batalha séria, uma guerra contra o protestantismo. Não se faria nenhuma modificação importante no ensino da Igreja medieval, mas haveria reforma de caráter moral e orgânico para tornar essa Igreja mais eficiente. Esse grande esforço da Igreja Católica Romana para reorganizar-se e aniquilar o protestantismo é conhecido como Contra-Reforma.

(d) Os Elementos da Contra-Reforma

1. Os Jesuítas

Para essa batalha, a Igreja Católica Romana dispunha de muitos recursos poderosos. Um deles foi uma nova Ordem, extraordinariamente poderosa — a Companhia de Jesus. Essa organização pode ser mais bem apreciada quando estudamos a experiência religiosa do seu fundador, o nobre Inácio de Loyola (1491-1556).

LOYOLA

O primeiro grande desejo de Loyola era ser famoso como soldado; mas esse ideal feneceu quando, aos 28 anos, recebeu grave ferimento que o deixou aleijado para o resto da vida. Sua ambição tomou outro rumo: queria tornar-se agora um grande santo como São Domingos ou São Francisco de Assis. Meditando muito, chegou à conclusão de que, para se tornar um santo, teria de ser um homem de Deus, e ele não o era. Sentiu-se então possuído do desejo de se aproximar de Deus e alcançar a paz divina. O caminho era entrar num convento, o que fez com todas as forças da sua alma. Mas todos os seus jejuns, penitên-

SUA
FRUSTRAÇÃO

SUA ASPIRAÇÃO

SUA PROCURA cias, orações e confissões não lhe proporcionaram a almejada paz. De repente, lança-se, com seus pecados, aos pés do Criador, confiando na misericórdia divina e, assim, por sua confiança em Deus, alcançou a certeza de perdão e paz para sua alma. Daí em diante sua vida seria posta a serviço de Deus.

SUA NOVA VISÃO

MUDANÇA DE RUMO Até aí tinha seguido as pegadas de Lutero. Loyola, porém, a partir desse momento, tomou outra direção. Ainda era integralmente um homem da Idade Média e da religião medieval. Cria, sem a mínima dúvida, que a Igreja Romana fora divinamente ordenada para representar Deus entre os homens. Além disso, um aspecto dominante do caráter desse soldado espanhol foi aquela estrita obediência militar característica do seu povo. Para ele, a verdadeira religião de Deus consistia numa devoção absoluta aos interesses dessa Igreja, trazer de volta os que a tinham abandonado, quebrar toda a força dos seus oponentes e aniquilar todo o ensino contrário ao dessa mesma Igreja. Defendeu esse ideal com a mais sincera convicção e com o ardor e a persistência que assinalavam o seu caráter.

CARÁTER MILITAR

Por conselho dos superiores, estudou Teologia por seis anos na Universidade de Paris, antes de começar a trabalhar. Com o seu profundo conhecimento da natureza humana, escolheu como companheiros de ideal nove estudantes que se tornaram homens de poderes extraordinários. A Companhia de Jesus foi formalmente organizada em 1540 com esses dez membros. Cresceu rapidamente a princípio, embora só fossem admitidos homens cuidadosamente escolhidos, pois a extraordinária influência de Loyola, seu forte caráter, zelo excessivo e suas grandes perspectivas para a regeneração da sua Igreja atraía a muitos. Tanto sacerdotes como leigos eram recebidos na Ordem. Diferente das demais Ordens, nesse tempo, como hoje, não adotou distintivos.

COMPANHIA DE JESUS

SEU PROPÓSITO O propósito da Companhia era promover o progresso eclesiástico e lutar contra os inimigos da Igreja Romana, por todos os meios possíveis. Era trabalhar incessantemente, num espírito de lealdade inquestionável ao papa. A organização da sociedade era baseada num sistema de disciplina rígida e absoluta... cada membro era ligado por juramento aos seus superiores imediatos, como estes ocupassem o lugar de Jesus Cristo; a obediência ia até o ponto de fazer o que o próprio membro considerasse errado... “Assim, organizou-se uma grande máquina, inteiramente sujeita à vontade do Geral, sempre pronta a ser usada para qualquer finalidade e em qualquer lugar onde fosse útil à Igreja Romana, ou cumprir as ordens do papa.”

SEU CARÁTER

UMA MÁQUINA

Os jesuítas tinham, entre outros, três métodos principais de contra-atacar o protestantismo. Nas Igrejas que estabeleceram ou naquelas que conseguiram controlar, colocavam hábeis pregadores e promoviam reuniões atraentes. Puseram, assim, nova vida no culto público da Igreja Romana em muitos lugares. Dispensavam também muita atenção à obra educacional. Abriam escolas primárias que logo se enchiam, pois o ensino era gratuito e bom. Os alunos eram, naturalmente, treinados a demonstrar devoção à Igreja Romana e, por meio dos filhos, os jesuítas alcançavam também os pais. Foi assim que grandes regiões da Alemanha foram supridas de professores escolhidos por sua capacidade de ensino e por sua influência religiosa pessoal. Destarte, conseguiram educar numerosos jovens que se tornaram ardentes defensores do romanismo. Um terceiro método de operação era de caráter político. Os jesuítas dedicaram-se a inspirar, nos governantes católicos, devoção à igreja e ódio ao protestantismo. Como resultado dessa política, levantaram-se tremendas perseguições aos protestantes em vários países. A pressão jesuítica era constante e poderosa no ânimo dos governos. Em poucos anos, os jesuítas tornaram-se dominadores da Igreja Romana. O espírito deles era o da Contra-Reforma e o seu ideal era esmagar os dissidentes.

**SEUS
MÉTODOS:**

**(1) REUNIÕES
ATRAENTES**

(2) EDUCAÇÃO

**(3) PREPARO DE
POLÍTICOS**

2. A Obra do Concílio de Trento

Outro grande elemento de combate à Reforma foi o Concílio de Trento. Esse concílio geral reuniu-se em Trento, no Tirol, em 1545, e durou dezoito anos, dividindo-se em três longas sessões. O Concílio deu à Igreja Romana uma declaração completa da sua doutrina. Nada disso tinha sido realizado durante a Idade Média. Dessa vez essa Igreja alcançou uma expressão definitiva sobre o que ela cria e ensinava com relação às grandes verdades religiosas; isso, porém, foi preparado no espírito de franca oposição ao protestantismo. Assim, ela dispunha de novas e poderosas armas, em sua batalha, para reconquistar o que havia perdido. O concílio fora convocado, todavia, para considerar o assunto dos concílios anteriores: a reforma da Igreja papal. Apesar de a Cúria manobrar para evitar a concretização do desejo da maioria, todavia o concílio alcançou alguma coisa nesse sentido. Reorganizou o sistema de governo eclesiástico, de modo a torná-lo mais eficiente. Removeu alguns dos seus piores males. De um modo geral, o concílio deixou a Igreja Romana muito mais bem preparada para combater o protestantismo.

**OBJETIVO:
COMBATER O
PROTESTANTISMO**

3. Meios de Repressão: A Inquisição e o *Índex*

USO DA FORÇA

Os líderes da Contra-Reforma defenderam com todas as forças a crença medieval de que era justo o uso da força contra a heresia. Já vimos como eles influenciavam os governos católicos na perseguição aos protestantes. Mas a Igreja Romana tinha os seus próprios meios de repressão. O que havia de protestantismo na Espanha e na Itália foi esmagado pela Inquisição. Ao lado da Inquisição operava a Congregação do *Índex*, que condenava os livros com os quais a Igreja não concordava. Essa lista de livros condenados pela Igreja incluía todos os escritos protestantes e todas as versões da Bíblia, exceto a Vulgata. A atividade da Congregação não se limitava a combater as crenças protestantes, mas igualmente todo pensamento que conduzisse o mundo ao progresso; pesquisas e estudos de toda natureza foram, praticamente, aniquilados na Itália e na Espanha.

DESTRUIÇÃO

O MESMO ESPÍRITO MEDIEVAL

4. Reavivamento Religioso na Igreja

Embora a Contra-Reforma cuidasse principalmente dos meios de repressão ao protestantismo, incluiu também em suas atividades um departamento religioso na sua Igreja. Tanto os clérigos como os leigos experimentaram, em muitos lugares, um reavivamento da fé e zelo romanistas que se manifestou numa devoção aos interesses dessa Igreja e ao bem-estar do próximo. Os assim despertados eram inimigos do protestantismo e lutavam para restaurar a Igreja à custa do aniquilamento dos inimigos. Muitos desses perseguidores eram sinceros no seu zelo, que julgavam ser cristão.

ESPÍRITO SECTÁRIO

(e) As Conquistas da Contra-Reforma

O catolicismo romano atingiu o seu ponto mais baixo em 1560. O protestantismo tinha prevalecido em muitos países e parecia ter em perspectiva muitas outras conquistas, particularmente nas partes do império alemão que até então o papado retinha em seu poder. Em 1556, todavia, a Igreja Romana tomou a ofensiva, chefiada por Pio V, que foi um papa de espírito combativo. Os métodos já descritos o capacitaram a atacar o protestantismo com uma força que a Igreja medieval, no início da Reforma, não teria usado. Teve também o poderoso auxílio de fortes governos, especialmente do imperador alemão e dos soberanos da França e da Espanha.

PIO V FEROCIDADE ÍMPAR

CONQUISTAS CATÓLICAS

Iniciou-se a conquista. Em grandes regiões do império alemão, as quais, oficialmente, ainda eram católicas por terem governadores ca-

tólicos, o protestantismo era forte e se desenvolvia. Muitos desses governadores tinham-se mostrado tolerantes até então. De repente, imbuídos do espírito da Contra-Reforma, foram possuídos por um ódio tremendo. Pelo trabalho dos jesuítas e pela perseguição desses governos, essas regiões se tornaram solidamente católicas. Tais regiões incluíam a Áustria, a Estíria, a Caríntia, a Bavária e grandes partes da região do Reno. Aconteceu o mesmo na Polônia. Nos Países Baixos, a Contra-Reforma destruiu o protestantismo nas províncias do sul. O maior desses empreendimentos de reconquista da Igreja Romana foi dirigido contra a Inglaterra. Estava claro que enquanto a Inglaterra conservasse o seu poder, o protestantismo não poderia ser aniquilado. Foi então que a Igreja Romana tentou dar o golpe de morte no seu inimigo mais poderoso, mandando, por Filipe II, da Espanha, a Grande Armada espanhola contra a Inglaterra. Mas os combatentes ingleses e uma terrível tempestade destruíram, afinal, a Grande Armada e a Inglaterra protestante foi salva.

**FRACASSO VINDO
DE DEUS E DA
NATUREZA**

VI. A GUERRA DOS TRINTA ANOS

A Contra-Reforma foi a causa direta de uma das guerras mais cruéis e mais destruidoras de toda a História. A guerra dos Trinta Anos (1618-1648) foi o resultado da união dos governos católicos da Alemanha para destruírem o protestantismo no império. O imperador Fernando II e o arquiduque da Bavária colocaram os católicos romanos contra os príncipes protestantes. Foi então que o grande Gustavo Adolfo, rei da Suécia, salvou a causa protestante. Com uma série de brilhantes vitórias livrou o protestantismo do colapso. Embora tivesse acontecido que, depois da sua morte numa batalha, a guerra se tornasse desfavorável ao protestantismo, as vantagens que alcançou tiveram caráter permanente. O protestantismo europeu ficou devendo sua sobrevivência, nesse momento crítico, a Gustavo Adolfo.

**UNIÃO POLÍTICA
CATÓLICA**

HERÓI SUECO

A Paz de Westphalia pôs fim à guerra, em 1648. Foi confirmada a paz de Augsburg e estendidos ao calvinismo os mesmos direitos que tinha o luteranismo. Os protestantes foram colocados em condições de igualdade com os católicos romanos em todos os negócios do império. Concordou-se que todas as partes do império conservariam as formas de religião, protestante ou católica, que tinham em 1624. Esse acordo sustou a agressão da Contra-Reforma e também o progresso do protestantismo. Até 1930, o caráter religioso das regiões da Alemanha ainda

**A PAZ DE
WESTPHALIA**

permanecia o mesmo desde o tratado de paz. A tolerância religiosa garantida pelos governantes foi assegurada desde então, até aos dias atuais. Foi uma grande conquista no terreno da liberdade de consciência. Só a Reforma conseguiria isso.

VII. MISSÕES

INÉRCIA PROTESTANTE

Somente a Igreja Romana, nesse período, cuidou do trabalho missionário. As Igrejas protestantes nada fizeram, que seja digno de referência especial, para levar o Evangelho aos povos pagãos. Uma das razões dessa atitude foi que o protestantismo teve de lutar muito para sobreviver. Mas também deve-se reconhecer que as Igrejas protestantes ainda não tinham reconhecido como seu privilégio e seu dever o trabalho missionário, como fez depois. Os grandes líderes da Reforma não deram sinal de realizar aquilo que é um dever de cada cristão: evangelizar os demais povos; e, naturalmente, os que continuaram o trabalho deles caíram na mesma falta. O protestantismo só alcançou a sua grande visão missionária no século 18.

CONSCIÊNCIA MISSIONÁRIA

A Igreja Romana, por todo esse período, desenvolveu trabalho missionário ativo. Foi aberto um novo e grande campo para o Cristianismo: as novas terras descobertas no Ocidente e no Oriente, no final do século 15 e no 16. Os pioneiros da Igreja Romana apressaram-se a entrar nessas regiões, principalmente os franciscanos e dominicanos.

DESCOBERTAS E MISSÕES

Os governos dos países que realizaram essas descobertas julgavam que a extensão do Cristianismo era uma parte do seu dever com relação às novas terras. Esta foi a razão por que frades e sacerdotes, muitas vezes, tomavam parte nas viagens de exploração e sempre estavam com os primeiros colonizadores.

AS MISSÕES JESUÍTAS

Os maiores missionários católicos, porém, foram os jesuítas. O trabalho missionário ajustava-se exatamente ao seu grande escopo de estender a Igreja papal por todo o mundo, e eles se atiraram a essa missão com heroísmo e zelo extraordinário. Um dos primeiros companheiros de Inácio de Loyola na organização da Companhia de Jesus foi o espanhol Francisco Xavier. No ano em que a sociedade foi fundada, ele e dois outros jesuítas foram à Índia. Antes já se tinha feito algum trabalho missionário ali, sob o governo português. Xavier trabalhou na Índia por quatro anos, principalmente ao longo da costa do extremo sul. Seus métodos foram praticamente os dos missionários medievais. Depois de um pouco de instrução ministrada aos nativos

com o auxílio de um intérprete, batizava vários deles num só dia. Todavia, Xavier demonstrou verdadeiro zelo apostólico na salvação dos homens, como ele próprio o entendia, e não poupou sacrifícios na realização da sua tarefa. Sob sua direção, o trabalho cresceu de modo a necessitar que os jesuítas na Europa enviassem novos reforços.

Da Índia, Xavier foi ao Japão. Ali estabeleceu o romanismo em 1549, e em dois anos de trabalho, ele e seus companheiros lançaram os fundamentos de uma Igreja romana japonesa que cresceu muito rapidamente. Ansioso por levar a religião a novas terras, Xavier partiu para a China, tendo morrido em 1552, numa ilha próxima à costa chinesa.

A obra que, na China, Xavier não pôde realizar, realizou-a outro jesuíta, Mateo Ricci, que para lá se dirigiu em 1583. Conseguiu ganhar as boas graças do imperador para o estabelecimento da religião católica ali, em virtude dos seus grandes conhecimentos de astronomia e de geografia. Nessa parte da Ásia, o trabalho muito prosperou, de sorte que várias centenas de missionários jesuítas foram enviados para essa região, a fim de enfrentar as necessidades da causa.

Nas possessões francesas da América, no Brasil e no Paraguai, a obra missionária dos jesuítas também foi encetada com grande vigor e devoção. Corajosamente, os jesuítas franceses enfrentaram a obra missionária desde a foz do rio São Lourenço até os Grandes Lagos, e daí à foz do Mississipi. Em quase todos os países onde os jesuítas e outras ordens trabalharam, a Igreja Romana cresceu rapidamente. Mas esse crescimento, como muitos historiadores admitem, não foi substancial, o que vem provar que os métodos adotados não eram certos e apropriados. Não obstante, o zelo e o heroísmo de muitos desses homens são um legado precioso para sua Igreja.

QUESTIONÁRIO

1. Descreva o progresso da Reforma inglesa nos reinados de:
 - a) Henrique VIII;
 - b) Eduardo VI;
 - c) Rainha Maria;
 - d) Rainha Elizabete.
2. Quando apareceram os puritanos? Quais eram os seus propósitos concernentes à Igreja da Inglaterra?
3. Por que alguns puritanos emigraram para a América? Por que o puritanismo cresceu no início do século 17?
4. Como e quando os puritanos conseguiram o poder na Inglaterra?
5. Descreva as sociedades anabatistas. Quais eram as suas idéias a respeito da Igreja? Por que se opunham ao batismo infantil?
6. Fale do seu desenvolvimento e das perseguições que sofreram. Qual a relação dos batistas modernos com os anabatistas?
7. Quais as forças que tornaram necessária uma modificação na Igreja medieval?
8. Quais os possíveis meios de reforma da Igreja Romana? Que método foi escolhido? O que foi a Contra-Reforma?
9. De que meios lançou mão a Igreja Romana para combater o protestantismo?
10. Fale da experiência religiosa de Inácio de Loiola. Qual a idéia dele a respeito da prática do Cristianismo?
11. Qual a feição orgânica da Sociedade de Jesus? Como os jesuítas lutaram contra o protestantismo?
12. O que fez o Concílio de Trento a favor da Igreja Romana?
13. Fale sobre o despertamento da vida religiosa da Igreja Romana.
14. O que conseguiu reaver a Igreja Romana com a Contra-Reforma?
15. Quais as causas da Guerra dos Trinta Anos? Quais as condições da Paz de Westphalia?
16. Fale sobre as missões dos jesuítas.

CAPÍTULO CATORZE

O CRISTIANISMO NA EUROPA DA PAZ DE WESTPHALIA AO SÉCULO 19

**Primeira Parte
(1648-1800 d.C.)**

I. A FRANÇA E A IGREJA CATÓLICA ROMANA

Estamos reunindo nesta discussão a França e a Igreja Romana porque os principais eventos da história do catolicismo romano, nesse período, estão ligados à história da França.

O século 17 foi para a França uma era de grande desenvolvimento, quando a nação prosperou tão rapidamente que veio a alcançar o primeiro lugar entre as nações européias. Todas as suas energias e possibilidades foram grandemente desenvolvidas. Essa atividade alcançou o seu ponto culminante no longo e brilhante reinado de Luís XIV (1661-1715), que foi a era de muitos dos homens mais famosos da história francesa.

O AVANÇO DA
FRANÇA

(a) Galicanismo e Ultramontanismo

A Igreja Romana na França participou desse fortalecimento da vida nacional, demonstrando sua energia religiosa na pregação, nas obras de filantropia e no trabalho missionário. Este fortalecimento geral tanto na vida religiosa como no acentuado patriotismo francês deu origem ao movimento conhecido como Galicanismo. Este, em poucas palavras, representava uma tentativa de conciliar a qualidade de bom católico com a de bom francês. Os Galicanos eram devotos profundamente ligados à Igreja Romana e reconheciam a absoluta autoridade desta nos assuntos religiosos. Mas acreditavam igualmente que o papa não tinha de interferir na política nacional. Nessa esfera só admitiam uma autoridade: a do rei. Anos mais tarde chegaram mesmo a admitir que o papa não era um monarca absoluto na própria Igreja, e que sua autoridade era inferior à dos concílios gerais.

REAVIVAMENTO
RELIGIOSO

GALICANOS

OBEDIÊNCIA
NACIONAL

Em oposição ao Galicanismo levantou-se um partido chamado Ultramontano. A palavra “ultramontano” tornara-se muito comum nas discussões que envolviam questões políticas e eclesiásticas da Europa, desde o século 17, pois esse termo expressa muito bem o espírito e a atitude de pessoas e partidos então existentes. Ultramontano é quem, em negócios da Igreja e do Estado, obedece ao papa antes que a qualquer outra autoridade. Por essa época, na França, a força do Ultramontanismo estava com os jesuítas, sempre os fiéis soldados do papa.

ULTRAMONTANO

OBEDIÊNCIA
CEGA

(b) Dissolução da Companhia

Durante a última parte do século 17 e durante o 18, os jesuítas experimentaram forte oposição por parte dos mais hábeis e melhores

OPOSIÇÃO AOS
JESUÍTAS

SEU DECLÍNIO	homens da Igreja Romana na França. Esses homens protestavam energeticamente contra as idéias falsas, dolosas e oportunistas a respeito da moral de certos princípios, idéias realmente perigosas que os jesuítas espalhavam por meio do confessional. Ainda se opunham aos jesuítas por causa da escravidão destes ao papa, e reputavam tal atitude prejudicial tanto à religião como ao sentimento patriótico. Os jesuítas combateram essa oposição com tenacidade e ferocidade incriveis. Eles haviam submetido tanto o papa como o rei Luís XIV à sua influência, e conseguiram auxílio poderoso e ativo por parte dessas grandes autoridades. O clero francês foi compelido pelos grandes papas e pelo rei a condenar as idéias dos que se opunham ao jesuitismo. Não obstante, os jesuítas foram perdendo progressivamente a sua popularidade. Foi-se desenvolvendo o sentimento de que essa poderosa organização secreta, embora vivendo na França, prestava a sua obediência última e definitiva a um governo estrangeiro, sendo, portanto, perigosa e traiçoeira. Quando Portugal, em 1759, expulsou os jesuítas, a opinião pública francesa exigiu que se fizesse o mesmo na França, o que foi conseguido em 1764. Esse foi o começo do fim dos jesuítas. Logo após, a Espanha também os expulsava; depois, o reino de Nápoles. Em todos os casos, a razão da sua expulsão era que os jesuítas eram desleais e perigosos aos governos. Finalmente, o papa Clemente XIV, sob pressão dos reis de todos esses países, dissolveu a Ordem, em 1773. Por mais estranho que pareça, os jesuítas que, em seguida a esse golpe, decidiram manter secretamente a sua organização, encontraram refúgio num país protestante — a Prússia; e também na Rússia, onde dominava a Igreja oriental ortodoxa.
SUA EXPULSÃO	
SUA DISSOLUÇÃO	

(c) Perseguição aos Huguenotes

ÉDITO DE NANTES	A esplêndida era de Luís XIV teve um lado negro representado pelos terríveis sofrimentos infligidos aos protestantes franceses. Pelo Édito de Nantes, em 1598, os huguenotes alcançaram completa liberdade de consciência; liberdade para exercer o culto público em grande número de cidades.
SEU CRESCIMENTO E VALOR	Entre 1598 e 1659, não obstante o governo tirar deles o controle sobre as cidades, não perturbou sua liberdade religiosa. Nessa época de paz os protestantes franceses constituíram-se num grande corpo, cheio de uma vida religiosa plena de entusiasmo. Eram mais de um milhão; mais do que o número atual. Tinham um ministério de caráter

elevado e de preparo notável. As suas igrejas, muitas das quais grandiosas, estavam cheias de crentes entusiastas. A importância que tinham os huguenotes e a influência que exerciam no país estavam muito acima da sua proporção numérica. Entre eles havia muitos líderes das várias profissões, no comércio e na indústria, e muitos dos melhores artífices e trabalhadores vários. Eram franceses patriotas, de uma lealdade a toda prova. A França não possuía na sua população outro elemento tão valioso.

Mas o clero católico romano, hipócrita e fanático, não podia tolerar esse protestantismo tão próspero. Sobre esse clero romano caíram — e ainda permanecem — o vitupério, a culpa e a principal responsabilidade do terrível desastre que sobreveio à França nesse tremendo ataque contra os huguenotes. Sob a pressão desse clero, o governo começou o ataque em 1659. As primeiras medidas contra os protestantes foram: suspensão total dos direitos civis e a perseguição em grande escala, para obrigá-los a professar o catolicismo romano. Em 1681, Luís XIV levou a efeito, com muita pertinácia, um esforço selvagem para esmagar o protestantismo. Tal campanha atingiu o seu clímax quatro anos depois, com a revogação do Édito de Nantes. Os protestantes não tinham sequer a menor segurança perante a lei. Muitas leis, com as penalidades mais bárbaras, proibiam-nos de emigrar. Toda natureza de opressão e crueldade foi usada a fim de obrigá-los a voltar para o catolicismo romano.

O resultado de tudo isso foi uma perda irreparável para a França. Milhares dos seus mais excelentes cidadãos foram levados à morte, outros tantos viram-se submetidos a horríveis torturas e prisão. Muitos outros corajosos, por causa da fé, enfrentando os perigos da emigração, fugiram do país. Nesse período, cerca de quatrocentos mil huguenotes deixaram a França. A saída deles resultou num triste desastre para a nação. O comércio e a indústria muito sofreram. Pior ainda foi para a nação francesa a perda moral, que jamais foi reparada. Os huguenotes foram para toda parte, para a Inglaterra, a Holanda, a Alemanha protestante e a América. Foi assim que a Reforma francesa deu o melhor das suas forças para erigir o protestantismo na França que, embora vergonhosamente perseguido, levou uma vida de heroísmo por quase oitenta anos. Foi quando cessou a perseguição, mas a liberdade religiosa não veio antes de 1789, concedida pelo primeiro dos governos da Revolução Francesa.

**O CLERO
NOVAMENTE
PERSEGUIE OS
HUGUENOTES**

**ÉDITO DE
NANTES
REVOGADO**

**O CASTIGO
DIVINO SOBRE A
FRANÇA**

**EMIGRAÇÃO
HUGUENOTE**

(d) A Igreja Católica Romana e a Revolução Francesa**ROMANISMO
HOSTILIZADO
PELO POVO**

Quando a Revolução rebentou (1789), a Assembléia que representava o povo demonstrou amargo desagrado e hostilidade em relação à Igreja Católica Romana. As causas dessa atitude vinham operando desde muitos anos. A perseguição contra os protestantes tornou o povo desgostoso e fê-lo sentir horror por uma instituição cujos líderes eram os causadores de tais barbaridades. Muitos patriotas franceses consideravam a Igreja como inimiga do espírito de lealdade nacional, porque o seu clero colocava a autoridade do papa acima da autoridade do governo. Além disso, o século 18 viu, na França, o desenvolvimento da dúvida e a negação das verdades do Cristianismo. Isso naturalmente causou indiferença ou oposição ao grande representante do Cristianismo, naquele país, a Igreja Católica Romana. Por mais estranho que pareça, esse ceticismo contribuiu, em grande parte, para acabar com a perseguição ao protestantismo. Homens que não tinham a fé cristã condenavam, naturalmente, o uso da força para que uma forma de Cristianismo tentasse destruir a outra.

**FÁBRICA DE
CATECISMO****MAU USO DA
RIQUEZA**

Possivelmente, a maior causa da hostilidade à igreja papal foi sua enorme riqueza e o uso egoísta que ela fazia de tantos bens. A situação econômica era bem difícil, especialmente para a grande massa da população pobre, que já estava arruinada por impostos pesados e cruéis. Mas as riquezas dessa igreja eram usadas principalmente para sustentar a imponência do seu alto clero, que era luxurioso e preguiçoso, e, em muitos casos, imoral. Os párocos, os únicos membros do clero que serviam ao povo, eram miseravelmente pagos. Tudo isso contribuiu para encher o povo de indignação.

**A IGREJA PERDE
SEUS BENS**

A primeira legislatura da Revolução, a Assembléia Nacional (1789-1790), confiscou as propriedades da Igreja Romana e vendeu boa parte delas para enfrentar as necessidades nacionais. A Assembléia estabeleceu completa liberdade religiosa. Aboliu as Ordens monásticas e reorganizou completamente a Igreja Católica Romana, deixando-a apenas nominalmente sujeita ao papa. Finalmente, não só a Igreja Papal, mas o próprio Cristianismo foi objeto do ódio público. Isso foi devido, em parte, ao desenvolvimento da incredulidade, e, de outro lado, pelo fato de muitos julgarem a Igreja Romana e o Cristianismo como coisas idênticas, e culpavam a religião por todos os males dessa Igreja. Em 1793, foi abolido o culto cristão, negada formalmente a existência de Deus, e estabelecido o culto da Deusa Razão. O

**CRISTIANISMO
ODIADO****DEUSA RAZÃO**

domingo, ou Dia do Senhor, foi substituído por um dia em cada dez, para descanso e diversões.

Todavia, o povo se opôs a tudo isso. Em 1795 foi restabelecido, pelo governo, o culto cristão. Todas as agremiações religiosas tiveram permissão para exercer formas de culto, contanto que se mantivessem sem auxílio do governo. Esse acordo foi quebrado por Napoleão, que tinha suas próprias idéias acerca das relações entre a Igreja e o Estado.

REVOLTA DO POVO

II. O PROTESTANTISMO NA ALEMANHA

(a) Declínio Religioso Após a Reforma

A história do protestantismo alemão durante os anos que se seguiram à Reforma é desalentadora. A grande onda de reavivamento religioso, que a obra de Lutero provocou, logo arrefeceu. Teve início uma era triste de inúteis disputas teológicas. Mesmo antes da Paz de Augsburg (1555), os luteranos disputavam entre si sobre questões de doutrina. Além disso, havia entre luteranos e teólogos reformados discussões doutrinárias que alargavam cada vez mais a brecha entre esses dois grupos do protestantismo.

ERA DAS DISPUTAS TEOLÓGICAS

Um dos resultados dessas disputas foi a elaboração, pelos luteranos, em 1577, de um longo credo chamado a Fórmula da Concórdia. Julgava-se que essa fosse a expressão final do credo luterano, que definia toda a matéria como deveria permanecer. Ela condenava o Calvinismo, especialmente a predestinação, perpetuando assim a separação dos grupos luterano e reformado. Todavia, definiu-se, afinal, sobre todos os assuntos discutidos entre os luteranos, conseguindo boa medida de harmonia entre eles mesmos. A Fórmula da Concórdia veio a ser considerada por eles uma expressão completa da verdade cristã, um credo tão perfeito que não podia ser melhorado. Foi essa a razão por que os ministros luteranos dedicaram suas vidas à exposição e defesa desse credo, em vez de procurarem fortalecer a vida espiritual do povo, induzindo-o ao serviço cristão. Estavam mais interessados na defesa da ortodoxia da doutrina luterana do que nos resultados da verdade cristã na vida dos crentes.

ORTODOXIA LUTERANA

CALVINISMO CONDENADO

FÓRMULA DA CONCÓRDIA

DESCUIDO ESPIRITUAL

Essa foi a razão do declínio religioso do luteranismo alemão ao fim do século 16 e início do 17. O êxito da Contra-Reforma nos distritos luteranos foi devido, principalmente, a essa condição. O enfraquecimento religioso e as contínuas disputas teológicas entre luteranos e calvinistas explicam o papel obscuro do protestantismo alemão nos

RESULTADO:

(1) DECLÍNIO PROTESTANTE

(2) FRACASSO DA GUERRA

primeiros anos da Guerra dos Trinta Anos. A guerra não trouxe qualquer benefício; pelo contrário, produziu grave prejuízo espiritual, como resultado da ruína e do barbarismo que provocara.

(3) ORTODOXIA SEM O ESPÍRITO

É assim que encontramos a vida religiosa do protestantismo alemão depois de 1648: terrivelmente enfraquecida. Essa situação era a mesma, tanto entre luteranos como entre os reformados. O ministério era pobre quanto à religião pessoal. A ortodoxia era considerada a característica mais importante de um ministro. Não se pensava que fosse necessária uma profunda experiência cristã que produzisse cristãos zelosos, consagrados. A pregação consistia, naturalmente, em grande parte, de discussões teológicas; e pouca ênfase era dada à necessidade de se procurar viver um Cristianismo vitalizado, rico de experiências e de frutos. As Igrejas eram frias, cheias de formalidades e inativas. Não havia idéia de missões cristãs, e na sua pátria o protestantismo estava longe de ser uma força agressiva e entusiástica, como veio a ser depois.

(4) IGREJAS SEM MISSÃO

As Igrejas eram frias, cheias de formalidades e inativas. Não havia idéia de missões cristãs, e na sua pátria o protestantismo estava longe de ser uma força agressiva e entusiástica, como veio a ser depois.

(b) O Pietismo

ERGUE-SE NOVO LÍDER

Nessa época, quando era tão necessária uma nova vida, ela apareceu com vigor e grande poder no movimento conhecido pelo nome de Pietismo. Seu primeiro líder foi Felipe Jacó Spener. Ainda moço, viu os problemas religiosos de seu país; daí a razão para assumir a atitude que tomou, a fim de remediar a situação.

SERMÕES PRÁTICOS E SIMPLES

Como pastor em Frankfurt sobre o Meno (1666-1686), Spener muito se esforçou para que seu povo alcançasse um Cristianismo ardente, sincero e purificasse a sua vida em todos os aspectos. Pregava sermões de caráter prático, fervorosos e simples, evitando aquele estilo rígido de oratória tão em moda na época. Insistiu na verdade da regeneração, aquela mudança produzida no coração do homem de fé, pelo Espírito de Deus; insistia no fato de que, ser nascido de Deus e levar uma vida de santidade e serviço, era infinitamente mais importante do que ter pontos de vista ortodoxos quanto à doutrina. Embora difícil de acreditar, essa idéia era, então, nova e muito estranha. Spener reavivou a doutrina básica da Reforma — o sacerdócio universal dos crentes —, e provou que um dos sentidos práticos dessa doutrina era que os leigos deviam participar dos serviços religiosos, ensinando e ajudando uns aos outros. Realizava reuniões na sua própria casa para estudo devocional da Bíblia, orações e mútua instrução, nas quais os leigos tomavam parte ativa. Realizou grande serviço pastoral e dis-

ÊNFASE: VIDA CRISTÃ REAL ACIMA DA DOCTRINA**REUNIÕES BÍBLIA ORAÇÃO PASTORAL**

pensou atenção especial à educação religiosa das crianças. O fato de que tanto seu ensino como os seus métodos eram novos para a vida da igreja do seu tempo, era a melhor indicação de como era séria a situação eclesiástica então existente.

**EDUCAÇÃO
INFANTIL**

O ministério de Spener teve como resultado uma autêntico reavivamento em muita gente de Frankfurt. Foi assim que teve início o movimento Pietista, como foi depois chamado, isto é, o reavivamento da piedade do Cristianismo real, dinâmico, em contraste com a mera ortodoxia quanto à doutrina. Tal movimento cresceu depois, principalmente por causa do Livro de Spener *Pia Desideria* (Desejos Piedosos), no qual apontava os males e as condições espirituais difíceis do seu tempo e indicou como solução os ensinamentos e os métodos que usava. O movimento cresceu com muita rapidez e tomou o caráter de um forte e grande despertamento espiritual. Encontrou severa oposição dos teólogos ortodoxos (a Faculdade Teológica de Wittenberg atacou Spener, atribuindo-lhe 264 erros teológicos!) e dos que se opunham aos estritos ensinamentos morais dos Pietistas. Mas tudo isso foi em vão. Por meio século, começando em 1685, o Pietismo tornou-se a influência dominante no protestantismo alemão, revigorando-o espiritualmente, enchendo de nova vida a religião cristã. Esse movimento foi, realmente, uma continuação do reavivamento religioso que resultou da Reforma. Oculto por muitos anos, aparentemente apagado, surgia agora como novo poder revivificador.

DEFINIÇÃO**FORÇA****MÉTODOS****OPOSIÇÃO****INFLUÊNCIA****PROSSEGUIMENTO**

Como todos os genuínos reavivamentos, o Pietismo inspirou os crentes à realização de obras cristãs. Nesse aspecto do grande movimento, entramos em contato com o seu segundo grande líder, Augusto Frank, pastor e professor da Universidade de Halle, desde 1694. Essa cidade e a sua Universidade tornaram-se o centro do movimento Pietista. Fundaram-se ali grandes instituições para as crianças desamparadas; ali também estava a sede oficial da famosa Missão Danish-Halle. O Pietismo tem a honra de ter produzido a obra das primeiras missões estrangeiras protestantes. O rei da Dinamarca, desejando ministrar ensino cristão ao povo de suas possessões no sul da Índia, conseguiu vários missionários dentre os pietistas alemães. Os primeiros foram para Tanquebar em 1705. Durante aquele século, sessenta missionários, entre os quais o nobre Benjamim Schwartz, foram enviados àquela missão pelas escolas pietistas de Halle.

NOVO LÍDER**CARIDADE
MISSÃO**

Além do que alcançou na vida religiosa da Alemanha, o Pietismo inspirou em outras terras forte impulso de poder espiritual, o que pro-

**INFLUÊNCIA
FORA DA
ALEMANHA**

duziu grandes resultados. A Irmandade da Morávia foi, em parte, um resultado desse movimento. Por intermédio dos irmãos moravianos, o espírito do Pietismo tocou João Wesley e o tornou um dos líderes mais poderosos que a Igreja Cristã já possuiu. Por influência de um ministro pietista alemão de Raritan, Nova Jersey, Gilberto Tenent recebeu um reavivamento pessoal e, pleno daquele espírito, a sua pregação tornou-se uma das causas do Grande Reavivamento na América.

(c) Os Moravianos

ZINZENDORF

O fundador da irmandade moraviana foi o Conde Nicolau von Zinzendorf (1700-1760), nobre austríaco que foi profundamente influenciado pelo Pietismo. Quando moço, pensou reunir numa comunidade um grande número de pessoas verdadeiramente religiosas, que se tornassem uma fonte de vida espiritual para as Igrejas e comunidades religiosas vizinhas.

IRMANDADE DA BOÊMIA

Quando tinha apenas 21 anos de idade, comprou um território na Saxônia, com o intuito de levar a termo o seu plano. Em pouco tempo essa região foi habitada de um modo providencial. Certos membros da Irmandade da Boêmia, corpo religioso resultante da obra de João Huss, tendo sido perseguidos e expulsos dos seus lares na Morávia, conseguiram a permissão de Zinzendorf para se estabelecerem no território a ele pertencente. Assim começou a formação dessa comunidade que tomou o nome de “Hernhut” (“Abrigo do Senhor”). Foi por causa desses moravianos que o grupo tomou o nome de Irmandade dos Moravianos, não obstante haver entre eles grande número de alemães da redondeza. O próprio Zinzendorf foi morar com sua família nessa comunidade, à qual dedicou sua vida com incansável labor e constantes orações. Embora houvesse diferença entre os seus membros, ele a conduziu a uma verdadeira unidade e conseguiu inflamá-los de sincera devoção a Jesus Cristo.

IRMANDADES MORAVIANAS

MISSÕES MORAVIANAS

Os trabalhos missionários, que tornaram famosos os moravianos, começaram em 1731. Dois deles foram enviados a S. Tomás, nas Índias ocidentais, e dois outros foram para a Groenlândia, onde o herói norueguês, Hans Egede, já tinha plantado o Evangelho. Seguiu-se a estes uma verdadeira torrente de missionários, de sorte que durante a vida de Zinzendorf havia muitos dos seus irmãos trabalhando na Europa, Ásia, África, América do Norte e América do Sul. Em poucos anos, a pequena Hernhut enviou mais missionários do que o protestantismo

européu o fizera em duzentos anos. Eles foram aos lugares mais difíceis e perigosos, e aos povos menos promissores. Em toda parte se mostraram revestidos de alegria cristã, fé inabalável e leais a Cristo a toda prova, inspirados também pelo hino de Zinzendorf, *Cristo ainda nos conduz*. Em qualquer parte revelavam a mesma coragem, consagração e amor a todos os homens.

III. A ERA DA RAZÃO

Essa nova era na história da Europa Ocidental, cuja influência se refletiu na própria América, teve início no fim do século 17 e durou mais ou menos cem anos. Essa era foi assinalada pela supremacia da razão humana, em todos os aspectos do seu pensamento e ação. O espírito da era movia os homens a submeterem todas as idéias e instituições a uma prova racional, para depois decidirem se eram dignas de aceitação.

A causa principal dessa tendência para o racionalismo foi o desenvolvimento extraordinário do conhecimento que começara na Renascença e continuara através do século 17. Em todos os campos da ciência houve avanços revolucionários. O homem encontrou-se num novo universo a respeito do qual era constantemente colocado a par de alguma novidade. O próprio homem sentia-se uma nova criatura. Os nomes representativos dessa era foram, entre outros, Kepler, Galileu, Newton, Harvey e outros. Memoráveis e extraordinários acontecimentos e realizações da mente humana contribuíram para que os homens confiassem plenamente na razão e acreditassem em que não havia limites para as suas possibilidades e investigações, motivo por que elegeram a razão como soberana.

O predomínio da razão resultou numa revolta tremenda contra a autoridade, fosse política ou religiosa, contra a tradição, a superstição, ou o preconceito. Idéias antigas e instituições políticas foram submetidas à crítica racional e conseqüentemente rejeitadas caso não se provassem valiosas. Tal pensamento provocou a derrubada das antigas formas de governo da Revolução Francesa. Na educação, na política econômica, nos princípios morais, enfim, em todos os aspectos da vida, a exigência era saber se tais coisas satisfaziam a razão. Dois termos expressavam o pensamento da época: Ilustração e Iluminação.

A confiança na razão produziu um alto conceito generalizado da natureza humana. Desenvolveu-se a idéia dos direitos do homem, isto

**IDÉIAS
INSTITUIÇÕES
SOB PROVA**

**CAUSA:
PROGRESSO
CIENTÍFICO**

**VULTOS
FAMOSOS**

**RAZÃO
SOBERANA**

**RESULTADO:
REPULSA À
AUTORIDADE
TRADIÇÃO**

REVIRAVOLTA

**ILUSTRAÇÃO
ILUMINAÇÃO**

**DIREITOS
HUMANOS**

é, o conjunto daquelas coisas que devem pertencer por direito ao homem, em virtude da sua própria natureza. *

**NO CAMPO
RELIGIOSO**

Quanto à religião, o espírito dessa era firmou o princípio de que para as necessidades humanas seria suficiente apenas uma religião alcançada ou criada pela própria razão. Certas idéias, como a existência de Deus, a lei moral, um estado futuro de castigos ou recompensas, dizia-se, tinham de ser provadas antes de ser aceitas como verdadeiras. Julgava-se que, como religião, bastava aquilo que veio a ser conhecido como religião natural. Pensava-se e ensinava-se que não era necessária a crença na revelação divina da Bíblia. Os ensinamentos autorizados das Igrejas Romana ou Protestante não podiam suportar a prova da razão.

**RELIGIÃO
NATURAL
X
RELIGIÃO
BÍBLICA****ATEÍSMO**

O resultado prático de todo esse racionalismo, quanto à religião, variou nos diversos países. Na França, a oposição ao Cristianismo foi mais forte do que em qualquer outra parte, e ali se desenvolveu o ateísmo. Na Alemanha havia muita dúvida quanto à verdade e até mesmo a negação das doutrinas cristãs; a vida da Igreja protestante muito sofreu por causa do declínio da fé e do fervor. Na Inglaterra, a religião natural constituiu-se numa fortaleza poderosa, e o pensamento cristão foi grandemente alterado por um racionalismo que enfraqueceu a vida religiosa. Tal condição clamava pela necessidade daquele reavivamento que surgiu no século 18.

IV. A IGREJA ORIENTAL*Do Século 15 ao Século 18***CONQUISTA DE
CONSTANTINOPLA
PELOS TURCOS**

Em 1453, caiu sobre a Igreja do Oriente o maior desastre de sua história: a conquista de Constantinopla pelos turcos. O império do Oriente, por tanto tempo um campeão do Cristianismo, caiu, e o sultão sentou-se no trono do imperador. Santa Sofia, a catedral magnífica edificada por Justiniano, no 6º século, transformou-se numa Mesquita como sinal e prova da queda do Cristianismo diante do Islamismo. Os cristãos residentes no território turco tiveram permissão de conservar seu culto, mas perderam todos os direitos perante a lei, tendo de viver em sujeição e sem qualquer amparo legal. A organização da Igreja permaneceu inalterada. O Patriarca de Constantinopla viu serem aumentados os seus poderes sobre os demais patriarcas do Oriente, Antioquia, Jerusalém e Alexandria, e tornou-se chefe de todos os cristãos do império turco, que então incluía os territórios da Igreja oriental, exceto a Rússia. O patriarca era indicado pelo sultão e estava inteira-

mente à mercê do seu poder. Além disso, muitos dos patriarcas alcançavam seu ofício por meio do suborno e o mantinham pela bajulação. Perderam a influência perante o povo, pois eram considerados lacaios dos sultões. Desde que todos os bispos estavam sob o domínio turco, sofreram também, tanto no seu ofício e caráter como na influência que exerciam.

Com a queda de Constantinopla, muitos gregos cultos fugiram para a Europa ocidental e ali participavam do renascimento da cultura. A emigração desses homens altamente instruídos enfraqueceu seriamente a vida intelectual da Igreja oriental. O clero tornou-se ignorante e a pregação desapareceu dos púlpitos. Numa era em que a mentalidade dos homens no Ocidente se havia elevado, pelo Renascimento, acontecia exatamente o oposto na Igreja oriental. Uma razão pela qual essa Igreja não participou da Reforma foi que nunca havia experimentado o despertar intelectual que o Ocidente recebeu, para que lhe fosse preparado o caminho para o movimento reformador. Assim a vitória turca foi, em todos os sentidos, um golpe de morte contra a Igreja oriental. É uma prova do poder do Cristianismo o fato de essa Igreja ainda ter conseguido sobreviver.

Logo após a queda do império oriental, levantou-se um novo império no norte, a Rússia. Nos séculos 15 e 16, reis poderosos tornaram a Rússia uma nação unificada. Desde a queda de Constantinopla a Igreja russa vinha se tornando independente. Nominalmente ainda era sujeita ao Patriarca de Constantinopla, mas o bispo metropolitano de Moscou não foi mais escolhido como patriarca. Em decorrência do estado de degradação da Igreja nos territórios da Turquia, e pelo aparecimento do poder da Rússia, a Igreja desse país tornou-se a parte mais importante da Igreja oriental. Como prova desse fato viu-se o bispo metropolitano de Moscou elevado à categoria de Patriarca, em 1587. Durante o século seguinte, a Igreja russa revelou uma vida nova, especialmente ao tempo do famoso Patriarca Nicônio. Ele promoveu um extraordinário desenvolvimento na educação e na vida moral do clero, como também despertou algum interesse pela pregação. Na doutrina, porém, não houve mudança; não se verificou qualquer progresso na direção de uma forma mais pura do Cristianismo. Quando o protestantismo invadiu a Rússia, vindo do oeste, foi terrivelmente perseguido e expulso. Também, nem a religião, nem o clero, nem o povo puderam libertar-se da superstição dominante.

**DECLÍNIO
INTELLECTUAL
DA IGREJA**

**RÚSSIA E
SUA IGREJA**

OS UNIATAS

Durante o período da Contra-Reforma, enquanto a Igreja Católica Romana lutava por conquistar e reconquistar todos os povos, tentou também ganhar a Rússia. Foi bem-sucedida em algumas regiões do sudoeste do país à custa de certas atitudes liberais. Tudo o que se pedia daqueles que vinham da Igreja oriental para a romana era submissão ao papa. Foi-lhes permitido até mesmo conservar sua forma de culto e costumes religiosos e até mesmo permissão para os membros do clero se casarem. Esses católicos eram chamados Uniatas. Entre os eslavos residentes nos Estados Unidos, há muitos uniatas católicos romanos do rito grego, ou católicos gregos que obedecem ao papa.

**GOVERNO DA
IGREJA NESSE
TEMPO**

No início do século 18, o czar Pedro, o Grande, deu à Igreja a forma de governo que ela conservou até à revolução de 1917. Em substituição ao patriarca, organizou o Santo Sínodo, que era um corpo de bispos e sacerdotes escolhidos pelo czar, presidido por um oficial leigo, chamado o “supremo procurador”, que exercia a função de representante direto do czar. Essa Igreja era teoricamente controlada pelo procurador que representava e expressava a vontade do czar. Assim a Igreja tornou-se completamente sujeita ao governo, que era considerado o seu “guarda e protetor”. A Igreja oriental tornou-se uma parte da máquina desse governo absoluto e opressor, razão por que sofreu os funestos resultados espirituais inevitáveis dessa escravidão.

QUESTIONÁRIO

1. Que era o Galicanismo? Que partido opunha-se ao Galicanismo? O que significa o termo "Ultramontano"?
2. Por que os jesuítas perderam a popularidade na França? Como agiram os governos de vários países com relação aos jesuítas? Que atitude tomou o papa contra eles?
3. Descreva a condição dos Huguenotes na primeira parte do século 17. Por que eram gente de valor, na França?
4. Descreva a perseguição aos Huguenotes. Qual foi o resultado dessa perseguição?
5. Que provocou a hostilidade contra a Igreja Romana entre os franceses no século 18? Descreva os atos dos governos revolucionários contra a Igreja Romana e contra a religião em geral.
6. Descreva o estado do protestantismo alemão nos anos que se seguiram à Reforma. O que provocou, afinal, a separação entre os luteranos e os reformados?
7. Qual o estado da religião na Alemanha na última parte do século 17?
8. Quais os ensinamentos e os métodos de Spener? Qual o resultado da sua obra? Descreva o crescimento e o poder do Pietismo.
9. Que relação teve o Pietismo com as Missões? Que influência teve esse movimento fora da Alemanha?
10. Como surgiu a Irmandade dos Moravianos? Descreva as missões dos Moravianos.
11. Qual era o espírito da chamada "Era da Razão"? Qual o seu efeito sobre a religião?
12. Que efeito causou a queda de Constantinopla sobre a Igreja oriental? O que sabe da situação dessa Igreja na Rússia?
13. Descreva o tipo de governo que Pedro, o Grande, deu à Igreja russa, e qual foi o resultado? Até quando durou essa forma de governo eclesiástico?

CAPÍTULO QUINZE

O CRISTIANISMO NA EUROPA DA PAZ DE WESTPHALIA AO SÉCULO 19

**Segunda Parte
(1648-1800 d.C.)**

V. O PROTESTANTISMO NA INGLATERRA

(a) A Regra Puritana

Conseguindo maioria no Grande parlamento, os puritanos, afinal, alcançaram o poder para tornar a Igreja da Inglaterra como desejavam. Com esse propósito, o Parlamento convocou a Assembléia de Westminster (1643-1649), composta pelos principais teólogos puritanos.

Sua tarefa era preparar e apresentar ao Parlamento os planos para uma reforma definitiva da Igreja nacional. Ao mesmo tempo, o Parlamento, no propósito de conseguir o auxílio da Escócia na guerra contra o rei Carlos, aceitou a Liga Solene e o Pacto (*Covenant*). Este, ampliação do primeiro Pacto Escocês, obrigava os que o aceitavam a defender e aceitar a Igreja escocesa como havia sido estabelecida ao tempo da Reforma, como também a tornar iguais a ela as Igrejas da Inglaterra e da Irlanda. Era o mesmo que fazê-las presbiterianas. Em decorrência desse acordo, alguns comissários representantes da Escócia tornaram-se membros da Assembléia. Em qualquer caso, porém, teria sido escolhida a forma presbiteriana, pois a maioria dos seus membros era presbiteriana.

A Assembléia escreveu e submeteu à apreciação do Parlamento uma constituição completa para a Igreja da Inglaterra. Além do esquema para o governo eclesiástico, foi apresentada a Confissão de Fé, considerada como credo para uso da Igreja, além das instruções para o culto e a disciplina e dois Catecismos, o Maior e o Breve.

O projeto da Assembléia para o governo da Igreja foi aprovado pelo Parlamento, que ratificou o sistema presbiteriano. Mas este nunca foi aceito de modo geral. O país estava em confusão, por causa da guerra entre o Parlamento e o rei Carlos. E um número sempre crescente de defensores da causa do Parlamento recusava-se a impor a forma presbiteriana de governo. Muitos deles eram independentes ou congregacionalistas. Outros eram batistas que concordavam com a forma de governo dos independentes. E havia vários outros grupos que também discordavam. Estes desejavam plena liberdade religiosa, nada de conformidade. Fosse presbiteriana ou qualquer outra a forma, a escolha deveria ser livre. Esse sentimento era forte no exército puritano que, chefiado por Oliver Cromwell, conquistou os seguidores e defensores do rei.

À execução do rei, em 1649, seguiu-se o estabelecimento do governo da Comunidade, sendo Cromwell seu Lord e Protetor. Durante a

**MAIORIA
PURITANA**

**ASSEMBLÉIA DE
WESTMINSTER**

**PLANOS DE
REFORMA TOTAL**

**ASSEMBLÉIA
PREDOMÍNIO
PRESBITERIANO**

**CONSTITUIÇÃO,
CONFISSÃO DE FÉ
E CATECISMO**

**TRABALHO DA
ASSEMBLÉIA**

DISCORDÂNCIA

INDEFINIÇÃO

curta existência desse governo, os negócios da Igreja ficaram numa fase de incerteza. Havia certa liberdade religiosa, defendida por Cromwell. Não uma liberdade total, porém muito mais ampla do que aquela até então existente. Não se permitia liberdade ao romanismo ou ao sistema episcopal, a velha forma da Igreja inglesa, pois ambos eram considerados politicamente perigosos. Além disso, havia igrejas de várias denominações, principalmente presbiterianas, congregacionistas, batistas, etc.

**LIBERDADE
CONTROLADA****OS QUACRES**

Foi nessa época que apareceu a Sociedade dos Amigos ou dos Quacres. Por muitos anos a Inglaterra havia sido sacudida pelas disputas religiosas, principalmente as que se relacionavam com a forma de governo eclesiástico, os sacramentos, o ministério e o culto. Tudo isso aborrecia muita gente, que resolveu seguir os ensinamentos de George Fox. Este ensinava que a Igreja deveria ser guiada e instruída diretamente pelo Espírito Santo, e que não deveria haver qualquer sistema fixo de governo, ou um ministério especialmente indicado, ou formas regulares e fixas de culto. George Fox foi um dos mais poderosos líderes religiosos do seu tempo e fervoroso evangelista que alcançou grande número de conversões.

GEORGE FOX**GOVERNO NAS
MÃOS DOS
PURITANOS**

Sob o governo da Comunidade, os puritanos tiveram oportunidade de realizar seu ideal concernente ao próprio governo, isto é, que este fosse um instrumento para fortalecer a religião e o caráter moral do povo. O Parlamento decidiu não indicar ninguém como chefe, a não ser aquele cuja verdadeira piedade cristã o Parlamento agradasse. As leis aprovadas exigiam alto padrão de moralidade pessoal. A severidade do espírito puritano manifestou-se no ataque às diversões populares. Fecharam-se os teatros, foram proibidos os esportes brutais e alguns divertimentos inocentes muito do gosto popular, tais como o festejo do Natal e as danças populares do mês de maio. A política dos puritanos com respeito às diversões provocou grande oposição às regras disciplinares. Muita gente também reprovou a tentativa de se impor o puritanismo à nação por meio de uma legislação oficial e secular. Não obstante a sua esplêndida prova de caráter, havia nos puritanos certa tirania e estreiteza de visão que tornaram o governo deles impopular. O melhor que podiam fazer pela Inglaterra não deveria ser realizado pela força da lei.

(b) A Restauração

Seguiu-se à imposição dos puritanos uma tremenda reação contra tudo o que eles tentaram introduzir e realizar. Restaurou-se a monarquia em 1660, com Carlos II, filho do rei que fora levado à morte. Logo, o novo governo restaurou a Igreja nacional àquela forma que tinha existido antes da vitória dos puritanos, a do tempo da Reforma. Os bispos voltaram às suas sedes e o *Livro de Oração Comum* voltou a ser o manual de culto. O Parlamento exigiu que todos os ministros declarassem sua plena aprovação ao *Livro*.

**A IGREJA
NOVAMENTE
EPISCOPAL**

Por se oporem a isso, cerca de dois mil ministros presbiterianos, congregacionalistas e batistas foram expulsos das suas igrejas. Apesar de enfrentarem os perigos da Lei, muitos deles continuaram a pregar em reuniões fora das igrejas e milhares dos seus paroquianos arriscaram-se a ser presos, por ouvi-los. Foi na "Grande Expulsão" de 1662, em que esses adeptos do puritanismo foram expulsos da Igreja da Inglaterra, que foram lançados os fundamentos da Igreja Livre desse país.

**A GRANDE
EXPULSÃO**

IGREJA LIVRE

Seguiram-se várias tentativas de supressão dos dissidentes. Atos oficiais proibiam assistência às reuniões religiosas que não fosse da Igreja oficial, sob penas severas. Por uma falta dessa natureza ficou preso, por doze anos, o célebre João Bunyan, que na prisão de Bedford escreveu *O Peregrino* ou *A Viagem do Cristão*. Mas a despeito de tudo isso a oposição continuou.

**PERSEGUIÇÕES
AOS DISSIDENTES**

A oposição ao puritanismo, liderada pelo Parlamento, resultou no aparecimento de uma onda terrível de imoralidade que atingiu a aristocracia inglesa e afetou grandemente outras camadas sociais, nos anos que se seguiram a 1660. Depois da severidade da regra puritana, a situação descambou para o outro extremo. O exemplo de um rei corrupto contribuiu para agravar essa tendência. Por essa época parecia que o puritanismo tinha sido aniquilado. Mas tal não aconteceu quando cessou a reação. O puritanismo tinha realizado uma obra profunda e duradoura no povo inglês, inculcando-lhe um caráter sincero e um fervor que jamais desapareceram.

**CONSEQUÊNCIA:
IMORALIDADE**

**FERMENTO NA
MASSA**

(c) A Revolução

Os eventos dessa época mostraram, todavia, que a maioria do povo preferia que a Igreja nacional permanecesse como no tempo da reforma, em vez de seguir o sistema introduzido pelos puritanos. Isso não significava que o protestantismo inglês estivesse vacilante, e a

**REAÇÃO DO
POVO INGLÊS**

prova se viu quando Tiago II, sucessor de Carlos II, tentou transformar a Igreja nacional em Católica Romana. A nação revoltou-se contra o seu propósito e contra a tirania com que tentou levá-lo a efeito. Os líderes de ambos os partidos políticos apelaram para Guilherme, Príncipe de Orange e Chefe do Estado da Holanda, cuja esposa, Maria, era filha do rei, para que ele viesse com um exército defender a liberdade da Inglaterra e o protestantismo. O país levantou-se para apoiá-lo quando o príncipe desembarcou. O rei da França fugiu e Guilherme e a esposa tornaram-se os soberanos da Inglaterra.

**MUDANÇA DE
REINADO**

**A REVOLUÇÃO
DECIDIU:
(1) O PODER
PERTENCE
AO POVO**

Essa incruenta revolução de 1689 decidiu a favor da Inglaterra várias questões da mais alta importância. Decidiu-se que o poder supremo pertencia ao povo, pois Guilherme e Maria tornaram-se soberanos por decisão do Parlamento, por meio do qual a vontade do povo foi expressa. Assim a prolongada luta contra os reis tiranos, pela liberdade do povo, em que os puritanos se distinguiram desde o reinado de Tiago I, terminou afinal com a vitória. Aqui vemos a relação existente entre o protestantismo e a liberdade política. A doutrina do sacerdócio universal dos crentes, segundo a qual cada homem tem acesso a Deus, como um direito próprio alcançado por Cristo, contribuiu para que os homens conheçam e pleiteiem seus direitos políticos.

**INFLUÊNCIA
DO TRINADO
SACERDÓCIO
UNIVERSAL DO
CRENTE**

**(2) INGLATERRA
PROTESTANTE**

Em segundo lugar ficou firmado o caráter da Inglaterra como nação protestante. O Parlamento declarou isso, modificando apenas o Juramento da Coroa de modo a poder o rei jurar lealdade à Religião Reformada, estabelecida segundo a Lei.

**(3) QUE HAJA
LIBERDADE DE
CULTO**

Em terceiro lugar, foi conseguida a liberdade de culto para os protestantes ortodoxos que discordavam da Igreja da Inglaterra. Pelo Ato de Tolerância de 1689, a Inglaterra, finalmente, abandonou a idéia de obrigar a todas as pessoas a aceitarem uma só forma de religião. Daí em diante, não somente a Igreja da Inglaterra, mas igualmente os não-conformistas, como são algumas vezes chamadas as Igrejas Livres, tiveram direito de decidir sobre sua vida eclesiástica. Todavia foi negada, ainda dessa vez, a liberdade de culto à Igreja romana.

**A ALTA E A
BAIXA IGREJA**

Durante o reinado de Guilherme e Maria, surgiu na Igreja da Inglaterra uma cisão que foi de grande efeito na vida religiosa nacional e até mesmo na da América. Os dois grupos em que a Igreja se dividiu foram chamados “Alta Igreja” e “Baixa Igreja”. O motivo da separação foram questões de governo eclesiástico e de ministério. Os clérigos da Alta Igreja afirmavam que o governo da Igreja pelos bispos era divinamente ordenado, e que os bispos vinham em sucessão ininterrupta

desde os apóstolos, e que o único ministério válido era o da ordenação pelas mãos do bispo. Daí eles considerarem os não-conformistas sem ministério regular e legítimo. Os da Igreja Baixa, embora aprovassem o governo eclesiástico por meio dos bispos, não sustentavam esses “altos” pontos de vista e desejavam muito reconhecer o ministério dos não-conformistas, ou das Igrejas livres.

(d) Declínio Religioso no Começo do Século 18

A vida religiosa da Inglaterra, por quase cinquenta anos depois da revolução, apresenta um quadro triste de indiferença generalizada e de estagnação. A maioria do clero era constituída de homens de pouco fervor. Muitos deles eram mundanos e egoístas, simples ocupantes do ofício. Os deveres dos bispos e dos ministros das paróquias foram em grande parte negligenciados. A pregação consistia principalmente de discussões teológicas, destituídas de valor e sem vida. Muito pouco se fazia pelas necessidades religiosas do povo, razão por que muitos perderam contato com a Igreja e se desinteressaram das suas atividades. Por vários anos não houve qualquer movimento religioso. Nem paróquias organizadas, nem trabalho missionário de qualquer espécie. Os não-conformistas, porém, eram mais vigorosos na sua vida religiosa do que a Igreja da Inglaterra. O espírito geral da religião na Inglaterra era apenas de formalismo e de frieza. As formas exteriores da religião eram comumente observadas, mas era raríssimo o entusiasmo religioso oriundo de uma fé sincera.

Havia grande necessidade de um Cristianismo prático, de vida real, abundante, para extirpar os males grosseiros da vida nacional. Os vícios que dominavam a alta sociedade desde o tempo da Restauração atingiram também outras classes. Era baixo o nível moral. A embriaguez tornou-se muito comum na primeira grande metade do século 18. A pobreza seguiu-lhe os passos e se espalhou ainda mais; os impostos que recaíam sobre os pobres foram triplicados entre 1714 e 1750. Os crimes e as desordens eram muito comuns nas cidades, apesar da severidade das penas legais. Um dos piores aspectos da situação era a ignorância das classes mais altas da sociedade e a indiferença desta quanto à situação das classes menos favorecidas.

**ESTAGNAÇÃO
DA IGREJA**

**INDIFERENÇA
FORMALISMO**

**MALES DA VIDA
NACIONAL**

**IGNORÂNCIA
POBREZA
VÍCIOS
IMPOSTOS
CRIMES**

(e) O Reavivamento do Século 18**MOÇIDADE DE
WESLEY**

No meio desse estado de coisas, surgiu João Wesley, homem que Deus levantou para sacudir a vida religiosa da Inglaterra e trazer ao mundo o impulso religioso mais forte que ocorreu depois do tempo da Reforma. Wesley nasceu em 1703, em Lincolnshire, na paróquia do seu pai, em Epworth. O pai era um dos ministros zelosos de então, na Inglaterra, e sua mãe, uma mulher de vida santa e de altas virtudes cristãs. Em Oxford distinguiu-se como homem de letras. Entrou para o ministério e serviu por algum tempo na paróquia do seu pai. Voltando depois a Oxford como professor de grego, tornou-se líder de um grupo de estudantes que eram extraordinariamente escrupulosos e metódicos em suas observâncias religiosas e deveres escolares. Por isso ficaram conhecidos como os “metodistas” ou do “Clube Santo”. Entre eles estavam o irmão de João Wesley, Carlos, e um estudante pobre de Gloucester, chamado George Whitefield.

**WESLEY NA
GEORGIA**

Poucos anos depois, Wesley foi à Georgia atendendo a um apelo do general Oglethorp, que chamava ministros para a sua nova colônia, na América. Foi uma experiência breve e de pequeno êxito. Por esse tempo Wesley era homem zeloso, severo, de piedade mais ou menos formalista. Mantinha as opiniões da “Alta Igreja” e fazia muita questão de certas observâncias de datas religiosas. Devido a esses conceitos estreitos, desgostou-se um pouco na Georgia.

SUA CONVERSÃO

Ali Wesley veio a conhecer alguns missionários moravianos nos quais descobriu uma alegria e confiança cristãs fora do comum e que ele próprio jamais experimentara. Começou, então, a sentir uma profunda mudança religiosa na sua vida. Voltando depois à Inglaterra, continuou sob a influência de outros moravianos. Esse contato culminou na sua “conversão”, que ocorreu em 1738, durante um movimento religioso em Londres. Naturalmente essa conversão não tem o sentido comum que damos a essa palavra. Mas a verdade é que ele experimentou uma nova compreensão, maravilhosa, da salvação que nos vem por meio da fé em Cristo; e apoderou-se dessa salvação de maneira muito mais intensa do que outrora, de modo que essa experiência foi para ele como um novo nascimento. “Senti que confiei em Cristo, em Cristo somente, para minha salvação, e alcancei grande segurança e a certeza da purificação dos meus pecados, dos meus próprios pecados, e librei-me da lei do pecado e da morte.”

No ano seguinte, Wesley realizou o primeiro trabalho que o firmou como líder do grande reavivamento. Em março de 1739 pregou

ao ar livre a um grupo de gente humilde, desprezada, perto de Bristol, ao qual George Whitefield tinha pregado por algumas semanas. Em 1735, Whitefield tivera uma experiência muito semelhante à conversão de Wesley. Logo depois tornou-se um pregador de notável poder, que atraía grandes multidões para ouvi-lo. Substituiu a Wesley, na Georgia. Durante uma visita à Inglaterra pregou a esses desprezados carvoeiros das proximidades de Bristol. Para ajudá-lo neste trabalho, convidou Wesley.

A partir daí e quase por cinquenta anos, Wesley trabalhou infatigável e tremendamente. A princípio, sua atenção se voltou principalmente para certas classes de pessoas de Bristol, Londres e Newcastle. Em 1742, deu início à sua obra maravilhosa como evangelista itinerante. Por mais de quarenta anos, viajava de quatro a cinco mil milhas a cada ano e pregava cerca de quinze vezes por semana. Visitou toda a Inglaterra e realizou intenso trabalho na Escócia e na Irlanda. Teve de enfrentar muita oposição e algumas vezes ataques da população enfurecida; jamais, porém, esmoreceu diante de qualquer obstáculo. Onde quer que pregasse, organizava as “sociedades” metodistas, que na realidade não passavam de igrejas, embora não fossem reconhecidas como tal. Para cuidar dessas organizações eclesásticas, preparou um grupo de pregadores leigos que muito fizeram para tornar permanentes os resultados da grande obra de Wesley.

Dois outros poderosos cooperadores no reavivamento foram Carlos Wesley e Whitefield. Carlos foi grande e eficiente pregador, mas sua principal contribuição foi dada por meio dos seus hinos, dos quais escreveu cerca de seis mil. Esses hinos eram avidamente recebidos pelas “sociedades” e se constituíam numa inspiração poderosa no movimento de revivificação. Muitos desses hinos alcançaram registro permanente nos hinários ainda hoje existentes em muitas igrejas. Por muitos anos, Whitefield desenvolveu enorme atividade como evangelista itinerante. Não trabalhou com Wesley, pois logo eles se separaram por causa de pequenas diferenças teológicas. Fez longas excursões pelas Ilhas Britânicas e também pela América, a qual visitou sete vezes. Por quinze anos pregou cerca de quarenta vezes por semana. Contam-se casos extraordinários do seu poder como orador sobre os ouvintes. Era diferente de Wesley por ser somente pregador, pois nada realizava quanto à organização do seu trabalho. Todavia exerceu grande influência por meio de suas pregações.

Não obstante serem, tanto os irmãos Wesley como Whitefield, ministros da Igreja da Inglaterra, foram proibidos de pregar em Igrejas oficiais. Por muito tempo o clero anglicano ignorou quase que totalmente o valor e a natureza da grande obra desses pregadores. O alvoroço às vezes provocado pela pregação desses ministros era desagradável para aquela época caracterizada pela moderação e restrição em todas as coisas. O costume deles era pregar em paróquias de outros ministros e isso provocava grandes protestos. Por esse motivo eram expulsos das igrejas e sofriam amarga oposição de muitos clérigos da Igreja oficial.

Não era possível que tão grande movimento deixasse de afetar a vida da Igreja inglesa. Surgiu um partido poderoso, denominado de “Evangélicos”, composto de clérigos e de leigos que haviam sido influenciados pelo movimento revivificador. Tal influência se fazia sentir na religião pessoal, na pregação e em toda a obra ministerial, como também no trabalho dos leigos. Desse grupo faziam parte João Newton, Toplady, o autor de *Rocha Eterna*, e Guilherme Wilberforce, o grande líder abolicionista. Próximo ao fim do século, os “Evangélicos” tornaram-se uma força dominante na Igreja. Em decorrência do fato de muitíssimos deles serem pessoas ricas e altamente colocadas, exerceram grande influência na vida da Inglaterra.

A pregação do Reavivamento não era, como disse Wesley, nada de novo. Era a proclamação da livre graça de Deus em Cristo Jesus, e da salvação livre, gratuita, pela fé no Salvador; era o convite de Deus ao arrependimento e à fé. Os hinos do Reavivamento ensinavam e revelavam essas grandes verdades e o povo as entendia e as aceitava. Entre esses hinos podem ser citados *Jesus, Amado Salvador* (*Jesus, lover of my soul*), *Rocha Eterna* e muitíssimos outros. A velha história e a antiga mensagem, que era desconhecida por muitos na Inglaterra, aparecia agora anunciada com verdadeiros zelo e paixão.

(f) Os Resultados do Reavivamento

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA METODISTA

Um dos grandes resultados do Reavivamento foi a formação de uma nova Igreja, a Metodista. Wesley não havia desejado esse resultado. Tinha muito amor à Igreja da Inglaterra e desejava que todos os convertidos por intermédio do seu trabalho e do trabalho dos seus cooperadores fossem recebidos pela Igreja nacional. A organização da nova Igreja foi algo que foi forçado a aceitar e a reconhecer. Por mui-

tos anos o clero anglicano havia antipatizado com eles e os hostilizado, até que os “Evangélicos” se tornaram bastante fortes em número e influência. Nem mesmo os não-conformistas, isto é, as Igrejas Livres, o apoiavam ou auxiliavam o seu trabalho. Gradualmente ele foi transformando suas sociedades, com os respectivos pregadores, em Igrejas e, em 1784, a Igreja Wesleyana ou Metodista foi definitivamente organizada. Sete anos depois, quando faleceu Wesley, a Igreja contava com 77 mil membros.

Outro resultado ainda maior do reavivamento foi o soerguimento espiritual da Inglaterra, o qual afetou o país tanto em extensão como em profundidade. Milhares de pessoas que antes viviam num paganismo prático, por assim dizer, por causa da negligência da Igreja inglesa, foram arrolados como membros das “sociedades” e se tornaram pessoas inteiramente despertas para a verdadeira vida cristã. Muitas delas pertenciam às classes trabalhadoras, e foi assim que uma poderosa influência espiritual dominou essa parte da sociedade inglesa. Por causa da atividade do grupo “Evangélico”, o Cristianismo foi se tornando progressivamente um poder que se infiltrava nas classes mais altas, como jamais o fora antes, e um alto padrão moral de vida começou a governar a todos. A própria Igreja da Inglaterra e as Igrejas Livres receberam um novo alento e um novo espírito em grande proporção. Forte entusiasmo apoderou-se da vida religiosa da Inglaterra, que afugentava a indiferença e o desinteresse característicos do século 18.

Esse despertar revelou-se de um modo maravilhoso no desenvolvimento das obras sociais de caráter cristão. O amor de Deus, sentido e experimentado com o novo poder que procedia do reavivamento por toda parte anunciado, constrangia os homens ao amor e ao serviço a favor dos seus irmãos. Foi assim que a moderna filantropia ou Serviço Social recebeu seu primeiro e poderoso impulso. A primeira Escola Dominical foi aberta em 1780 por Roberto Raikes, em Gloucester. Foi um dos primeiros passos na educação popular da Inglaterra, como também o começo do movimento mundial das Escolas Dominicais. A Escola de Raikes era destinada às crianças pobres que cresciam na ignorância, e ministrava tanto educação secular como religiosa. A consciência cristã da Inglaterra, despertada por Wilberforce e outros evangélicos, aboliu o comércio de escravos. João Howard dedicou sua vida à reforma das prisões e, auxiliado pela obra de Isabel Fry, deu grande força a essa causa. Foi Wilberforce quem chefiou o movimento e deu o primeiro golpe contra o trabalho dos menores. O

**DESPERTAMENTO
GERAL DA
INGLATERRA**

OBRAS SOCIAIS

**ESCOLA
DOMINICAL**

interesse e cuidado do público a favor dos pobres tornou-se mais compreensivo e mais cheio de amor. Foram fundados muitos hospitais e outras casas de caridade.

**DESPERTAMENTO
MISSIONÁRIO
PARA O MUNDO**

O maior de todos os resultados do reavivamento foi o moderno movimento missionário. Várias influências o estimularam, particularmente as então recentes descobertas no sul do Pacífico, os “Mares do Sul”. Mas sem o impulso para o serviço cristão provocado pelo reavivamento religioso, jamais teria surgido o santo desejo para a obra missionária de além-mar. A grande honra de avivar a obra missionária pertence a Guilherme Carey, sapateiro e pregador leigo batista. A despeito de sofrer oposição e desdém, ele impressionava os seus ouvintes com a visão que tinha de converter o mundo pagão, o mundo que desconhecia Jesus Cristo. Finalmente, em 1792, organizou a Sociedade Batista Para a Propagação do Evangelho Entre os Pagãos. O primeiro missionário foi o próprio Carey, enviado a realizar um nobre trabalho na Índia. O exemplo dos batistas foi logo imitado. A Sociedade Missionária de Londres foi organizada em 1795, principalmente pelos congregacionais, e a Sociedade Eclesiástica Missionária, em 1799, pelos Evangélicos da Igreja da Inglaterra. Os metodistas também organizaram logo os seus trabalhos missionários. Todos os grandes corpos religiosos da Inglaterra sentiram a inspiração missionária ao fim desse século. E tal entusiasmo se espalhou pela Escócia, América e pelo continente europeu.

VI. O PROTESTANTISMO NA ESCÓCIA E NA IRLANDA

(a) Os Pactuantes (*Covenanters*)

Na descrição que neste capítulo fizemos do que ocorreu na Inglaterra, vimos a devoção da Escócia ao Presbiterianismo, manifesto na Liga solene e no grande Pacto. Mas a restauração de Carlos II foi seguida de uma reação, semelhante à que houve na Inglaterra. Em 1661, o Parlamento escocês restabeleceu os bispos na Igreja da Escócia e declarou o rei como chefe da Igreja. Removeu também das suas paróquias muitos ministros que foram substituídos por homens incompetentes. Contra tal atitude houve protesto do povo, que em grande parte abandonou as igrejas para ouvir os ministros expulsos em suas próprias casas ou nas praças públicas. O governo então resolveu forçar o povo a assistir às reuniões nas igrejas, valendo-se de leis opressivas.

**A IGREJA DA
ESCÓCIA
TORNA-SE
EPISCOPAL**

Levantaram-se os *Covenanters* ou Pactuantes, poderoso grupo de pessoas que insistia em permanecer fiel à antiga forma presbiteriana e contrária às interferências do governo nos negócios eclesiásticos. Foi movida contra essas pessoas uma selvagem perseguição, cujo resultado foi torná-las mais firmes. Tal oposição ao governo, afinal, transformou-se em rebelião armada que culminou na batalha da Ponte Bothwell em 1679, onde os rebeldes foram derrotados. Depois disso alguns pactuantes prometeram ficar em paz. Outros, porém, conhecidos como “cameronianos”, por causa de seu chefe, Ricardo Cameron, nem se submeteram nem reconheceram um governo que lhes exigia o que eles próprios consideravam um erro. No leste da Escócia essa gente foi perseguida por toda parte; homens e mulheres preferiam abandonar suas profissões e lares a violar suas convicções quanto ao que julgavam ser a vontade de Deus. O período mais cruel para eles foi o dos “Tempos de Trucidamento” ou *Killing Times*, de 1684 a 1688, quando muitos sofreram nas mãos da terrível Claverhouse e dos seus dragões.

**PACTUANTES
PERSEGUIDOS****DERROTA****MASSACRE**

O fim dessa perseguição veio com a ascensão ao poder de Guilherme e Maria, em 1689. O presbiterianismo foi, então, restaurado na Escócia para nunca mais ser perturbado. Alguns dos “cameronianos” não aprovaram de todo essa restauração, pelo fato de não ter sido feita uma referência especial ao Contrato ou Acordo, que para eles era de tanta importância e estima. Daí eles se recusarem a tomar parte na Igreja reorganizada da Escócia. Deles procedeu a organização que tomou o nome da Igreja Reformada Presbiteriana.

**RESTAURADO O
PRESBITERIANISMO
ESCOCÊS**

(b) O Século 18 na Escócia

A Igreja Nacional que se tornara presbiteriana em 1689 era a Igreja oficial da Escócia, mais do que em nome, pois ela realmente representava as legítimas opiniões e sentimentos religiosos do povo. A grande maioria era presbiteriana e quase todos, exceto uns poucos, faziam parte da Igreja nacional. A união dos Parlametos da Inglaterra e Escócia, em 1707, deixou este último país sem outro parlamento ou qualquer instituição política que lhe fosse própria. A Igreja nacional tornou-se então a grande organização do povo escocês.

**A IGREJA
NACIONAL**

A vida religiosa da Escócia durante o século 18 foi assinalada por indiferença generalizada e por uma inatividade semelhante à que existiu na Inglaterra antes do grande reavivamento. Não havia interesse nem entusiasmo no ministério. Quando Wesley e Whitefield entraram

**DECLÍNIO DA
RELIGIÃO**

no país, sofreram a mesma oposição que experimentaram na Inglaterra. O reavivamento geral na Inglaterra não teve a mesma correspondência na Escócia, que esperou até o século 19 para experimentar o movimento renovador e vivificador. O entusiasmo pelo trabalho missionário afetou também a Escócia, e duas sociedades foram organizadas em 1796. Mas no mesmo ano, a Assembléia Geral da Igreja Escocesa aprovou o indigno ponto de vista de que “espalhar o conhecimento do Evangelho entre os bárbaros das nações pagãs é um absurdo inominável”. Essa Igreja não cuidou das missões até o ano de 1824.

REMANESCENTE
FIEL

Há, porém, um fato a registrar: houve grupos que se opunham a tal espírito, grupos que revelavam mais zelo, mais amor à causa. Não diferiam da Igreja quanto ao governo presbiteriano, mas eram crentes cheios de entusiasmo, pregadores do Evangelho, parecidos com os seguidores de Wesley e Whitefield. Por isso não eram simpatizados pela Igreja Nacional. Fizeram forte oposição ao antigo sistema pelo qual o ministro de uma paróquia não podia ser escolhido pelo povo, mas pelo maior proprietário da paróquia — o “patrono”. Esse era o método adotado na escolha de um ministro na Igreja escocesa. O maior senhor feudal ou proprietário de terras é que decidia sobre a escolha do ministro. Por essa razão, dois grupos consideráveis se separaram da Igreja escocesa e formaram igrejas presbiterianas independentes.

(c) O Presbiterianismo na Irlanda

Durante a primeira metade do século 17, grandes extensões de terra ao norte da Irlanda foram tomadas pelo governo inglês em decorrência do fato de os proprietários se terem rebelado. Os irlandeses que residiam nessas propriedades ficaram desabrigados e emigraram para o sul. Suas propriedades foram ocupadas pelos novos colonos que o governo fez vir da Escócia e da Inglaterra, principalmente daquela. Mais tarde, durante os *Killing Times* ou “Tempos de Trucidamento”, outros escoceses fugiram para a Irlanda. Foi assim que a província do Ulster veio a ser habitada principalmente por escoceses, quase todos presbiterianos. Essa é a origem do povo “escocês-irlandês”. Durante o século seguinte foram terrivelmente maltratados pelos proprietários das terras. Foram também apossados pela Igreja oficial da Irlanda que era Episcopal, como a da Inglaterra. Por isso, entre os anos 1713 e 1775, muitos milhares de escoceses-irlandeses emigraram para a América, onde desempenharam papel notável na formação do povo americano.

QUESTIONÁRIO

1. Quem convocou a Assembléia de Westminster e com que propósito? Quais foram os seus membros? O que fez essa Assembléia?
2. O que eram a Liga e o Pacto Solene? Quem os subscreveu?
3. Por que não foi o presbiterianismo realmente estabelecido na Inglaterra? Como era a situação dos negócios eclesiásticos sob a comunidade?
4. Fale sobre a origem da Sociedade dos Amigos.
5. Fale sobre o governo chefiado pelos puritanos.
6. Por que o povo apreciou a extinção do governo dos puritanos? Que obra permanente realizou o puritanismo na Inglaterra?
7. O que foi a “Grande Expulsão”? Como Carlos II tratou os dissidentes? Como Tiago II veio a perder a coroa?
8. Quais as três decisões tomadas pela Revolução de 1689? Qual a origem dos partidos da “Alta Igreja” e “Baixa Igreja”?
9. Descreva a condição moral e religiosa da Inglaterra no início do século 18.
10. Descreva a juventude de João Wesley e a sua “conversão”. Fale sobre sua obra depois da “conversão”.
11. Fale sobre o trabalho de Carlos Wesley e de George Whitefield. Qual foi o efeito do reavivamento wesleyano na Igreja da Inglaterra?
12. Descreva os seguintes resultados do reavivamento do século 18:
 - a) A organização da Igreja Metodista. Por que Wesley foi levado a organizar uma nova igreja?
 - b) O despertar espiritual generalizado na Inglaterra;
 - c) O Movimento das Obras sociais;
 - d) O despertar para a Obra Missionária.
13. Quem eram os Pactuantes? Como terminaram as suas perseguições?
14. Descreva a vida religiosa da Escócia no século 18. Por que alguns presbiterianos se separaram da Igreja Nacional Escocesa?
15. Qual é a origem do presbiterianismo irlandês?

CAPÍTULO DEZESSEIS

O SÉCULO 19 NA EUROPA

I. O CATOLICISMO ROMANO

(a) O Papado e Napoleão

O século 19 encontrou o papado em grande humilhação. Em 1801, Napoleão, imperador da França, realizou com o papa Pio VII a Concordata, tratado que definia as relações da Igreja Romana na França com o governo. Por esse tratado “a Igreja ficava sujeita ao Estado”, ou pelo menos a ele atrelada e dele dependente. Os termos da Concordata envolviam uma séria perda de autoridade da parte do papa e, de fato, este ficou impotente diante do poderoso Napoleão. Quando o papa, como soberano dos Estados papais, desobedeceu às suas ordens quanto à política européia, Napoleão entrou em Roma com um exército, anexou os Estados papais ao seu império (1809) e aprisionou o papa.

**ESTADO
HUMILHANTE DO
PAPADO**

**O PAPA PRESO
POR NAPOLEÃO**

(b) A Igreja Romana. De 1814 ao Concílio do Vaticano

Após a queda de Napoleão, Pio VII voltou a Roma e os Estados papais foram restabelecidos. Entre os governos europeus de então havia muita simpatia pela Igreja Romana, porque esta era uma força conservadora com relação à política, contrária ao progresso da democracia, como também uma salvaguarda contra movimentos do tipo da Revolução Francesa. Além disso, toda a tendência do pensamento europeu nessa época era reacionária. O que pertencia ao passado era enaltecido em detrimento das tendências do mundo moderno. Tal condição era simpática ao Catolicismo Romano que era uma forma de Cristianismo desenvolvida na Idade Média e, então, como hoje, de caráter substancialmente medieval. De sorte que a Igreja Romana, depois de sofrer certa pressão no século 18 e começos do 19, entrava agora numa fase de reavivamento. Voltando ao seu clima e desenvolvendo todos os seus elementos medievais, enfrentou poderosamente todos os surtos do progresso humano.

**REAVIVAMENTO
CATÓLICO**

O mais importante dos seus elementos medievais era a absoluta supremacia do papa. Uma das mais audazes e significativas vitórias no reavivamento da Igreja Romana foi o restabelecimento, em 1814, da Ordem dos Jesuítas, os fiéis soldados do papa. Principalmente sob a direção deles, foi exaltada a monarquia papal, e forte campanha nesse sentido se espalhou por toda parte dentro da Igreja.

**RESTAURAÇÃO
DO SEU PODER**

Todas essas tendências encontraram sua maior expressão em Pio IX, que viveu o mais longo dos pontificados, de 1846 a 1878. Durante

PIO IX

**PODER PARA
DEFINIR
DOCTRINA**

esses anos, ele moldou a política que a Igreja Romana ainda segue nos dias atuais. Sem dúvida ele acreditava, como qualquer papa da Idade Média, que a plena autoridade lhe pertencia por direito divino. Em 1854, definiu, como matéria de fé, a doutrina da Imaculada Conceição da Virgem Maria, que a Igreja deveria receber sem discutir. Assumiu, assim, o direito de definir e declarar doutrinas, direito que até então havia sido exercido somente pelos concílios gerais. Naturalmente emprestou seu tremendo prestígio à obra em curso, que tinha por escopo engrandecer o ofício papal.

**PAPADO CONTRA
O PROGRESSO**

A hostilidade do papado ao progresso do mundo moderno manifestou-se de vários modos desde o início de século 19 e encontrou sua máxima expressão no *Silabus*, de Pio IX, publicado em 1864. Nesse documento, muitíssimos elementos preciosos das liberdades modernas e da civilização foram denunciados como “erros”, tais como a liberdade de consciência e de culto; a idéia de que a Igreja não deve usar de força para impor a sua vontade; a separação entre a Igreja e o Estado; as escolas livres do controle da Igreja; a regulamentação do casamento pelo Estado; a idéia de o Estado ter maior autoridade do que a Igreja, etc. O sucessor de Pio IX, Leão XIII, afirmou (1878) que as declarações do *Silabus* tinham o cunho da infalibilidade. Portanto, essas declarações tinham de ser aceitas como a legítima expressão do espírito do papado no século 19.

(c) O Concílio do Vaticano**MANIPULAÇÃO
PAPAL**

Foi um concílio geral, o primeiro a se realizar depois do de Trento. A sua convocação e as suas decisões foram o resultado da campanha da exaltação do papado. Foram também o clímax de toda a política de Pio IX. Tudo tinha ele manipulado cuidadosamente, antes e durante o concílio, de modo que este decidisse todas as coisas como ele próprio planejara. O concílio era composto de mais ou menos setecentos bispos. A quarta parte destes se opunha ao bem conhecido propósito do papa e dos jesuítas de assegurarem a infalibilidade papal. Tanto no caráter como na educação, esses homens se constituíam a parte mais poderosa do concílio. A oposição, todavia, foi inútil e os decretos do concílio foram, afinal, sancionados quase por unanimidade, em julho de 1870.

**PODER
ABSOLUTO DO
PAPA**

Entre os decretos, o que se referia à infalibilidade despertou maior atenção. Houve também outra decisão muito importante, a que decla-

rou a autoridade do papa ilimitada e imediata em todas as atividades da Igreja. Essa decisão tornou o papa um monarca absoluto. A declaração da doutrina da infalibilidade papal foi expressa de um modo cauteloso, razão por que têm havido sérias disputas entre os próprios católicos romanos quanto ao que ela significa. Ela não afirma que em tudo o papa é infalível, mas que o “soberano Pontífice Romano quando... define uma doutrina concernente à fé ou à moral, para ser aceita pela Igreja Católica... possui aquela infalibilidade que o divino Redentor desejou que sua igreja possuísse ao definir doutrinas que se relacionassem com a fé e a moral”. Tanto por essa decisão como por aquela que se referia à autoridade do papa, a supremacia papal não poderia ser contestada de modo algum.

**SUA
INFALIBILIDADE**

(d) A Perda do Poder Temporal

A luta por uma Itália livre e unida, que começou em 1848 e continuou até 1860, fez com que o norte e o sul do país ficassem sob o controle de um rei italiano, Victor Emmanuel, do Piemonte. Mas no centro da península estavam encravados os Estados papais. Os líderes patriotas e todo o povo italiano perceberam que a Itália nunca poderia ser unificada enquanto existisse a soberania papal. Pio IX nada quis ceder. Assim o papado colocou-se em oposição aos ideais nacionalistas do povo italiano. Em 1870, Victor Emmanuel, tendo previamente anexado ao reino da Itália grandes extensões dos Estados Papais, entrou em Roma com o seu exército. A própria capital, Roma, foi anexada ao reino com o apoio unânime do povo que a tornou capital do reino da Itália. Assim deixou o papa de ser o governo temporal. O rei da Itália ficou residindo em Roma.

No entanto, os papas jamais reconheceram ao rei qualquer direito sobre Roma. Não obstante serem tratados pelo rei italiano com a maior consideração, e podendo exercer controle absoluto sobre o Vaticano, os papas continuamente protestavam contra tal situação, insistindo em afirmar que a Santa Sé lhes tinha sido expoliada. A partir de 1870, nem um papa quis passar pelas ruas de Roma, pois se o fizesse, dizia-se, seria reconhecer o governo ali existente. O papa permaneceu voluntariamente “Prisioneiro do Vaticano”.

**PRISIONEIRO NO
VATICANO**

(e) A Igreja Depois de 1870

Durante a década de 1870, a Igreja sustentou uma série de disputas com o governo alemão. Alguns católicos romanos liberais, que não

PARTIDO LIBERAL

REAÇÃO DO GOVERNO

concordavam com os decretos do concílio do Vaticano, formaram, em 1873, a Velha Igreja Católica. Esta organização defendia “a fé católica confirmada pelas Escrituras e pela tradição”, mas negava “os dogmas decretados no pontificado de Pio IX”. Reconhecia “o primado do bispo de Roma”, mas rejeitava os poderes dados ao papa pelos decretos do Vaticano. Declarava-se a favor de “uma reforma quanto a vários abusos da Igreja e também de uma restauração dos direitos dos leigos”. Tinha caráter amistoso para com as Igrejas grega e protestante. De início, os intelectuais alemães e sacerdotes foram excomungados e proibidos de ensinar ou officiar nas Igrejas. O governo, reconhecendo como perigoso à segurança do Estado o dogma da infalibilidade, apoiou os dissidentes. Daí originou-se um conflito entre a Igreja e o governo. Foram decretadas leis que restringiam os poderes da Igreja. Esta reagiu sob a liderança de Pio IX. O governo fez prevalecer sua força, adotando medidas severas. Realmente o que estava em jogo aí era a supremacia do Estado. Mais tarde o próprio governo reconheceu que não devia coagir a Igreja, e abandonou a maior parte das leis anti-romanas.

LEÃO XIII**CONCILIADOR**

Pio IX teve como sucessor em 1878 a Leão XIII, homem de alta cultura, notadamente astuto e de muito tato. Sustentou a política fundamental do seu predecessor e manteve as pretensões papais. Opôs-se à separação entre a Igreja e o Estado, defendeu e propagou que a ordem política ideal seria a colaboração do Estado com a Igreja Romana. Mas adotava métodos diplomáticos, especialmente em suas relações com os governos europeus. Seu pontificado de 25 anos foi de tranquilidade e muito vantajoso para a Igreja.

II. O PROTESTANTISMO NO CONTINENTE

(a) A Alemanha

ENFRAQUECIMENTO RELIGIOSO

O início do século 19 encontrou o protestantismo alemão muito enfraquecido. A derrubada dos governos, provocada por Napoleão, tinha sido um golpe muito sério na organização eclesiástica, pois as Igrejas dos Estados protestantes da Alemanha eram igualmente Igrejas oficiais. A vida religiosa continuou sofrendo da fraqueza dominante até o final do século 18.

REAVIVAMENTO

Cedo, porém, surgiu um poderoso avivamento na religião. Com ele veio a reabilitação das organizações religiosas. Em 1817, uma nova Igreja nacional, chamada Evangélica, que incluía luteranos e reformados, foi organizada na Prússia. Este exemplo foi, de modo geral, se-

guido nos outros Estados protestantes da Alemanha. A união, todavia, não foi aprovada pelos luteranos restritos, e alguns deles organizaram Igrejas independentes.

O principal aspecto desse reavivamento foi um grande incremento do estudo da teologia e da Bíblia. Imediatamente a Alemanha começou a exercer poderosa influência no pensamento religioso da Inglaterra e da América. Esta atividade do protestantismo alemão quanto ao lado intelectual da religião e a influência exercida sobre o pensamento religioso em outros países continuaram até à Primeira Grande Guerra.

Em 1873, o governo deu nova constituição às igrejas evangélicas da Prússia, que então dominavam em dois terços do império alemão. Segundo essa constituição, a Igreja era governada por um sínodo geral, sínodos provinciais e sínodos distritais. O controle do Estado, que já existia, tornou-se mais rígido ainda, e de modo algum facilitava a vida das Igrejas. Em diversos Estados protestantes, a situação quanto à organização era a mesma existente na Prússia. Havia também Igrejas reformadas e luteranas separadas e outras denominações protestantes. De um modo geral, pode-se dizer que os grupos protestantes e romanos da Alemanha, em 1900, eram mais ou menos os mesmos da época do final da Guerra dos Trinta Anos. Naquele ano, 62% da população do país eram protestantes e 36% eram católicos romanos.

(b) A França

Napoleão colocou o protestantismo na mesma base do catolicismo romano, isto é, ambos recebiam auxílio do governo e estavam sob o seu controle. Fortificaram-se, assim, as duas Igrejas: A Reformada e a Luterana. A primeira, muito maior, continuou seguindo as diretrizes dos huguenotes. Pelo meio do século surgiu uma divisão na Igreja Reformada. Depois de um reavivamento generalizado do Cristianismo Evangélico, um número considerável de leigos e ministros se separaram e formaram igrejas independentes do controle estatal. Perto do fim do século, as Igrejas Reformadas oficiais divergiam teologicamente e separaram-se em dois sínodos. Assim, no começo do século, o protestantismo francês estava obstando dividido. No entanto, a sua vida religiosa era vigorosa e muito ativa. Havia cerca de 650 mil protestantes, número pequeno, porém muito influente na vida nacional.

**UNIÃO
DISSIDÊNCIA**

**O ASPECTO
INTELLECTUAL DA
RELIGIÃO**

**GOVERNO
ECLESIASTICO**

**UNIÃO
REFORMADA
LUTERANA
SEPARAÇÃO NA
IGREJA
REFORMADA**

(c) Holanda, Suíça, Escandinávia, Hungria

Na Holanda, a Velha Igreja Reformada, organizada no século 16, ainda era a Igreja oficial, embora praticamente independente. No meio do século 19, como aconteceu na França, houve um forte reavivamento evangélico, e os que foram por ele atingidos ficaram descontentes com o ensino da Igreja oficial. Organizaram uma Igreja livre que tomou o nome de Cristã Reformada, a qual, já ao fim do século, tinha-se tornado muito forte. Havia muitas igrejas protestantes pequenas e um número considerável de igrejas católicas.

Na Suíça, a vida religiosa continua a ser regulada pelos Cantões, separadamente, como tinha sido desde a Reforma, exceto quando, em 1874, a constituição federal garantiu plena liberdade de consciência e de culto. O catolicismo e o protestantismo tinham mais ou menos o mesmo número de adeptos no país, como no século 16, mais de três quintos protestantes, os demais católicos. Cada Cantão tinha sua própria igreja ou igrejas estabelecidas, isto é, oficiais, pois em alguns cantões tanto o protestantismo como o romanismo eram oficialmente reconhecidos. Em outros cantões foram organizadas, durante o século, algumas Igrejas livres, em parte devido ao reavivamento evangélico, como os que se verificaram na França e na Holanda. Na Dinamarca, na Noruega e na Suécia, a Igreja Luterana permaneceu oficializada, como ao tempo da Reforma. Quase todos os habitantes desses países pertenciam a essa Igreja, mas todos eles gozavam de plena liberdade religiosa. Mais de um quinto da população húngara era protestante. Deste, um terço era luterana e os demais, quase todos da raça magiar, eram calvinistas.

III. O PROTESTANTISMO NA GRÃ-BRETANHA

(a) A Inglaterra

Verificaram-se três grandes movimentos na vida religiosa da Inglaterra durante o século 19, e que ainda são poderosos. Podemos chamá-los de: (1) o Evangélico; (2) o da Igreja Ampla ou Liberal; e (3) o Movimento Anglo-Católico. Todos eles têm exercido muita influência na vida religiosa americana.

1. O Movimento Evangélico

SUA FORÇA

No início do século, o Movimento Evangélico foi o de maior poder na vida religiosa da Inglaterra. Foi uma continuação da influência do reavivamento do século precedente. Era representado na Igreja In-

glesa pelo partido Evangélico, constituído dos mais eminentes ministros e leigos, e dominavam o grupo das Igrejas Livres (ou não-conformistas). A religião pessoal e a vida eclesiástica desenvolveram-se ao máximo em virtude do fervor e do entusiasmo resultante do reavivamento. As obras de filantropia e o trabalho missionário encontraram a mais alta expressão prática nessa época.

As características notáveis do Movimento Evangélico eram duas: eficiente e agressiva atividade no serviço cristão e intensa piedade pessoal. Um exemplo disso temos em Wilberforce, cuja grande obra pertence ao século anterior a este de que tratamos. Profunda devoção e sincera piedade e interesse pela Bíblia foram outras características dos Evangélicos. Não obstante haver homens de notável cultura entre eles, os Evangélicos não estavam principalmente interessados em assuntos teológicos. O seu objetivo principal era o uso das verdades cristãs e a vida de piedade acima das doutrinas. As idéias religiosas a que davam maior ênfase no reavivamento do século 18 eram: o amor de Deus em Cristo, a Salvação mediante a fé, a expiação realizada por Cristo e o novo nascimento ou a necessidade de regeneração.

Os evangélicos da Igreja da Inglaterra eram totalmente leais à sua Igreja e aceitavam o seu governo episcopal. Muitos, porém, desejavam cooperar com os não-conformistas, com os ministros e Igrejas destes últimos. O interesse fundamental dos Evangélicos não estava na Igreja com seus ritos e organização. Consideravam a pregação do Evangelho mais importante do que os sacramentos. Não dispensavam muita atenção ao ritualismo. Mantinham, assim, a posição do antigo partido da "Igreja Baixa". Eram legítimos protestantes, que colocavam a Bíblia acima do ensino da Igreja.

O Movimento Evangélico continuou a ser a maior força religiosa na Inglaterra por todo esse século. Criou uma vida religiosa pessoal de profundo zelo, uma consciência sensível aos males nacionais, zelo e interesse pelo bem público, muitíssimas obras de caridade e um interesse sempre crescente pelo trabalho missionário. Dentro da Igreja da Inglaterra, ao fim desse século, o espírito evangélico era menos intenso do que no início do mesmo, não obstante ainda ser bastante vigoroso. Nas Igrejas livres, tal espírito era a influência dominante da vida dessas igrejas.

2. O Movimento Liberal

O principal objetivo da Igreja Liberal ou "Igreja Ampla" foi a procura por uma melhor compreensão da verdade religiosa. No come-

**SEU CARÁTER
RELIGIOSO**

**VIDA CRISTÃ
ACIMA DA
DOUTRINA**

**DESINTERESSE
PELOS RITOS**

**VIDA RELIGIOSA
PESSOAL E
PROFUNDA**

**MOVIMENTO
TEOLÓGICO
PROGRESSIVO**

ço do século houve um reavivamento quanto ao estudo teológico, ocasionado principalmente pela influência da teologia e da filosofia alemãs. Homens realmente cultos dedicaram-se com entusiasmo ao estudo da Bíblia, da história eclesiástica, da doutrina cristã e de tudo quanto se relacionasse com a teologia. O espírito dessas pesquisas foi um forte desejo da verdade e um anseio intenso de se livrar das velhas idéias que não fossem provadas verdadeiras. Em uma palavra, foi um movimento teológico progressista.

**ÊNFASE AO LADO
PRÁTICO DA
RELIGIÃO**

Seus líderes, todavia, eram todos muitos zelosos e exigentes quanto ao lado moral da religião.¹⁷ Eles defendiam um maior conhecimento da verdade evangélica para que por esse conhecimento se alcançasse uma vida cristã mais real. Alguns deles foram os primeiros a ter uma visão do Cristianismo Social, isto é, que o Cristianismo deveria reger a vida comum dos homens, nos negócios e no trabalho, como nas demais relações humanas.

**LÍDERES
MÁXIMOS**

Alguns líderes desse movimento foram F. D. Maurício, grande teólogo; Thomas Arnold, historiógrafo e mestre de Rugby; Frederico Robertson, o grande pregador; Carlos Kingsley e os bispos Lightfoot e Westcott. Um dos melhores exemplos do espírito desse movimento foi o Deão Stanley, muito querido e honrado, tanto na Inglaterra como na América.

**RESULTADOS
POSITIVOS**

O Movimento Liberal prosseguiu com muita força durante o século, tanto nas Igrejas oficiais como nas livres. Produziu muitas obras de doutrina e erudição, de pesquisas profundas do pensamento filosófico, e inspirou muito vigor espiritual e cultura à vida religiosa da Inglaterra. Espalhou e alicerçou a confiança e o princípio de que o Cristianismo nada tem a temer quanto ao desenvolvimento da cultura e do pensamento humano. Em outras terras de língua inglesa, particularmente na Escócia e na América, o movimento exerceu muita influência, ativando o pensamento e as pesquisas em todas as questões religiosas.

3. O Movimento Anglo-Católico

**PAPEL DA
"ALTA IGREJA"**

O movimento Anglo-Católico de Oxford foi, em certo grau, um reavivamento das idéias do antigo partido da "Alta Igreja", da Igreja Inglesa. Em outros aspectos mais importantes, foi um novo impulso produzido pelas condições políticas e religiosas da época. Na Inglaterra, a fúria e o morticínio da Revolução Francesa tornaram muita gente

¹⁷ O nome "Igreja" veio do fato de esses homens desejarem que se exigisse para admissão na igreja não a fé ortodoxa, mas o caráter cristão.

receosa quanto ao crescimento do poder do povo. Generalizou-se um espírito de conservantismo, muito preso ao passado e temeroso das mudanças políticas. Mas, nos anos que se seguiram a 1830, o movimento democrático foi a aprovação da Reforma Constitucional que tornou a Casa dos Comuns muito mais representativa do povo. Disso resultou, naturalmente, que o povo veio a ter maior poder sobre a Igreja da Inglaterra, visto que esta era governada pelo Parlamento. Ao mesmo tempo, outras leis retiraram da Igreja Nacional alguns dos seus privilégios. Além disso, o Movimento Liberal fez com que homens da Igreja alterassem algumas de suas próprias idéias teológicas e rejeitassem partes dos ensinamentos eclesiásticos. Alguns elementos da Igreja Anglicana sentiram que essas mudanças eram muito perigosas à Igreja e, portanto, ao Cristianismo da Inglaterra e à vida nacional inglesa.

Assim julgava um grupo de moços notáveis da Universidade de Oxford. Os mais destacados dentre eles foram: João Keble, membro do colégio Oriel, e João Henrique Newman, vigário da capela da universidade, os quais exerciam influência e dispunham de poder em Oxford, tanto por sua personalidade como por sua pregação. Depois juntou-se-lhes Edward Pusey, professor de hebraico, um dos homens de maior influência em Oxford. Profundamente religioso e de grande influência eclesiástica, ficou temeroso do que pudesse acontecer à Igreja. Julgaram esses homens que esta se achava em perigo de ser invadida por mudanças políticas e teológicas, especialmente aquelas. O meio de enfrentar a situação, pensavam eles, era espalhar idéias corretas sobre a natureza da Igreja. Criam eles que se o povo se convencesse de que a Igreja era realmente uma instituição divina, estaria pronto a defendê-la.

De comum acordo, esses homens de Oxford começaram, em 1833, a publicar os famosos *Folhetos Para os Tempos Atuais*, em que divulgavam o que julgavam ser idéias corretas sobre a Igreja. Davam grande ênfase à sucessão apostólica dos bispos e à autoridade dada por Deus à Igreja para ensinar a verdade e governar os homens. Afirmavam esses mestres que os ensinamentos da Igreja, quanto ao seu valor, eram iguais ou superiores aos da Bíblia. Insistiam muito nos sacramentos, aos quais atribuíram virtudes salvadoras. Apresentavam como ideal a Igreja Cristã dos primeiros séculos, que deveria ser imitada. “Naquele tempo”, diziam eles, “a igreja cristã era indivisa, católica e congregava todos os cristãos. Ensinava a verdade e governava os homens com autoridade. Possuía em toda parte seus bispos que ordenavam os ministros. Observava rigidamente os sacramentos”. Conquanto muitas

**PAPEL DO
MOVIMENTO
LIBERAL**

**LÍDERES DE
OXFORD**

**RECEIO DE
MUDANÇAS
POLÍTICAS
TEOLÓGICAS**

**“FOLHETOS PARA
OS TEMPOS
ATUAIS”**

dessas idéias fossem fantasiosas, os que as disseminavam criam nelas entusiasticamente. Eles se consideravam católicos no sentido de estarem de acordo com o primitivo Cristianismo católico (universal). Recusavam o nome de protestante porque este se referia à divisão da Igreja.

CONCEPÇÃO SOBRE O CULTO

Nesse movimento, o culto público tornou-se uma parte excessivamente importante da religião. Os seus adeptos insistiam em que houvesse culto diário nas igrejas e freqüente celebração da eucaristia. Criam, com muito fervor, no valor religioso dos atos simbólicos do culto, tais como os movimentos em direção ao altar, as genoflexões, a queima de incenso, o mobiliário e os ornatos simbólicos, as velas no altar, o uso da cruz e ricos paramentos para o clero. Eles também criam que o culto divino deveria ter a maior beleza possível, o que era conseguido pelo uso de todas as faculdades que Deus concedeu ao homem, tanto com a música como com a arquitetura e pintura.

CONVERSÕES AO CATOLICISMO

Era óbvio que as idéias desses “Folhetistas” anglo-católicos levariam muitos deles à Igreja Romana. Tal tendência e afinidade foram apresentadas pelo fulminante e célebre *Folheto* número 90, escrito por Newman, em 1841. Ele sustentava que os nove artigos que constituíam o Credo da Igreja da Inglaterra não eram necessariamente protestantes. Isso significava afirmar que um homem podia ser praticamente católico romano e ainda permanecer na Igreja da Inglaterra. Em decorrência da condenação geral desses pontos de vista, alguns dos mais extremados “Folhetistas” chegaram à conclusão de que era impossível ser “católico” e não católico romano, e por isso passaram-se para a Igreja Romana. Dentre estes, o mais eminente foi Newman, que depois foi feito cardeal. Durante os anos de 1845 a 1851, algumas centenas de clérigos anglicanos, inclusive muitos elementos da Universidade de Oxford, seguiram o mesmo caminho.

A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO NA IGREJA INGLESA

A grande maioria dos “Folhetistas”, todavia, permaneceu na Igreja Anglicana. A partir dos meados do século 19, essas idéias foram cada vez mais sendo adotadas pelo clero e laicato anglicanos. A religião tornou-se mais restrita à Igreja e aos sacerdotes, mais sacramental. Foi exaltada a autoridade do ensino da Igreja. Insistiu-se muito na observância escrupulosa dos ritos e fez-se grande propaganda de uma doutrina muito elevada dos sacramentos. Muitos ministros passaram a ouvir confissões. O culto em muitas igrejas tornou-se ainda mais ritualista e cheio de artifícios. Da preocupação com a beleza do culto resultaram importantes melhoramentos na arquitetura, na decoração e na música nas igrejas.

Os nomes “Folhetistas” e “Oxford”, dados a esse movimento, foram substituídos por “anglo-católico”. Anglo-católicos eram anglicanos que consideravam a identidade e a unidade da sua Igreja com a Igreja católica universal e procuravam conduzir sua Igreja à conformidade com a doutrina, com o culto e ritos religiosos primitivos. Na prática, muito se aproximavam da Igreja Ortodoxa, e mais ainda dos métodos da Igreja Romana. Os anglo-católicos, porém, não aceitavam a supremacia do papa.

ANGLO-CATOLICISMO

Esse movimento provocou um real reavivamento da religião e das obras sociais em muitas partes da Igreja da Inglaterra. Alguns dos seus mais devotados ministros foram os anglo-católicos. Ele também desenvolveu o formalismo religioso e certas práticas de tal modo que se aproximavam da superstição. Manteve a separação entre as Igrejas Anglicanas e as Igrejas Livres, pois a insistência anglo-católica quanto à necessidade de bispos, na sucessão apostólica, impedia o reconhecimento das Igrejas Livres como igrejas, e as Igrejas Livres, por sua vez, protestavam contra essas tendências romanistas.

OS RESULTADOS

No protestantismo de língua inglesa, de modo geral, o movimento despertou uma idéia mais séria e mais digna sobre a Igreja, uma apreciação mais alta do culto e uma seriedade maior nos atos de adoração e louvor. A vida eclesiástica americana muito lucrou com todos esses movimentos.

**DESPERTAMENTO
PROTESTANTE**

4. As Igrejas Livres

Um dos resultados principais da vida religiosa na Inglaterra durante esse século foi o desenvolvimento das Igrejas Livres: Batistas, Congregacionais, Metodistas, Presbiterianas, Sociedade dos Amigos e outras comunidades menores. Todas elas cresceram em número até que em 1900 tinham tantos membros quanto a Igreja Anglicana. Essas Igrejas foram bastante fortalecidas pelo considerável desenvolvimento dos seus membros na cultura intelectual, em posições importantes na vida nacional e nas riquezas. Elas organizaram importantes instituições educacionais. Seu ensino era de caráter evangélico, mas também partilharam das vantagens intelectuais e espirituais do movimento liberal e sofreram alguma influência dos anglo-católicos, tanto no culto como no pensamento religioso. Mantinham uma vida eclesiástica muito vigorosa por meio de um ministério de alto tipo; trabalhavam muito ativamente no país e cuidavam da obra missionária. Exerciam notável influência na política em virtude de sua consciência esclarecida quan-

**SUA
PARTICIPAÇÃO
NA VIDA
NACIONAL E SEU
CRESCIMENTO**

to à justiça social. As Igrejas Livres tinham organizações em comum, nacionais e regionais, que fizeram aumentar a sua influência. A posição dessas igrejas no Cristianismo da Inglaterra e do mundo era bem maior em 1900 do que em 1800.

(b) A Escócia

1. O Despertamento Religioso

A apatia religiosa do século 18, na Escócia, foi em grande parte eliminada por um despertar espiritual surgido nos primeiros anos do século 19, devido principalmente à influência do reavivamento da Inglaterra. A experiência do grande Thomas Chalmers bem o ilustra. Seu ministério, a princípio, era formal e sem vida. Seu interesse maior era pelos próprios estudos e não pela situação espiritual do seu povo. Mas operou-se nele uma revolução espiritual. A sua fé foi aprofundada e fortalecida, e ele, então, foi possuído de grande entusiasmo e consagração a Cristo. Tornou-se um pastor dedicado e pregador poderoso do Evangelho. E fenômeno semelhante verificou-se em muitos ministros da Escócia.

Esse novo espírito verificou-se na própria vida da Igreja da Escócia. Foram organizadas novas paróquias e construídos novos templos para atender ao crescimento das populações das cidades, onde muita gente vivia um verdadeiro paganismo por causa da negligência das Igrejas. A Igreja despertou e compreendeu os seus deveres missionários, e, em 1829, mandou à Índia Alexandre Duff, nobre líder do tipo elevado de missionários escoceses.

2. Descontentamento — Rompimento

O reavivamento religioso foi em grande parte a causa de uma revolta na Igreja da Escócia contra o sistema do “Patrocínio Leigo” (indicação do ministro por um poderoso proprietário). Uma vida espiritual mais profunda nas igrejas levou muita gente a opor-se a tal sistema, que permitia que um ministro fosse escolhido por um homem que podia ser ou não membro da igreja, ou mesmo por um indivíduo sem religião. Outra causa da revolta foi o movimento democrático, já forte na Escócia e em toda parte da Europa. O sentimento sempre crescente dos Direitos do Homem inspirou um desejo generalizado de que o próprio povo escolhesse seus próprios ministros.

A revolta contra o “patrocínio leigo” tomou vulto em 1834 com a aprovação, pela Assembléia Geral, do veto, o qual consistia em que,

THOMAS
CHALMERS

ALEXANDRE DUFF

DIREITOS DO
HOMEM

se a maioria dos chefes das famílias numa paróquia discordava da nomeação do ministro feita pelo “patrono”, o presbitério podia recusar-se a instalá-lo. O assunto foi levado às cortes civis e a decisão foi contrária ao veto. Assim, a lei determinava que a Igreja da Escócia não tinha liberdade de escolher seus próprios ministros. Para muitos, na Igreja, essa situação era intolerável. Só havia uma saída: abandonar a Igreja oficial.

**DISTÚRBIO DA
IGREJA DA
ESCÓCIA**

Foi assim que se verificou a “Cisão” de 1843. Mais de um terço dos seus ministros e milhares de membros deixaram a Igreja da Escócia e organizaram a Igreja Livre. Entre esses estava a maioria dos ministros e dos leigos mais espirituais e mais consagrados de todo o país. Os seus líderes foram realmente os mais dedicados ministros. A Igreja por eles organizada era presbiteriana, tendo o mesmo credo e governo da Igreja que tinham deixado.

“CISÃO”

IGREJA LIVRE

3. As Igrejas da Escócia Após a Cisão

Em virtude do esplêndido trabalho organizado por Chalmers e da extraordinária generosidade do seu povo, a Igreja Livre, logo ao iniciar-se, estava muito bem provida de recursos. Por toda parte havia congregações e presbitérios. Em quatro anos, mais de setenta igrejas foram construídas. No primeiro ano foi fundada uma Escola Teológica. Todos os missionários da Igreja escocesa, exceto um, uniram-se à Igreja Livre que logo assumiu a manutenção deles. Através de toda a sua história, a Igreja Livre sempre manteve seu alto padrão quanto ao zelo e habilidade de seu ministério, sua cultura religiosa, seu trabalho cristão no país, seu espírito de justiça social, suas missões e seu pensamento religioso progressivo.

**DESENVOLVIMENTO
DA IGREJA LIVRE**

Para a Igreja oficial, a cisão foi também um estímulo. Reuniu suas forças e entrou num período de grande atividade e crescimento. Em 1874, foi abolido o “patrocínio leigo”, e as Igrejas puderam escolher seus ministros. A Igreja, assim, alcançou a simpatia popular e foi a causa do seu crescimento em número e influência nas suas variadas atividades.

**DESPERTAR DA
IGREJA DA
ESCÓCIA**

Logo após a cisão, foi organizada outra Igreja presbiteriana na Escócia. No século 18, duas Igrejas tinham sido organizadas pelos que se separaram da Igreja oficial. Em 1847, uma dessas e duas outras que surgiram de disputas posteriores se reuniram e formaram a Igreja Presbiteriana Unida da Escócia.

**IGREJA
PRESBITERIANA
UNIDA**

Foi desse modo que três fortes Igrejas presbiterianas existiram e militaram na Escócia na segunda parte do século 19. Por essa época desenvolveu-se forte desejo da união entre os protestantes. A partir de

**IGREJA UNIDA
LIVRE**

1890 trabalhavam juntas as Igrejas Livre e a Unida, e em 1900 elas se uniram e tomaram o nome de Igreja Unida Livre da Escócia.

IV. AS MISSÕES E O CRISTIANISMO EUROPEU

Seria necessário uma obra volumosa para apresentar um mero esboço da história das Missões Cristãs no século 19, durante o qual o Cristianismo expandiu-se mais larga e rapidamente do que em qualquer outro tempo da sua história. O contato da Europa com a Ásia, a África e os Mares do Sul (Pacífico), e o domínio das nações européias sobre essas partes do mundo, aumentavam constantemente durante esse século, e por isso se verificou grande progresso do Cristianismo. Quanto aos episódios da sua expansão entre os povos pagãos, os livros que tratam das modernas missões devem ser consultados. Não há espaço aqui para que sejam relatados os rasgos e a extraordinária epopéia da obra missionária em todos os quadrantes da terra. Passaremos a expor apenas alguns fatos.

INGLATERRA

O movimento missionário moderno começou, como vimos, na Inglaterra nos fins do século 18. Ali, durante o século 19, tornou-se ainda mais poderoso. A Igreja da Inglaterra teve duas sociedades de muita influência nesse trabalho: a Sociedade Missionária Eclesiástica e a Sociedade Para a Propagação do Evangelho. A primeira representava os elementos da Baixa Igreja, e a última os da Alta Igreja. Todas as Igrejas Livres tinham importantes agências missionárias. Muitas sociedades não-denominacionais, inglesas, como a Missão do Interior da China, organizada em 1865, não somente sustentaram trabalho missionário, mas cooperaram para a divulgação da Bíblia e da literatura cristã. A obra dessas sociedades, já tão espalhada, foi ainda mais desenvolvida depois de 1850 com a abertura de trabalhos no Japão, na China, na Índia e na África, numa escala muito maior, e depois fortalecida pelo reavivamento missionário a partir de 1870. Ao fim do século, as sociedades inglesas expandiram e desenvolveram sua obra missionária.

ESCÓCIA

A obra missionária surgiu na Escócia no início do século 19 como corolário do seu despertar religioso, e desde então tem-se fortificado cada vez mais. Nenhuma outra missão foi mais devotada, mais generosamente mantida e mais inteligentemente dirigida do que as escocesas.

ALEMANHA

A Alemanha protestante sentiu logo cedo o contágio do reavivamento religioso iniciado na Inglaterra. Em 1822, a Sociedade da Basi-

léia foi organizada, e, pelo meio do século, seis outras organizações missionárias estavam operando, a maioria delas sem caráter denominacional. A Sociedade Holandesa para a Propagação do Cristianismo começou a enviar missionários em 1817, e várias outras organizações semelhantes surgiram depois.

HOLANDA

Os protestantes franceses iniciaram o trabalho missionário em 1824 e antes de 1850 várias sociedades missionárias são organizadas na Suíça e nos três países Escandinavos. Assim, pelo meio do século 19, o protestantismo continental havia acordado para a obra missionária e realizava um trabalho que desde então vem se desenvolvendo cada vez mais.

**FRANÇA, SUÍÇA,
ESCANDINÁVIA**

O entusiasmo missionário moderno não se limitou ao protestantismo. A Igreja Romana, que mantinha muitos trabalhos no campo missionário enquanto o protestantismo não havia despertado para essa obra, foi estimulada a maiores esforços. Como as Igrejas protestantes, a Igreja Romana aproveitou muitas oportunidades e iniciou trabalho missionário em várias partes do mundo.

IGREJA ROMANA

QUESTIONÁRIO

1. O que motivou um reavivamento na Igreja Romana no início do século 19?
2. Como se desenvolveu o poder papal durante esse século?
3. Qual foi a atitude do papado com relação ao progresso e à liberdade durante esse século?
4. Descreva a união dos protestantes alemães em 1817.
5. Qual era a situação do protestantismo francês?
6. Fale sobre as opiniões e a vida religiosa dos “Evangélicos” na Inglaterra. Qual foi o resultado desse movimento? Fale do movimento liberal inglês.
7. Qual a origem do movimento “Folhetista”? Quais eram os ensinamentos dos “Folhetos”?
8. Qual a relação entre o movimento Folhetista e o Catolicismo Romano?
9. Qual foi a influência do movimento Anglo-Católico, tanto na Inglaterra como fora dela?
10. Descreva o progresso das Igrejas Livres da Inglaterra durante esse século.
11. Descreva a cisão da Igreja da Escócia e a história das Igrejas Livres.
12. Descreva o despertar missionário na Inglaterra e na Escócia. Até onde se generalizou, no continente, esse despertar?

CAPÍTULO DEZESSETE

O SÉCULO 20 NA EUROPA

I. HISTÓRIA POLÍTICA ATÉ 1935

Neste capítulo faremos apenas referências a certas modificações políticas e sociais que resultaram da Primeira Grande Guerra e afetaram de modo vital a posição do Cristianismo.

Durante a Guerra, em março de 1917, rebentou a Revolução Russa. Derrubada a monarquia, o país caiu nas mãos dos extremistas do Bolchevismo, que era uma ala do partido socialista. Logo no início de 1920, a partir da Rússia, foi organizada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), governada pelo partido comunista, cujo chefe, Lenin, veio a ser o primeiro ditador. Quando faleceu, em 1924, foi sucedido por Stalin. A indústria, a agricultura e a educação em geral passaram a ser dominadas e orientadas segundo o programa e o propósito do Partido que, afinal de contas, exercia um governo absoluto indiscutível sobre todos os aspectos da vida na URSS, o que fazia do Estado verdadeiro objeto de culto de todos os seus povos.

RÚSSIA

Na Alemanha, o regime imperial foi varrido por uma revolução popular, já nos últimos dias de guerra. Em novembro de 1918, foi proclamada a República alemã; em 1919, aprovou-se a chamada constituição de Weimar. A república permaneceu em segurança até 1930. Sobreviveu ao caos econômico depois de 1920 e passou por uma época de prosperidade depois de 1924. O início do declínio econômico em 1926 deu oportunidade ao Partido Nacional Socialista ou Partido Nazista, dirigido por Adolf Hitler, de assumir a liderança política. Em 1933, esse partido, por meio da propaganda e da violência, assumiu o controle do governo e Hitler tornou-se ditador. A doutrina nazista sobre o Estado totalitário foi posta em prática, e, segundo a mesma, o Estado é supremo; a ele todos os cidadãos deviam prestar obediência absoluta, desaparecendo assim a liberdade e a democracia. Todos os partidos políticos, exceto o nazista, e todas as organizações trabalhistas, exceto a estabelecida pelo Estado, foram abolidos. Toda oposição foi esmagada por uma perseguição implacável. Foi lançado um grande programa a fim de tornar a Alemanha poderosa com um objetivo em vista: conseguir, mesmo se pela guerra, a anexação de novos territórios e o poder político econômico internacional.

ALEMANHA

Na Itália, a Primeira Grande Guerra foi seguida pela desorganização da Indústria e do Comércio, pela queda do câmbio, pelo desemprego em larga escala e pela miséria por toda parte. Como resultado de tudo isso, grupos revolucionários provocaram ainda maior confusão.

ITÁLIA

Surgiu, então, um partido que se propunha a manter a ordem e fortalecer o país — o Partido Fascista, do nome *fascio* (o machado rodeado por um feixe de varas, símbolo da antiga autoridade do cônsul romano). O chefe dinâmico era Benito Mussolini. O Partido conseguiu o domínio total do país em decorrência da sua organização e pelo uso das armas e da violência. Em 1922, Mussolini levou a efeito a marcha sobre Roma, com um exército fascista; apoderou-se do governo e o rei teve de submeter-se. Tornou-se, então, ditador e tratou de consolidar seu poder, até que, em 1928, foi eleito um completo Parlamento Fascista no qual só os fascistas tinham direito ao voto. A vida toda do país foi organizada em bases totalitárias, ou seja, sujeição absoluta ao Estado.

Como na Alemanha, o totalitarismo visava à glorificação do país, e a guerra tinha, como último objetivo, a consolidação do poder nacional. Foi assim que a Rússia, a Itália e a Alemanha criaram uma nova religião: o culto ao Estado.

Ao fim da guerra, cinco países foram criados ou restaurados nas fronteiras da Rússia: Polônia, Finlândia, Letônia, Estônia e Lituânia. Em lugar do império Austro-Húngaro, apareceram a Áustria e a Tchecoslováquia. À Sérvia e à Romênia foram anexados certos territórios do seu primitivo império, e a Sérvia tomou o nome de Iugoslávia. A França recebeu a Alsácia e a Lorena, da Alemanha. A Polônia recebeu da Alemanha um pequeno território.

CULTO AO
ESTADO

ANEXAÇÃO
POLÍTICA

II. HISTÓRIA RELIGIOSA

(a) Catolicismo Romano

1. O Modernismo

Um acontecimento significativo na história da Igreja Romana, no início do século XX, foi o Movimento Modernista e a sua supressão. Esse movimento surgiu depois de 1890; consistia, então, na aplicação da cultura ao estudo da Bíblia e da história eclesiástica, por homens que se rebelaram contra os métodos medievais impostos por Pio IX e Leão XIII. Esse movimento tomou um caráter teológico progressista. Os modernistas não eram protestantes, mas sustentavam que a vida intelectual da Igreja deveria expressar-se livremente. O Modernismo era favorável à liberdade religiosa e à separação entre Igreja e Estado. Em 1900, esse movimento espalhou-se pela Itália, França, Alemanha e Inglaterra. Eram numerosos os jornais, livros e revistas que expressavam e publicavam suas idéias.

Pio X, em 1907, deu início à campanha contra esse movimento. As publicações, o ensino e os estudos foram limitados e supervisionados pela Igreja com suas disciplinas e ameaças. O ilustre francês Loisy foi excomungado e virtualmente o foi o teólogo irlandês, George Tyrrell. Lançando mão de todos os meios possíveis, a Igreja Romana conseguiu sufocar esse movimento, pelo menos em sua propaganda aberta, embora o mesmo continuasse secretamente, mas sem expressão.

SUA EXPRESSÃO

2. *Relações do Papado com os Estados Europeus*

Nos fins do século 19, depois da luta por causa das leis anti-romanas, teve início um período de regular entendimento entre o governo alemão e o papado, que se acentuou durante a Primeira Grande Guerra, depois da qual a influência romana cresceu ainda mais na Alemanha. Mas o aparecimento do Estado Totalitário de Hitler criou uma situação inteiramente nova. A determinação estatal de controlar totalmente a vida do país era intolerável para a Igreja. Depois de muitas lutas e franca controvérsia, durante a qual muitos clérigos denunciaram abertamente a pretensão do governo nazista de autoridade ilimitada, realizou-se uma Concordata em 1933, entre Pio XI e o governo. Esse documento, por certo tempo, pareceu ser uma base para a harmonia. Mas logo rebentou de novo o conflito, e pelas alturas de 1935, as relações entre o papado e o governo alemão eram, sem dúvida, de hostilidade, embora não se verificasse rompimento definitivo. Na França, a oposição à Igreja Romana levantou-se na última parte do século 19, porque nos primeiros anos da Terceira República, isto é, a partir de 1870, a Igreja era favorável a uma monarquia. O sentimento anticlerical cresceu em decorrência das enormes riquezas das ordens monásticas e da forte influência que exerciam por meio de suas escolas. Em 1901, a Lei das Associações Religiosas exigiu que todas as ordens pedissem licença ao Estado para funcionar, e proibiu que os membros de ordens licenciadas ensinassem. Como resultado, muitas ordens abandonaram o país, e a educação caiu inteiramente nas mãos das escolas oficiais do Estado, isto é, das escolas leigas.

ALEMANHA

FRANÇA

A controvérsia surgida por causa dessa lei, entre Pio XI e o governo, provocou a hostilidade popular contra a Igreja; o resultado foi a separação entre a Igreja e o Estado, em 1905. O governo denunciou a concordata feita com o papado em 1801. Acabou com o auxílio que dava às igrejas e extinguiu a autoridade do Estado sobre elas. As grandes propriedades sobre as quais a Igreja Romana exercia domínio des-

SEPARAÇÃO DA
IGREJA E DO
ESTADO NA
FRANÇA

de a Revolução foram transferidas para o Estado. A Igreja não podia desfrutar livremente dessas propriedades desde que elas estivessem nas mãos de associações leigas e sujeitas ao Estado. Pio XI combateu tudo isso, denunciou a separação da Igreja e o Estado e evitou que se desse qualquer passo enquanto existisse tal lei de separação. Depois de dois anos de conflito, nova lei veio permitir aos sacerdotes o uso das propriedades das Igrejas sob contrato com os prefeitos das cidades. Foi uma vitória parcial da Igreja Romana, mas esta e o Estado continuaram separados. As propriedades da Igreja Romana foram tornadas bens públicos. E outros edifícios, exceto os templos, foram usados para fins públicos.

**RESULTADO
POSITIVO**

A falta do auxílio governamental resultou num bem espiritual para essa Igreja. O povo tinha novos estímulos para demonstrar sua devoção. A Primeira Grande Guerra provocou uma melhora de sentimentos entre a Igreja e a nação. Muitos sacerdotes lutaram nas fileiras e a “sagrada união” de todos os franceses contribuiu para sanar a brecha existente. Uma espécie de armistício foi celebrado em 1924, por Pio XI. Com tudo isso, havia apenas dez milhões de católicos numa população de mais de 41 milhões, segundo afirmação da própria Igreja.

ESPAÑHA

Na Espanha, a constituição da república estabelecida em 1931 separou a Igreja do Estado, transferiu para este as propriedades eclesiásticas, permitiu liberdade religiosa e colocou a educação sob o controle estatal. Pio XI protestou contra a constituição espanhola e a oposição continuou apoiando a revolta contra a nova ordem iniciada em 1936.

3. Restauração do Poder Temporal

ESTADO PAPAL

No início do século XX, e durante a Primeira Grande Guerra, o papado continuou o seu protesto contra o que considerava usurpação dos seus direitos, ou seja, um governo temporal na Itália. O aparecimento do fascismo criou novas condições. O fascismo e a Igreja tinham certa afinidade por representarem a autoridade e se oporem ao liberalismo, embora fossem autoridades que se rivalizavam entre si. Além disso, Mussolini apoiava tudo o que trouxesse prestígio a Roma e à Itália. Por essa razão foi assinado, em 1929, um tratado entre a Santa Sé e o reino da Itália, pelo qual se reconhecia um novo Estado, a cidade do Vaticano, que compreendia o palácio do Vaticano, a Catedral de São Pedro e uma pequena área adjacente, sobre a qual o papa exercia governo absoluto. Pôde, assim, o papado reassumir sua posição de soberania sobre um território. O papado reconheceu também o

reino da Itália, tendo Roma como capital. Foram feitos outros arranjos mutuamente vantajosos. Os bispos deveriam jurar fidelidade ao Governo, o casamento católico ficaria sujeito à lei da Igreja; o ensino religioso católico seria compulsório nas escolas. De 1929 em diante, houve certas dificuldades porque o fascismo, com o seu culto ao Estado e seu domínio absoluto sobre todos os aspectos da vida, era realmente incompatível com a Igreja. Mas, externamente, havia relações harmoniosas entre a Igreja e o Estado.

4. História Geral

A Igreja Romana expressou de modo absoluto sua autoridade por meio da nova Lei Canônica promulgada em 1918, pelo papa Bento XV, que obrigava todos os católicos romanos. Por essa lei se declara que a Igreja é um poder soberano vindo de Deus; que é uma sociedade perfeita, isto é, que tem competência para ser uma organização completa, perfeita, para a vida humana; que tem direitos soberanos de propriedade e propaganda; que não é sujeita a qualquer governo civil e, em caso de conflito, a autoridade da Igreja deve prevalecer. De modo que as pretensões da Igreja da Idade Média ainda permanecem, ainda que, por motivos de conveniência, elas não sejam impostas e defendidas na prática. A ênfase que a Igreja Romana, por vários meios, tem dado à questão da autoridade, diz respeito particular e especialmente ao papado. Na sua interpretação prática da religião, a Igreja Romana visa à exaltação do papado. A Igreja é aquele poder aperfeiçoado pelo Concílio do Vaticano.

A LEI CANÔNICA

**ÊNFASE SOBRE O
PODER PAPAN**

No que se refere ao movimento para a unidade cristã do século XX, a Igreja Romana tem tornado bem claro o fato de que ela não reconhece, de modo algum, como cristãs, as outras Igrejas. Ela sustenta sua pretensão de ser a única Igreja cristã. E não atende a qualquer pedido de aproximação com as demais Igrejas.

**POSIÇÃO
IRREDUTÍVEL**

Depois da Primeira Grande Guerra, afirmou-se algumas vezes que foi a Igreja Romana quem a venceu. Os novos países da Polônia e da Áustria eram predominante e totalmente romanistas. Concordatas foram conseguidas pelo papa com vários países da Europa Central, como a Bavária, que muito fortaleceram a posição do romanismo. As relações diplomáticas do papado foram alargadas com a finalidade de ampliar a influência da Igreja. Sedes de bispados e ordens monásticas tornaram-se consideravelmente numerosas no continente. As atividades educacionais e beneficentes foram ampliadas. O movimento da

**VANTAGENS DA
GUERRA**

Juventude Católica atraiu grande parte da mocidade. Em decorrência do desespero e da desordem existentes em muitas partes da Europa Central, após a guerra, a unidade da Igreja e seu ensino autoritário encontraram muita ressonância e constituíram um forte apelo ao espírito de muita gente.

**ASPECTO
NOTÁVEL:
INTELLECTUAL**

Um aspecto notável da grande atividade da Igreja Romana após a guerra foi que aconteceu um despertar intelectual. Vários pensadores notáveis apoiaram os ensinamentos da Igreja. Surgiu uma nova escola filosófica, a escola neotomista, com o propósito de restaurar o pensamento de Tomás de Aquino, grande teólogo medieval. Apareceu uma torrente de livros e periódicos católicos. Surgiram muitas instituições educacionais que multiplicaram o número de estudantes das escolas romanistas. Embora a Igreja não tenha afrouxado seu combate a qualquer contestação da sua autoridade ou dos seus ensinamentos, como no caso do Modernismo, tem sido, por outro lado, muito feliz na tentativa de se aliar ao progresso intelectual. Esse esforço tem levado alguns intelectuais a se aproximarem do Catolicismo Romano.

A situação em que a Europa foi mergulhada pela Segunda Grande Guerra pôs em questão essas recentes vitórias da Igreja Romana como igualmente quanto a outros fatos narrados neste capítulo.¹⁸

ENSINO SOCIAL

Um dos mais importantes eventos na história da Igreja Romana no presente século foi a encíclica de Pio XI, *Quadragesimo Anno*, publicada em 1931, que se ocupa das questões sociais. Essa encíclica condena com veemência a concentração de riquezas e de poder nas mãos de alguns, a terrível e extrema pobreza de muitos trabalhadores da indústria e da agricultura, os salários que não correspondem às ne-

¹⁸ A Igreja Romana continua desenvolvendo o seu programa, e a aplicação dos seus métodos tem-lhe trazido algumas vantagens ainda maiores em vários países, muito especialmente nos Estados Unidos, onde ela tem alcançado grande prestígio, tanto na política como na imprensa e nos centros educacionais e culturais. A luta entre ela e o comunismo está assumindo aspectos impressionantes, particularmente na Europa, nos países controlados por governos comunistas. O papa acaba de lançar o anátema contra os seguidores de Moscou, excomungando todos os adeptos do sistema comunista. Não se pode prever o resultado desse choque, pois a Igreja Romana está mobilizando todas as forças e tentando conseguir o apoio das correntes protestantes no mundo inteiro. E há muitos protestantes que julgam poder aliar-se a ela nessa luta, pensando escapar de maiores males, caso a Igreja Romana consiga a vitória, esquecidos de que mais tarde poderão ser também vítimas da política eclesiástica romana, pois o papa afirma que não discute essa questão a não ser sob o cajado de São Pedro. É notável a excessiva tolerância de países protestantes, como os Estados Unidos, mas, por outro lado, verifica-se certo desprestígio da Igreja Romana, pois para nenhuma das assembléias internacionais tem sido o papa convidado. (N. do T., antes da dissolução da União Soviética)

cessidades humanas e as condições precárias, isto é, o ambiente impróprio para trabalho. Nela se afirma que o atual sistema industrial resultará na destruição do caráter e que o interesse pelo bem da humanidade deve estar acima dos lucros. Essa declaração papal tem sido considerada como um programa para uma sociedade cristã. Embora afirme que a solução dos problemas sociais deve estar sob o controle da Igreja e se constitua, indubitavelmente, numa denúncia poderosa contra esses males ainda atuais, a encíclica teve grande influência na Igreja Romana em toda parte, e até mesmo em círculos que não pertencem a essa Igreja.

(b) O Protestantismo no Continente

1. Alemanha

Antes da Primeira Grande Guerra, a organização protestante na Alemanha encontrava-se como a descrevemos no capítulo precedente. As Igrejas protestantes eram quase todas as Igrejas dos vários Estados, sob estrito controle do governo. A vida religiosa não era bastante forte por causa de uma onda de racionalismo estéril entre os clérigos e da propaganda que o governo fazia, nas Igrejas, da política nacionalista. O socialismo anti-religioso provocou o afastamento de muitas pessoas das Igrejas oficiais.

Na revolução de 1918, a Igreja e o Estado estavam separados. Mas não havia hostilidade contra a Igreja como na Rússia, e as Igrejas protestantes não queriam perder de todo o contato com o Estado. Por isso, sob as novas leis da República Alemã e dos Estados, embora as Igrejas não fossem oficiais, mantinham certa relação com o Estado e tinham o direito de arrecadar contribuições. Em 1921, foi organizada a Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs, abrangendo 28 dessas Igrejas de vários Estados: Evangélicas, Luteranas e Reformadas, incluindo a maioria dos protestantes alemães. Além dessas havia as Igrejas Livres: Luterana, Reformada, Batista, Metodista e outras. As Igrejas oficiais foram se reorganizando gradualmente para se adaptarem à nova situação. Com as suas novas constituições, que concediam aos leigos pronunciarem-se sobre os negócios eclesiásticos, elas se tornaram verdadeiramente Igrejas do povo, como jamais o tinham sido.

As igrejas protestantes sobreviveram às terríveis condições resultantes da Primeira Guerra Mundial e, ao fim do decênio 1920/30, apresentavam considerável vitalidade. Surgiu um movimento de Mis-

**NOVA RELAÇÃO
COM O ESTADO**

sões Internas para evangelização e serviços sociais, bem como um ativo trabalho da mocidade. Grupos pietistas deram nova vida ao sentimento devocional. O governo totalitário nazista exigia subordinação ao Estado, por parte das Igrejas protestantes, como de outras organizações. O anti-semitismo nazista precipitou os acontecimentos. O governo exigia a observância do “Parágrafo Ariano”, restringindo o privilégio de ser membro de Igrejas aos arianos. Muitas pessoas e várias Igrejas submeteram-se, tornando-se “Cristãos Alemães”. Um grande grupo resistiu, mantendo-se nas Igrejas confessionais, assim consideradas porque sustentavam uma luta gloriosa em prol dos seus direitos, a fim de seres fiéis ao Evangelho. Sofreram prejuízos financeiros, prisões de pastores e de leigos, fechamento de escolas e seminários para preparo de ministros, etc. Ao eclodir a Segunda Guerra Mundial, a situação era difícil de se descrever.

2. França

A separação entre Igreja e Estado, em 1905, compeliu os protestantes a manterem suas próprias Igrejas, o que logo aprenderam a fazer, e muito bem. A separação também contribuiu para o surgimento de organizações eclesiais: a União das Igrejas Evangélicas e a União das Igrejas Reformadas, esta última teologicamente liberal. Em 1905-1907 foi organizada uma Federação das Igrejas Protestantes que incluía, além das Reformadas, as Luteranas, Evangélicas Livres, Batistas e Metodistas. Durante a Primeira Guerra Mundial, o protestantismo francês experimentou perdas severas em vidas e em finanças, mas ao fim da guerra recuperou-se um pouco com a anexação das Igrejas Luteranas e reformadas da Alsácia e da Lorena. Após a guerra, reapareceu intensa atividade religiosa. O Protestantismo, especialmente, realizou um importante trabalho na evangelização nacional e nos serviços de caráter social, além de missões no estrangeiro, educação teológica do mais alto tipo. Demonstrou também muito zelo na vida religiosa das suas igrejas. Tal era a situação quando sobreveio a Segunda Guerra Mundial, em 1939.

3. Holanda, Suíça, Escandinávia

Na Holanda, a situação do protestantismo no século XX era mais ou menos a mesma do século 19. Cerca de metade da população pertencia às igrejas reformadas, tanto oficiais como livres; havia também outros grupos protestantes, comparativamente poucos.

Na Suíça, no princípio deste século, houve em três importantes cantões uma separação parcial, isto é, algumas igrejas se separaram do Estado. Em 1920, foi organizada a Federação Eclesiástica Suíça, dela participando todas as Igrejas cantonais e algumas Igrejas livres. Depois da Primeira Guerra Mundial, o protestantismo suíço experimentou interesse extraordinário nos movimentos representativos do Cristianismo mundial. Muitas reuniões importantes, de natureza ecumênica, aconteceram na Suíça, como a Conferência sobre a Fé e Ordem, em Lausane, em 1927, e várias outras conferências, todas de caráter ecumênico.

SUIÇA

ESPÍRITO
ECUMÊNICO

Após separar-se da Suécia, em 1905, a Noruega tornou-se um reino independente. A sua população desde a Reforma é quase totalmente luterana. A Igreja Luterana oficial é teologicamente dividida, mas tem recebido estímulo pela influência que sua interpretação social do Cristianismo exerce em outros países.

NORUEGA

A Suécia tem uma forte Igreja Luterana oficial, que é ativa no trabalho missionário, tanto no país como no estrangeiro. No século atual tem contribuído grandemente para a unidade teológica e eclesial, principalmente por influência do Arcebispo Soderblom, um dos grandes líderes do Cristianismo no mundo atual.

SUÉCIA

A Dinamarca também é quase totalmente luterana, e tem uma Igreja Luterana oficial, cuja vida e trabalho são do mais alto padrão. O que a torna mais notável é o trabalho ativo por parte dos leigos.

DINAMARCA

4. Europa Central

Quando a Checoslováquia tornou-se república independente, em 1918, ocorreu uma revolução religiosa. Um grupo de cerca de trinta por cento dos checos deixou a Igreja Romana. Foi organizada uma Igreja católica independente, bastante numerosa, separada de Roma. Entrou também em grande atividade a Igreja Evangélica dos Irmãos Checos, uma Igreja antiga ali existente e de caráter reformado. Havia também Igrejas Luteranas alemãs e eslovenas, e uma Igreja Reformada Magiar. O protestantismo fez rápido progresso enquanto existiu a república.

CHECOSLOVÁQUIA

Na Áustria, no início do século XX, constatou-se um importante movimento de separação da Igreja Romana que continuou após a Primeira Guerra Mundial. Quando a Áustria tornou-se independente, não obstante o país permanecer fortemente católico, suas Igrejas Luterana e Reformada demonstraram vigor e atividade consideráveis.¹⁹

¹⁹ A união da Áustria com a Alemanha (Anchluss) transferiu a confusão reinante neste último país para o primeiro. Após a Segunda Guerra Mundial, a confusão ainda continuou, especialmente por causa do domínio russo. (N. do T.)

Em decorrência das perdas territoriais impostas à Hungria depois da Primeira Guerra Mundial, a Igreja Reformada foi reduzida a cerca da metade do que era. Mas ainda existem um milhão e meio de membros que sustentam o seu trabalho em meio à confusão política reinante no país. A Hungria tem também uma Igreja Luterana com cerca de um terço do número de membros da Igreja Reformada.

5. Os Países do Oriente

POLÔNIA

Enquanto a Polônia teve vida independente, os protestantes representavam quatro por cento de sua população, da qual três quartos eram católicos romanos. Suas igrejas, a Luterana, a Reformada e a Evangélica, cumpriam corajosamente sua tarefa enquanto a Polônia existiu.

ESTÔNIA LETÔNIA LITUÂNIA FINLÂNDIA

Na Estônia, na Letônia e na Lituânia, quando independentes, havia Igrejas Luteranas ativas, consistindo, em cada país, da maioria da população. A Finlândia era quase toda luterana e possuía uma longa história de esplêndida vida eclesiástica luterana.

Na Rússia, após a Revolução de 1917, havia protestantes de vários ramos: luteranos, reformados, menonitas, batistas, metodistas, etc. A subsequente política anti-religiosa do governo tornou quase impossível a vida das Igrejas cristãs nesse país.

(c) O Protestantismo na Grã-Bretanha

1. Inglaterra

a) A Igreja da Inglaterra

O MOVIMENTO EVANGÉLICO

Os três movimentos descritos no capítulo precedente continuavam sua obra na Inglaterra com energia. Um grupo considerável tinha o nome de Evangélico. De modo geral, pode-se dizer que esse grupo continuava a tradição dos Evangélicos do século 19. Eles, porém, tinham sido bastante influenciados pelo movimento liberal e pela interpretação social do Cristianismo. Continuavam devotados ao trabalho missionário. Eles são uma força poderosa, tendendo a uma união com as chamadas Igrejas Livres. Embora não sejam tão fortes como há cem anos, ainda são bastante ativos na evangelização, nas publicações religiosas e na manutenção de instituições educacionais.

O MOVIMENTO LIBERAL

A Moderna União dos Homens da Igreja é uma organização vigorosa e representa a "Igreja Ampla" ou movimento liberal. Conta entre seus membros com muita gente de cultura, mantém a liberdade de pensamento e dedica-se a nobres atividades sociais. Em grande par-

te da vida da Igreja há um forte aspecto de homogeneidade e uma influência que ultrapassam os limites da própria organização eclesiástica. É muito generalizado o estudo crítico da Bíblia e da história da Igreja. Esse movimento se opõe fortemente a alguns aspectos do anglo-catolicismo, especialmente a sua segregação eclesiástica e a tendência ao que o movimento considera formas supersticiosas do culto.

Os anglo-católicos estão organizados na União de Eclesiásticos Ingleses. Agrupam muitos clérigos de capacidade, educação, piedade religiosa e também muitos leigos de grande influência. Um dos seus líderes assim interpreta o sentido do anglo-catolicismo na prática religiosa: “A dignidade do culto, a veneração pelo ofício ministerial, o ensino de caráter impositivo, a necessidade da absolvição, a notável ênfase geral quanto à graça sacramental, a concepção da Eucaristia como dependente da presença de Cristo crucificado”. No culto, a tendência para os costumes e idéias romanistas, mencionados no capítulo precedente, aparece de modo especial na observância da “Missa”, o ensino da Presença Real nos elementos consagrados, a reserva do sacramento e o culto dos elementos reservados. Entre os anglo-católicos há muitas idéias radicais quanto à relação do Cristianismo com a sociedade. Embora não seja um movimento da maioria, o anglo-catolicismo tem sido bastante forte para fazer a política da Igreja influir nas suas relações com as demais Igrejas, favorecendo a aproximação com a Igreja Ortodoxa do Oriente que tem estado segregada. Os anglo-católicos se opõem à união com as Igrejas Livres.

As práticas romanizantes não autorizadas pela Igreja deram motivo a uma proposta para a revisão do *Livro Comum de Oração*. Falharam as tentativas de limitar essas práticas e as autoridades eclesiásticas fizeram uma ligeira revisão que continha algumas coisas desejadas pelos anglicanos numa tentativa de satisfazer os que a desejavam e assim preservar a disciplina da Igreja. Mas isso foi rejeitado pela Câmara dos Comuns em 1928, por ter sido considerado como uma atitude que comprometia o protestantismo. Essa manifestação de domínio da parte do Estado sobre a Igreja provocou certa agitação e muitos desejaram a separação. Também houve interesse pela nova constituição da Igreja da Inglaterra publicada em 1919, pela qual foi concedida à Assembléia Nacional relativa autoridade sobre a Igreja. Os elementos assim autorizados eram escolhidos por pessoas batizadas e qualificadas como eleitores. Com essa modificação, a Igreja da Inglaterra perdeu alguma coisa do seu caráter de igreja nacional e aproxima-se

O MOVIMENTO
ANGLO-CATÓLICO

REVISÃO DO
LIVRO DE
ORAÇÃO COMUM

daquela posição que lhe assegura um caráter mais democrático, já que fica pertencendo aos seus próprios membros.

b) *As Igrejas Livres*

As Igrejas Livres, Batistas, Congregacionais, Metodistas, Presbiterianas, Sociedades dos Amigos, etc., estão fortes e ativas como no século 19, mas um pouco menos inclinadas a se oporem à Igreja da Inglaterra, a Igreja oficial. Isso se deve a um sentimento mais forte existente entre as Igrejas da Inglaterra, tendente a um movimento unionista. A mesma tendência apareceu na organização de uma federação das Igrejas Livres e na união de todos os ramos do metodismo inglês. Entre os três movimentos da vida religiosa da Inglaterra, a oposição das Igrejas Livres é, em geral, a mesma descrita no capítulo precedente. O número dos seus membros é mais ou menos o mesmo da Igreja Inglesa. Todo o trabalho, tanto no país como nos campos missionários é realizado sob o mais alto senso de responsabilidade. A importância e a influência dessas Igrejas livres na vida nacional são muito maiores do que podemos descrever neste breve esboço.

2. *A Escócia*

Em 1901, havia duas grandes Igrejas presbiterianas que reuniam a grande maioria dos cristãos escoceses: a Igreja Unida Livre e a Igreja da Escócia. Eram semelhantes em tudo, exceto em que uma era livre e a outra oficializada. As tentativas de união foram interrompidas pela Primeira Guerra Mundial, mas prosseguiram após a guerra. Um Ato do Parlamento, de 1921, que reconhecia que a Igreja da Escócia era, de direito, livre do controle do Estado, removeu o obstáculo principal. As duas Igrejas uniram-se em 1929 como Igreja da Escócia. Essa medida unificou a ordenada e poderosa obra missionária dessas Igrejas, tanto no país como no estrangeiro, como também a alta educação teológica que sempre as distinguiu. Na Escócia havia também três pequenas Igrejas Presbiterianas separadas das unidas, além das Igrejas Batista, Congregacional e Metodista. No século atual, a Igreja Católica Romana tem crescido extraordinariamente por causa da imigração da Irlanda.

(d) A Igreja Ortodoxa Oriental

1. *A Rússia*

A primeira revolução de 1917 implantou a liberdade religiosa e abriu o caminho para a reconstrução da Igreja na Rússia. Mas em poucos meses a subida dos soviéticos ao poder alterou fundamentalmente

**SEPARAÇÃO
IGREJA
ESTADO**

a situação. Em janeiro de 1918, a Igreja e o Estado se separaram de modo que a Igreja perdeu seu grande subsídio; todas as propriedades da Igreja foram nacionalizadas; todo o controle da educação pela Igreja foi abolido; foi proibida qualquer instrução religiosa às crianças. A resistência que a Igreja ofereceu a esse programa, especialmente ao confisco das suas propriedades, motivou uma guerra entre a Igreja e o governo que deu ocasião a que a Igreja fosse considerada “inimiga da revolução”. Houve uma divisão da Igreja motivada pela tentativa de um grupo que desejava negociar uma concordata com o governo.

PERSEGUIÇÃO

Em 1929, o governo deu início abertamente à sua política anti-religiosa. Às igrejas só era permitido ter suas reuniões de culto; toda organização, ensino e serviços sociais foram proibidos; inúmeras igrejas foram fechadas; foi abolida a observância da guarda do domingo; foi lançada, em grande escala, uma sistemática propaganda ateísta que visava principalmente à infância e à mocidade. Muitos sacerdotes e pessoas imbuídos do espírito religioso foram encerrados em prisões e apareceram várias outras formas de perseguição. O resultado dessa política, que ainda hoje em dia persiste, foi reduzir a Igreja russa a uma sombra do que fora. Há poucas igrejas abertas e somente pessoas idosas as freqüentam. É muito forte o sentimento anti-religioso. Há ainda alguns grupos religiosos que lutam por sua sobrevivência, mesmo sob perseguição.*

2. Outros Países Orientais

A Igreja Ortodoxa Oriental consiste de Igrejas independentes em cada país, que mantêm a unidade por meio da sua doutrina e tradição. Essa Igreja não tem chefe, como o papa, na Igreja Romana. A Igreja Russa pertence a essa família de Igrejas. O patriarcado de Constantinopla, que a princípio incluía os cristãos ortodoxos da Turquia, perdeu muito com a expulsão dos gregos das terras turcas depois de Primeira Guerra Mundial. A Igreja da Grécia tem passado por uma vida atribulada desde a guerra, por causa de distúrbios políticos.

TURQUIA**GRÉCIA****POLÔNIA**

Enquanto a Polônia foi independente, houve uma Igreja ortodoxa numerosa na parte que tinha sido território russo; mas este voltou novamente ao domínio da Rússia. Isso aconteceu também em relação às Igrejas ortodoxas da Estônia e da Lituânia.

Quando a Sérvia teve seus territórios aumentados e tornou-se Iugoslávia, foi organizada uma Igreja nacional muito mais forte que a

**SÉRVIA
(IUGOSLÁVIA)**

* Essa situação cessou com a queda do Comunismo e o fim da União Soviética.

RUMÂNIA

ex-Igreja sérvia. A Igreja da Rumânia teve sua comunidade aumentada em número quando ao país foram adicionados novos territórios, porém, muito tem sofrido com as perdas recentes. De um modo geral, a história do século 20 registra severas perdas para as Igrejas do Oriente.

(e) Missões Cristãs**PROGRESSO NO
INÍCIO DO
SÉCULO 20****C.M.E.****C.M.I.**

O moderno movimento missionário que alcançou tanto poder nas Igrejas protestantes da Europa e do mundo no século 19 prosseguiu no século 20 com entusiasmo sempre crescente e um trabalho de vulto considerável. Esse fato foi verificado especialmente na Conferência Missionária de Edimburgo de 1910, a qual, na sua totalidade, representava as Igrejas protestantes do mundo e foi a maior de todas as reuniões anteriores dessa natureza. A obra missionária em todos os seus aspectos foi plena e pacientemente estudada e estabelecidos os planos para o seu desenvolvimento. Dessa conferência originou-se o Conselho Missionário Internacional, organização que expressa e corporifica o interesse das Igrejas de todo o mundo. A Primeira Guerra Mundial interrompeu seriamente a obra missionária pois reduziu as contribuições de manutenção, prejudicou as relações inter-ecclesiásticas e criou sérios distúrbios em vários campos. Admirável, porém, é que todos esses prejuízos sérios foram rapidamente enfrentados e superados. A própria guerra estimulou as missões por ter aproximado muitas partes do mundo, o que fortaleceu o sentimento de solidariedade humana.

JERUSALÉM

A prova de que a vitalidade da obra missionária não diminuiu, verifica-se no fato de se reunir outra Conferência Mundial que teve lugar em Jerusalém, em 1928. Esta teve um novo aspecto, diferente da de Edimburgo, e foi que as Igrejas mais jovens, fruto das missões, demonstraram extraordinária influência. Verificou-se também uma mudança de grande alcance em matéria de missões, isto é, uma transferência da liderança dos europeus e americanos para os “nativos”. Ficou ainda evidente outra modificação: o crescimento do trabalho unificado, isto é, o trabalho feito em conjunto pelas Igrejas. A Conferência de Jerusalém deu impulso ao trabalho missionário, de um modo geral. Infelizmente, a depressão mundial, que começou em 1929, enfraqueceu materialmente a manutenção do trabalho missionário e deu lugar ao retraimento. Ao mesmo tempo, apareceram sinais de disputa com relação às missões, e também o fato de que a juventude não estava atendendo ao apelo para a obra missionária.

**RESULTADO DA
DEPRESSÃO**

Todas essas circunstâncias contribuíram para a formação nos Estados Unidos da Inquirição Leiga de Missões Estrangeiras, ou seja, um grupo independente de leigos que realizou um estudo sobre missões nos principais campos missionários do mundo. Suas conclusões, que justificaram plenamente o empreendimento que realizaram, embora propusessem modificações importantes, tanto em idéias como em métodos de trabalho, foram publicadas em 1932 no livro *Rethinking Missions*. Daí em diante seguiu-se um período de discussão das idéias fundamentais sobre as missões, como também da política ou orientação missionária que se deveria seguir. Essas discussões e a pequena contribuição financeira, ao lado das constantes ameaças de guerra, trouxeram um tempo bastante crítico para as missões. Mas a convicção e a fé que inspiraram a própria obra das missões cristãs asseguraram a continuação do trabalho já feito, com firmeza, a despeito das dificuldades. Mais uma vez a poderosa energia do movimento missionário expressou-se de modo memorável em outra Conferência Mundial realizada em Madrastra, na Índia, em 1938.

**CONFERÊNCIA DE
MADRASTA**

A grande atividade da Igreja Romana a que já nos referimos revelou-se também nas missões estrangeiras. No século 20, a Igreja Romana em todo o mundo desenvolveu as suas missões. Hoje, muito mais do que no passado, essa Igreja está imbuída do propósito missionário.

(f) Unidade Cristã — O Movimento Ecumênico

A Conferência Missionária de Edimburgo, em 1910, fez muito mais do que fortalecer a causa missionária. Deu nova energia ao movimento de unidade cristã, que se estendeu por uma geração. Dessa conferência resultou a proposta apresentada pela Igreja Episcopal Protestante dos Estados Unidos para uma Conferência Mundial de Igrejas Cristãs, com o propósito de fortalecer a união entre todas. Adiada por causa da guerra, a Conferência Mundial sobre a Fé e Ordem finalmente se reuniu em 1927, em Lausanne, na Suíça. A essa conferência acorreu grande representação das Igrejas cristãs do mundo inteiro, exceto a Igreja Romana. Foi significativo o fato de que estavam presentes delegados das Igrejas ortodoxas do Oriente que se juntaram a este movimento para a unidade cristã mundial. A Conferência manifestou forte desejo de unidade e de acordo geral em doutrina, mas foram muitas as dificuldades encontradas com relação à Ordem, isto é, quanto ao ministério e o governo das Igrejas. Foi organizada uma comissão perma-

LAUSANNE

nente para realizar estudos sobre o assunto e também orientar os planos preparativos para outra conferência mundial.

Enquanto essas idéias se desenvolviam, surgiu outra manifestação do espírito de unidade. Pouco antes de rebentar a Primeira Guerra Mundial houve uma notável reunião em Constança, na Suíça, da qual resultou a Aliança Mundial Pró Solidariedade Internacional Pelas Igrejas. Logo após o conflito, essa organização levantou a idéia de um concílio intereclesiástico para considerar “as tarefas de caráter prático na vida e no serviço cristãos”, e nesse sentido promover a unidade cristã. Daí surgiu a Conferência Cristã Universal sobre a Vida e Trabalho, reunida em Estocolmo, em 1925, que deu origem ao Concílio Cristão Mundial sobre a Vida e o Trabalho, uma organização permanente com sede central em Genebra, na Suíça.

Assim, entre 1925 e 1927 houve duas grandes realizações que expressaram esforços pró-unidade: “Fé e Ordem”, “Vida e Trabalho”, o que provocou a aproximação entre as Igrejas cristãs do mundo. Além disto, o Concílio Missionário Internacional trabalhou poderosamente tendo em vista o mesmo propósito, como se verificou na Conferência de Jerusalém, em 1928. Em 1937, o movimento de unidade cristã ou movimento ecumênico, como é atualmente conhecido, encontrou mais uma oportunidade para expressar-se. A Conferência de Oxford sobre a “Igreja, a Comunidade e o Estado” foi organizada pelo Concílio Sobre Vida e Trabalho, imediatamente depois da segunda Conferência Mundial sobre Fé e Ordem, reunida em Edimburgo. Essas conferências foram os ajuntamentos mais representativos do mundo cristão jamais congregados. O espírito delas estava expresso no lema da Conferência de Oxford: “Nós somos um em Cristo”. As conferências produziram documentos de muita influência que expressavam o pensamento cristão quanto às questões ou assuntos sobre “Vida e Trabalho” e “Fé e Ordem.” Elas fortaleceram grandemente o espírito de unidade entre os cristãos de todo o mundo. Adotaram planos para um Concílio Mundial de Igrejas, que já está organizado em grau muito adiantado.

QUESTIONÁRIO

1. Quais as características comuns da história da Alemanha, da Rússia e da Itália neste período?
2. Descreva o Modernismo e como surgiu.
3. Quais foram as relações do papado com o governo alemão?
4. Descreva a separação entre Igreja e Estado, na França, e os seus resultados.
5. Até onde se estende a soberania temporal do papado? Quais foram os acordos feitos entre o governo italiano e o papado, a esse respeito?
6. Descreva os avanços da Igreja Romana depois da Primeira Guerra Mundial.
7. Fale da relação entre as Igrejas protestantes alemãs e o Estado após a revolução de 1918. Quais foram as experiências dessas Igrejas sob o governo nazista?
8. Fale dos acontecimentos religiosos na Checoslováquia.
9. Descreva a situação dos três movimentos religiosos na Igreja da Inglaterra.
10. Qual o significado da tentativa de revisão do *Livro de Oração Comum*? Qual a situação das Igrejas Livres na Inglaterra?
11. Descreva a união das duas Igrejas na Escócia.
12. Qual a política do governo russo para com as religiões e qual o resultado dessa política?
13. Descreva o progresso das missões nos princípios deste século. Fale das dificuldades posteriores e como foram enfrentadas.
14. Qual o sentido das Conferências de Lausanne, Edimburgo, Estocolmo e de Oxford em relação à unidade cristã?
15. Quais foram os resultados das Conferências de Oxford e de Edimburgo?

CAPÍTULO DEZOITO

O CRISTIANISMO NA AMÉRICA

I. AS PRIMEIRAS TENTATIVAS

(a) Protestante

Os huguenotes foram os primeiros a levar o Cristianismo ao atual território dos Estados Unidos. Em 1562, um grupo deles estabeleceu-se em Port Royal, na Carolina do Sul. Em 1564-65, outro grupo se estabeleceu nas proximidades de Santo Agostinho, na Flórida. A primeira colônia foi abandonada; os habitantes da última foram massacrados pelos espanhóis católicos de Santo Agostinho.

HUGUENOTES

MASSACRE

(b) Católico-Romana

1. Missões Espanholas

Santo Agostinho, a mais antiga cidade dos Estados Unidos, foi fundada pelos espanhóis em 1565. Dali desenvolveu-se um extenso trabalho religioso, por muitos anos, entre os colonos espanhóis e os índios. Mas logo que a Flórida tornou-se uma possessão inglesa (1763), esse trabalho quase desapareceu.

CIDADE MAIS ANTIGA

Mais para o oeste, os dirigentes desse trabalho de cristianização também fundaram uma sede. Em 1598, os espanhóis vindos do México organizaram uma colônia no Novo México, a qual, como todas as suas colônias, era uma estação missionária. Os índios dessa região receberam uma imediata cristianização, porém fraca. Após uma terrível rebelião dos índios, em 1680, os espanhóis restabeleceram as estações missionárias, muitas das quais ainda são católico-romanas. Essa foi a origem do antigo Cristianismo da população espanhola da região sudoeste dos Estados Unidos.

PAPEL DOS ESPANHÓIS

As missões franciscanas da Califórnia, entre os índios, vieram muito mais tarde. A primeira, em San Diego, foi fundada em 1769, e logo depois surgiram vinte outras missões católicas. Logo no início prosperaram bastante. Os índios foram agrupados em comunidades onde recebiam instrução cristã e ensinamentos sobre agricultura e indústria e viviam sob estrita disciplina. Quando, porém, o governo mexicano, que então governava a Califórnia, libertou-os do controle dos frades (1834), a maioria dos índios logo voltou ao paganismo.

OS FRANCISCANOS

2. Missões Francesas

Depois da fundação de Quebec em 1608, os franceses iniciaram a colonização do Canadá com entusiasmo e muita rapidez. Um aspecto

ESFORÇO CATÓLICO

PLANO DE
CRIAR-SE UM
IMPÉRIO
CATÓLICO

notável desse esforço era o trabalho religioso. Talvez esse fosse mesmo o aspecto mais destacado da política dos colonizadores. Quebec e Montreal tornaram-se importantes centros religiosos, com instituições ricamente servidas pelos melhores homens e mulheres que a Igreja católica francesa podia enviar. As explorações dos Grandes Lagos e do Mississipi, realizadas por La Salle (1670-1682), revelaram aos franceses a possibilidade da fundação de um grande império. Com esse pensamento, lançaram uma rede de postos ou estações militares, comerciais e religiosas, desde o Golfo de S. Lourenço à foz do Mississipi. Muitos missionários, a maioria constituída de jesuítas, realizaram intenso labor, muito trabalhando ambos os lados dessa linha de postos avançados. Lançaram os fundamentos de vários centros de trabalho ao longo dos Grandes Lagos, no norte de Nova York, Ohio, Michigan, Wisconsin, Illinois e abaixo do Mississipi na direção da Louisiana. Mas todas essas brilhantes realizações dos franceses anularam-se em 1763, quando a Inglaterra tomou posse do Canadá. Assim, fracassaram dois grandes planos para a fundação de um império. Qualquer desses planos que tivesse vingado teria tornado o catolicismo romano dominador supremo da América do Norte. Os fundamentos religiosos dos Estados Unidos teriam de ser lançados pelos protestantes.

DOMÍNIO INGLÊS

II. AS TREZE COLÔNIAS

(a) Da Fundação ao Grande Reavivamento

1. Nova Inglaterra

A primeira tentativa de colonização na Nova Inglaterra, a segunda das treze colônias, foi realizada por motivos puramente religiosos. Por volta do ano de 1600, um grupo de pessoas religiosas de Lincolnshire, na Inglaterra, ficou desgostoso com a situação da Igreja inglesa. Como os puritanos, elas se opunham fortemente ao fato de que, tanto no culto como no governo, vinham prevalecendo formas e usos da Igreja medieval. Eram diferentes dos puritanos, porque sentiam que a Igreja da Inglaterra nunca poderia ser reformada de modo a ser a verdadeira Igreja de Cristo, e que, por isso, deveriam abandoná-la e estabelecer uma nova Igreja. Organizaram-se então como Igreja, reunindo-se para o culto em dois lugares: em Scrooby Manor e em Gainsborough. Perseguidas por essa razão, fugiram em 1608 para a Holanda. Após alguns anos, decidiram ir para a América. Nesse senti-

do entraram em entendimentos com a Companhia de Londres, uma das duas organizações às quais Tiago I doara a Virgínia, que era uma grande faixa de terra americana na costa do Atlântico.

Em 21 de dezembro de 1620, cerca de cem desses “Peregrinos” desembarcaram do “Mayflower”, na Baía de Cape Cod. Essa foi a fundação da Colônia Plymouth. Os colonos não precisaram se organizar em Igreja, pois já constituíam uma, e sua vida eclesiástica prosseguiu sem interrupção. O ministro deles ficara na Europa, mas havia um grande líder religioso entre eles, o presbítero Guilherme Brewster. O primeiro ano da colônia foi de terríveis sofrimentos, mas prosseguiu sempre crescendo sob a sábia liderança do governador Bradford.

**A COLÔNIA DE
PLYMOUTH**

A partir de sua chegada, os puritanos dirigiram o trabalho de modo a lhe imprimir aquelas mudanças que haviam desejado ver na Igreja Inglesa. Lá na Inglaterra, sob o governo do arcebispo Laud, a partir de 1625, foram terrivelmente perseguidos por adorarem a Deus do modo como julgavam correto. Depois de cinquenta anos ou mais, as coisas estavam piores do que antes. Desaparecera de muitos a esperança de qualquer reforma. Ouvindo falar das Colônias na Virgínia e em Plymouth, julgaram que a América seria o lugar ideal para a liberdade religiosa. A primeira colônia (1628) permanente foi em Salém, Massachusetts. Pelo ano de 1640, quinze mil colonos puritanos viviam ali, como também em Boston e noutras cidades situadas na Baía de Massachusetts.

**A COLÔNIA DA
BAÍA DE
MASSACHUSETTS**

A colônia de Plymouth foi principalmente constituída de gente consagrada, porém de baixa extração. Mas entre os puritanos da colônia da Baía de Massachusetts havia muita gente rica, de boa posição e esmerada educação. Essa colônia era constituída de gente excepcional, tanto quanto à moral e à religião, como pela coragem e inteligência.

Depois de poucos anos surgiram duas novas e importantes colônias de puritanos. Uma, chamada Connecticut, teve início perto de Hartford (1634-1636) e foi fundada pelos emigrantes de Massachusetts. A outra, New Haven, foi fundada (1638) por pessoas vindas diretamente da Inglaterra.

Desde que todas as pessoas que constituíam essas quatro colônias eram unânimes quanto às opiniões religiosas, desenvolveu-se entre elas o mesmo tipo de vida religiosa. Não obstante haver muitos presbiterianos entre os colonos, as Igrejas que eles organizaram eram todas congregacionais, mas em Connecticut desenvolveram-se as idéias presbiterianas entre as Igrejas. O culto nas Igrejas era isento de liturgia

**CARACTERÍSTICAS
DA VIDA CRISTÃ
DAS COLÔNIAS**

e celebrado com uma simplicidade rigorosa. A pregação constituía o elemento mais destacado do culto. Os ministros eram do mais alto padrão moral e de esmerada educação. Eram pessoas de maior influência em suas comunidades. As Igrejas exerciam uma disciplina rígida sobre a conduta dos seus membros. A religião era a força dominante na vida do povo da Nova Inglaterra. Era uma religião puritana solidamente bíblica, espiritualmente profunda, cheia de zelo e severidade, que dominava todos os aspectos da vida dos indivíduos e das suas comunidades. Providenciaram logo a organização de escolas primárias e secundárias e uma universidade (Harvard foi fundada em 1636); tudo isso assegurou a continuação de um alto padrão de religião inteligente e consciente, que resultou no progresso das atividades dessas importantes colônias. Nenhum bem maior poderia ter vindo à vida religiosa americana e à própria vida em todos os seus aspectos nesse país, do que essas influências que moldaram o caráter da jovem nação que começava a existir, a influência espiritual dessas colônias da Nova Inglaterra, influência puritana de fé, de coragem e consciência.

**PURITANOS E
LIBERDADE
RELIGIOSA**

Não era propósito dos puritanos estabelecer liberdade religiosa geral. Haviam ido para a América com o propósito de alcançar liberdade para o que eles julgavam ser a verdadeira forma de religião. Pensavam que todos nas suas colônias deveriam se submeter a essa forma de religião. As Igrejas congregacionais foram oficialmente organizadas. Eram cobradas certas taxas ou contribuições para a manutenção dos seus ministros. Em Massachusetts e em New Haven, somente os membros da Igreja tinham direito ao voto. Não eram permitidas reuniões de caráter religioso, nem ensinamentos diferentes dos ministrados nas Igrejas. Os batistas e os quacres foram perseguidos. Quatro destes últimos experimentaram o martírio (1659-1661). Perto do final do século 17 começou a prevalecer melhor espírito de tolerância e as perseguições desapareceram.

**INTOLERÂNCIA
RELIGIOSA**

A intolerância dos puritanos de Massachusetts deu ocasião à fundação de Rhode Island. Roger Williams, um ministro muito instruído, eloquente e de inteligência excepcional, foi banido de Massachusetts em 1635, por motivo de oposição política e certas declarações de caráter religioso. Acompanhado de alguns aliados, estabeleceu-se em Providence. Nesses lugares prevaleceu, desde o princípio, absoluta liberdade religiosa. O agrupamento religioso mais forte foi o dos batistas.

2. As Colônias do Centro

A colônia de Nova Holanda, depois Nova York, era simplesmente uma empresa comercial da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Os primeiros colonos, não sendo da melhor gente da Holanda, não demonstravam muito interesse nem aquele zelo religioso característico dos holandeses. Também a Igreja Reformada da Holanda interessou-se pouco pela situação espiritual da colônia. Nessa época foi organizada uma Igreja reformada na Ilha de Manhattan em 1628, quinze anos depois da fundação da primeira colônia. Não houve, porém, um ministro residente antes de 1633. Foi quando se construiu um templo de madeira e, em 1642, um de pedra e cal. Foi dessas origens que surgiu a grande Igreja (Holandesa) Reformada dos Estados Unidos. Ela demorou bastante para se tornar uma Igreja vigorosa. Em 1660, quando havia dez mil habitantes nessa cidade, a Igreja já possuía seis ministros reformados.

Já nesse tempo, Nova York ou Nova Amsterdã, como era então chamada, era uma cidade cosmopolita. Além dos holandeses, havia na cidade povos de muitas nações, que tinham as mais diferentes organizações religiosas, pois o governo holandês permitiu ampla liberdade de culto. Havia huguenotes, puritanos da Nova Inglaterra, presbiterianos, escoceses, luteranos suecos e alemães, católicos romanos e judeus.

A colônia tornou-se uma possessão inglesa em 1664. Embora o governo inglês não interferisse na Igreja Holandesa, todavia introduziu a Igreja Anglicana e a favoreceu. Esta foi a origem da poderosa Igreja Episcopal Protestante da cidade de Nova York. A Igreja da Inglaterra, contudo, não desenvolveu muita atividade por essa época. Por isso, no início do século 18 a vida religiosa de Nova York era débil.

A cidade de New Jersey teve na sua população primitiva diferentes elementos religiosos. Alguns tinham-se estabelecido ali antes de ela tornar-se uma possessão inglesa (1664). Depois, certas pessoas selecionadas da Nova Inglaterra foram habitar o leste da cidade; a maior parte desse grupo era presbiteriana. Mais tarde, um grande grupo de presbiterianos escoceses, tendo deixado o seu país por causa dos "Tempos de Massacre" (*Killing Times*), fundou novos lares nessa região. Os primeiros habitantes da parte ocidental da cidade, que moravam principalmente em Camden e em Trenton, foram os quacres. Durante o reinado de Carlos II (1660-1685), treze mil quacres foram lançados na prisão, sendo que 338 morreram no cárcere como resultado dos ferimentos recebidos nos assaltos às suas reuniões. Perseguidos na sua

NOVA YORK

IGREJA
HOLANDESASINCRETISMO
ÉTNICO E
RELIGIOSOIGREJA DA
INGLATERRA

NEW JERSEY

terra, vieram para a América, porque vários deles, que eram ricos, entre os quais Guilherme Penn, haviam adquirido terras e as ofereceram como um refúgio aos seus irmãos europeus (1676).

PENSILVÂNIA

Penn, um líder entre os quacres, havia recebido, em 1681, de Carlos II, da Inglaterra, uma grande faixa de terra na América. Ali fundou uma Colônia, para refúgio de seus companheiros de religião e também como empresa comercial. Seu “sistema de governo” assegurava plena liberdade religiosa e civil, e oferecia terras a preços muito módicos. Dentro de poucos anos, milhares de quacres ingleses e do país de Gales, gente do mais nobre caráter e profunda piedade, o melhor tipo de colonos, foram para a Pensilvânia. Em 1700, a população era de vinte mil. E Filadélfia, fundada em 1682, já era uma cidade florescente.

FILADÉLFIA**ALEMÃES DA
PENSILVÂNIA**

A liberdade religiosa da colônia de Penn atraiu outras pessoas perseguidas, além dos quacres. Muitos membros de várias seitas alemãs que estavam sendo perseguidos por suas crenças religiosas, sendo a maioria constituída de menonitas e Dunkers (anabatistas), chegaram no começo do século 18. Um número ainda maior, de vários milhares, chegou em 1710, vindo do Palatinado (região do Reno). Essa região tinha sido, pelos franceses e seus camponeses, reduzida à mais abjeta miséria em decorrência de os huguenotes terem ali estabelecido os seus lares. Essas pessoas do Palatinado eram membros da primitiva Igreja Reformada Alemã. Depois desses, muitos emigrantes alemães, inclusive muitos luteranos, foram para a Pensilvânia, não fugidos de perseguições, mas à procura de melhores condições de vida.

**MARYLAND
CATÓLICOS
PACÍFICOS**

O território de Maryland fora doado por Carlos I, em 1634, a George Calvert, Lord Baltimore. Por muitos anos a colônia foi dirigida por ele e seus descendentes como uma empresa comercial. Os Calverts eram católicos romanos liberais. Em parte, a fim de atrair elementos para a sua colônia, eles adotaram uma política de liberdade religiosa, desde o começo. Dois jesuítas haviam ido com os primeiros colonos e foram os primeiros padres romanistas que se estabeleceram nas treze colônias. A grande maioria desses colonos, todavia, era constituída de ingleses protestantes. Mais tarde vieram os puritanos presbiterianos expulsos da Virgínia, os quacres e os presbiterianos irlandeses-escoцeses, elementos esses que constituíram a guarda avançada da grande imigração desses povos. Algumas das Igrejas do primeiro presbitério, o de Filadélfia, organizado em 1706, estavam em Maryland.

**COMPOSIÇÃO
PROTESTANTE**

Quando Maryland se tornou uma colônia real (1691), a Igreja Anglicana foi estabelecida. Eram recolhidos impostos para a sua ma-

nutrição, e os que se opunham a isso eram privados dos direitos civis. Seu clero era muito inferior e, como força religiosa, de pequena expressão.

3. As Colônias do Sul

Os primeiros colonos da Virgínia e das treze colônias (1607), não obstante não representarem numericamente um grupo respeitável, tinham, entre eles, um ministro evangélico digno da sua vocação. Este homem, Roberto Hunt, clérigo da Igreja Inglesa, dirigiu os trabalhos até à sua morte. Assim, desde o começo a Igreja Anglicana estabeleceu-se na Virgínia e permaneceu como a igreja da colônia. Contudo, nos primeiros anos, foi o elemento puritano da Igreja inglesa que exerceu maior influência no governo da Virgínia. Mas em 1631 foi indicado um governador que odiava o puritanismo e perseguiu os puritanos, tendo expulsado a muitos deles. Além disso, o povo geralmente era muito diferente dos puritanos quanto ao caráter, especialmente quando começou a grande imigração de Cavalier. Depois da morte de Carlos I, milhares de ingleses que ficaram do seu lado contra o puritanismo foram para a Virgínia.

VIRGÍNIA

**A IGREJA
ANGLICANA**

**PURITANOS
PERSEGUIDOS**

Na colônia exigia-se estrita conformidade com a Igreja da Inglaterra. Mas a Igreja havia sido organizada e era mantida com os impostos. Tinha uma vida religiosa débil porque os seus ministros, enviados da Inglaterra, eram de pouca influência na vida do povo. Nos começos do século 18, as condições religiosas eram muito desfavoráveis.

Em ambas as Carolinas, a do norte e a do sul, que foram colonizadas na última parte do século 17, foi estabelecida a Igreja Inglesa. Mas na Carolina do Norte ela nunca chegou a ser muito forte, e na do Sul representava somente uma pequena parte da população. Em ambas as colônias, os evangelistas quacres, entre os quais estava o famoso George Fox, realizaram notável trabalho ao fim daquele século. Ambas as Carolinas receberam um grupo de pessoas da mais profunda vida religiosa — os huguenotes, suíços, alemães e escoceses-irlandeses, na Carolina do Norte; e huguenotes escoceses e dissidentes ingleses, na Carolina do Sul.

CAROLINAS

GEORGE FOX

Nenhuma das colônias teve uma origem cristã mais distinta do que a Georgia, fundada em 1733. O general Oglethorpe, filantropo inglês, muito jovem, planejou a colônia como refúgio para as vítimas das leis injustas e da perseguição. As primeiras pessoas a chegar faziam parte de um grupo de prisioneiros levados por ele e de um grupo de luteranos exilados vindo do arcebispado de Salsburg.

GEORGIA

(b) Do Grande Reavivamento à Guerra da Independência (1728-1775 d.C.)

DECLÍNIO ESPIRITUAL

O começo do século 18 foi assinalado por um enfraquecimento religioso e moral nas colônias. Na Nova Inglaterra, essa condição era tão palpável que provocava muita tristeza e lamentação. Aquela convicção arraigada e aquele zelo da primeira geração de puritanos não se manifestavam nos seus descendentes, que não tinham tido a experiência inspiradora da ida a uma nova terra à procura de liberdade religiosa. As Igrejas requeriam, para admissão no rol de membros, o testemunho de uma experiência religiosa que poucos podiam dar, razão pela qual somente uma minoria podia ser membro da Igreja. A pregação mais comum salientava a incapacidade do homem para se aproximar de Deus e isso levava muitos ao desânimo. Já vimos qual era a situação em Nova York. Na Pensilvânia, o quacrerismo, a forma religiosa dominante, tinha perdido muito o entusiasmo e ardor evangélicos, talvez por causa da grande prosperidade material. Em Maryland e na Virgínia, a Igreja Anglicana oficializada tinha pouco vigor.

PREGAÇÃO ERRÔNEA

GRANDE DESPERTAMENTO JONATHAN EDWARDS

Por essa época de desânimo, veio o “Grande Reavivamento”. Jonathan Edwards, jovem de extraordinários dons espirituais e grande poder intelectual, era pastor em Northampton, a primeira cidade de Massachusetts, depois de Boston. Em 1734, ele começou a pregar com poder extraordinário, procurando levar os ouvintes ao arrependimento e à fé. Northampton foi verdadeiramente revolucionada, e o reavivamento se espalhou pelas cidades vizinhas, de Massachusetts a Connecticut. Pouco antes disso, houve coisa parecida, embora fosse um movimento menos importante, em New Jersey. Gilbert Tennent, pastor da Igreja Presbiteriana de New Brunswick, em 1728, começou a pregar de um modo que inspirou vitalidade espiritual à sua própria Igreja e a outras nas circunvizinhanças. De 1739 a 1741, houve um reavivamento entre os puritanos e os presbiterianos escoceses de Newark. Na Virgínia, apareceu um reavivamento espontâneo, sem pregação especial, como resultado da leitura de livros religiosos. Contribuiu para ele o trabalho de evangelistas presbiterianos e batistas. Enquanto essa nova vida espiritual ia se desenvolvendo em muitos lugares das colônias, o eloquente George Whitefield veio fortalecer o movimento. De 1739 a 1741 e de 1744 a 1748, ele pregou ao longo da costa, desde a Georgia até o Maine, conseguindo enormes auditórios e produzindo uma impressão espiritual profunda. Suas viagens foram seguidas pelo traba-

GILBERT TENNENT

GEORGE WHITEFIELD

lho evangelístico que se espalhou na Nova Inglaterra na região de Jonathan Edwards e outros ministros notáveis que lideravam esses trabalhos.

As populações das colônias foram todas abaladas e influenciadas por esse poderoso despertar religioso. O número de membros das igrejas aumentou consideravelmente e foram organizadas muitas novas Igrejas. As denominações congregacional, presbiteriana e batista muito cresceram em número e poder. Surgiu o interesse missionário a favor dos índios. David Brainerd realizou uma obra bem influente, embora de pouca duração, a favor dos índios. Esse trabalho foi resultado direto do reavivamento. O reavivamento preparou as Igrejas americanas para suportarem uma época de provações que veio logo depois. Por quarenta anos, desde o início da guerra entre a França e os índios, em 1745, o povo das colônias ficou absorvido pela guerra, de um modo muito intenso, por toda essa época de agitações políticas e de guerra. A religião muito sofreu e teria sofrido muito mais se não fosse a preparação espiritual do povo que havia resultado do reavivamento.

Enquanto o reavivamento prosseguia chegaram nas colônias muitos milhares de pessoas que vieram a exercer grande influência na história americana, tanto no aspecto religioso como sob outros aspectos: os escoceses-irlandeses. Houve dois grandes movimentos imigratórios: o primeiro, de 1713 a 1750; e o segundo, de 1771 a 1773. A maioria deles foi para as colônias centrais que formavam a linha mais avançada do país. Muitos outros se estabeleceram na Pensilvânia, e outros ainda se dirigiram para o sul, ao longo dos Montes Apalaches, para o oeste da Virgínia e da Carolina. Todos eles eram presbiterianos, muito fiéis e ligados às suas Igrejas. Eram pessoas de piedade e grande zelo, caráter forte e alto senso de independência.

Os alemães da Pensilvânia não foram alcançados pelo reavivamento devido à barreira da língua. Em 1741, o Conde Zinzendorf visitou os moravianos daquela colônia, organizou-os eclesiasticamente e os encorajou à obra missionária, tanto entre os brancos como entre os índios. Verificando que havia milhares de alemães de várias seitas sem assistência religiosa, ele procurou levá-los a um tipo de unidade religiosa.

Esse plano despertou o zelo sectário dos alemães em seu próprio país. Os luteranos da Alemanha enviaram Henrique Muhlenberg, que organizou os luteranos da Pensilvânia em Igrejas e Sínodos.

A Igreja Reformada da Holanda enviou Miguel Schlatter, que realizou trabalho idêntico entre os alemães reformados dessa colônia.

**RESULTADOS DO
DESPERTAMENTO**

DAVID BRAINERD

**A GUERRA DE 40
ANOS**

**ESCOCESES-
IRLANDESES**

**ALEMÃES DA
PENSILVÂNIA**

**OS LUTERANOS
DA ALEMANHA**

**REFORMADOS
HOLANDA**

**METODISTA
IRLANDA**

**ENVIADO DE
WESLEY**

**A RELIGIÃO E A
GUERRA DA
INDEPENDÊNCIA**

O movimento metodista chegou à América em 1766. Nesse ano, Filipe Embury, que tinha sido pregador metodista na Irlanda, começou a pregar em Nova York. A partir dessa época, as sociedades dos metodistas multiplicaram-se e se desenvolveram rapidamente. Em 1771, Francisco Asbury foi indicado por Wesley para dirigir o metodismo americano. Sua capacidade de liderança e seu zelo incansável, e a cooperação dos seus colegas de ministério, deram lugar a um crescimento muito rápido, mesmo durante o período de guerra e de lutas políticas. A força maior desse movimento, nesse tempo, estava no sul.

É comum ouvir-se dizer que a guerra pela independência das colônias surgiu da disputa sobre impostos. Mas o sentido religioso muito contribuiu para o anseio de se libertarem dos laços do governo britânico. Os congregacionais e presbiterianos, que constituíam a maioria do povo, temiam que o governo britânico em breve estabelecesse a Igreja oficial em todas as colônias — o que, de fato, já estava acontecendo em algumas, e exigisse de todos os habitantes a obediência à autoridade dessa Igreja. Visto como seus pais tinham ido para a América a fim de fugirem exatamente de uma situação semelhante, os descendentes nenhum desejo tinham de se submeter a essa exigência. Esse sentimento contribuiu muito mais para o desejo de independência do que a geral indignação contra o Ato do Selo e outras medidas que impunham os vários impostos.

III. OS ESTADOS UNIDOS

(a) Reconstrução e Reavivamento Após a Guerra da Independência

**VIDA RELIGIOSA
ENFRAQUECIDA
APÓS A GUERRA**

Todas as Igrejas sofreram bastante durante a guerra. Muitos dos seus membros morreram na luta e muitos outros sofreram moralmente com a vida militar. Em muitos casos, Igrejas foram dispersas, seus ministros expulsos e os templos destruídos. Pelo motivo de os congregacionais e presbiterianos serem solidamente defensores da independência, seus ministros e Igrejas eram objeto especial do ataque dos britânicos. De um modo geral, a vida religiosa foi muito enfraquecida como sempre acontece durante e depois de uma guerra. A incredulidade e a indiferença religiosa se espalharam. O espírito anti-religioso da Revolução Francesa teve influência considerável, especialmente por causa do auxílio que a França prestou aos americanos durante a guerra. Durante as duas décadas seguintes, o Cristianismo americano teve menor vitalidade do que em qualquer outra época da sua história.

Apesar de tudo, o nascimento da nova nacionalidade demandava a reorganização das Igrejas. A Igreja Anglicana das colônias eliminou sua ligação com a Igreja-mãe, da Europa, e tomou o nome de Igreja Episcopal Protestante. O metodismo americano também se tornou independente e ao mesmo tempo consagrou seus primeiros superintendentes ou bispos, Thomas Coke e Asbury. O Sínodo Presbiteriano tornou-se a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América. Os congregacionais da Nova Inglaterra fundaram suas associações nacionais. A Igreja Romana, que tinha, então, dezoito mil membros apenas, foi colocada sob a direção de um “prefeito apostólico” americano que logo foi feito bispo.

**REORGANIZAÇÃO
DAS IGREJAS**

Um dos maiores benefícios já alcançados pelo Cristianismo, na América, foi a decisão tomada pela organização do governo dos Estados Unidos com relação à política religiosa do governo. A primeira emenda à Constituição (1791) determinava que não haveria religião reconhecida pelo Estado. O princípio da nova nacionalidade seria, em outras palavras: “uma Igreja Livre num Estado Livre”.

**RELIGIÃO E
CONSTITUIÇÃO**

A profunda fraqueza religiosa que se seguiu à guerra foi totalmente modificada em decorrência de uma série de despertamentos que atingiu grande parte do país pelos fins do século 18 e no início do século 19. Em muitos lugares surgiu nova vida espiritual que se irradiou com muita força. Não havia líderes de notabilidade como no primeiro grande reavivamento. As pregações eram realizadas, na maioria dos casos, pelos próprios pastores residentes nas cidades. Esse movimento foi duradouro, pois em algumas regiões os reavivamentos foram se sucedendo por uma geração. Foi mais acentuado na Nova Inglaterra, em Nova York e Ohio, que estavam sendo colonizadas por pessoas da Nova Inglaterra, como também foi notável no Kentucky e no Tennessee. Poucas foram as regiões do país que deixaram de sofrer sua influência.

**VÁRIOS
DESPERTAMENTOS**

Os reavivamentos fortaleceram bastante, e em caráter permanente, a vida religiosa do país. Deram início a um longo período de atividade religiosa verdadeiramente agressiva. Era de grande necessidade esse fortalecimento das Igrejas americanas em vista das grandes responsabilidades que tiveram de enfrentar com o desenvolvimento da nação.

**CARÁTER
PERMANENTE**

(b) O Século 19 até 1830**CRESCIMENTO
EVANGÉLICO**

Ao iniciar-se o novo século, chamam-nos a atenção alguns resultados definidos desses reavivamentos. As Igrejas tiveram aumentado o número de seus membros. Em 1830, os metodistas eram sete vezes mais do que em 1800; os presbiterianos, quatro vezes mais; os batistas três vezes mais; e os congregacionais, duas vezes mais, apesar das grandes perdas provocadas pelo movimento unitariano.

**PERDA PARA
UNITARIANOS****GRUPOS NOVOS**

Surgiram vários novos grupos religiosos. Um, que tomou o nome de “Discípulos”, foi formado por pessoas que tinham sido influenciadas pelos reavivamentos do oeste da Pensilvânia, da Virgínia e do Kentucky. Esses “Discípulos” repeliam as Igrejas existentes porque elas “tinham credos humanos”; pregavam a união de todos os cristãos em bases unicamente bíblicas. O nome que usavam era um protesto contra o denominacionalismo. A Igreja Presbiteriana de Cumberland foi fundada por ministros e pessoas residentes no Kentucky, eliminados da Igreja por causa das condições criadas pelos reavivamentos.

IGREJAS NOVAS

O aparecimento da corporação religiosa unitariana foi, em certo sentido, um resultado dos reavivamentos, porque eles salientavam certas diferenças teológicas que desde muito existiam no oeste do Massachusetts. Alguns ministros congregacionalistas e muitos leigos rejeitavam o ensino extremado relativo à pecaminosidade da natureza humana, do modo como era comumente ouvido nos púlpitos da Nova Inglaterra, e também negavam a divindade de Cristo. No início do século, o campo religioso ficou dividido entre unitarianos e trinitarianos.²⁰ Cerca de cem igrejas, perto de Boston, tornaram-se unitarianas. O movimento universalista surgiu por esse tempo na Nova Inglaterra e em outros lugares.

**O GRUPO
UNITARIANO****MISSÕES
NACIONAIS**

Um poderoso movimento missionário nacional resultou dos reavivamentos. A população ia avançando para o oeste com muita rapidez. As Igrejas enviaram muitos pregadores às novas colônias. Congregacionalistas e presbiterianos trabalhavam unidos no norte, isto é, na parte

²⁰ Unitarianos são os que atribuem a glória e os elementos da divindade ao Pai, mas nega-os ao Filho e ao Espírito Santo. Sustentam a mesma doutrina ou crença dos socinianos, uma seita fundada por Fausto Socino, que morreu na Polônia em 1604. Sustentavam os socinianos que Jesus Cristo foi um mero homem que não existia antes de concebido pela Virgem Maria; que o Espírito Santo não é uma Pessoa distinta; porém o Pai é verdadeiramente Deus. Negam a doutrina da salvação por Cristo, isto é, negam que a justiça alcançada por sua morte seja a nós imputada pela fé, etc. Os trinitarianos são os que acreditam na Trindade: um Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo, três Pessoas distintas na Unidade da Divindade. (N. do T.)

central e ocidental de Nova York e Ohio. Os presbiterianos eram ativos na Pensilvânia, Virgínia, Kentucky e Tennessee. Os batistas e metodistas eram os mais eficientes evangelistas dentre todos, alcançando toda a fronteira, mais acentuadamente no sul e no sudoeste.

Tendo surgido na Inglaterra, o movimento das Missões Estrangeiras logo encontrou correspondência de sentimentos no Cristianismo recém-vivificado da América. Samuel Mills, de Connecticut, tem a honra imperecível de ter sido o pioneiro do Cristianismo americano no campo das missões mundiais. Ele foi o líder dos cinco estudantes do Colégio Williams que se diz terem considerado, numa reunião de oração em Haystack, o apelo em favor da evangelização de terras estrangeiras. Ele também foi o líder dos “Irmãos”, uma sociedade de voluntários pró evangelização dos pagãos, organizada no Colégio Williams em 1808.

**MISSÕES
ESTRANGEIRAS**

Os “Irmãos” foram todos ao Seminário Teológico de Andover, onde conseguiram a adesão de Adoniram Judson. O pedido que fizeram à Associação Congregacional de Massachusetts, relativamente ao sustento e orientação para os seus propósitos missionários, deu lugar à organização, em 1810, da Junta Americana de Enviados às Missões Estrangeiras. Essa Junta foi a princípio composta de congregacionalistas da Nova Inglaterra, mas, em 1812, incluiu vários membros presbiterianos, e, por muitos anos, foi uma organização de ambas as denominações, de missões estrangeiras.

**A JUNTA (BOARD)
AMERICANA**

Em 1812, a Junta Americana enviou cinco missionários à Índia. Durante a viagem, Judson e Lutero Rice aceitaram os pontos de vista dos batistas, do que resultou se separarem dos demais. Judson foi para Burna a fim de realizar ali a sua grande obra; e Rice voltou à América para inculcar nos batistas a visão da obra das missões. Sua atividade resultou na formação da Sociedade Missionária Batista, em 1814. Dentro de poucos anos, outras igrejas americanas alistaram-se: a Episcopal Protestante, a Reformada Holandesa e a Episcopal Metodista.

**GRANDE
MOVIMENTO
MISSIONÁRIO**

As Escolas Dominicais, segundo o modelo de Robert Raikes, de auxílio às crianças desprotegidas e também de educação religiosa, apareceram nos Estados Unidos antes de 1790. Os reavivamentos desenvolveram esse trabalho. A primeira Escola Dominical do tipo moderno, isto é, escola na Igreja para ministrar ensino religioso, parece ter sido organizada em Pittsburgh, em 1800. Durante a década iniciada em 1810, o novo impulso das Igrejas deu origem à organização de muitas Escolas Dominicais desse tipo. Desde essa época, essa institui-

**AÇÃO DAS
ESCOLAS
DOMINICAIS**

**INSTITUIÇÕES
EDUCACIONAIS**

ção tornou-se reconhecida como uma parte necessária e integral da vida da Igreja. O fortalecimento desse trabalho resultou na organização da Associação das Escolas Dominicais da América, em 1824.

O tradicional interesse das Igrejas americanas em matéria de educação foi desenvolvido por causa das necessidades educacionais do leste e da vida religiosa sempre crescente dessas Igrejas. A fundação de colégios foi uma parte importantíssima da obra missionária nacional dessas Igrejas, especialmente as congregacionais, presbiterianas e episcopais. “Dos quarenta colégios e universidades permanentes estabelecidos nos Estados Unidos, entre os anos de 780 e 1829, em todas as regiões do país, treze foram organizados e fundados por presbiterianos; quatro, pelos congregacionalistas; um, pelos dois grupos em cooperação; seis, pelos episcopais; um, pelos católicos; três, pelos batistas; um, pelos reformados alemães; e onze, pelos Estados; e das instituições oficiais, quatro foram iniciadas pela influência presbiteriana.” Outro resultado educacional dos reavivamentos foi o estabelecimento de escolas para o preparo ministerial, seminários teológicos, para fazer face às exigências de um número maior de ministros bem-preparados. O Seminário Teológico de Andover foi fundado em 1808 pelos congregacionalistas de Massachusetts. Durante os dezoito anos seguintes, foram estabelecidos quinze outros seminários por oito denominações.

**CHAMA VIVA
DO ESPÍRITO**

Após o período de reavivamento nos quinze anos que abrangem o início do século 19 e o “segundo reavivamento”, esses departamentos religiosos se tornaram freqüentes em várias partes do país, de 1810 em diante. Eles foram mais poderosos durante o decênio seguinte na Nova Inglaterra e em Nova York. A sua pregação resultou no mais poderoso movimento de revivificação religiosa jamais visto na cidade de Rochester, em 1830-1831, a qual se estendeu por todo o norte, desde a Nova Inglaterra até Ohio. Esse movimento resultou em extraordinário crescimento espiritual e moral, como veremos.

(c) 1830-1861**MUDANÇAS NA
VIDA NACIONAL**

Por volta de 1830, surgiram na vida nacional modificações que afetaram a vida religiosa nos seus mais importantes aspectos. Entre 1830 e 1860, foi grande a imigração européia. Por esse motivo e por causa do avanço para o oeste, houve rápido desenvolvimento no vale do Mississipi. Foram anexados novos Estados, cresceu a população. A vida foi organizada. A força política do oeste surgiu ao tempo do pre-

sidente Jackson. A indústria desenvolveu-se extraordinariamente e novas estradas de rodagem, estradas de ferro e canais foram construídos. A luta contra a escravidão intensificou-se, orientando-se para a crise que surgiu depois de 1850. Contatos mais aproximados com a Europa trouxeram novas idéias políticas, sociais e religiosas. Alguns pensamentos religiosos modernos surgiram, mesmo na América. Tudo isso contribuiu para que esse período fosse agitado, cheio de controvérsias e modificações, numa fermentação incansável de lutas dos mais variados aspectos.

Por essa época as Igrejas protestantes executaram uma vasta obra de Missões Nacionais. Surgiram novas Igrejas e colégios evangélicos através de todo o vale do Mississipi, como também em outras regiões mais para o oeste. O lançamento dos alicerces cristãos da sociedade nesse enorme território, com suas imensas possibilidades, em poucos anos, é uma das maiores realizações da história cristã. As Igrejas alcançaram aquela visão que Lyman Beecher expressou nestas palavras quando, em 1832, deixou sua posição da mais avançada liderança religiosa do leste para ser o diretor do Seminário Lane, em Cincinnati: “Plantar o Cristianismo no Oeste (americano) é uma tarefa tão grande quanto seria plantá-lo no império Romano, porém com maior permanência e poder”.

Um resultado religioso direto da imigração foi o crescimento extraordinário da Igreja Romana. Nesse período ela multiplicou por dez o número dos seus membros, que subiu a mais de três milhões de pessoas, e alcançou também uma poderosa influência correspondente. As Igrejas luteranas aumentaram grandemente em número por causa da imigração alemã e escandinava.

Também, durante esse tempo, as controvérsias perturbaram a vida de muitas Igrejas e provocaram divisão na Igreja presbiteriana. A obra conjunta de presbiterianos e congregacionalistas nas missões nacionais levou para a Igreja presbiteriana muitos precedentes congregacionalistas da Nova Inglaterra. Daí terem-se espalhado consideravelmente as idéias teológicas que divergiam dos antigos postulados presbiterianos. Surgiram dois partidos: o progressista e o conservador. O primeiro, favorável às novas necessidades. O segundo sustentava os antigos padrões tradicionais, tanto na doutrina como em governo. Houve um rompimento em 1837. Duas igrejas — a da Escola Nova e a da Velha Escola — separadas desde 1838, reuniram-se em 1869. Na Igreja Episcopal Protestante, uma controvérsia entre a “Alta Igreja” e a

**CRESCIMENTO
CATÓLICO E
LUTERANO**

**A IGREJA
PRESBITERIANA
SE DIVIDE EM
DUAS**

**A IGREJA
EPISCOPAL**

**AS IGREJAS E
ESCRavidÃO**

“Baixa Igreja”, que surgira a partir de 1810, tornou-se bastante aguda nesse período. Não obstante, essa Igreja alcançou algum progresso e tomou posição para se tornar uma das principais entre as Igrejas americanas.

A escravidão, sendo um assunto quase obrigatório, afetou o pensamento das Igrejas e de todas as pessoas. Cerca do ano 1800, tanto as do norte como as do sul se opunham à escravidão, isto é, como opinião geral. Foi quando uma modificação de caráter econômico provocou uma transformação. A invenção da máquina de fiar, que havia aparecido pouco antes de 1800, fez desenvolver enormemente a plantação de algodão, de sorte que no sul houve uma era de grande prosperidade. A escravidão, que era um meio de desenvolver a cultura do algodão, tornou-se menos combatida, e até mesmo defendida por muitos. As Igrejas do sul cessaram a sua oposição. No norte, onde não havia escravidão, surgiu um sentimento antiescravagista dentro das Igrejas, embora não muito profundo ainda. Em 1830, verificou-se outra mudança. O sul determinou-se a manter e a estender a escravidão, e as suas Igrejas procuravam encontrar na Bíblia aprovação divina para a escravatura. No norte, a oposição cresceu e as Igrejas começaram a tomar a liderança desse movimento, embora não fossem todas unânimes. O poderoso reavivamento de 1830-31, resultante do trabalho de Finney, ficou do lado da propaganda abolicionista, fortalecendo-a. A partir de 1840, as Igrejas do norte tiveram fortalecida sua convicção de que a escravidão era um grande mal e resolveram lutar para extingui-la. Os batistas e metodistas dividiram-se, tanto no norte como no sul (1844-45) e noutras regiões onde habitavam. A lei do escravo fugitivo, de 1850, e o Ato Kansas-Nebraska, de 1854, conduziram o povo cristão do norte a uma oposição muito forte à escravidão. A liderança das Igrejas teve uma parte decisiva no propósito abolicionista do norte.

TEMPERANÇA

As bebidas alcoólicas constituíam outra questão social que as Igrejas levantaram. No começo do século 19, esse mal estava terrivelmente disseminado em todas as camadas sociais. A partir de 1810, houve um despertamento da consciência cristã nesse sentido. Depois de 1820, teve início o movimento que continuou muito forte por vinte anos. Esse foi um trabalho exclusivamente das Igrejas, tanto dos ministros como dos membros. E foi muito mais forte após o reavivamento de 1830-31. O objetivo desse movimento era acabar com todos os hábitos sociais que, praticamente, envolvessem o uso de bebidas alcoólicas, e assim assegurar a abstinência individual; primeiro, de bebidas fortes; depois, de todas as bebidas que contivessem qualquer quanti-

dade de álcool. O resultado foi que a embriaguez foi materialmente reduzida, houve regeneração de costumes, e a quase totalidade das Igrejas americanas tomou uma posição definida sobre essa questão. Após dez anos de grande prosperidade e intensa atividade comercial, aconteceu, em 1857, uma queda econômica e tempos bastante difíceis.

Logo apareceram sinais de um despertar religioso nas reuniões de oração, na cidade de Nova York, promovidas pelos leigos. Aí teve início um reavivamento que se estendeu de Boston até Omaha, e, no sul, até Washington. Em toda parte esse movimento apareceu como em Nova York: nos cultos de oração dos leigos. Foi um movimento espontâneo sem organização ou evangelistas notáveis; dependia mais das orações do que de pregações, e foi profundo e frutífero no seu caráter e resultados. Centenas de milhares de pessoas convertidas nesse movimento se filiaram às Igrejas. Os crentes leigos foram impulsionados ao serviço religioso como nunca na história da Igreja. As Igrejas foram assim fortalecidas para enfrentarem as duras provações da Guerra Civil.

**NOVO
DESPERTAMENTO**

(d) 1861-1890

Durante a guerra civil as Igrejas do norte unanimemente apoiaram a causa do governo federal. Havia sido influenciadas por um motivo novo, a preservação da Unidade Nacional, em adição ao velho motivo da abolição da escravidão. Com base nessas idéias, a guerra foi considerada uma luta cujos objetivos estavam em harmonia com a vontade de Deus, e, portanto, devia ter o apoio das Igrejas. As Igrejas do sul estavam igualmente convencidas da justiça da causa sulista e prestaram a esta apoio idêntico.

**AS IGREJAS E A
GUERRA**

A separação entre o norte e o sul motivou unicamente uma divisão eclesiástica na Igreja Presbiteriana da Velha Escola, a qual tinha membros tanto nortistas como sulistas. Em 1861, o grupo sulista dessa igreja separou-se e formou a Igreja Presbiteriana dos Estados Confederados da América, a qual, depois da guerra, veio a ser a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Na Igreja Protestante Episcopal, as dioceses do sul saíram da comunhão com as do norte, mas não houve divisão.

**IGREJA
PRESBITERIANA
NORTE E SUL**

Após a guerra, a nação, no norte e no oeste, conseguiu um avanço com um novo e extraordinário poder. Os recursos ilimitados do país, as vastíssimas terras devolutas do oeste, as urgentes necessidades da

**ATIVIDADES
RELIGIOSAS DE
APÓS-GUERRA**

vida nacional provocadas pela guerra e as grandes esperanças do povo combinaram-se para inaugurar uma era de grandes realizações e prosperidade. O pânico de 1873 não alterou o caráter geral desses tempos.

As Igrejas participaram das atividades gerais. Foram prósperas no serviço social cristão e para tal tinham a energia espiritual e as riquezas do povo. As próprias Igrejas participaram do otimismo geral. As regiões habitadas pelos negros no sul foram um novo campo em que as Igrejas trabalharam ativamente, fundando novas igrejas, escolas e grandes instituições. As missões nacionais floresceram com maior vigor do que antes no oeste, que agora já era o “oeste longínquo” (*Far-West*). Novos colégios e seminários teológicos surgiam rapidamente. As missões estrangeiras, a partir de 1870, experimentaram um reavivamento mundial que coincidiu com o espírito e prosperidade das Igrejas americanas. A união, de 1869, das Igrejas Presbiterianas da Nova e da Velha Escola foi um grande estímulo para outras atividades religiosas. Eram freqüentes os reavivamentos. D. L. Moody estava no auge do seu trabalho evangelístico, e as Igrejas cresciam em número. Talvez o mais significativo de tudo isso tenha sido o crescimento marcante da liderança e do trabalho leigo. Isso se manifestou de modo especial nas Escolas Dominicais, onde surgiu um grande desenvolvimento do trabalho e a aplicação de novos métodos. As Associações Cristãs de Moços, então organizadas por todo o país, eram muito ativas. As mulheres assumiram uma liderança maior por intermédio das Auxiliadoras Femininas que muito fizeram em prol da causa missionária e outras. O movimento da Mocidade surgiu com a primeira União de Moços Cristãos Evangélicos, em 1881, que, nessa década, se desenvolveu muito rapidamente.

(e) 1890-1929

**MUDANÇAS
SOCIAIS E
RELIGIOSAS**

Modificações importantes na vida nacional que ocorreram antes e depois de 1890 afetaram vitalmente a religião e as Igrejas. Além disso, surgiram idéias religiosas avançadas. As mudanças na vida nacional foram: um aumento extraordinário da imigração, que dessa vez procedia mais do leste e do sul da Europa do que do Ocidente, como acontecia antes; uma expansão industrial que superou a qualquer coisa jamais reconhecida na América; um rápido desenvolvimento das cidades provocado pela imigração e pela indústria, com um conseqüente declínio da população rural; o desaparecimento de fronteiras, dificul-

dade que tinha existido através de toda a história americana; conflitos mais agudos e em maior número entre empregados e empregadores. As novas condições de vida das populações tiveram um efeito direto sobre as igrejas. Muitas igrejas nas cidades, sentindo-se cercadas de pessoas para as quais elas eram estranhas, mudaram-se para outras localidades. Algumas modificaram seus métodos para alcançarem as pessoas das vizinhanças. Muitas igrejas das vilas e do interior ficaram seriamente enfraquecidas por causa da emigração dos seus membros para as cidades. Ganharam terreno novos métodos de estudos bíblicos e uma nova concepção quanto à inspiração da Bíblia. As ciências naturais, com seus ensinamentos sobre a origem da terra e do homem, alteraram o pensamento religioso de vários modos.

Apesar desses fatores de desordem, as Igrejas protestantes estiveram em grande atividade, a partir de 1890 e nos começos do século XX. As Igrejas viam crescer o rol dos seus membros, eram freqüentes as campanhas evangelísticas, o movimento da mocidade estava em plena efervescência, as missões nacionais e estrangeiras avançavam vigorosamente. Os anos de 1900 a 1915 têm sido chamados a “era das cruzadas”, por causa dos empreendimentos organizados amplamente entre as Igrejas, tais como: o Movimento Missionário dos Leigos e o Movimento para o Avanço Religioso, etc. A Primeira Guerra Mundial provocou um declínio das atividades religiosas. Mas as Igrejas, como um todo, ao contribuir para a causa da guerra, tiveram de transferir para as causas dessa mesma guerra muitas energias. Logo depois do conflito veio a maior das “Cruzadas”, o Movimento Mundial Intereclesiástico. Concebido em vasta escala, esse movimento promoveu auxílio adequado a todos os empreendimentos cristãos e oportunidade de serviço cristão onde quer que fosse necessário. Tal planejamento arrojado, porém, não tinha sido delineado sabiamente, e por isso, resultou em desilusão, por causa da situação de egoísmo que persistiu de 1920 em diante. Não obstante esse período de dificuldades, as atividades eclesiais seguiram as mesmas linhas e com a mesma força até 1929.

Vários novos aspectos da vida da Igreja nesse período merecem destaque. O Movimento da Unidade Cristã tornou-se mais forte na América do que no resto do mundo cristão. O Concílio Federal das Igrejas de Cristo na América, organizado em 1908, reuniu a maioria das Igrejas cristãs para uma cooperação e desenvolveu a sua influência. Surgiram nos Estados muitas federações de Igrejas, como também em certas regiões e cidades. Isso contribuiu para fortalecer a obra

**ATIVIDADES
ECLESIASTICAS**

**UNIÃO DE
IGREJAS**

interdenominacional. Houve várias uniões de Igrejas, sendo a mais importante a união da Igreja Presbiteriana U.S.A. com a Igreja Presbiteriana de Cumberland, em 1906, e a organização da Igreja Luterana Unida, em 1918. As Igrejas americanas estavam na liderança do movimento ecumênico.

CRISTIANISMO SOCIAL

A partir de 1900, houve um constante crescimento do Cristianismo Social, isto é, uma nova compreensão, por parte do povo cristão, das condições sociais e econômicas; uma nova concepção acerca dos males sociais; a convicção de que a justiça social era da vontade de Deus e que, portanto, a Igreja Cristã deveria lutar por alcançar esse propósito. Isso apareceu claramente numa longa série de declarações sobre questões sociais, os “credos sociais” publicados pelas Igrejas, começando com as declarações da Conferência Geral Metodista e o Concílio Federal, em 1908. Ao lado dessas afirmações houve muito estudo e discussão sobre esse assunto nas Igrejas, por meio de publicações de folhetos, jornais e livros. Além disso, o trabalho das Igrejas no campo social foi muito ampliado. Esse movimento foi fortalecido com a Primeira Guerra Mundial, e tanto afetou o protestantismo como a Igreja Católica Romana. Apesar da oposição e das dificuldades, o movimento prosseguiu até 1929, com visão cada vez maior.

O CULTO

Durante esse período, o culto tornou-se muito importante em muitas Igrejas. Formas de culto mais piedosas e atraentes foram introduzidas em larga escala. Em certas Igrejas não-litúrgicas apareceram fórmulas de oração e manuais de culto. Outro aspecto importante da vida das Igrejas foi o grande esforço que realizaram no campo da educação religiosa, que era ministrada tanto as domingos como durante os demais dias da semana.

IDÉIAS RELIGIOSAS LIBERAIS

As modificações do pensamento religioso, por volta de 1890, a que nos referimos, deu lugar ao aparecimento de uma teologia liberal, um tipo de pensamento que era verdadeiro quanto ao Cristianismo histórico, mas defendia uma nova concepção quanto à inspiração da Bíblia com relação às novas descobertas da ciência. Contra esses conceitos surgiu, a partir de 1910, o fundamentalismo, movimento que dava ênfase à exatidão e a inspiração literal da Bíblia. Uma controvérsia amarga perturbou o protestantismo americano a partir de 1920, vindo quase a desaparecer em 1935.

IGREJA ROMANA

Nesse período, a Igreja Romana continuou a sua marcha. O seu grande crescimento numérico foi de certo modo retardado a partir de 1910, pela restrição da imigração. Mas essa Igreja fortaleceu sua orga-

nização e desenvolveu sua atividade de todos os modos possíveis. Foram construídos muitos templos e fundadas instituições. Foram grandemente desenvolvidos a obra educativa e os serviços sociais; foi ampliado o número de periódicos e livros. A influência política e social da Igreja romana foi firmada.

Durante esse tempo, a Igreja Ortodoxa do oriente, pela primeira vez, tornou-se um elemento considerável na vida religiosa dos Estados Unidos, por causa da imigração. As várias Igrejas dessa comunhão mantinham para com as Igrejas protestantes uma atitude muito diferente daquela da Igreja Católica Romana.

**IGREJA
ORTODOXA**

(f) 1929-1940

Voltando a vista para a depressão de 1929, uma das maiores catástrofes econômicas da História, convencemo-nos de que ela marcou uma etapa decisiva, um ponto revolucionário na vida religiosa. Ainda não podemos ver, com toda clareza, os resultados dessa desgraça. E os terríveis desastres que têm sobrevindo ao mundo desde então obscurecem nossa visão. Todavia, não é difícil observarem-se certos resultados. As Igrejas americanas sofreram uma decisiva diminuição das suas rendas econômicas, o que de algum modo tem limitado o trabalho e os planos dessas Igrejas.

**DEPRESSÃO DE
1929**

Vários aspectos do pensamento religioso têm-se modificado profundamente. Há uma confiança muito menor na capacidade humana de tornar este mundo melhor, e muito maior confiança em Deus. O movimento de Unidade Cristã está muito mais fortalecido. Esta é a resposta do Cristianismo às dissensões que dividem o mundo. Verificaram-se cinco importantes uniões eclesiais: As Igrejas Congregacionais com as Cristãs, em 1931; a Igreja Americana com a Luterana, em 1931; os Ortodoxos com os Irmãos Hicksitas, em 1933; os Metodistas do Norte com os do Sul, em 1939. O Movimento Ecumênico tem sido uma força considerável nos Estados Unidos.

**CONFIANÇA EM
DEUS**

**A UNIÃO DE
IGREJAS
CONTINUA**

O espírito cristão nas Igrejas americanas tem alcançado progresso em duas outras linhas fundamentais. Depois de 1929, os empreendimentos missionários foram, de algum modo, perturbados, tanto nos Estados Unidos como em toda parte. Houve uma profunda alteração quanto às muitas questões relacionadas com as missões, que vieram a afetar os métodos até então adotados. As forças missionárias têm sido bastante reduzidas por falta de contribuição e os campos têm sido bas-

**ALTERAÇÃO COM
AS GUERRAS**

tante reduzidos em decorrência das grandes guerras que afetaram a vida no mundo inteiro. Apesar de tudo, não se tem verificado nenhum retrocesso no propósito missionário das Igrejas. Nem tampouco há qualquer reversão no que diz respeito às obrigações do Cristianismo para com a sociedade. Há, de fato, uma confiança menor no que o homem pode fazer e um sentimento mais forte de dependência de Deus. Há, igualmente, uma visão mais clara do mal no mundo. Porém, mesmo nos tempos de tragédia e ruína, as Igrejas mantêm seu propósito de lutar pela realização da vontade de Deus na vida humana.

QUESTIONÁRIO

1. Descreva como foram fundadas as colônias de Plymouth e da Baía de Massachusetts.
2. Fale da vida religiosa da Nova Inglaterra, no começo dessa colônia.
3. Qual era a atitude dos puritanos com relação à liberdade religiosa? O que resultou dessa atitude quanto à fundação da colônia de Rhode Island e a primitiva história dos batistas?
4. Qual era a condição religiosa de Nova York no século 17? Fale do começo do trabalho religioso na Pensilvânia.
5. O que você sabe sobre a tolerância em Maryland? Descreva as condições religiosas na Virgínia, no século 17.
6. Descreva o Grande Reavivamento e seus resultados.
7. Onde se estabeleceram os escoceses-irlandeses? Qual era a sua ligação eclesiástica?
8. Descreva como se organizaram as Igrejas luteranas e reformadas alemãs.
9. Fale sobre o metodismo nas colônias.
10. O que foi decidido pela Constituição Federal, quanto à religião?
11. Descreva a situação religiosa após a Guerra da Independência e os reavivamentos que modificaram essa condição. Que novos grupos religiosos resultaram dos reavivamentos?
12. Quais foram os resultados dos reavivamentos nas missões nacionais e estrangeiras?
13. Descreva o aparecimento das Escolas Dominicais.
14. Quais foram os resultados dos reavivamentos quanto ao trabalho educacional?
15. Qual foi o caráter geral do período de 1830 a 1861?
16. Fale sobre as Missões Nacionais nesse período. Qual foi a atitude das Igrejas em relação à escravidão? Como as Igrejas agiram com relação à embriaguez?
17. Quais foram os resultados religiosos da imigração durante o período de 1830-1861?
18. Descreva o reavivamento de 1857-1858.
19. Como era o caráter da vida religiosa nos anos que se seguiram à Guerra Civil?
20. Que modificações surgiram na vida nacional e na vida eclesiástica em 1890?

21. Fale sobre o progresso do Movimento de Unidade Cristã, de 1890 a 1929. Descreva o Cristianismo Social nesse período.
22. Fale sobre o fortalecimento da Igreja Católica Romana nesse período.
23. Por que o ano de 1929 foi um ponto decisivo na história da Igreja?

BIBLIOGRAFIA

Capítulo 1

Angus, *The Environment of Early Christianity*.

W. Walker, *History of the Christian Church*, Período I, seções 1 e 2.

Letzmann, *The Beginnings of the Christian Church*, capítulos 1, 2, 6 e 9.

Glover, *The Conflict of Religions in the Early Roman Empire*, capítulos I-III.

Purdy-MacGregor, *Jew and Greek: Tutors Unto Christ*.

Capítulo 2

W. Walker, *History of the Christian Church*, Período I, seções 3-7. 9.

Letzmann, *The Beginnings of the Christian Church*, capítulos 4, 5, 7 e 8.

T.M. Lindsay, *The Church and the Ministry in the Early Centuries*, Conferências II-IV.

Streeter, *The Primitive Church*, Conferências II, III.

Von Dobschutz, *Christian Life in the Primitive Church*, capítulos II-IX.

Glover, *The Conflict of Religions in the Early Roman Empire*, capítulos IV-V.

Capítulo 3

W. Walker, *History of the Christian Church*, Período I, seções 7-9; Período II, seções 1,3-5. 12-14, 16, 17 e 19.

Lietzmann, *The Founding of the Church Universal*, capítulos 1, 4, 6 e 11.

Latourette, *The First Five Centuries (History of the Expansion of Christianity)*, Vol. 1, capítulos 3, 4.

T. M. Lindsay, *The Church and the Ministry in the Early Centuries*, conferências V-VII.

Workman, *Persecution in the Early Church*, capítulos II-IV.

Gwatkin, *Early Church History*, cap. XV, sobre Gnosticismo.

Case, *Makers of Christianity from Jesus to Charlemagne*, biografias.

Capítulo 4

W. Walker, *History of the Christian Church*, Período III, seções 1, 10, 12 e 18.

Latourette, *The First Five Centuries (History of the Expansion of Christianity)*, Vol 1, capítulos, 5,6.

Workman, *Evolution of the Monastic Ideal*, capítulos I-III.

Workman, *Christian Thought to the Reformation*, capítulos, III-V, sobre questões de doutrina.

Farrar, *Lives of the Fathers*, Vol. II, sobre Ambrósio, Crisóstomo, Jerônimo e Agostinho.

Case, *Makers of Christianity from Jesus to Charlemagne*, biografias.

Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, sobre as Igrejas separadas do Oriente.

Capítulo 5

Munro-Sontag, *The Middle Ages*, capítulos VI-XIII, XIX, XX, sobre História Geral com ênfase especial na história da Igreja.

W. Walker, *History of the Christian Church*, Período III, seção 20; Período IV, seções 1-4.

M.W. Stubbs, *The How Europe was Won for Christianity*.

- Latourette, *The The Thousand Years of Uncertainty (History of the Expansion of Christianity)*, Vol 2, capítulos 2, 3.
- Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, cap. VI, sobre a separação das Igrejas do Ocidente e do Oriente.
- Case, *Makers of Christianity from Jesus to Charlemagne*, biografias de Gregório I, Bonifácio e Carlos Magno.

Capítulo 6

- Munro-Sontag, *The Middle Ages*, capítulos XII, XIV, XVI, XXVII.
- W. Walker, *History of the Christian Church*, Período IV, seções 6-9, 13.
- Workman, *Evolution of the Monastic Ideal*, pp. 219-236.
- Coulton, *Five Centuries of Religion*, Vol. I, capítulos XVI, XVII.
- J. T. McNeill, *Makers of Christianity from Alfred the Great to Schleiermacher*, biografias dos reformadores dos mosteiros.
- Adeney, *The Greek and Eastern Churches*, Div. II, capítulos I-IV.

Capítulo 7

- Munro-Sontag, *The Middle Ages*, capítulos XV, XXI-XXV, XXXII, XXXIII.
- W. Walker, *History of the Christian Church*, Período IV, seções 10-12, 14; Período V, seções 1, 9, 10.
- Thorndike, *History of Medieval Europe*, cap. XVI, sobre as cruzadas, capítulo XXIII, sobre a Igreja sob Inocêncio III.
- G. B. Adams, *Civilization in Medieval Europe*, capítulo XI, sobre as cruzadas.
- A.H. Mathews, *Life and Times of Hildebrand*.
- J.T. McNeil, *Makers of Christianity from Alfred the Great to Scheiermacher*, biografias de Hildebrando e Inocêncio III.
- Thatcher-McNeal, *Source Book from Medieval History*, contém muitos documentos originais importantes; pp. 132-259, sobre papado; pp. 513-544, sobre as cruzadas.

Capítulo 8

- Munro-Sontag, *The Middle Ages*, capítulos, XXVII, XXX.
- Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. V, Parte I, capítulo XV, sobre a organização e as leis da Igreja, e o clero; capítulo X, sobre a Inquisição; capítulo XIV, sobre os sacramentos, penitências, indulgências; capítulo XVI, sobre a adoração de santos e da Virgem.
- Workman, *Evolution of the Monastic Ideal*, capítulo V.
- Coulton, *Five Centuries of Religion*, Vol. I, capítulos XIX, XXI; Vol. II, capítulos I-VI, sobre o monasticismo.
- Lea, *The Inquisition of the Middle Ages*, especialmente Vol. I, capítulos VII-XIV.
- T.M. Lindsay, *History of Reformation*, Vol. I, Livro II, capítulo II, sobre penitência e indulgência.
- Thorndike, *History of Medieval Europe*, capítulo XXII, sobre arquitetura.

Capítulo 9

- Munro-Sontag, *The Middle Ages*, capítulos XXIX, XXX.
- W. Walker, *History of the Christian Church*, Seção sobre os dominicanos e franciscanos.

- Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. V, capítulos VIII e XVI.
Sabatier, *S. Francisco de Assis*.
Coulton, *Five Centuries of Religion*, Vol. I.
Coulton, *A Medieval Garner*.
Latourette, *The Thousand Years of Uncertainty* (History of the Expansion of Christianity).
Adeney, *The Greek and Eastern Churches*.

Capítulo 10

- Munro-Sontag, *The Middle Ages*.
W. Walker, *History of the Christian Church*.
Schaff, *History of the Christian Church*, Vol. V. Parte II, sobre o papado e o concílios, Wycliff e Huss.
Workman, *John Wycliff*.
Schaff, *John Huss*.
J. T. McNeil, *Makers of Christianity*, sobre Waldo, Wycliff, Huss.
T.M. Lindsay, *History of the Reformation*, Vol I.
Lucas, *The Renaissance and the Reformation*, Vol. I, *O Reavivamento da Cultura*.

Capítulo 11

- Schevill, *History of Europe*, II Seção.
W. Walker, *History of the Christian Church*, VI Divisão.
T. M. Lindsay, *História da Reforma*, Vol. I.
Preserved Smith, *The Age of the Reformation*, capítulos 10 a 12.
Lucas, *The Renaissance and the Reformation*, Vol. II, Parte VII.
McGiffert, *Martin Luther*.
Fife, *Young Luther*.
MacKinnon, *Luther and the Reformation*, Vol I, sobre a controvérsia da indulgência.

Capítulo 12

- W. Walker, *History of the Christian Church*, Divisão V.
T.M. Lindsay, *History of the Reformation*, Livro III, Vol. II.
Lucas, *The Renaissance and the Reformation*, Livro II, Parte IX.
S.M. Jackson, *Huldreich Zwingli*.
Reyburn, *John Calvin*.
Cowan, *John Knox*.
R. Putnam, *William the Silent*.

Capítulo 13

- Schevill, *History of Europe*.
W. Walker, *History of the Christian Church*.
T. M. Lindsay, *História da Reforma*.
Green, *Short History of English People*.
Knappen, *Tudor Puritanism*.
A. H. Newman, *Manual of Church History*.
Lucas, *The Renaissance and the Reformation*.
Kidd, *The Counter Reformation*.

Van Dyke, *Ignatius Loyola*.

Latourette, *Three Centuries of Advance*.

Capítulo 14

Schevill, *History of Europe*, seções II e III sobre a Guerra dos Trinta Anos.

W. Walker, *History of the Christian Church*, seção VI.

T.M. Lindsay, *História da Reforma*, Vol. II, Livros IV, V, VI.

Green, *Short History of the English People*, cap. VIII.

Knappen, *Tudor Puritanism*.

A. H. Newman, *Manual of Church History*, Vol. II.

Lucas, *The Renaissance and Reformation*, Livro II, Parte X.

Kidd, *The Counter Reformation*.

Van Dyke, *Ignatius Loyola*.

Latourette, *Three Centuries of Advance*, Vol. III.

Capítulo 15

Schevill, *History of Europe*, Seção III.

G. M. Tevelyan, *History of England*, Livros IV e V.

W. Walker, *History of the Christian Church*, pp. 470-480.

Beveridge, *History of the Westminster Assembly*.

Braithwaite, *The Beginnings of Quakerism*.

R. M. Jones, *George Fox, Seeker and Friend*.

J. S. Simon, *The Revival of Religion in England in the Eighteenth Century*.

Lunn, *John Wesley*.

Winchester, *The Heart of Wesley's Journal*.

Bready, *England Before and After Wesley*.

J. R. Fleming, *The Burning Bush*, Capítulos XII a XVI e XXI.

Capítulo 16

Schevill, *History of Europe*.

W. Walker, *History of the Christian Church Since the Reformation*.

Nielsen, *History of the Papacy in the Nineteenth Century*.

Buly, *History of the Papacy in the Nineteenth Century*.

Alzog, *Universal Church History*.

Cornish, *History of the English Church*.

H. L. Stewart, *A Century of Anglo-Catholicism*.

J. R. Fleming, *The Burning Bush, The Church in Scotland*.

Latourette, *The Great Century*.

Capítulo 17

Schevill, *History of Europe*.

A. L. Lilley, *The Program of Modernism*.

A. Keller, *Church and State on European Continent*.

Keller-Stewart, *Protestant Europe, Its Crisis and Outlook*.

Macfarland, *The New Church and New Germany*.

H. L. Stewart, *A Century of Anglo-Catholicism*.

- Henson, *The Church in Scotland*.
J.R. Fleming, *The Church in Scotland*.
Spinka, *The Church in the Russian Revolution e Christianity Confronts Communism*.
Van Dusen, *For the Healing of the Nations*.
Leiper, *Word Chaos or World Christinity*.

Capítulo 18

- Sweet, *Story of Religion in America*.
Rowe, *Story of Religion in the United States*.
A. H. Newman, *History of the Baptists in United States*.
W. Walker, *History of the Congregational Churches in USA*.
Garrison, *Religion Follows the Frontier*.
Manross, *History of the American Episcopal Church*.
Wentz, *The Lutheran Church in American History*.
Sweet, *Methodism in American History*.
R.E. Thompson, *History of the Presbyterian Churches in the United States*.
O'Gorman, *History of the Roman Catholic Church in the United States*.
Mode, *The Frontier Spirit in American Christianity*.
H.R. Niebuhr, *The Kingdom of God in America*.
Garrison, *The March of Faith*.
Atkins, *Religion in our Times*.
Gabriel, *Pageant of American Life*.
Bassett, *Short History of the United States*.

ÍNDICE REMISSIVO

LUGARES

- Abadia de Claraval, 125, 126
 Adrianópolis, 53
 África, 40, 53, 61, 69, 71, 78, 214, 252
 Albi, 142
 Alemanha, 53, 57, 69, 70, 72, 73, 78, 87, 88,
 98, 111, 126, 129, 131, 142, 147, 148,
 150, 151, 155, 156, 159-167, 173,
 174, 177, 178, 183, 195, 199, 201,
 209, 211, 213, 216, 242, 243, 252,
 257, 258, 259, 263, 265, 285
 Alexandria, 31, 41, 59, 63, 78, 216
 Alpes, 97
 Alsácia, 258, 264
 América do Norte, 278
 Américas, 79, 130, 141, 181, 192, 195, 203,
 209, 214, 215, 226, 228, 229, 232,
 234, 243, 246, 278, 279, 282, 286,
 287, 289, 290, 291, 294, 295
 Anagni, 144
 Andover, 289, 290
 Antioquia, 31, 40, 60, 63, 78, 216
 Arábia, 69
 Armênia, 40
 Ásia, 203, 214, 252
 Ásia Central, 104
 Ásia Menor, 40, 46, 53, 59, 65, 71, 79, 90, 91,
 92, 104, 105
 Ásia ocidental, 69, 78, 134
 Assis, 127, 128
 Atenas, 19
 Atlântico, 69, 70
 Áustria, 195, 201, 258, 261, 265
 Avinhão, 144, 145
 Baía de Cape Cod, 279
 Basileia, 149, 171, 175
 Bavária, 201, 261
 Baviera, 78
 Belém, 60
 Bélgica, 180
 Boêmia, 73, 147, 166
 Borgúndia, 125
 Boston, 279, 284, 288, 293
 Bourges, 174
 Brasil, 203
 Bredford, 225
 Bretanha, 56
 Bristol, 229
 Britânia, 40, 55
 Burma, 289
 Calcedônia, 60, 65
 Califórnia, 277
 Camden, 281
 Canadá, 277, 278
 Cantões Suíços, 174
 Cantuária (Canterbury), 71, 72, 101, 119, 189
 Caríntia, 201
 Carolina do Norte, 283
 Carolina do Sul, 277, 283, 285
 Cartago, 61
 Castelo de Canossa, 97
 Cavalier, 283
 Checoslováquia, 258, 265
 China, 92, 203, 252
 Cidades Livres, 155
 Cincinnati, 291
 Cîteaux (mosteiro), 125
 Clermont, 105
 Colégio Williams, 289
 Colônia de Nova Holanda, 281
 Colônia Plymouth, 279
 Colônias do Centro, 281
 Colônias do Sul, 283
 Connecticut, 279, 284, 289
 Constança, 145, 147, 148, 272
 Constantinopla (Istambul), 53, 54, 62, 63, 64,
 65, 69, 71, 74, 79, 90, 91, 104, 105,
 133, 156, 216, 217, 269
 Continente Europeu, 232
 Convento dos Agostinhos, 156
 Corbey, 73
 costa ao norte da África, 17
 Costa do Atlântico, 279
 Cumberland, 288
 Dácia (atual România), 40
 Damieta, 129
 Danúbio, 39, 53, 55
 Devonshire, 72
 Dinamarca, 73, 167, 213, 244, 265
 Durham (catedral), 120
 Edimburgo, 193
 Edimburgo, 270-272
 Egito, 17, 23, 40, 55, 58, 65, 69, 79, 90, 129
 Einsiedeln, 172
 Eisleben, 156
 Epworth, 228
 Escandinávia, 166, 167, 244, 253, 264
 Escócia, 56, 57, 166, 171, 177, 178, 181, 182,
 193, 223, 229, 232, 233, 234, 246,
 250, 251, 252, 268
 Espanha, 32, 40, 53, 55, 69, 70, 88, 102, 111,
 129, 142, 150, 155, 166, 171, 179,
 180, 200, 201, 208, 260
 Estados europeus, 259
 Estados Papais, 77, 111, 239, 241, 260
 Estados Unidos, 218, 262, 271, 277, 278, 289,
 290, 297
 Estúria, 201

- Estocolmo, 272
 Estônia, 258, 266, 269
 Estrasburgo, 175
 Etiópia, 56
 Europa, 17, 39, 58, 69, 70, 73, 79, 83, 84, 88, 95, 96, 101, 102, 103, 105, 106, 111, 113, 126, 127, 130, 132, 133, 139-145, 147, 149, 150, 160, 161, 184, 191, 194, 203, 207, 214, 250, 252, 261, 262, 265, 270, 279, 287, 291, 294
 Europa Cristã, 105
 Europa Ocidental, 71, 74, 76, 83, 85, 87, 100, 102, 104, 106, 111, 114, 116, 120, 121, 133, 143, 171, 215, 217
 Faculdade Teológica de Wittenberg, 213
 Filadélfia, 282
 Finlândia, 258, 266
 Flórida, 277
 Fochlad (floresta), 56
 França, 53, 55, 56, 57, 69, 73, 77, 78, 84, 88, 101, 105, 106, 111, 125-127, 130, 139, 142, 144, 148, 150, 155, 156, 166, 171, 177-182, 200, 207-210, 216, 226, 239, 243, 244, 258, 259, 264, 285, 286
 Frankfurt, 212, 213
 Frígia, 23
 Gainsborough, 278
 Gália, 40
 Geismar, 72
 Genebra, 174-178, 180, 182, 183, 192, 272
 Georgia, 228, 229, 283, 284
 Glarus, 172
 Gloucester, 228, 231
 Golfo de S. Lourenço, 278
 Golfo Pérsico, 39
 Grã-Bretanha, 244, 266
 Grandes Lagos, 203, 278
 Grécia, 22, 31, 40, 55, 79, 91, 103, 150, 269
 Groenlândia, 214
 Groningen, 119
 Halle, 213
 Hamburgo, 73
 Hartford, 279
 Haystack, 289
 Hipona, 61
 Holanda, 177, 178, 181, 195, 209, 226, 244, 253, 264, 278, 281
 Hungria, 129, 155, 166, 167, 183, 244, 266
 Ilha de Manhattan, 281
 Ilhas Britânicas, 229
 Ilhas Gregas, 40
 Illinois, 278
 império alemão, 200
 Império Austro-Húngaro, 258
 Índia, 56, 92, 135, 202, 213, 214, 232, 234, 250, 252, 271, 289
 Inglaterra, 17, 53, 57, 69, 71, 72, 75, 78, 101, 111, 113, 139, 144-146, 150, 155, 166, 171, 177, 178, 181-183, 189-193, 195, 201, 209, 216, 223, 224, 226-234, 243-247, 249, 250, 252, 258, 266, 268, 278, 279, 282, 289
 Iona (ilha), 57, 72
 Irlanda, 56, 72, 101, 229, 232, 268, 286
 Itália, 31, 39, 40, 53, 55, 58, 69, 70, 77, 97, 111, 127, 129, 131, 142, 166, 171, 200, 241, 257, 258, 260, 261
 Iugoslávia, 258, 269
 Japão, 203, 252
 Jerusalém, 31, 63, 78, 105, 106, 216, 270, 272
 Kansas, 292
 Kent, 71
 Kentucky, 287, 288, 289
 Kiev, 73
 Lausane, 265, 271
 Leipzig, 159
 leste da Ásia Menor, 23, 31
 Letônia, 258, 266
 Leyden, 181
 Lião, 143
 Lincolnshire, 228, 278
 Lindisfame (ilha), 72
 Lituânia, 258, 266, 269
 Lombárdia, 97
 Londres, 195, 228, 229, 232, 279
 Lorena, 76, 258, 264
 Louisiana, 278
 Lutterworth, 146
 Macedônia, 31, 40, 65
 Madrastra, 271
 Maine, 284
 Mainz, 73
 Mar Báltico, 39, 102, 165
 Mar Cáspio, 39
 Mares do Norte, 39
 Mares do Sul (Pacífico), 232, 252
 Marselha, 106
 Maryland, 282, 284
 Massachusetts, 279, 280, 284, 288-290
 Mediterrâneo, 17, 19, 20, 23, 54, 69
 Meno, 212
 Mesopotâmia, 17, 40, 56, 90
 México, 277
 Michigan, 278
 Milão, 61, 62
 Mongúncia, 158
 Montes Apalaches, 285
 Montreal, 278
 Morávia, 73, 91, 147, 214
 Moscou, 217, 262
 Nações europeias, 150, 207, 252
 Nápoles, 208
 Nebraska, 292
 New Brunswick, 284

- New Haven, 279, 280
 New Jersey, 281, 284
 Newark, 284
 Newcastle, 229
 Nicéia, 59, 105
 Nicomédia, 40
 Northampton, 284
 Noruega, 73, 167, 244, 265
 Nova Amsterdã, 281
 Nova Inglaterra, 278, 280, 281, 284, 285, 287, 288, 289, 290, 291
 Nova Jersey, 214
 Nova York, 278, 281, 284, 286, 287, 289, 290, 293
 Novo México, 277
 Ocidente, 44, 49, 53, 54, 58, 65, 69, 70, 71, 75, 76, 78, 79, 87, 103, 133, 134, 149, 165, 202, 294
 Odessa, 65, 135
 Oeste Americano, 291
 Oeste Longínquo (*Far-West*), 294
 Ohio, 278, 287, 289, 290
 Omaha, 293
 Orange, 180, 226
 Oriente, 39, 44, 46, 49, 53, 56, 58, 59, 65, 69, 70, 71, 73, 75, 78, 79, 103, 133, 149, 202, 216, 217, 266
 Orleans, 174
 Oxford, 150, 191, 228, 246, 247, 249, 272
 Pacífico (Oceano), 232
 País de Gales, 282
 Países Baixos, 142, 155, 165, 166, 171, 179, 180, 195, 201
 Países do Oriente, 266, 269
 Palatinado (vale do Reno), 183, 282
 Palestina, 24, 31, 41, 79, 90, 103, 105, 106, 129
 Panônia, 60
 Paraguai, 203
 Paris, 174, 175, 179
 Península balcânica, 79, 91
 Pensilvânia, 282, 284, 285, 288, 289
 Pequim, 130, 135
 Pérsia, 65, 135
 Piemonte, 241
 Pisa, 145, 148
 Pittsburgh, 289
 Polônia, 73, 155, 166, 201, 258, 261, 266, 269, 288
 Ponte Bothwell, 233
 Port Royal, 277
 Portugal, 208
 possessões francesas na América, 203
 Provença, 117
 Providence, 280
 províncias romanas, 63
 Prússia, 165, 208, 242, 243
 Puteoli, 31
 Quebec, 277, 278
 Raritan, 214
 Região sudoeste dos Estados Unidos, 277
 regiões pagãs, 134
 "Reino Latino de Jerusalém", 105, 144, 201
 Reno, 39, 55, 73, 105
 República alemã, 257, 263
 Rhode Island, 280
 rio Ebro, 70
 rio Elba, 70
 rio Eufrates, 39
 rio Mississípi, 203, 278, 290, 291
 Rio São Lourenço, 203
 Rochester, 290
 Roma, 18, 19, 22, 23, 31, 32, 40, 42, 49, 53, 55, 60, 61, 63, 64, 70, 71, 72, 76, 77, 78, 95, 97, 128, 144, 145, 150, 157, 159, 160, 161, 239, 241, 242, 258, 260, 261, 265
 Ruão, 84
 Rumânia, 258, 270
 Rússia, 73, 79, 91, 102, 103, 127, 134, 195, 208, 216-218, 257, 258, 263, 266, 268, 269
 Salém, 279
 Salsburg, 283
 San Diego, 277
 Santa Sé, 241, 260
 Santa Sofia (catedral), 216
 Santo Agostinho, 277
 Santo Sepulcro, 103, 104, 105
 São Pedro (catedral), 260
 São Tomás (nas Índias), 214
 Saxônia, 156, 159, 166, 214
 Scala Sancta, 157
 Scrooby Manor, 278
 Sede de bispado, 261
 Seminário Lane, 291
 Seminário Teológico de Andover, 289, 290
 Sérvia, 258, 269, 270
 Sibéria, 135
 Sicília, 101
 Síria, 31, 40, 65, 79, 90, 135
 Spira, 164, 173, 195
 Suécia, 73, 201, 244, 265
 Suíça, 57, 70, 155, 163, 165, 171, 174, 195, 244, 253, 264, 265, 271, 272
 Suíça alemã, 163, 173
 Târnisa, 71
 Tanquebar, 213
 Tennessee, 287, 289
 Terra Santa, 86, 103, 104, 105, 106
 Terras escandinavas, 167
 Território Austríaco, 165
 Território católico-romano, 165
 Tessalônica, 73
 Tirol, 199
 Tours, 69, 179

Trácia, 40
 Trento, 199, 240
 Trenton, 281
 Turingia, 72
 Turquia, 269
 Ulster (províncias da Irlanda), 234
 Úmbria, 128
 União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), 257, 269
 Universidade da Basileia, 171
 Universidade de Erfurt, 156, 157
 Universidade de Halle, 213
 Universidade de Harvard, 280
 Universidade de Oxford, 145, 247, 248
 Universidade de Paris, 148, 198
 Universidade de Praga, 146
 Universidade de Viena, 171
 Universidade de Wittemberg, 157, 158, 167
 Vaticano, 77, 241, 242, 260
 Viena, 60, 70, 171
 Virgínia, 279, 282-285, 288, 289
 Washington, 293
 Wildhaus, 171
 Wisconsin, 278
 Wittemberg, 157, 159, 160, 213
 Worms, 161, 162, 164
 York, 71
 Yorkshire, 72
 Zurique, 172

PESSOAS, RAÇAS, POVOS E

GRUPOS RELIGIOSOS

abade, 89
 Adolf Hitler (ver Hitler)
 Adoniran Judson, 289
 Agostinho, 60, 61, 62, 63, 71, 75, 158
 Alarico, 53
 Aleixo, 105
 Alexandre Duff, 250
 Alexandre II, 90
 Ambrósio, 61, 62
 Ana Bolena, 189
 anciãos, 36
 André Melville, 183
 anglo-católicos, 249
 Anselmo, 130, 158
 Ansgar ("apóstolo do norte"), 73
 Antônio (monge egípcio), 61
 apóstolo Paulo, 18, 20, 21, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 45, 61, 158
 apóstolo Pedro, 30, 32, 48, 64, 90, 99, 111, 126
 apóstolos, 21, 35, 64, 76
 Áquila, 32

Aragão (rei), 101
 arcebispo, 65, 71, 72, 73, 76, 77, 84, 112, 116, 158, 189, 192, 265, 279
 Ário, 59
 Armínio (fundou o arminianismo), 181
 Arquiduque da Bavária, 201
 Asbury, 287
 Atanásio, 59
 Augusto (imperador), 23
 Augusto Frank, 213
 Balduino de Flandres (conde), 105
 bárbaros, 39, 55, 70, 74, 104, 115
 Barnabé, 31
 batistas ingleses, 195
 Benedito IX, 84, 89
 Benedito XIII, 140
 Benjamim Schvart, 213
 Bento de Nursia, 58, 59
 Bento Mussolini (ver Mussolini)
 Bento XV, 261
 Bernardo (abade de Claraval), 113, 117, 125, 126, 130, 157
 Bispo de Alexandria, 63
 Bispo de Antioquia, 63
 bispo de bispos, 133
 Bispo de Constantinopla, 63, 64, 65
 Bispo de Jerusalém, 63
 bispo universal, 75
 Bispos, 36, 47, 48, 49, 55, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 73, 75, 76, 77, 89, 95, 96, 98, 99, 111, 112, 113, 116, 117, 120, 134, 140, 141, 145, 147, 162, 175, 183, 190, 192, 196, 217, 218, 226, 227, 232, 240, 242, 247, 249, 261, 287
 Bispos cristãos, 55
 Bispos de Roma, 49, 63, 64, 75, 76, 77, 79, 99
 bispos metropolitanos, 63, 75, 77
 bispos romanos, 64
 Bonifácio, 72, 73, 78, 84
 Bonifácio VIII, 143, 144
 Bradford, 279
 Calvino, 166, 174-179, 181-183, 192
 cardeais, 90, 145, 148, 161, 196
 Carlos (rei), 223
 Carlos I, 192, 193, 282, 283
 Carlos II, 225, 226, 232, 281, 282
 Carlos Kingsley, 246
 Carlos Magno, 69, 70, 73, 76, 77, 79, 83, 85
 Carlos Martel, 69
 Carlos V, 155, 156, 161, 165, 166, 174, 179, 180
 Carlos Wesley (irmão de João Wesley), 228-230
 Catarina (rainha esposa de Henrique VIII), 189
 Catarina de Médicis, 179
 Catarina de Sena, 130, 145
 católicos romanos, 77, 164, 165, 174, 179, 180, 191, 201, 209, 218, 241, 243, 244, 248, 260, 261, 266, 277, 281, 282

- Cecil (secretário da rainha Elizabeth), 182
 César, 42, 144
 César de Heisterbuch, 131
 Chalmers, 250, 251
 Chefe Supremo da Igreja da Inglaterra, 189
 Church (deão), 85
 Claverhouse, 233
 Clemente XIV, 208
 clérigo, 48, 89, 121, 140, 161, 162, 172, 192, 200, 226, 230, 259, 263, 267, 283
 clero, 54, 63, 84, 87, 89, 98, 99, 111, 113, 116, 119, 133, 134, 140, 141-143, 160, 189, 196, 208-210, 217, 218, 227, 248
 clero anglicano, 230, 231
 clero católico, 181
 Clóvis (reis dos francos), 57
 Colet, 189
 Coligny, 179
 Columba, 57
 Condé (príncipe), 179
 Constantino (Cirilo), 73
 Constantino, 40, 43, 44, 53, 54, 59, 62, 91, 144
 Copérnico, 149
 Cramer (arcebispo), 190
 Crisóstomo, 62
 cristãos primitivos, 21, 22, 30, 31, 33, 34
 Cristiano III (rei da Noruega), 167
 Cristóvão Colombo, 149
 Cromwell, 223, 224
 David Brainerd, 285
 Deão Stanley, 246
 Dácio (imperador), 42, 43
 diáconos, 36, 47, 48, 176
 Diocleciano, 40, 41, 44
 D. L. Moody (ver Moody)
 Domingos, 117, 125-127, 130
 doutores, 158
 Dunkers (anabatistas), 282
 Eduardo I, 144
 Eduardo Pusey, 247
 Eduardo VI, 182, 190
 Elizabeth (rainha da Inglaterra), 182, 191, 192
 Embaixadores, 161
 Erasmo, 150, 172
 Espírito de Deus, 100
 Espírito Santo, 34, 35, 36, 47, 63, 64
 estadistas ingleses, 189
 Estêvão, 31
 Ethelberto, 71
 Eugênio IV, 126
 Evangelistas batistas, 284
 Evangelistas presbiterianos, 284
 Exército dos Cruzados, 129
 exército germânico, 53
 fariseus, 24
 Fausto Socino, 288
 F. D. Maurício, 246
 Felipe (o Belo), 144
 Felipe Jacó Spener (ver Spener)
 Fernando (arquiduque da Áustria), 161
 Fernando (irmão de Carlos V), 166
 Fernando II, 201
 Filipe (rei), 101
 Filipe de França, 144
 Filipe Embury, 286
 Filipe Melancton, 160
 Filipe II, 179, 180, 201
 Finney, 292
 frades, 119, 202
 Francisco Asbury, 286
 Francisco de Assis, 125, 127-131, 158, 197
 Francisco I, 156, 164, 178
 Francisco Xavier, 202, 203
 Frederico II, 102, 117
 Frederico III (Eleitor), 183
 Frederico Mecum, 132
 Frederico Robertson, 246
 freiras, 85, 114, 140
 Galério (imperador), 44
 Galieno (imperador), 44
 Galileu, 56, 215
 gentios, 22, 24, 31, 32
 George Calvert, 282
 George Fox, 224, 283
 George Tyrrell, 259
 George Whitefield (ver Whitefield)
 George Wishart, 182
 Gilbert Tennent, 284
 Gilberto Tenent, 214
 godos, 55
 greco-romano, 19, 20, 22, 40, 85
 Gregório IX, 102, 145
 Gregório VII, 90
 Gregório I, 71, 75, 76, 77, 84, 95
 guerreiros do Islã, 69
 Guilherme Brewster, 279
 Guilherme Carey, 232
 Guilherme de Orange, 177, 180, 181, 226, 233
 Guilherme Farel, 175
 Guilherme Penn, 282
 Guilherme Wilberforce (ver Wilberforce)
 Gustavo Adolfo, 201
 Hans Egede, 214
 Harvey, 215
 hebreus, 19
 Henrique, 190
 Henrique de Lausanne, 142
 Henrique de Navarra, 179
 Henrique Muhlenberg, 285
 Henrique VIII, 189, 190
 Henrique IV, 96, 97
 Henrique III, 89
 Hildebrando, 75, 89, 90, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 144

- Hitler (Adolf), 257, 259
 Honório I, 90
 Hugo (rei), 179
 Hulrico Zuínglio (ver Zuínglio)
 humanistas franceses, 178
 imperador alemão, 200
 Inácio de Loyola, 197, 198, 202
 Inocêncio IV, 102
 Inocêncio III, 95, 101, 102, 106, 112, 115, 117, 127, 128, 142, 144
 inquisidores, 166
 irlandeses, 56
 irmãos Boêmios, 147
 irmãos Lollardos, 146, 189
 Isabel Fry, 231
 Jackson (presidente dos EUA), 291
 Jerônimo, 60, 61
 João, 32, 62
 João (rei), 101
 João Batista, 119
 João Bunyan, 225
 João Calvino (ver Calvino)
 João Colet, 150
 João de Damasco, 91
 João de Monte Corvino, 130
 João Henrique Newman, 247, 248
 João Hovard, 231
 João Huss, 146, 147, 162, 214
 João Keble, 247
 João Knox, 177, 181-183
 João Newton, 230
 João Wesley, 214, 228-230, 233, 234, 286
 João Wycliff, 145-147, 189
 João XXIII (papa), 147
 Jonathan Edwards, 284, 285
 Juliano (imperador), 56
 Justiniano, 53, 216
 Justino, 41
 Kepler, 215
 La Salle, 278
 Latimer (bispo), 190, 191
 Laud (arcebispo), 192, 193, 279
 Leão X, 159
 Leão IX, 89
 Leão I, 64
 Leão III, 70
 Leão XIII, 240, 242, 258
 leigo, 48, 162, 200, 212, 230, 242, 243, 245, 263, 265, 267, 271, 288, 293
 Lenin (ditador soviético), 257
 Licínio, 44, 54
 Lightfoof, 246
 Lindsay, 132, 158
 Loisy, 259
 Lord Baltimore, 282
 Lotário, 76
 Luís IX de França, 130
 Luís XIV, 207, 208
 Luiz (o Pio), 73
 Lutero, 61, 156-163, 165-167, 171-174, 178, 183, 189, 198, 211
 Lutero Rice, 289
 Lyman Beecher, 291
 Maomé, 69
 Maria (esposa de Guilherme de Orange), 226, 233
 Maria (rainha), 182, 183, 190, 191
 marinheiros holandeses, 181
 Martinho (de Tours), 55
 Martinho Lutero (ver Lutero)
 Martinho V, 145
 Mateo Ricci, 203
 Maurício da Saxônia, 166
 Melanchton, 165
 menonitas holandeses, 195
 Meno Simons, 195
 Messias, 21, 31
 mestres, 35
 Metódio, 73
 Miguel Schlatter, 285
 Milman (deão), 86
 ministro evangélico, 283
 ministros, 243, 245, 247-251, 288
 ministros batistas, 225
 ministros congregacionais, 225, 288
 ministros presbiterianos, 225
 ministros reformados, 281
 missionários escoceses, 250
 missionários jesuítas, 203
 missionários reformados, 180
 monge rebelde, 159
 monges, 58, 59, 60, 61, 71, 72, 73, 74, 85, 88, 89, 91, 98, 99, 112, 113, 114, 120, 125, 126, 134, 140, 156, 157, 160-162, 179, 196
 monges escoceses, 57, 72
 monges irlandeses, 57
 Moody, 294
 Mussolini, 77, 258, 260
 Napoleão, 95, 211, 239, 242
 Nero, 33, 42, 43
 Nestório, 65
 Newton, 215
 Nicolau I, 76, 77, 78, 84
 Nicolau II, 95
 Nicolau Zinzendorf (conde) (ver Zinzendorf)
 Nicônio (Patriarca), 217
 Niniam, 56
 nobres, 120
 Noyon, 174
 Odoacro (general germânico), 53
 oficial leigo (supremo procurador), 218
 Oglethorp (general), 228, 283
 Oliver Cromwell (ver Cromwell)
 Orígenes de Alexandria, 41
 os albigenses, 106, 117, 127, 142

- os alemães, 147, 155, 159, 162, 163, 166, 180, 214, 242, 282, 285, 291
- os americanos, 270, 286
- os anabatistas, 193-195, 282
- os anarquistas, 118
- os anglicanos, 249, 267
- os anglo e saxões, 53, 71
- os anglo-católicos, 267
- os árabes, 69, 78, 88, 90, 104
- os arianos, 264
- os artesãos, 194
- os bárbaros, 53, 83, 85, 87, 132, 133, 164, 234
- os barões, 101
- os batistas, 223, 232, 266, 280, 288, 289, 292
- os boêmios, 146, 147
- os borgúndios, 53
- os bretões, 71
- os búlgaros, 73, 91
- os calverts, 282
- os calvinistas, 183
- os camponeses, 151, 163, 194
- os cataristas, 117, 142, 143
- os cavaleiros do império, 161
- os cistercienses, 113
- os condes Tuscúlan, 84
- os congregacionais, 232, 286-289, 291
- os cristãos, 91, 118
- os cristãos ortodoxos, 269
- os dinamarqueses, 69, 87
- os dominicanos, 114, 119, 128, 129, 130, 141, 143, 202
- os donatistas, 61
- os escandinavos, 69, 291
- os escoceses, 96, 193, 234, 281, 282
- os espanhóis, 162, 277
- os europeus, 270
- os evangélicos, 266
- os "Evangélicos", 230-232, 245
- os fascistas, 258
- os "Folhetistas", 248, 249
- os frades, 127
- os franceses, 209, 260, 282
- os franciscanos, 114, 119, 128, 129, 130, 141, 143, 202, 277
- os francos, 53, 57, 69, 77
- os frisios, 73
- os galicanos, 207
- os germanos, 39, 70, 72, 78, 83, 87, 195
- os gnósticos, 46
- os governos árabes, 91
- os gregos, 78, 134, 217, 269
- os holandeses, 281
- os huguenotes, 179, 208, 209, 243, 277, 281, 282, 283
- os humanistas, 150, 151, 162, 189
- os índios, 277, 285
- os ingleses, 72, 146, 189-191, 193, 225, 282, 283
- os irlandeses, 234, 282
- os "Irmãos" dissidentes dos valdenses, 143, 162
- os irmãos moravianos, 214, 285
- os jesuítas, 179, 197, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 239, 240, 278, 282
- os judeus, 19, 20, 21, 22, 24, 31, 33, 42, 100, 281
- os legalistas, 45
- os leigos, 118, 161
- os lombardos, 69
- os luteranos, 163-165, 174, 183, 193-195, 211, 242, 243, 266, 281-283, 285
- os maometanos, 103, 105, 106
- os mendicantes, 141
- os menonitas, 195, 266, 282
- os metodistas, 228, 232, 266, 286, 288, 289, 292
- os modernistas, 258
- os monofisistas, 65, 90
- os monolelistas, 90
- os montanistas, 47
- os mouros, 102, 103
- os muçulmanos, 90, 126, 129, 134
- os não-conformistas, 226, 227, 231, 245
- os nestorianos, 65
- os nobres, 97, 151
- os normandos, 69, 87
- os ortodoxos, 90
- os Pactuantes (covenanters), 232, 233
- os pastores, 121
- os peregrinos, 103
- os pietistas, 213
- os presbiterianos, 234, 279, 281, 282, 284-286, 288, 289, 291
- os presbiterianos escoceses, 96
- os protestantes, 121, 165, 174, 175, 177-181, 183, 195, 197, 199, 201, 208, 209, 242-244, 251, 253, 262, 264, 266
- os puritanos, 191-193, 195, 223, 224-226, 278, 280-284
- os quacres, 224, 280, 281-283
- os reformadores, 132, 140, 148, 150
- os reformados, 193, 266
- os romanistas, 165
- os romanos, 17, 21, 39, 40, 42, 53, 84
- os russos, 134
- os santos, 86
- os sérvios, 73, 91
- os socinianos, 288
- os soviéticos, 268
- os suecos, 167
- os tártaros, 127
- os tessalonicenses, 62
- os trinitarianos, 288

- os turcos, 104, 105, 156, 165, 216
os uniatas, 218
os unitarianos, 288
os valdenses, 117, 143
os visigodos, 53
os zuinglianos, 164, 174, 183, 194, 195
Oswin (rei), 72
Oto I, 70, 76, 83, 84, 87
Pactuanes "cameronianos", 233
padre ou pároco, 112, 113, 119, 141, 146, 151, 158, 171, 210, 282
pagãos asiáticos, 102, 232
papa, 64, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 89, 90, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 111, 112, 116, 121, 126, 127, 130, 133, 139, 140, 144-147, 149, 155, 156, 158-165, 171, 179, 182, 189, 196, 198, 200, 207, 208, 210, 218, 240, 241, 249, 261, 262, 269
pastor, 48, 59, 250, 287
pastores atuais, 36
patriarca, 64, 79, 133, 134, 216, 217
patriarca de Constantinopla, 133, 216, 217
Patrício, 56
patronos, 251
Pedro Álvares Cabral, 149
Pedro (czar) o Grande, 218
Pedro (o eremita), 105
Pedro de Bruys, 142
Pedro Valdo, 143
Pepino (pai de Carlos Magno), 70, 77
peregrinos, 144, 172
Peregrinos de Plymouth, 195
perseguidores, 200
Picardia, 174
Pilatos, 157
Pio X, 259
Pio IX, 239, 240, 242, 258
Pio XI, 259, 260, 262
Pio V, 200
Pio VII, 239
piratas, 18, 56, 69, 73
Plínio (o Moço), 25
população húngara, 244
povo americano, 234
povo "escocês-irlandês", 234, 285
povo grego, 19, 20, 21, 24, 31
povos eslavos, 73
povos germânicos, 69, 139
povos pagãos, 202, 252
prefeito apostólico americano, 287
pregadores protestantes, 181
presbíteros ou bispos, 36, 47, 48, 59
primeiros apóstolos, 35
primeiros discípulos, 21
primeiros missionários, 18, 20, 21, 25, 32
Priscila, 32
profetas, 35
protestantes franceses, 175, 179, 208
protestantes zuinglianos, 183
raça latina, 78
reformadores do Cluny, 89, 113
reis, 120, 126
Ricardo Cameron, 232
Ridley (bispo), 190, 191
Roberto Hunt, 283
Roberto Raikes, 231, 289
Roger Williams, 280
Rômulo Augusto, 53
Rugby, 246
sacerdotes, 24, 48, 84, 89, 98, 99, 113, 115, 118, 119, 121, 127, 128, 133, 134, 141, 151, 162, 172, 181, 196, 197, 202, 218, 242, 260
saduceus, 24
Salvador, 21, 22, 31
Samuel Mills, 289
São Domingos, 197
Satanás, 142
Saulo, 31
saxões, 70, 71
Senhor feudal, 175
Senhor Jesus Cristo, 21, 22, 23, 24, 29, 30, 31, 34, 41, 42, 44, 46, 47, 48, 54, 57, 59, 60, 61, 64, 65, 71, 72, 73, 74, 86, 87, 90, 96, 100, 103, 116, 118, 119, 121, 126, 128, 129, 131, 132, 142, 147, 157, 158, 160, 164, 172, 173, 181, 184, 198, 214, 226, 228, 230, 232, 245, 250, 267, 288
Serveto, 177
Sigismundo (imperador), 148
Soberano Pontífice Romano, 241
Sócrates, 19
Soderblom, 265
Spener, 212, 213
Stalín, 257
Staupitz, 157
S. Tomás de Cantuária, 131
sultões, 216, 217
Teodoro de Tarso, 72
Teodósio, 53, 56, 62, 83
teólogos, 59
Teólogos puritanos, 223
Tertuliano, 41
tessalonicenses, 62
Tetzl, 158
Thomas Arnold, 246
Thomas Chalmers (ver Chalmers)
Thomas Coke, 287
Tiago I, 183, 192, 193, 226, 279
Tiago II, 226
Tiago VI, 183
Tomas Becket (relicário), 119
Tomás de Aquino, 262
Toplady, 230

Traiano, 39
tribos bárbaras, 132
tribos germânicas, 39, 40, 53, 57, 69
Trindade, 177
Tyndale (traduziu a Bíblia para o inglês), 190
Ugolino (cardeal), 129
Uífilas, 55
Urbano II, 105
Valêncio, 53
Victor Emmanuel, 241
vigário, 157
Virgem Maria, 63, 86, 120, 141, 288
visigodos, 55
Vladimir, 73
Westcott, 246
Whitefield, 228-230, 233, 234, 284
Wilberforce, 230, 231, 245
Workman, 114
Zacarias (papa), 73
Zinzendorf, 214, 215, 285
Zúinglio, 163, 171-174

LUGARES, MOVIMENTOS E EVENTOS

A Alemanha zomba do Edito, 162
A Assembléia de Westminster confirma o sistema presbiteriano, 223
a atitude uniu a Cristandade ocidental, 104
a aurora da Reforma, 145
a Ceia do Senhor ou Eucaristia, 30, 34, 43, 46, 48, 62, 86, 118, 173, 248, 267
a Concordata, 239
a Conferência em Lausanne reúne grande representação das Igrejas Cristãs, 271
a conquista de Constantinopla, 216
A Contra-Reforma, 196, 197, 199-201, 211, 218
a Contra-Reforma destruiu o protestantismo nos Países Baixos, 201
A Depressão de 1929, 297
a despeito dos erros e da corrupção, 133
a disciplina e a lei da Igreja Romana, 114
A Era da Razão, 215
a Europa gemia debaixo das contínuas extorções, 145
a Europa gozava de tranquilidade, 88
a extensão da Igreja, 102
a Finlândia era quase toda Luterana, 266
a Flórida tornou-se uma possessão inglesa, 277
a França perdeu muito com a perseguição aos huguenotes, 209
A "Grande Expulsão", 225
A guerra pela independência surgiu do temor que o governo estabelecesse a Igreja oficial nas colônias, 286

A Igreja Anglicana nos Estados Unidos recolhia impostos e os que se opunham eram privados dos direitos civis, 282, 283
A Igreja Católica tira vantagem da Primeira Guerra Mundial, 261
a Igreja dominou a vida humana, 102
a Igreja dominou o mundo pelo seu chefe, 102
a Igreja era o bispo, 63
a Igreja era o Cristianismo, 121
a Igreja governa o mundo ocidental, 102, 111, 125
A Igreja novamente episcopal na Inglaterra, 225
a Igreja ou nação devia governar o território?, 144
A Igreja Reformada da Holanda envia Miguel Schatter para ser missionário entre os alemães da colônia, 285
A Igreja Reformada da Holanda pouco se interessou pela colônia da Nova Holanda, 281
A Igreja Romana não reconhece nenhuma outra igreja como cristã, 261
A Inglaterra fecha mosteiro e confisca propriedades, 190
a luta prosseguia, 98
A morte de Lutero, 165
A nação se revolta com Tiago II, 226
A oposição ao puritanismo leva o povo à imoralidade, 225
a palavra do papa tornou-se lei para a Igreja, 99
A Paz de Westphalia põe fim à guerra, 201
a queda do papado, 143, 144
a razão estava com Hildebrando, 95
A Reforma avançava extensivamente, 165
a Reforma não vinha de dentro da Igreja, 149
A Regra Puritana, 223
a religião dominava a vida na Nova Inglaterra, 280
A religião tornou-se restrita à Igreja e aos sacerdotes, 248
A Revolução, 225, 226
a severidade do espírito puritano, 224
A Sociedade de Jesus, 197, 198, 202
A Suíça do século 16, 171
a vida cristã sob o domínio da Igreja, 125
A vida na Igreja, 44, 84
a vitória de Hildebrando provocou revolta, 97
abadias, 113, 120, 125
abaixo do papa estavam os arcebispos, 112
abandonaram a fé, 43
abandonavam a vida da sociedade, 58
abismo da conduta e da moral, 84, 140
abolição da simonia, 88
abolição das Ordens Monásticas, 210
abolido o culto cristão, 210
abolido o "patrocínio leigo", 251
absoluto domínio da Igreja sobre a vida humana, 113, 130

- absolvição, 133, 141
 acabar com a heresia, 127
 acabar com a indicação de bispos feitas pelos reis, 95
 acender a cultura, 85
 acordo de Mussolini com a Igreja Romana reconhece Estado Papal, 260
 acordo entre o imperador e o papa, 98
 Acordo ou Concerto, 193, 201, 211
 acordo quebrado por Napoleão, 211
 acordo susta a agressão da Contra-Reforma, 201
 acusado de heresia, 65
 agências missionárias, 252
 agindo como fermento, 83
 ainda mais enfraquecida, 91
 ajuda à Contra-Reforma da França, Espanha e imperador alemão, 200
 ajuda da Inglaterra para livrar a Escócia, 182
 alcançou extrema simpatia das classes pobres, 146
 alcançou o poder que Hildebrando sonhara, 101
 alegando que o Estado queria dominar a Igreja, 91
 alegria em servir, 129
 além das fronteiras do império, 56
 Alemanha influencia pensamento religioso na Inglaterra e Américas, 243
 Alemanha queria mais territórios e poder econômico internacional, 257
 algumas partes do seu domínio entraram em revolta, 96
 alguns católicos negavam os dogmas decretados pelo papa Pio IX, 242
 alguns intelectuais defendiam o culto das gravuras, 91
 Aliança Mundial Pró Solidariedade Internacional Pelas Igrejas, 272
 alta aristocracia conquistada para a Reforma, 178
 ambição resultante do acúmulo de riquezas, 114, 140, 160
 ambicioso rei da França, 156
 ameaça à moralidade, 76
 Anabatista, 193-195
 Anabatistas perseguidos por luteranos, zuínglios e romanistas, 195
 anarquia, 69
 Anátema do papa contra seguidores de Moscou, 262
 anglo-catolicismo, 267
 aniquilamento da população protestante, 180
 ano eclesiástico, 86
 anseio por Reforma na Igreja de Roma, 196
 antiga cultura greco-romana, 85
 Antigo Testamento, 21, 22, 33, 60
 Antigo Testamento vertido para o latim, 60
 anti-semitismo nazista exigia das Igrejas protestantes observância do "Parágrafo Ariano", 264
 anular a obra dos demônios, 87
 anúncio do Evangelho a "todas as nações", 29
 apelo a Guilherme de Orange para salvar a Inglaterra, 226
 apelo ao povo inglês, 146
 apelo aos princípios cristãos de justiça social, 151
 apelo para libertar o Santo Sepulcro, 105
 apelou para o papa, 105
 apesar da desordem no país as missões avançavam vigorosamente, 295
 apoiados pela presença do imperador, 148
 árabes tolerantes com os cristãos, 104
 árabes tomaram o domínio do império maometano, 104
 arcebispo não sabia ler, 84
 Armada Espanhola, 180, 201
 Arminianismo, 181
 arquitetura das igrejas, 62, 120
 arrastados pela degradação da época, 85
 as "exigências" do Evangelho, 45
 "As Falsas Decretais", 77
 As 95 teses, 159, 166
 As Associações Cristãs de Moços, 294
 as autoridades eclesiásticas o excomulgaram, 143
 As Auxiliadoras Femininas, 294
 as cruzadas falharam, 106
 as cruzadas foram grandes peregrinações organizadas, 104
 as Cruzadas, 103, 104, 105, 106, 117, 126
 As Epístolas de Paulo aos Coríntios, 32, 33
 as escolas eram raras, 113
 As igrejas apoiaram a guerra civil dos Estados Unidos por acharem que os objetivos estavam de acordo com a vontade de Deus, 293
 As igrejas e a escravidão nos Estados Unidos, 292
 As igrejas formadas nos Estados Unidos eram congregacionais, 279
 As Igrejas Livres tinham organizações em comum, 250
 As Igrejas Protestantes sobreviveram à Primeira Guerra Mundial, 263
 As ordens abandonam a França por causa das restrições, 259
 as ordens perderam muito da sua vitalidade, 143
 ascetismo, 45
 Assembléia de Westminster, 223
 Assembléia Geral da Igreja da Escócia, 193
 Assembléia Geral da Igreja Escocesa, 234, 250
 Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, 287

- Assembléia Nacional, 210, 267
 Assembléias Internacionais, 262
 Associação Congregacional de Massachusetts, 289
 Associação das Escolas Dominicais da América, 290
 astuto jogo de oposição, 149
 ataque à violação geral do celibato clerical, 89
 ataque dos muçulmanos, 90
 ataques da população contra pregação de Wesley, 229
 ataques dos bárbaros, 85
 atividades religiosas no após-guerra, 294
 Ato de Tolerância de 1689, 226
 Ato Kansas-Nebraska sobre escravatura, 292
 Ato Parlamento, 268
 Ato Parlamento em 1534, 189
 através do confessionalário, controlava o povo, 112
 auge do seu fastígio e poder, 102
 aumentar a autoridade do papa, 89
 aumento do espírito de intolerância, 106
 autoridade além das fronteiras do patriarcado, 75
 autoridade do chefe da Igreja, 76
 autoridade do papa não poderia ser contestada, 241
 autoridade sacerdotal, 139
 avanço contra "heresia", 117
 avanço do Islamismo, 78, 104
 avanço do trabalho missionário jesuíta, 203
 avareza insaciável, 145
 barbárie e paganismo, 83
 barões compeliram o rei a assinar a Carta Magna, 101
 batalha da Ponte Bothwell, 233
 batismo, 29, 46, 74, 118, 133, 194
 batistas e metodistas eram eficientes evangelistas nos EUA, 289
 batistas e quacres perseguidos pelos puritanos na Nova Inglaterra, 280
 batizavam novamente, 194
 beleza do culto, 248
 bênção para todos os povos, 20
 benefícios da Igreja Medieval, 133
 bens comuns, 58
 Bíblia, 74, 116, 134, 143, 146, 151, 157, 158, 162, 165, 166, 172, 180, 184, 190, 192, 193, 200, 212, 216, 243, 245-247, 252, 258, 267, 292, 295, 296
 Bíblia da Idade Média, 61
 bispado, 84, 88, 111
 bispo com caráter monárquico, 63
 bispos considerados patriarcas, 64
 bispos contrários ao Concílio Vaticano, 240
 bispos e abades governavam, 89
 bispos e sacerdotes eram casados, 89
 bispos escolhidos pelos apóstolos, 64
 bispos fracos e corruptos, 148
 bispos governavam extensos territórios, 98
 bispos na Igreja da Escócia, 183
 bispos submissos ao pontífice, 112
 boas novas de salvação, 25
 Bonifácio III protestou, lutou mas teve de ceder, 144
 brilhantes vitórias livram o protestantismo do colapso, 201
 bula do papa que anulava a Carta Magna, 101, 160
 bula papal de excomunhão de Lutero, 160
 caça aos hereges, 117, 127
 caçados pela Inquisição, 142, 143
 calvinismo, 180, 181, 191, 201, 211
 Calvinismo condenado, 211
 Calvino, cabeça dirigente da Reforma na França, 178
 Calvino destinado ao sacerdócio, 174
 Calvino e Farel expulsos de Genebra, 175
 Calvino foge de Paris por causa da perseguição, 175
 Calvino foi a segunda geração da Reforma, 174
 Calvino juiz que condenou Serveto à morte, 177
 Calvino teve educação de nobre, 174
 Calvino torna-se governador de Genebra, 177
 Calvino torna-se pastor de protestantes exilados, 175
 Câmara dos Comuns, 267
 caminho para a santidade, 142
 campanha contra ensinamentos reformados, 178
 campanha de exaltação ao papado, 240
 campo religioso dividido entre unitarianos e trinitarianos, 288
 canonização, 86
 Cântico do Sol, 130
 cânticos e antífonas, 62
 capa à imoralidade, 98
 capítulo 10 de Mateus, 128, 143
 caráter do clero, 141
 caráter do povo da Igreja, 85
 caricatura das suas belas doutrinas, 87
 caridades com as esmolas, 113
 Carlos V expulso da Alemanha, 166
 Carlos V resolveu esmagar a causa protestante, 165
 Carlos Wesley compõe cerca de seis mil hinos, 229
 carnificina na Espanha enfraquece a causa da Reforma, 180
 Carolinas receberam pessoas de profunda vida religiosa, 283
 Carta Magna, 101
 casamento do clero era comum, 98
 casamento proibido por lei eclesiástica, 98
 casta hereditária, 98
 catecismo de Heidelberg, 183
 catedrais, 120

- catedral transformada em Mesquita, 216
 cativo babilônico, 144, 145, 148
 catolicismo, 164, 182, 200, 207, 239, 244, 258, 262, 277, 278
 catolicismo e protestantismo recebiam auxílio do governo, 243
 católicos queriam mudanças na Igreja Romana, 196
 católicos queriam reforma na Igreja Católica, 242
 católicos romanos criam o Partido Liberal, 241
 católicos romanos liberais formam a colônia de Maryland, 282
 causas da divisão, 78
 causas que levaram as nações à Reforma, 171
 celibato, 45, 48, 58, 89, 98, 172
 Cem peregrinos fundaram a Colônia de Plymouth, 279
 censurado pelo cardeal, 129
 centros de civilização, 74
 centros missionários, 72, 74
 centros monásticos, 74
 cerco de Leyden, 181
 cerimônia cheia de atos simbólicos, 134
 cerimônia imponente, 62
 cerimônias da Lei Judaica, 35
 ceticismo contribui para acabar com perseguição aos protestantes, 210
 chamados de bispos metropolitanos, 63
 Chamados de "Protestantes", 164
 chefe da Igreja escolhido pela Igreja, 95
 Chefe do movimento protestante, 178
 chefe religioso sincero, 69
 chefes religiosos, 85, 133
 Cisão na Igreja da Escócia, 251
 Cisma, 148
 cisma termina com a eleição de Martinho V, 145
 civilização cristã, 133
 claustros, 114
 clérigos, oficiais de graduação inferior, 48
 clero anglicano ignorava os Wesley e Whitefield, 230, 231
 clero bastante ignorante para pregar, 119
 clero católico indigno e incompetente, 181
 clero deveria ser celibatário, 48, 98
 clero imoral fosse reformado, 147
 clero não tolerava a prosperidade do protestantismo, 209
 clero negligente e egoísta, 141, 210
 "Clube dos Santos", 228
 coleção de histórias fantásticas, 131
 colégio de cardeais, 95
 Colônia de Massachusetts formada de gente excepcional, 279
 começou a enfraquecer e cair na estagnação, 91
 começou a pregar como leigo, 128
 como a Igreja se tornou Católica, 63
 Companhia de Londres, 279
 companhia de monges irlandeses, 57
 Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, 281
 completa pobreza, 58
 comunhão, elemento central do culto, 134
 comunidade "Hermhut" (Abrigo do Senhor), 214
 comunidade de cristãos genuínos, 194
 Comunismo, 269
 conceito medieval de Igreja, 100
 conceito protestante sobre Igreja, 121
 Concerto (*Convenant*), 183, 223
 Concílio Cristão Mundial sobre a Vida e o Trabalho, 272
 concílio de Constança, 148
 Concílio de Constantinopla, 90
 Concílio de Nicéia, 56, 59
 concílio de Pisa, 148
 Concílio de Trento, 199, 240
 Concílio de Zurique, 172
 Concílio do Vaticano, 239, 240, 242, 261
 Concílio dura dezoito anos, 199
 concílio eclesiástico, 77, 105, 112, 146, 159, 161, 162, 173
 Concílio Federal das Igrejas de Cristo na América, 295
 Concílio Geral, 296
 Concílio Geral de Basiléia, 149
 Concílio Geral de Calcedônia, 60, 90
 concílio geral para acabar com o Cisma, 145
 concílio Lateranense, 115
 concílio no Oriente, 79
 concílio preparou a Igreja Romana para combater o protestantismo, 199
 concílios criando leis eclesiásticas, 63
 concílios gerais ou ecumênicos, 63, 145, 148, 155, 207
 concílios reformistas, 148
 concorda com os ensinamentos cristãos, 83
 Concordata entre Pio XI e o Governo, 259
 Concordatas em vários países, 261
 concordava com o governo de Mussolini, 77
 condenação como hereges, 63, 177
 condenada como herética, 65
 condenado à fogueira, 147
 condenado como herege depois de morto, 147
 condenado por um concílio eclesiástico, 146
 condenados os ensinamentos monotelistas, 90
 Conferência Cristã Universal sobre a Vida e Serviço, 272
 Conferência de Oxford, 272
 Conferência entre Lutero e Zúínglio, 173
 Conferência Geral Metodista, 296
 Conferência Missionária de Edimburgo (C.M.E.), 270, 271
 Conferência Mundial de Igrejas Cristãs, 271, 272
 Conferência Mundial sobre Missões, 271

- Conferência sobre a Fé e Ordem, 265, 271, 272
- Conferências ecumênicas, 265
- confessionários, 112, 159, 208
- Confirmação, 118
- confisco de propriedades da Igreja Romana, 210, 259, 260, 269
- confissão anual obrigatória, 115
- Confissão de Augsburg, 164
- Confissão de Fé da Holanda, 181
- Confissão de Fé e Catecismos, 223
- "Confissão Escocesa", 182
- conflito entre o Governo e a Igreja Católica, 242
- conflito inevitável, 96
- conflito por ter repudiado a mulher por outra, 101
- conflitos com os homens mais poderosos da Europa, 96
- congregação de Cluny, 88
- Congregação de Índex, 200
- conquistadores árabes, 90, 91
- conquistaram a Ásia Menor e ameaçaram Constantinopla, 104
- conquistaram o povo inglês para Cristo, 72
- conquistaram sem resistência, 69
- conquistas católicas na Contra-Reforma, 200, 201
- conquistas da Contra-Reforma, 200
- conquistas muçulmanas, 69, 71
- conquistou a Arábia, 69
- conquistou o paganismo, 78
- conseguiram afastar o papa, 144
- conseguiu auxiliares ingleses de ambos os sexos, 72
- Conselho Missionário Internacional (C.M.I.), 270, 272
- conselhos eficazes, 126
- considerado como perdão divino, 115
- consideravam católicos no sentido de concordarem com o Cristianismo universal, 248
- Consistório, 176, 177
- Constituição de Weimar, 257
- Constituição federal da Suíça garantia liberdade de pensamento e de culto, 244
- construção de igrejas e mosteiros, 70
- consustanciação para Lutero, memorial para Zuinglio, 173
- contato com a cultura e a civilização, 150
- contatos pessoais e por correspondência, 178
- contenda entre o leste e o oeste, 79
- contra a indicação de ministros feita pelos patronos, 251
- contra o casamento do clero, 99
- Contra-Reforma ataca a Inglaterra, 201
- Contrário à Reforma na Alemanha, 156
- contribuição importante, 20
- contribuições do bispado, 111
- controvérsia amarga perturbou o protestantismo americano, 296
- conventos, 88, 126, 197
- conversão de Calvino, 174
- conversão de Guilherme de Orange, 180
- conversão de João Wesley, 228
- convidados como hóspedes especiais, 103
- convocação feita pela Igreja, 105
- cooperadores de Wesley, 229
- coroado pelo papa, 70, 79, 101
- coros nas igrejas, 62
- corpo de bispos e sacerdotes (Santo Sínodo), 218
- corrupção do clero, 139, 142, 210
- corrupção nos mosteiros, 85, 114
- Corte Papal, 196
- cortes eclesiásticas, 117
- cortes judiciais civis apelavam ao papa, 112
- crassa ignorância, 85
- Credo de Calcedônia, 60, 65
- Credo dos Apóstolos, 34, 46, 47
- Credo Luterano, 211
- credo Nestoriano, 56
- Credo Niceno, 60
- Credo Protestante, 191
- credos, 59, 60, 63, 142, 189, 190, 211, 223, 248, 251
- credos sociais, 296
- crença monoteísta, 22
- crença num Deus universal, 24
- crescia o calendário da Igreja, 86
- crescimento anabatista, 195
- crescimento católico nos Estados Unidos, 291
- crescimento da Igreja Católica Romana neste século na Escócia, 268
- crescimento evangélico nos Estados Unidos no início do Séc. 19, 288
- crescimento Luterano nos Estados Unidos, 291
- criação da Academia, 176, 177
- criação de sociedades de cristãos, 194
- criação do ofício do moderno ministro protestante, 176
- cristandade ocidental, 103, 105
- cristãos foram perseguidos durante governo nazista na Alemanha, 264
- cristãos gentios, 32, 35
- cristãos na China e na Índia, 92
- cristãos perseguidos deixam a Inglaterra e vão para a América, 278
- cristãos sinceros, 57
- cristãos-pagãos, 83
- Cristianismo, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 31, 33, 34, 35, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 100, 102, 104, 106, 118, 121, 125, 128, 130, 131-134, 139, 141, 150, 162-164, 171, 173,

- 174, 176, 177, 210, 212, 213, 216, 217, 227, 231, 239, 246-248, 250, 252, 253, 257, 265, 266, 277, 286, 287, 289, 291, 296-298
- Cristianismo adulterado, 141
- Cristianismo britânico, 71
- Cristianismo católico, 202
- Cristianismo deveria dominar o mundo, 100
- Cristianismo evangélico, 147, 243
- Cristianismo fora da lei, 43
- Cristianismo imposto pela força, 73, 102
- Cristianismo odiado por causa da Igreja Romana, 210
- Cristianismo oriental permaneceu inalterável, 91
- Cristianismo pagão, 131
- Cristianismo Reformado, 182, 184, 194
- Cristianismo romano, 103
- Cristianismo Social, 246, 296
- Cristo como Redentor, 60
- Cristo não era o único objeto de culto, 86
- crueidade contra os peregrinos, 104
- crueidade para obrigar protestantes a voltarem ao romanismo, 209
- Cruzada Infantil, 105
- cruzada sangüinária contra os albigenses, 117
- cuidavam mais da ortodoxia luterana do que da vida espiritual, 211
- culpados por toda sorte de crimes, 84
- culto, 63, 75, 86, 141, 142, 224, 248, 267, 279, 280, 296
- culto a um Deus único, 69
- culto à Virgem, 63, 86, 119
- Culto ao Estado, 258, 261
- culto aos santos, 86, 119, 134
- culto cristão, 62, 86, 119, 210, 211
- culto da Deusa Razão, 210
- culto da Igreja, 118
- culto da Mãe dos deuses, 23
- culto das relíquias, 86, 119, 134
- culto de Attis, 23
- culto de Ísis com Serápis ou Osíris, 23
- culto dos santos, 62, 63
- culto e religião popular, 86
- culto em casas particulares, 33
- culto na língua comum do povo, 143
- culto nas colônias não tinha liturgia e era celebrado com simplicidade, 279, 280
- culto pagão, 72
- cumpriam as regras do papa, 72
- Cúria, 196, 199
- decadência da Igreja, 139
- decidiu pedir perdão, 97
- declínio da velha e tradicional religião, 23
- declínio das atividades religiosas nos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial, 295
- declínio do Império Romano, 53
- declínio religioso, 227
- declínio religioso na Alemanha, 211
- decretais, 77, 112
- decretos do papa tinha poder dos concílios, 112
- decretou que o Protestantismo seria exterminado pela guerra, 165
- dedicou-se à caridade, 128
- dedicou-se ao estudo das Escrituras, 60
- defendeu a supremacia papal, 144
- defrontou-se com dois reis poderosos, 144
- degradação da religião, 141
- degradação do clero, 140
- degradação do papado, 84, 148
- denominações cristãs cresceram em número e poder, 285
- denunciou o papado, 146, 160
- depois da Revolução a Igreja fica estagnada, 227
- depôs a coroa e terminou seus dias num convento, 155
- deposto do trono, 96
- depravação e miséria, 131
- depravação, roubos e assassinios, 84
- depressão mundial enfraquece trabalho missionário, 270
- derrotaram o imperador alemão, 147
- derrota total de Frederico, 102
- derrubou o carvalho sagrado de Odin, 72
- desapego às coisas do mundo, 74
- descaso da Igreja para com o povo, 141
- descobertas do Sistema Solar, 149
- descobertas geográficas, 149, 150
- desconheciam a tristeza e o desespero, 32
- desejo de evangelizar os irlandeses, 56
- desejo de pregar aos pagãos, 73, 127
- desejo generalizado de uma religião melhor, 142
- desejosos de abolir a veneração das imagens, 91
- desenvolvimento da França, 207
- desfez muitos casamentos existentes, 99
- desorganização da Indústria e Comércio na Itália, 257
- despertado o espírito missionário, 91
- despertados para grandes empreendimentos, 150
- despertamento espiritual da Inglaterra, 231
- despertamento religioso, 250, 252, 284, 285, 287, 293
- déspotas violentos, 69
- destemidos soldados da cruz, 104
- destruição da vida nacional, liberdade e do próprio Cristianismo, 100
- destruídos pelos turcos em Nicéia, 105
- Deus, Criador e Dominador Supremo, 119, 130
- deusa Mitras (mais popular), 23
- devoção à Igreja de Roma e ódio ao protestantismo, 199

- dezenove anos sem qualquer governo, 102
 Dia de Todos os Santos, 159
 Dia do Senhor, 34, 45, 211
 diáconos cuidavam da beneficência, 176
 Dieta Alemã, 96
 Dieta decreta que a Igreja da Suécia fosse reformada, 167
 Dieta de Spira, 195
 Dieta Imperial, 155, 161, 162, 164-167
 diferença entre protestantismo da Europa e América, 130
 diferença racial, 78
 diferenças de doutrinas e ritos, 79
 diferenças entre Catolicismo e Protestantismo, 164
 diferenças entre o Protestantismo Luterano e o Reformado, 184, 211
 diferenças entre Zúínglio e Lutero, 171
 diferenças teológicas na Holanda, 181
 diferentes formas de organização, 36
 difícil encontrar homem que tenha feito mais para Cristo, 73
 dificuldades com os donatistas, 61
 diocese, 63, 73, 113
 direito de impor suas ordens aos bispos, 65
 direito divino da autoridade, 64
 direito feudário, 111
 direitos humanos, 216, 250
 dirigente espiritual da Cristandade, 126
 disciplina beneditina, 74
 disciplina da Igreja exercida por meio de consistório, 176
 discípulos preparados nos mosteiros, 55
 discurso inflamado, 105
 discussões inúteis e vazias, 90
 disputa teológica no concílio, 59
 disputas sobre a Pessoa de Cristo, 90
 disputas teológicas entre luteranos e calvinistas, 211
 disputas teológicas inúteis, 211
 dissolução da Ordem Jesuíta, 208
 distinção entre clérigo e leigo, 48
 divergência na doutrina da Ceia do Senhor, 173
 dividiu a Igreja, 59
 divindade à mãe de Jesus, 119
 divindade de Cristo, 59, 60, 65
 divisão da Igreja em "Alta Igreja" e "Baixa Igreja", 226
 divisão de autoridade, 71
 divisão dos governantes da Alemanha, 163
 divisão na Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, 291, 293
 Dogma, 118
 dois aspectos da Reforma, o de Zúínglio e de Lutero, 173
 Dois fatos importantes, 125
 dois governos no império, 78
 dois imperadores, 54
 dois métodos de governo divinamente indicados, 71
 dois mil ministros expulsos de suas igrejas, 225
 dois papas, 145
 dominação árabe, 78
 dominava grande parte das terras da Europa Ocidental, 111
 domínio francês rebaixou o papado, 144
 domínio indiscutível, 102
 domínio inglês na América do Norte faz fracassar plano das missões francesas, 278
 domínio terminou com Benedito IX, 84
 domínio universal, 75, 76
 dons extraordinários, 75
 doutrina bíblica do sacerdócio de todos os santos, 163, 184
 doutrina nazista, 257
 duas formas de Cristianismo, a romana e a escocesa, 72
 duas novas colônias americanas formadas por puritanos, 279
 Édito de Milão, 44
 Édito de Nantes, 179, 208, 209
 Édito de Tolerância, 44
 Édito de Worms, 162
 educação religiosa das crianças, 213
 egoísmo dominou a vida da maioria do clero, 140
 Eleitor (título feudal), 155, 159, 267
 elementos da Contra-Reforma, 197
 elementos judaicos da Dispersão (Díáspora), 22
 embriaguez e adultério, 84, 140
 em defesa do direito do Cristianismo, 104
 emenda à Constituição americana determinava que não haveria religião reconhecida pelo Estado, 287
 em jogo a supremacia do Estado, 242
 emigrantes alemães e luteranos também foram para a Pensilvânia, 282
 Encarnação, 60
 encíclica papal (Quadragésimo Ano), 262, 263
 enfraquecimento espiritual e moral das colônias, 284
 enfraquecimento protestante na Alemanha, 211, 212
 engenhosa fraude, 77
 engrandecer o papado, 77
 Engrandecimento do Bispo de Roma, 64
 ensinando a doutrina de um "herege", 147
 ensino cristão, 114
 ensino cristão não tinha efeito, 85
 ensino religioso compulsório nas escolas, 261
 ensino religioso proibido nas escolas da Rússia, 269
 ensino romanista da Presença Real dos Elementos, 267
 ensinos da Igreja, 117

- ensinos morais, 86
 ensinos protestantes da Hungria, 183
 entendeu como chamado de Cristo, 128
 entrega ao papa dos reinos da Inglaterra e Irlanda, 101
 entristecido com a insensatez das superstições, 172
 enviado para vender indulgências, 158
 enviou irmãos a lugares distantes e perigosos, 129
 Epicurismo – filosofia grega, 24
 epístola de Paulo aos Romanos, 61, 157
 Epístolas de Paulo, 158, 172
 era cristã, 24, 39
 era das Cruzadas nos EUA, 295
 era de religiosidade, 24
 Era dos Concílios, 60
 era medieval, 113
 erro colossai, 100
 erros doutrinários, 34, 35
 erros teológicos atribuídos a Spener, 213
 escola neotomista, 262
 Escola Teológica, 251
 Escolas Dominicais, 115, 231, 289, 294
 escolas organizadas junto às igrejas, 166
 escolher um substituto para Henrique IV, 97
 escolheu papas, 89
 escritos falsos, 77
 Escrituras, 74, 114, 134, 151, 158, 160, 163, 178, 242
 Escrituras judaicas, 22
 Escrituras traduzidas para várias línguas, 134
 esforço para aniquilar o protestantismo, 197, 209
 esforço por um Cristianismo ardente, 212
 Esforço pró-união: “Fé e Ordem”, “Vida e Trabalho”, 272
 Espanhóis católicos massacraram cristãos em Santo Agostinho, Flórida, 277
 esperança de um Salvador, 22
 espírito de cavalaria, 104
 espírito de consagração e de obediência a Jesus, 129
 espírito de intolerância, 126
 espírito do ideal monástico, 98
 esplêndidas estradas romanas, 18
 esplêndido reinado, 70
 estabeleceu religião do Estado, 23, 43
 estabelecimento da religião católica na China, 203
 estações missionárias católicas nos Estados Unidos, 277
 Estado Totalitário de Hitler, 259
 Estados protestantes da Alemanha, 243
 estilo arquitetônico, 120
 Estoicismo – filosofia grega, 24, 24
 estratégia de Constantino, 54
 estudo profundo do Novo Testamento, 150
 estudou Direito por intervenção do pai, 174
 Evangelho, 42, 65, 73, 141, 143, 157, 165, 174, 184, 194, 202, 232, 234, 245, 250, 264
 Evangelho de Cristo, 157
 evangelização, 72
 excedeu-se em jejuns, vigílias e flagelações, 156
 excessiva autoridade, 139, 140
 excomungado era fora da lei, 116
 excomungado pelo papa, 147
 excomungou Filipe, 144
 excomungou Henrique IV, 96
 excomunhão, 57, 76, 96, 97, 99, 116, 143, 144, 147, 160, 189, 259, 262
 exerce seu domínio neste mundo, 100
 exercer autoridade sob supervisão do papa, 99
 exército de cavaleiros capturaram Jerusalém, 105
 exigência para que as ordens pedissem licença ao Estado para funcionar, 259
 exigentes com o lado moral da religião, 246
 exigia uma Igreja Alemã livre, 161
 exigia que os súditos professassem o Cristianismo, 73, 83
 expansão do comércio e da indústria, 150
 expansão do Cristianismo, 55, 56
 expedições contra os infiéis, 104
 explodiu de indignação e ódio contra os falsos representantes de Deus, 140
 expulsão dos gregos das terras turcas, 269
 expulso como herege, 60
 expulsos e considerados como inimigos, 143
 Extensão da Reforma Luterana, 165
 extermínio de milhares de muçulmanos, 126
 extrema união, 118
 facilidade de trânsito, 18
 famoso como homem mais culto e destacado, 145
 Fechamento de inúmeras Igrejas na Rússia, 269
 fé cristã próxima à do Novo Testamento, 132
 Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs, 263
 Federação das Igrejas Livres, 268
 Federação das Igrejas Protestantes, 264
 Federação Eclesiástica Suíça, 265
 ferimento incurável, 144
 Festa do Amor ou Fraternidade, 34
 Filipe II mais cruel que o pai, 180
 Filosofia, 157
 Fim da guerra com o Édito de Nantes, 179
 fim da liberdade e democracia na Alemanha, 257
 Folheto Número 90, 248
 Folhetos para os Tempos Atuais, 247
 força armada para prender o papa, 144
 força dominante e absoluta da Igreja, 111
 forçar o povo a abandonar o culto à imagens, 91
 formação do povo americano, 234

- forma presbiteriana de governo, 182, 233
 Fórmula da Concórdia, 211
 fortaleceu o poder do papado, 99, 106
 forte propaganda de Tetzl, 158
 frades dedicam-se a obra da pregação, 119
 França cria Lei das Associações Religiosas, 259
 fraternidade cristã, 58
 freqüentes campanhas evangelísticas aumen-
 tavam o rol de membros das Igrejas
 Protestantes, 295
 frustração e desejo de Loyola, 197
 Galicanismo, 207
 ganhar favores divinos, 103
 garantia e segurança, 77
 Genebra foi transformada, 177
 Genebra tornou-se refúgio aos perseguidos por
 causa da Reforma, 177
 gente não-convertida, 44, 45, 55, 56, 57, 62,
 83
 George Fox um líder poderoso, 224
 George Wishart um dos mártires do protestan-
 tismo, 182
 Geórgia colônia planejada para refúgio dos cris-
 tãos perseguidos, 283
 Gnosticismo, 46, 47
 golpe nas próprias raízes, 160
 golpe no poder da Igreja, 159
 Governador da Virgínia odiava o puritanismo e
 perseguiu os puritanos, 283
 Governo achava perigoso para o Estado o
 dogma da infalibilidade, 242
 governo da Igreja, 166
 governo internacional, 116
 governo mexicano que governava a Califórnia
 livrou os índios do domínio dos frades,
 277
 governo romano, 33
 governos católicos, 200
 governos exercidos por homens tiranos, 83
 governos germânicos, 71
 Grande Cisma do papado, 145
 grande e indiscutível poder papal, 113
 grande inimigo do Cristianismo, 104
 grande movimento intelectual, 19
 grande número de conventos purificados, 88
 "Grande Parlamento", 193, 223
 Grande Reavivamento, 284, 287
 Grande Reavivamento na América, 214
 grande reformador da Escócia, 181
 grandes e custosos altares a Maria, 120
 grandes mestres nos mosteiros, 88
 grandes pregadores, 62
 gratos aos monges pelas obras literárias, 114
 gregos cultos fogem de Constantinopla, 217
 grito por Reforma, 148
 grosseira superstição, 91
 Grupo religioso "Os Discípulos", 288
 Grupo Trinitariano, 288
 Grupo Unitariano, 288
 Guerra civil americana, 293
 Guerra contra a Rainha Catarina de Médicis,
 179
 guerra contra investidura secular, 96
 guerra contra os albigenses, 106, 127, 142
 guerra contra os Protestantes, 197
 guerra da Igreja contra o Islamismo, 103
 Guerra da Independência dos Estados Unidos,
 284
 Guerra dos 40 anos entre a França e os índios
 da América, 285
 guerra dos camponeses, 163, 194
 Guerra dos Trinta Anos, 201, 212, 243
 guerra entre as nações, 18
 Guerra entre Igreja e Estado, 269
 Guerra na Suíça entre católicos romanos e pro-
 testantes, 174
 guerra pela independência, 147
 guerra prolongada, 102
 Guerra Santa, 126
 guerras constantes, 58
 guerras contra os saxões, 70
 guerras de toda sorte, 85
 guerras, confusão, trevas e barbarismo, 69
 Guerras Religiosas, 179
 Guerras Religiosas quase arruinaram a França,
 179
 guerreiros derrotados, 69
 Guilherme Carey avivou a obra missionária, 232
 Guilherme de Orange e Maria tornam-se sobe-
 ranos da Inglaterra, 226
 Guilherme de Orange obedece ao chamado
 divino, 180
 Gustavo Adolfo salvou a causa protestante, 201
 habitantes de Genebra pedem para Calvino
 voltar, 176
 Henrique conduziu o exército contra a Itália,
 97
 Henrique IV teve de viver em retiro, 96
 Henrique VIII se declara "Chefe Supremo da
 Igreja na Inglaterra", 189
 hereges, 106, 117, 118, 146, 147, 160
 heresia, 117, 127, 160, 177, 200
 Hildebrando abandonou Roma, 97
 Hildebrando recusou-se a recebê-lo, 97
 hino de Toplady (Rocha Eterna), 230
 hino de Zinzendorf (Cristo Ainda nos Conduz),
 215
 hinos, 62, 126, 131, 166, 229
 hinos do Reavivamento (Jesus, Amado Salva-
 dor), 230
 história da mitologia clássica, 22
 História repleta de romance e heroísmo, 103
 Hitler torna-se ditador na Alemanha, 257
 homem obstinado e tirano, 96
 homens de vida austera, 89

- homens e mulheres com caráter como o de Cristo, 132
- homens fortes e capazes de governar, 76
- homens que compravam os cargos, 89
- honrado e amado por toda Igreja Cristã, 127
- horribéis torturas, 117
- hóstia, 131
- huguenotes primeiros a levar o Cristianismo aos Estados Unidos, 277
- idade da discórdia, 115
- "Idade das Trevas", 85, 87
- Idade Média, 18, 59, 61, 62, 70, 75, 83, 95, 100, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118-121, 125, 127, 130-133, 139, 140, 142, 143, 150, 155, 156, 164, 177, 198, 199, 239, 240, 262
- ideal de Calvino para Genebra, 176
- ideal divino para a igreja cristã, 150
- idéia calvinista da predestinação, 181
- idéia de Hildebrando a respeito do papado, 99
- idéia de um concílio intereclesiástico, 272
- idéias dos direitos do homem, 215
- idéias e métodos missionários publicados em livro, 271
- idéias luteranas, 179
- idéias perigosas que os jesuítas espalhavam, 208
- ignorância e abandono dos deveres, 84
- Igreja, 43, 44, 46, 54, 55, 57-65, 71, 73-78, 83-86, 88-91, 97-102, 105, 106, 111-121, 127, 128, 130-135, 139-145, 147, 148, 150, 151, 155, 157-159, 163, 165, 166, 171
- Igreja (Holandesa) Reformada dos Estados Unidos, 281, 289
- Igreja Alta, 226, 228, 246, 252, 292
- Igreja Ampla ou Liberal, 244, 245
- Igreja Anabatista ou Batista da Inglaterra, 195, 224, 249, 263, 264, 268
- Igreja Anglicana, 247-249, 281-284, 287
- Igreja Apostólica, 33
- Igreja Baixa, 226, 227, 245, 252, 291
- Igreja Calvinista, 167
- Igreja Católica Independente, 265
- Igreja Católica presente com os primeiros colonizadores, 202
- Igreja Católica Romana, 47, 48, 61, 62, 63, 64, 65, 74, 78, 79, 197, 207, 210, 218, 226, 241, 242, 244, 248, 249, 253, 258-263, 265, 268, 269, 271, 278, 287, 291, 296, 297
- Igreja como organização, 102, 132
- Igreja Copta, 65
- Igreja Cristã, 30, 32, 60, 79, 98, 118, 126, 127, 132, 150, 158, 214, 247, 266, 272, 296
- igreja cristã na Alemanha, 166
- Igreja Cristã Reformada, 244
- Igreja da Armênia, 65
- Igreja da Escócia, 96, 193, 232, 250, 251, 268
- Igreja da Holanda organizada durante a guerra, 181
- Igreja da Irlanda, 223
- Igreja de Cristo, 96, 278
- Igreja de Roma (ou Romana), 48, 75, 78, 79, 100, 103, 114, 117, 134, 172, 176, 181, 184, 190, 195-199, 239, 250, 253
- Igreja de São Pedro, 90
- Igreja do Castelo, 159
- Igreja do Estado, 191, 194, 242
- Igreja do Ocidente, 87, 90, 103, 111, 125
- Igreja do Oriente, 91, 134, 216, 270
- Igreja e Estado separados, 263
- Igreja Episcopal, 225, 232
- Igreja Episcopal Metodista dos EUA, 289
- Igreja Episcopal Protestante de Nova York, 281
- Igreja Episcopal Protestante dos Estados Unidos, 271, 287, 289, 291, 293
- Igreja Evangélica, 74, 242, 243, 263, 266
- Igreja Evangélica dos Irmãos Checos, 265
- Igreja Evangélica unia luteranos e reformados na Prússia, 242, 243
- Igreja germânica, 73
- Igreja grande organização internacional, 103
- Igreja grega, 79, 133, 242, 269
- Igreja inglesa (ou da Inglaterra), 72, 78, 145, 171, 189-192, 223-227, 230-232, 244-249, 252, 266-268, 278, 281, 283
- Igreja internacional, 111
- Igreja Jacobita, 65
- Igreja Livre, 96, 225-227, 231, 244, 245, 249-252, 263, 265-268
- Igreja Luterana, 167, 171, 243, 244, 263-266, 291, 297
- Igreja Luterana Unida, 296
- Igreja Medieval, 101, 115, 118, 130, 132, 133, 139, 141, 148, 157, 158, 163, 172, 184, 191, 194, 196, 200, 278
- Igreja Metodista, 230, 231, 249, 263, 264, 268, 297
- Igreja Nacional da Escócia, 233
- Igreja Nacional Protestante na Inglaterra, 191, 267
- Igreja Nestoriana, 79, 92, 134
- igreja oficial, 244, 251, 263
- Igreja oriental, 73, 79, 90, 133
- Igreja Oriental máquina de um governo absoluto e opressor, 218
- Igreja Oriental Ortodoxa, 208, 217, 218, 267-269, 271, 297
- Igreja Ortodoxa, 249, 267, 269, 297
- Igreja papal, 118, 119, 121, 141, 142, 146, 147, 149, 150, 163, 165, 172, 199, 202, 210
- Igreja Presbiteriana, 178, 224, 249, 251, 268
- Igreja Presbiteriana da Nova Escola, 291, 293

- Igreja Presbiteriana da Velha Escola, 291, 293
 Igreja Presbiteriana de Cumberland, 288, 296
 Igreja Presbiteriana de New Brunswick, 284
 Igreja Presbiteriana dividida em 2 partidos: o conservador e o progressista, 291
 Igreja Presbiteriana dos Estados Confederados da América, 293
 Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, 287, 293, 296
 Igreja Presbiteriana Unida, 251
 igreja primitiva, 32, 33, 35
 Igreja Protestante, 114, 171, 178, 202, 216, 242, 244, 253, 263, 264, 270, 291, 295, 297
 igreja protestante e luterana, 167
 Igreja Protestante Francesa, 182
 Igreja Reformada, 161, 171, 183, 194, 243, 244, 263, 264, 266
 Igreja Reformada Alemã, 183, 282
 Igreja Reformada da Holanda, 181, 281, 285
 Igreja Reformada da Hungria, 183
 Igreja Reformada dos Estados Unidos, 183
 Igreja Reformada Escocesa, 182, 223
 Igreja Reformada Magiar, 265
 Igreja Reformada Presbiteriana, 233
 igreja rival, 142
 Igreja Romana japonesa, 203
 Igreja russa, 74, 217, 269
 Igreja suprema autoridade na terra, 100, 261
 Igreja Unida Livre da Escócia, 252, 268
 Igreja Wesleyana, 231
 Igreja, mediadora entre Deus e os homens, 121, 134
 Igrejas Congregacionais, 224, 249, 268, 279, 280, 297
 igrejas de várias denominações na Inglaterra, 224
 Igrejas do povo, 263
 Igrejas Evangélicas Livres, 264
 Igrejas Presbiterianas Independentes, 234
 Igrejas protestantes copiam sistema de governo de Calvino, 178
 Igrejas protestantes descuidam das missões, 202, 212
 Igrejas protestantes se enfraqueceram por causa de Napoleão, 242
 igrejas que se separaram da católica, 65
 Igrejas Reformadas oficiais divergiam teologicamente, 243
 ilustração e iluminação, 215
 imagens dominavam o culto, 91
 imagens eram gravuras ou pinturas, 91
 imperador como senhor feudal, 155
 imperador cristão, 56
 Imperador do Oriente, 105
 imperador tenta acordo entre romanistas e luteranos, 165
 imperadores elevavam e depunham papas, 84
 imperadores romanos, 71
 imperadores vencidos pelo povo, 91
 Império Alemão, 155, 165, 166
 império germânico, 70, 96, 139
 Império Maometano, 104
 império no Ocidente, 71, 95
 império oriental, 71, 90
 Império Romano, 17, 18, 39, 43, 53, 54, 55, 64, 70, 71, 96, 97, 102, 132, 291
 importância dos huguenotes, 209
 impossibilidade de aliança entre luteranos e zuinglianos, 174
 impossível resumir a verdade sobre as Cruzadas, 103
 impuseram a sua religião, 104
 incapaz de dirigir uma organização tão vasta, 130
 inclinado às idéias evangélicas ou reformadas, 172
 incorporadas às leis da Igreja Romana, 78
 Index, 200
 indignação contra o Ato do Selo e vários impostos, 286
 indulgências, 119, 133, 158, 159
 indulgências desviavam o povo das verdades de Deus, 159
 inesperada perseguição aos protestantes, 174
 infalibilidade papal, 240-242
 influência de Bernardo, 126
 influência de Lutero, 172
 influência de Lutero em outros países, 166
 influência do Gnosticismo, 35
 influência do imperador, 59
 Influência do Reavivamento da Cultura ou Renascimento, 196
 influência dos gregos, 19, 59
 influência dos judaizantes, 35
 influência pagã, 86
 Inglaterra como nação protestante, 226
 Inglaterra dedica-se a leitura da Bíblia, 192
 Inglaterra protestante salva por uma tempestade, 201
 Inglaterra volta ao domínio da Igreja Romana, 190
 inimigos da Reforma brigavam, 164
 inimigos do protestantismo, 200
 Inocêncio fez e desfez imperadores, 101
 inquietude social, 151
 Inquisição, 106, 117, 142, 143, 179, 190, 191, 200
 Inquisição Leiga de Missões Estrangeiras, 271
 Inquisição na Inglaterra fortalece o Protestantismo, 191
 Inquisição Papal, 117
 instituições de caridade, 111, 133
 Instituições educacionais dos diversos ramos religiosos, 290

- intelectuais alemães e sacerdotes excomungados, 242
- intercessão dos santos padroeiros, 119
- intercessora e protetora, 120
- interesse missionário pelos índios, 285
- interferiu para salvar o papado, 89
- intermediário entre divindade e a humanidade, 59
- interveio na controvérsia dos monotelistas, 90
- intimado a ir a Roma, 159
- intolerância religiosa dos puritanos, 280
- invasão mongólica paralisou a obra missionária, 134, 135
- invenção da imprensa, 149
- "Investidura secular", 95, 96
- Irmandade da Boêmia, 214
- Irmandade da Morávia, 214
- irmãos em Cristo, 32
- Irmãos Hicksitas, 297
- Islamismo, 71, 78, 91, 103, 216
- Jerusalém continuou sob domínio maometano, 106
- Jerusalém novamente nas mãos dos infiéis, 105
- Jesuítas considerados desleais e perigosos, 208
- Jesuítas são expulsos, 208
- Jesuitismo, 208
- Jesus, apresentado como Juiz muito severo, 119
- Jesus e seus discípulos, 29
- Jesus funda sua igreja, 29
- João Bunyan ficou 12 anos preso por oposição à Igreja Episcopal, 225
- João se mostrara filho obediente à Igreja, 101
- judaísmo, 22, 24
- judeus inimigos do Cristianismo, 33
- Julgamento de Huss, 147
- julgar retamente essa organização, 132
- Junta (Board) Americana de Enviados às Missões Estrangeiras, 289
- Justiça, 157
- Justificação pela fé, 158
- Killing Times ou Tempos de Trucidamento, 233, 281
- King James Version (Versão do Rei Tiago), 192
- Knox e Calvino juntos em Genebra, 182
- Knox foge da Escócia, 182
- Knox volta para Escócia, 182
- Landgravel (título feudal), 155
- Leão XIII declara a infabilidade papal, 240
- Leão XIII opôs-se à separação Igreja/Estado, mas com diplomacia, 242
- legados papais para esmagar a Reforma, 163
- legalismo, 45
- legislação eclesiástica, 99, 116
- Lei Canônica, 261
- Lei Judaica, 35
- lei moral, 76
- leis e tribunais da Igreja, 116
- leis que obrigavam o povo a assistirem aos cultos reformados, 190
- Leis que restringiam os poderes da Igreja Católica, 242, 259
- levantaram a opinião pública contra os sacerdotes casados, 99
- levantes em muitas localidades, 163
- levou o Monarca a implorar misericórdia, 97
- liberdade de culto negada à Igreja Romana, 226
- liberdade de culto para os protestantes ortodoxos, 226
- liberdade religiosa, 54, 268
- libertar o Santo Sepulcro dos infiéis, 104
- libertos do poder da Igreja Medieval, 163
- Líder de um forte movimento na Alemanha, 161
- líderes de Oxford, 247
- líderes do movimento liberal, 246
- Liga Defensiva de príncipes zuinglianos e luteranos, 173
- Liga Solene, 223
- ligado e desligado no céu, 102
- língua grega, 150
- língua universal, 20
- liturgia, 62
- livrar a Igreja da escravidão dos governos civis, 95
- livrar a Igreja da influência secular, 99
- livrar a Igreja do mundo, 95
- livre de perseguição, 55
- livres dos elementos supersticiosos e do formalismo, 142
- Livro: *A Nobreza Cristã da Alemanha*, 159
- Livro Comum de Orações, 190, 191, 225, 267
- livro de Agostinho, 61
- livro de Calvino (*Institutas*), 175, 178
- Livro de Disciplina, 182
- Livro de João Bunyan, *O Peregrino ou A Viagem do Cristão*, 225
- Livro de João Huss "Lei de Cristo", 147
- Livro de Spener, *Pia Desideria* (Desejos Piedosos), 213
- Livro: *Dialogus Miraculorum*, 131
- livro que indicava as penitências a cada pecado, 115
- Livro *Rethinking Missions*, 271
- livros condenados pela Igreja Romana, 200
- livros de Calvino fizeram suas idéias predominarem, 178
- Livros de Lutero, 178, 189
- livros sagrados dos judeus, 21
- "Lordes da Congregação", 182
- lugar da Igreja na religião, 121
- Lugares sagrados, 157
- luta com Henrique IV, 96
- Luta com o Paganismo Interno, 83
- Luta contra tirania de Tiago I e Carlos I, 193
- Luta da Igreja Católica com o Comunismo, 262

- luta desesperada, 69
- Luteranismo, 184, 191, 201
- Luteranos da Alemanha envia Henrique Muhlenberg para os alemães da colônia americana, 285
- luteranos e zuinglianos aliam-se na guerra contra Carlos V, 174
- Luteranos que não aprovavam união com protestantes criam Igrejas Independentes, 243
- Lutero conhecido e respeitado como homem devoto e austero, 160
- Lutero encontrou a verdade, 157
- Lutero ganhou numerosos amigos e seguidores, 161
- Lutero se apresenta na Dieta, 161
- Lutero se confessa ignorante do Evangelho, 157
- Lutero torna-se monge, 156
- Lutero visita Roma, 157
- lutou para reconquista do trono, 97
- magníficos templos a Maria, 120
- maior compaixão e graça, 119
- maior de todos os papas, 89, 95
- maior influência na história do mundo, 79
- maiores teólogos da era medieval, 130
- maioria presbiteriana na Assembléia, 223
- maioria puritana, 193
- mais valor a vida cristã que a assuntos teológicos, 245
- maldade e miséria da massa humana, 85
- maldições, 141
- males da vida nacional inglesa, 227
- manifestou seu conservadorismo, 91
- mantinham exércitos, 77
- mantinham organizações militares nos seus territórios, 112
- maometismo, 69, 71, 102
- Margrave (título feudal), 155
- Mariolatria, 86, 119, 120
- Marselhesa da Reforma – Castelo Forte, 166
- mártires da Reforma Inglesa, 190
- martírio de Huss fortaleceu a revolta, 147
- massacre de cristãos na Flórida, 277
- massacre dos tessalonicenses, 62
- matéria criada por Satanás, 142
- Matrimônio, 118
- meditação dos gregos, 19
- meio de salvação, 118
- meios de repressão, 200
- melhor religião existente, 24
- meninos e meninas vendidos como escravos, 106
- mesmo que dizer que a Igreja deveria dominar o mundo, 100
- mesquita, 216
- mestre no Protestantismo e Catolicismo, 61
- mestres humanistas, 171, 174
- metodismo inglês, 268
- métodos jesuítas para destruir o protestantismo, 199
- métodos missionários, 83
- migrações bárbaras, 70
- milagres realizados pelas relíquias, 119
- milhares de mosteiros, 113
- ministério de Spener, 213
- ministros passam a ouvir confissões, 248
- ministros substituídos por homens incompetentes, 232
- missa centro do culto, 86, 118, 134, 172, 267
- missa proibida na Escócia, 182
- missa substituída por um serviço de comunhão, 173
- missão Danish-Halle, 213
- Missão do Interior da China, 252
- missão dos judeus, 20, 22
- missão romana, 71
- missionários, 72, 73, 74, 75, 78, 91, 127, 146, 202, 213, 214, 228, 250, 253
- missionário protestante, 74
- missionários cristãos, 73
- missionários da Reforma, 177
- missionários romanos (católicos), 72, 74, 78, 202
- missões, 74, 78, 128-130, 134, 140, 202, 213, 214, 234, 251, 252, 264, 270, 271, 289, 297
- missões cristãs, 31, 252, 270, 271
- missões espanholas em Santo Agostinho, 277
- missões estrangeiras, 271, 289, 294
- missões francesas católicas no Canadá, 277
- missões francesas queriam tornar América do Norte em império católico, 278
- missões franciscanas, 277
- missões medievais e as que conhecemos, 74
- missões moravianas, 214, 228
- missões nas terras pagãs, 129
- missões protestantes modernas, 74
- mistérios helênicos, 23
- mistura de Cristianismo e idéias religiosas orientais, 142
- mitologia cristã, 86
- movilizou as forças da cristandade, 105
- Moderna União dos Homens da Igreja, 266
- modernas Igrejas Protestantes, 114
- Modernismo sufocado pela Igreja Romana, 259
- moderno movimento missionário, 232
- modificações na vida nacional afetaram a vida religiosa nos EUA, 290
- modo de pensar do tempo de Hildebrando, 100
- monaquismo, 58, 59, 74, 113, 114
- monarquia, 99, 225
- monges deixam o claustro, 162
- monges dirigidos pelo papa, 112
- monges e freiras objetos de escárnio público, 140
- Montanismo, 47

- morte de Guilherme de Orange, 181
 morte de João Wesley, 231
 morte de Lutero, 165
 morte de quase setenta mil protestantes, 179
 morte de Wycliff, 146
 morte de Zuínglio, 174
 mosteiro, 72, 74, 85, 88, 111, 113, 114, 125, 126, 134, 157, 190
 mosteiro de Belém, 60
 mosteiro de Citeaux, 125
 Mosteiro de Cluny, 88
 mosteiro de Erfurt, 172
 mosteiro de "Fontains d'Abbay", 113
 mosteiro romano, 71
 mosteiros de frades dominicanos, 127
 movimento anabatista, 193
 Movimento Anglo-Católico, 244, 246, 249, 267
 Movimento da Igreja Ampla ou Liberal, 244-247, 266
 Movimento da Juventude Católica, 262
 movimento da Reforma religiosa era inevitável, 166
 Movimento da Unidade Cristã, 295, 297
 Movimento de Missões Internas para Evangelização, 264
 movimento de protesto contra a atitude da Igreja, 142, 143
 movimento de revolta contra a Igreja, 163
 movimento ecumênico, 271, 273, 296, 297
 movimento evangélico, 244, 245, 266
 movimento filosófico grego, 24
 movimento liberal, 266
 movimento luterano, 163, 167
 movimento metodista chega à América, 286
 Movimento Missionário dos Leigos, 295
 Movimento Modernista, 258, 262
 Movimento Mundial Interclesiástico, a maior das "cruzadas", 295
 Movimento para Avanço Religioso, 295
 movimento pietista, 213
 movimento "Prebrussiano", 142
 movimento protestante, 178, 192, 196, 197
 Movimento unionista, 268
 Movimento unitariano, 288
 mudança de vida no lugar da ortodoxia, 212
 mudança no Juramento da Coroação para o rei jurar lealdade a Religião Reformada, 226
 mudança no método de escolha do chefe da Igreja, 95
 mudanças no culto foram maiores com Zuínglio, 173
 mudanças para melhor, 87
 mudanças sociais e religiosas promovidas pelos imigrantes e avanço industrial, 294
 muito dinheiro gasto em benefício dos doentes e pobres, 112
 muitos padres preguiçosos, eram: ignorantes e imorais, 113
 mulheres infames dominaram o papado, 84
 multidão aterrorizada de pagãos, 72
 multidões fanatizadas partiram para a Terra Santa, 105
 multidões nas igrejas, 57, 83
 Mussolini marcha sobre Roma, 258
 na Holanda metade da população era protestante, 264
 na Rússia era permitido o casamento do clero, 218
 nada demonstrava da obra regeneradora, 85
 não deviam ter qualquer propriedade, 129
 não pode ser a verdadeira Igreja de Cristo, 96
 não se concebia a idéia de cristãos que não estivessem na Igreja, 121
 Napoleão invade Roma e prende o papa Pio VII, 239
 natureza de Cristo, 59, 60, 65
 navios em direção à Terra Santa, 106
 necessidade de ministros bem-preparados contribuem para criação de vários centros de ensino, 290
 necessidade de um Cristianismo prático, 227
 negação dos desejos, 58, 142
 negar os desejos ou fugir pelo suicídio, 142
 negligência pastoral, 141
 negócios espirituais, 71
 negócios materiais, 70
 negou poderes do papa, 160
 nenhum retrocesso no propósito missionário das Igrejas, 298
 Newman e outros voltam ao Catolicismo, 248
 noite de São Bartolomeu, 179
 nominalmente cristã, 85, 102, 103
 Noruega, população quase toda luterana, 265
 notável defesa, 161
 nova raça, 69
 nova religião, 69
 Novo Testamento, 20, 32, 34, 35, 36, 47, 132, 147, 150, 162, 194
 Novo Testamento de Tyndale, 189
 Novo Testamento grego, 172
 novos mosteiros, 59
 nunca conseguia absolvição, 117
 o alto clero não era melhor, 84
 o "Berço do Cristianismo", 20
 o culto e costumes religiosos foram alterados, 173
 o Deus dos cristãos, 54
 o Dia do Senhor foi substituído, 211
 o discurso de Estêvão, 31
 o fundamentalismo, 296
 o governo abandonou a maior parte das leis anti-romanas, 242
 o homem não necessitava dos ritos dos sacerdotes, 163

- o imperador investia-os nas suas propriedades, 98
- o império reviveu, mas não tão poderoso, 102
- o livramento da excomunhão, 96, 97
- o metodismo americano, 287
- o Modernismo, 258, 262
- o mundo deve muito aos protestantes, 178
- o oeste sem qualquer governo, 78
- o padre dispunha de um poder extraordinário, 113
- o papa felicita Catarina pelo massacre, 179
- o papa voluntariamente se torna "prisioneiro do Vaticano", 241
- o papado em grande humilhação, 239
- o papado triunfante, governando sem competidores, 102
- o papado vence o Santo Império Romano, 102
- o Pietismo, 212, 213, 214
- o poder ao povo por ordem do Parlamento, 226
- o povo contra a Igreja Romana, 210, 211
- o povo inglês prefere a Igreja como no tempo da Reforma, 225
- o Puritanismo, 184, 191, 192, 224
- o quacrerismo, na Pensilvânia, perdeu o entusiasmo e ardor evangélico, 284
- o que a Igreja Medieval fez pelo mundo, 132
- o que a Igreja oferecia ao povo, 141
- o racionalismo e as religiões, 215, 216
- o rei Carlos é executado, 223
- o rei da França foge, 226
- o reino é o governo de Deus nos corações realmente cristãos, 100
- o sacerdote era: ministro, mestre-escola, político e juiz, 113
- o "segundo reavivamento", 290
- o *Syllabus* de Pio IX, 240
- o socialismo anti-religioso, 263
- o Taciturno (partido patriótico), 180
- objeções de Lutero a certas idéias de Zuínglio, 173
- objetivo principal do maometismo, 69
- Obra* Franciscana, 128
- obra missionária, 249, 252, 253, 268, 270
- obras de filantropia, 55
- obras sociais de caráter cristão, 231
- obrigado a convocar Assembléia, 193
- obrigados a pagar tributos e expostos à desonra, 91
- Obrigados a queimar os livros de Lutero, 160
- obrigava os barões a submeterem-se ao rei, 101
- obrigou o povo a aceitar o Cristianismo, 57, 102
- obrigou reis a prestar-lhe obediência, 101
- óbulo de São Pedro, 111
- óbulo que todos pagavam, 111
- odiava os hereges, 117
- odiavam a imoralidade, 89
- ódio pelos sacerdotes e indiferença dos padres, 151
- ódio tremendo contra os protestantes, 201
- ofertas valiosas, 54, 119
- ofícios eclesiásticos, 84, 88, 89, 140
- onda de protestos, 143
- onde a Igreja Medieval falhou, 139
- onde havia gente desamparada e sofredora, 130
- oportunidade de mostrar o seu poder, 88
- oportunidade para retomarem as terras dos bispos medievais, 183
- oposição a autoridade papal, 207
- oposição ao Governo Puritano, 225
- oposição aos jesuítas, 207
- oposição dos teólogos ortodoxos, 213
- oposição por causa do Consistório, 177
- opunham-se à superstição dominante na Igreja, 142
- opunham-se ao casamento dos clérigos, 89
- oração de Farel faz Calvino ficar em Genebra, 175
- orações aos espíritos bondosos da Virgem e dos santos, 141
- orações contínuas, 86
- Ordem (sacramento), 118
- Ordem da Fraternidade, 128
- ordem dos cistercienses, 113
- Ordem dos Mendicantes, 129, 140
- Ordem Jesuíta, 198, 239
- ordens dos Dominicanos, 114, 127, 143
- ordens dos Franciscanos, 114, 143
- ordens monásticas, 113, 114, 130, 140, 157, 210, 259, 261
- orfismo, 23
- organização da Igreja, 46, 47, 48, 63, 75, 112
- organização da Igreja Metodista, 230
- organização da ordem dominicana, 127
- organização eclesiástica, 72, 267
- organizadas quinhentas abadias, 113
- organizados novos conventos, 88
- origem de presbiterianismo irlandês, 234
- ortodoxia, 60, 65
- os barões ficaram surdos às ordens do papa, 101
- os bispos seriam eleitos pelo clero, 98
- os bispos tinham grandes e valiosas terras, 96
- os católicos achavam que se houvesse modificação os protestantes voltariam, 197
- os evangélicos eram legítimos protestantes, 245
- os "Evangélicos" se tornam fortes em número e influência, 231
- os homens mais cultos de Oxford, 146
- os huguenotes que não foram mortos tiveram que fugir, 209
- os judeus prepararam o caminho, 21
- os mortos ficavam insepultos, 101

- os papas investiriam nos seus ofícios, 98
os príncipes decidiriam a religião do seu território, 166
os puritanos fundam a Colônia da Baía de Massachusetts e Boston, 279
os puritanos governam, 224
os quacres perseguidos imigram para a América e fundam a Pensilvânia, 282
os reformadores expurgaram a maior parte dos erros, 132
os reis não estavam dispostos a abrir mão do privilégio, 96
os reis tiveram de se submeter ao papa, 101
os sacramentos "meios de salvação" não podiam ser ministrados, 101
os turcos odiavam ferozmente os cristãos, 104
os turcos tomam Constantinopla, 216
outros seres eram cultuados, 86
Pacto (*Convenant*), 223, 232
Factuantes (*convenanters*), 232
padre com poder quase absoluto sobre o povo, 112
paganismo, 62, 63, 73, 78, 83, 84, 85, 86, 87, 132, 250, 277
pagãos, 75, 83, 116, 127, 131
Pai-nosso, 157
Palavra de Deus, 74, 162
Palestina novamente se tornara parte da cristandade, 105
pão e vinho, considerados carne e sangue, 87, 118, 173
papa cobrava imposto do clero, 111
papa declara como erro as liberdades modernas, 240
papa deposto, 79
papa é preso, 144
papa monarca absoluto da Igreja, 112, 239-241
papa rival escolhido pelos cardeais, 145
Papa supremo governador do mundo, 99
papa toma para si direito que era dos Concílios, 240
papado, 76, 77, 84, 89, 95, 99, 100, 102, 106, 113, 115, 139, 143-146, 148, 200, 239, 240, 259-261
papado enfraquecido e humilhado, 92, 144, 239
papado jamais voltou a ser o que fora antes, 145
papado perdeu prestígio, 144
papado sob poder do rei da França, 144
papas como governadores, 76, 77
papas não reconheciam poder do rei sobre o Vaticano, 241
papas recebiam rendas das terras, 77
papas se recusaram a renunciar, 145
parecia estar aniquilado, 87
Parlamento, 223-226, 232, 233, 247
Parlamento escocês rejeita autoridade do papa, 182
Parlamento Fascista, 258
parte da verdade, 103
participar do sangue e da carne era receber a vida eterna, 118
partido católico romano, 179
partido comunista, 257
partido evangélico, 244
Partido Fascista na Itália, 258
Partido Nacional Socialista ou Partido Nazista, 257
partido poderoso denominado de "Evangélicos", 230
partido reformista, 88, 89, 95, 98
partido religioso dos Cataristas, 142, 143
partido religioso dos monofisistas, 65, 90
partiram para a Palestina, 106
passava por cima da autoridade dos bispos, 112, 113
passível de morte, 117
patrono do Cristianismo, 55
Paz de Augsburg, 166, 201, 211
pediu ao papa que dirigisse a fraternidade, 130
pedra fundamental da liberdade inglesa, 101
Pedro primeiro bispo de Roma, 64
penas do purgatório, 158
penas severas, 57
penitências, 57, 58, 115, 118, 125, 133
Pentecoste, 30
pequena modificação, 91
pequena parte da Europa não era cristã, 102
perda de evangélicos para o movimento unitariano, 288
perdão dos pecados pelas indulgências, 159
perdas territoriais impostas à Hungria, 266
perdas tremendas, 135
peregrinações, 63, 86, 103, 104, 115, 119
peregrinações à Terra Santa ou Palestina, 86, 103, 104
peregrinos eram venerados, 103
peregrinos reconhecidos pelas vestimentas, 103
permanecer ou não no trono, 96
permitia casamento de sacerdotes antes da ordenação, 134
perseguição, 143, 182, 195, 257, 269, 278-280, 283
perseguição aos anabatistas, 195
perseguição aos cristãos, 33, 42, 43, 44
perseguição aos huguenotes, 209
perseguição aos protestantes, 200
perseguição aos puritanos, 192
perseguição da Rainha Maria, 190
perseguição de Carlos V, 179
perseguições cruéis, 99, 146, 190, 199, 201, 208-210, 217, 233
pessoas pobres viviam sem assistência cristã, 141

- Pio IX define como matéria de fé a doutrina da Imaculada Conceição da Virgem Maria, 240
- Pio VII volta a Roma após queda de Napoleão, 239
- Pio X faz campanha contra o Modernismo, 259
- Pio XI protesta contra Constituição espanhola, 260
- pioneiros do Evangelho, 35
- pior falta nas ordens monásticas, 114
- plano para organizar igreja nacional alemã, 160
- plenitude dos tempos, 17, 20
- Pluralismo, 140
- pobreza e celibato, 45
- pobreza, libertação dos cuidados mundanos, 129
- pôde se defender contra a maré do Islamismo, 91
- poder acima dos reis, 76
- poder do papado, 76, 78, 143
- poder em benefício do Cristianismo, 70
- poder indiscutível, 102
- poder mais rico do mundo, 111
- poder para indicar os bispos e abades, 89
- poder supremo da Europa, 143
- "poder temporal", 76, 77
- poderes do sacerdócio, 121
- Poderes e deveres dos bispos, 112
- Poderes e deveres dos padres, 112
- poderes miraculosos aos objetos dos santos, 63, 86
- poderes terríveis e misteriosos, 121
- politeísmo, 69
- política anti-religiosa tornou quase impossível a vida das Igrejas Cristãs, 266, 269
- política reformadora, 88
- portas abertas, 18
- pouco tempo para exercer influência, 83
- poucos protestantes na França, porém muito influentes na vida nacional, 243
- povo guerreiro e bárbaro, 104
- povo ignorante e pobre, 131
- povo italiano luta pelo domínio dos Estados Papais, 241
- prática monástica, 60
- preciosas bibliotecas, 114
- predestinação, 211
- predispostos a usar a força, 106
- pregação de dois rapazes inflamou meninos e meninas, 105
- pregação em segundo plano, 119
- pregação errada e exigência de testemunho afastou as pessoas da Igreja, 284
- pregadores ambulantes, 105
- pregadores protestantes queimados, 181
- pregavam, batizavam e visitavam os enfermos, 72
- presbiterianismo, 192, 232, 234
- presbiterianismo ameaçado, 183
- preservaram e multiplicaram os livros, 74
- pretensão papal, 79
- pretensão petrina ou papal, 64
- primado do papa, 172
- primeira Assembléia Geral da Igreja da Escócia, 182
- primeira de muitas divisões do Protestantismo, 174
- Primeira Guerra Mundial, 243, 257, 259-261, 263-266, 268-270, 272, 295, 296
- primeira pregação do Evangelho, 31
- primeiras missões estrangeiras protestantes, 213
- primeiro concílio Geral da Igreja, 59
- primeiro papa, 64
- Primeiro Presbitério da Filadélfia, 282
- primeiro rompimento, 79
- primeiros hinos cristãos, 33
- princípio fundamental da Reforma, 172
- proclamada a República Alemã, 257
- profundas modificações no Ocidente, 71
- proibição do casamento do clero, 98
- proibido qualquer contato com o excomungado, 116
- proibidos de construir novos templos, 91
- promessa que o rei submeteria a sua coroa, 97
- pronunciou um anátema, 79, 90
- propaganda abolicionista, 292
- propaganda ateísta na Rússia, 269
- propaganda da Reforma na Inglaterra, 189
- propósito de ampliar cada vez mais seus territórios, 103
- propósito de Cristo, 30
- propósito de defender os bispos, 77
- propósito de infundir medo nas massas, 87
- propósito de levantar a Igreja de sua decadência, 88
- propósito de salvar o pontificado, 84
- propriedades da Igreja foram nacionalizadas na Rússia, 269
- propriedades da Igreja Romana tomam-se bens públicos na França, 260
- proteção dos santos, mártires e monges, 86
- protestantes e católicos romanos em condições de igualdade, 201, 244
- protestantes vivem como colonos na Colônia de Maryland, 282
- Protestantismo, 164, 171, 176, 178, 191, 197, 199-202, 209, 211, 214, 217, 223, 225, 226, 232, 242-244, 249, 253, 263-267, 277, 296
- protestantismo alemão, 212, 213, 243
- protestantismo esmagado pela Inquisição na Espanha e Itália, 200
- protestantismo expulso da Rússia, 217
- protestantismo francês, 243

- Protestantismo Luterano, 174, 184, 212
 Protestantismo Reformado, 174, 184, 212
 Protestantismo Reformado ou Calvinista, 184
 protestantismo só acorda para missões no séc.
 18, 202
 protesto de Spira, 173
 protesto formal, 164
 prova de verdadeiro arrependimento, 115
 Providência, 17
 provocaram uma revolta do povo romano, 84
 publicou seu afastamento do papado, 172
 Purgatório, 115, 157-159
 purificação da vida do clero, 89
 Puritanos emigraram para a América, 192
 puritanos perseguidos na Virgínia pelo Gover-
 nador, 283
 puritanos presbiterianos expulsos da Virgínia
 migram para Maryland, 282
 queda de Constantinopla, 217
 queda de Napoleão, 239
 queda do Cristianismo diante do Islamismo, 216
 queda do poder ocidental, 69
 queima dos "livros maus dos decretos pa-
 pais...", 160
 questões de doutrina, 59
 Racionalismo, 215, 216
 rainha Maria decidida a restabelecer o catoli-
 cismo na Escócia, 182
 razão como soberana, 215
 razões de Hildebrando, 98
 reação dos puritanos, 225
 Reavivamento católico, 239
 Reavivamento da cultura, 150
 reavivamento em ambas as Igrejas, 91
 reavivamento evangélico, 244
 reavivamento missionário, 252
 reavivamento na Alemanha, 242
 Reavivamento religioso, 87, 163, 200, 207,
 211, 213, 228-234, 244-246, 249, 250,
 284, 286, 288, 292
 reavivamento religioso na Igreja Romana, 200
 rebelião dos índios nos Estados Unidos, 277
 receio de mudanças políticas e teológicas, 247
 recusavam o nome de protestantes por causa
 da divisão da Igreja, 248
 redução do poder romano, 40
 reduzir o reino de Deus, 100
 reduziu o número de casados, 99
 Reforma, 132, 139, 146, 150, 151, 155, 156,
 163-167, 169, 171-175, 177-179, 181-
 184, 189-191, 193, 195, 196, 200,
 202, 211-213, 217, 223, 225, 228,
 244, 265
 Reforma concretizada em Zurique, 173
 reforma constitucional, 247
 Reforma da Igreja, 89
 Reforma da Igreja em Genebra, 176
 Reforma Inglesa, 191
 Reforma Luterana, 155, 162
 reforma moral e espiritual, 88
 Reforma Protestante, 150, 163
 Reforma reconhecida como movimento legal,
 166
 reformar e organizar a igreja corrompida da
 França, 73
 regra beneditina, 58, 88
 rei da Itália invade Roma para tomar Estados
 Papais, 241
 Reino de Deus, 70, 100
 reinos devolvidos como simples feudos, 101
 reinos governados de acordo com a soberana
 vontade do chefe da Igreja, 99
 reis e imperadores temiam a excomunhão, 116
 religião apoiada pelo governo, 56
 religião cristã, 47, 73
 religião da moda, 83
 religião de quase toda a Inglaterra, 72
 religião de quase toda Europa, 102
 religião de ritos sacramentais, 141
 Religião do Estado, 42, 54
 religião do medo, 87, 130
 religião dos sentidos, 134
 religião e educação inseparavelmente associa-
 das, 176
 religião evangélica familiar, simples, mas po-
 derosa, 132, 162
 religião exterior, 134
 religião judaica, 21, 22, 24
 religião medieval, 146
 religião natural contra religião bíblica, 216
 religião oficial, 55, 56, 103
 religião popular, 119, 131, 134
 religião protestante, 226
 religião puritana na Nova Inglaterra, 280
 religião universal, 20, 24, 31
 religiões orientais, 23
 religiões pagãs, 22, 86, 87
 relíquias milagrosas, 141, 157
 Renascença, 150, 151, 171
 Renascença, preparação para a Reforma, 149
 Renascimento, 88, 149, 150, 196, 215, 217
 renda incalculável, 111
 renovação do Édito de Nantes, 209
 renunciou à herança e viveu como mendigo,
 128
 reorganização das Igrejas nos Estados Unidos,
 287
 reorganizou a Igreja Católica Romana, 210
 repartiu seu dinheiro com os pobres, 143
 repentina e vergonhosa queda, 144
 repetição real do sacrifício de Calvino, 118
 representante da mais alta expressão, 125
 reprimenda ao clero, 142
 reprimir a idolatria, 83
 reprovou papas e reis por negligência, 126
 repudiou a esposa, 76

- resignação à coroa, 97
 resistiu a interferência papal, 145
 restabelecimento da Ordem dos Jesuítas, 239
 Restauração, 227
 restaurado o puro presbiterianismo, 193
 restaurou igrejas em ruínas, 128
 resultados do Movimento Liberal, 246
 resultados do Reavivamento, 230
 resultados do reavivamento nos Estados Unidos, 285, 288
 reuniam-se multidões, 72
 revolta armada em favor da Reforma, 178
 revolta chefiada por João Huss, 146
 revolta contra qualquer autoridade, 215
 revolta das nações da Europa contra o domínio da Igreja, 139
 revolta dentro da Igreja, 145
 revolta dos boêmios pelo assassinato de seu herói, 147
 revolta generalizada, 148
 Revolta na Escócia, 193
 revolta na Igreja da Escócia, 250
 Revolução francesa, 209, 210, 215, 239, 246, 260, 286
 revolução popular na Alemanha, 257
 revolução religiosa, 151, 171, 193, 265
 Revolução Russa, 257, 266, 268
 riqueza da Igreja, 88, 111, 140, 210, 259
 riquezas gastas egoisticamente, 112, 210
 rito celebrado em latim, 119
 ritual romano, 75
 Romanismo, 100, 224
 romanismo e igreja episcopal sem liberdade na Inglaterra, 224
 Rompimento definitivo com a igreja papal, 159
 Rússia passa a ser união das Repúblicas Socialistas Soviéticas, 257
 sacerdócio universal, 172, 184, 197, 212, 226
 sacerdotes casados negligenciaram interesses da religião, 98
 sacerdotes constituídos de escravos foragidos, 84
 sacerdotes escandalosos, 84
 sacerdotes tomaram-se luteranos, 162
 sacramento, 46, 62, 64, 74, 86, 101, 112, 118-120, 133, 142, 224, 245, 247, 248, 267
 sacramentos julgados necessários à salvação, 112, 118
 sacrifício, 87
 sacrifícios para obterem a absolvição, 115
 Salmos, 158
 salvação mágica, 141
 salvação só pela fé em Jesus Cristo, 157, 158
 Santo Império Romano, 70, 139, 155
 Santo Sepulcro nas mãos dos cristãos, 105
 Santo Sínodo, 218
 santos padroeiros, 119
 santos protetores, 86
 se a Igreja Romana não se modificasse não teria sobrevivido, 196
 séculos de guerra e anarquia, 87
 seguidores de Calvino, 192
 seguidores de George Fox, 224
 seguidores de Lutero tinham de retratar-se em 60 dias, 160
 Segunda Grande Guerra, 262, 264, 265
 selvageria e destruição, 85
 sem a Renascença não teria havido Reforma, 151
 semelhança com o Cristianismo, 23
 semelhança entre Igreja do Ocidente e do Oriente, 133
 semipagãos, 116
 sempre haveria simonia, 96
 sentença contra Lutero, 162
 sentimento anticlerical, 259
 sentimento na Igreja contra o matrimônio, 99
 sentimento nacionalista, 144
 sentimento religioso pelas cruzadas foi arrefecendo, 105
 sentimento religioso se fortaleceu, 106
 separação entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente, 78, 90
 separação entre Igreja e Estado, 259, 260, 264, 269
 separação parcial da Igreja/Estado na Suíça, 265
 série de guerras, 103
 Sermão do Monte, 194
 sermões práticos e simples, 212
 Serveto condenado a morte por negar a Trindade, 177
 serviam ao próximo de várias maneiras, 130
 serviço social, 231
 sete sacramentos, 118
 severas perdas para a Igreja do Oriente no séc. XX, 270
 Sexto Concílio Geral, 90
 simonia (vendas de ofícios), 84, 88, 89, 96, 140
 sinais de decadência do império, 39
 sinal do voto, 105
 sincretismo étnico e religioso em Nova York ou Nova Amsterdã, 281
 sinecuras, 140
 Sínodo de Constantinopla, 91
 Sínodo de Dort, 181
 Sínodo Presbiteriano, 287
 sínodos ou reuniões de bispos, 48, 72
 sistema disciplinar, 115, 116
 Sistema do "Patrocínio Leigo", 250, 252
 sistema inquisitorial, 106
 sistema monástico, 59
 sistema penitencial, 115
 sistema sacramental, 118, 131
 Sociedade Batista para a Propagação do Evangelho entre os Pagãos, 232, 252

- Sociedade da Basileia, 252, 253
 Sociedade dos "Irmãos", 143
 Sociedade dos Amigos ou Quacres, 224, 249, 268
 Sociedade Eclesiástica Missionária, 232, 252
 sociedade esmagada, 85
 Sociedade Holandesa para a Propagação do Cristianismo, 253
 Sociedade Missionária Batista, 289
 Sociedade Missionária de Londres, 232
 sociedade pagã, 58, 85
 Sociedades inglesas, 252
 "Sociedades" metodistas, 229, 231
 Sociedades não-denominacionais, 252
 soerguimento espiritual da Inglaterra, 231
 soerguimento intelectual na Igreja, 91
 sofrimento purificador, 115
 solicitado a se retratar do que escrevera, 161
 somente os bispos preservaram a fé pura e original, 64
 Spener reavivou a doutrina básica da Reforma, 212
 sublime coragem, 160
 suntuosos templos, 120
 superstição pagã, 119, 217
 supremacia papal, 144
 surgem os metodistas, 228
 surgimento de três igrejas, 65
 surgimento do Papado, 75
 surgiram organizações eclesásticas, 264
 surgiu um despertar intelectual, 88
 surgiu um líder maior que Zuínglio, 174
 suspensão de serviços religiosos aos países que não obedecessem, 101
 suspensão dos direitos civis dos protestantes, 209
 sustentavam que havia duas naturezas em Cristo, 90
 sustentou com energia sua interpretação, 91
 tarefa difícil, 83
 taxas eclesásticas, 111
 taxas recebidas por serviços religiosos, 111
 temiam por sua tremenda influência, 111
 temor da excomunhão, 76
 temor do desperdício do vinho, 118
 temores de Hildebrando não tinham fundamento, 98
 templos pagãos e ídolos destruídos, 56
 "Tempos de Trucidamento", 233, 234
 tempos primitivos, 77
 tempos tenebrosos, 83
 tendência reacionária na Europa, 239
 tendências romanistas nos anglo-católicos, 249
 tentando conquistar a Terra Santa, 103
 tentativa de restaurar o paganismo, 56
 tentativas de Reforma dentro da Igreja, 147
 Teologia, 157, 172, 175, 198, 246
 teologia liberal, 296
 Terceira República na França, 259
 teria que obedecer ao papa, 97
 terras conquistadas obedientes aos papas, 78
 terras doadas por Carlos II a Penn na América acolhem os quacres, 282
 terras eslavas, 73
 terras vinham à Igreja por meio de doações, 111
 Territórios Romanos, 54
 terrível sentença excomungando Lutero, 161
 teses de Lutero vendidas na Alemanha, 159
 tesouros para os possuidores, 86
 testemunhas do Mestre, 30
 teve de submeter-se totalmente ao papa, 96
 Tiago II tenta transformar a Igreja Nacional em Católica Romana, 226
 tinham de fazer penitências, 115
 tinham de sujeitar-se totalmente a ele, 99
 tirania espanhola, 180
 título de Crisóstomo ou "boca de ouro", 62
 título de cristão, 85
 título de Patriarca do Oriente, 65
 títulos feudais, 155
 todos os cristãos são sacerdotes, 160
 tolerância religiosa, 202
 tolerantes com os cristãos, 91
 tornar a Igreja Senhora suprema do Universo, 99
 tornar a Igreja uma monarquia absoluta, 99
 tomar todo o clero celibatário, 98
 tornaram-se nominalmente cristãos, 57, 58, 83
 tornou o papado maior poder da Europa, 92
 tornou-se um pregador ambulante, 143
 trabalho de cristianização, 277
 trabalho dos monges, 114
 trabalho evangélico, 73
 trabalho missionário, 18, 22, 24, 31, 55, 56, 57, 71, 72, 73, 92, 134, 143, 202, 214, 234, 245, 252, 253, 265, 266, 270
 trabalho religioso, 278
 trabalhou de maneira assombrosa, 72
 trabalhou para purificar e fortalecer a igreja, 75
 tradições sociais oriundas do paganismo, 84
 tradução da Bíblia, 60, 146
 tradução latina do Novo Testamento foi revista, 60
 traduziu grande parte da Bíblia, 55, 134
 traduziu toda a Bíblia para sua língua, 165
 transferência da liderança dos europeus e americanos para os "nativos", 270
 transubstanciação, 118, 146, 173
 tratado de Wycliff, 146
 tratados como hereges, 160
 tremenda batalha espiritual, 156
 três movimentos na Inglaterra, 244
 três papas de uma só vez, 145
 tribunais eclesásticos, 116, 117
 tributos anuais ao papa, 101

- Trindade, 60, 177
último imperador romano do Ocidente, 53
último pensador notável, 91
Ultramontanismo, 207
uma armada e exército ingleses expulsam franceses da Escócia, 182
um dos maiores homens da Igreja Média, 113
união da Áustria com a Alemanha (Anchluss), 265
união das Igrejas da Escócia com a Igreja Unida Livre, 268
União das Igrejas Evangélicas, 264
união das Igrejas Presbiteriana da Nova e Velha Escolas, 294
União das Igrejas Reformadas, 264
União de Eclesiásticos Ingleses, 267
União de Igrejas, 295, 296, 297
União de Moços Cristãos Evangélicos, 294
união dos Paramentos, 233
união na Alemanha para destruir o protestantismo, 201
Única Igreja Universal, 35
únicas instituições de caridade da época, 74
único governo forte, 76
único meio de se livrar a Igreja, 96
único refúgio, 55
único representante do poder permanente, 76
Universidade de Harvard fundada pelos puritanos, 280
uso da força contra a heresia, 200
valiosos territórios, 98
valor de Zúínglio para o Evangelho, 174
várias fortalezas protestantes, 165
veio a ser o papa Gregório IV, 90
Velha Igreja Católica, 242
Velha Igreja Reformada, 244
venda de indulgências, 111, 115
vendiam os cargos, 89
veneração de relíquias, 63, 134
versões da Bíblia condenadas, 200
viajava pregando e alistando novos candidatos, 127
vida cristã, 58, 61, 74, 85, 115, 125, 231, 245, 246
vida de irmandade, 58
vida do claustro, 58
vida eclesiástica americana, 249
vida luxuriosa, 84
vida monacal, 113
vida monástica, 58, 59, 60, 61, 85, 98, 113, 125, 126, 156
vida monástica verdadeiramente cristã, 98
vida religiosa das Américas, 79, 279, 283
vida religiosa enfraquecida após a Guerra da Independência, 286
vida religiosa pessoal e profunda, 245, 283
vida religiosa pura e forte, 21
vidas abnegadas e de moral irrepreensível, 142
vidas cheias de bondade e pureza incomuns, 143
vidas santas e notáveis, 125
vitória da Igreja, 98
vitória para Hildebrando e a Igreja, 97
vitória protestante após abdicação da rainha Maria, 183
vitória sobre o imperador, 97
vitórias dos maometanos, 105
volta do Poder Temporal na Itália, 260
voto de tornar-se cristão, 57
Vulgata, 61, 146, 200
Wesley e Whitefield proibidos de pregar em igrejas oficiais, 230
Wesley envia Francisco Asbury para dirigir o metodismo americano, 286
Wesley trabalha como ministro itinerante, 229
Whitefield chegava a pregar quarenta vezes por semana, 229
Whitefield vem para as colônias para fortalecer o movimento cristão, 284
zelo missionário, 65
zombando dos trovões de Hildebrando, 97
Zúínglio foi chamado a Zurique, 172
Zúínglio mudou tudo que não tivesse apoio bíblico, 173
Zúínglio teve educação de alto nível, 171
Zúínglio tornou-se sacerdote por influência familiar, 172

Impressão e Acabamento
Assahi Gráfica e Editora.
Fone: (11) 4123-0455
Rua Luzitania, 306 - SBC

História da IGREJA CRISTÃ

Robert Hastings Nichols

Que o Senhor da Seara continue usando este livro
de pessoas que procuram uma visão clara do passado,
para poder servir melhor a Igreja do futuro,
por entender mais a situação de hoje.

Que cada um de nós seja encontrado "pistós",
servindo fielmente aqui e agora,
e no tempo em que o Senhor nos colocou (1Co 4.2).

Rev. Francisco Leonardo Schalkwijk
Doutor em História pela Universidade Mackenzie

História da **IGREJA CRISTÃ**

Robert H. Nichols

EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil

C Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01500-970

ISBN 85-86886-06-8

